

WILLIAM THOMAS WALSH

O APÓSTOLO SÃO PEDRO

Tradução de Oscar Mendes

† Livros Católicos para Download



<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>



EDIÇÕES MELHORAMENTOS

Título do original americano:
SAINT PETER THE APOSTLE

"Copyright 1948 in the United States of America by William
Thomas Walsh.

All rights reserved. No part of this book may be reproduced
in any form without permission in writing from the publisher,
except by a reviewer who wishes to quote brief passages in
connection with a review written for inclusion in magazine or
newspaper."

Todos os direitos reservados pela
Comp. Melhoramentos de São Paulo, Indústrias de Papel
Caixa Postal 8120 — São Paulo

10/V-4

*Nossa ilustração da capa reproduz um desenho feito por
Rafael, em 1515-16, para uma tapeçaria do Vaticano intitulada
A Miraculosa Pesca de Peixes.*

Nos pedidos telegráficos basta citar o n.º 2436



NIHIL OBSTAT
São Paulo, 21-VI-1954
Cónego Lafayette
censor

IMPRIMATUR
São Paulo, 8-7-1954
Cónego Lafayette
Por Comissão de S. Em.^a

† Livros Católicos para Download



<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

AO REVERENDÍSSIMO PADRE LEO W. MADDEN

PREFACIO

Durante muitos anos estive a imaginar por que havia tão poucos livros a respeito de São Pedro, comparados com o vasto número dos existentes sobre São Paulo. Tem sido o Apóstolo dos Gentios perene fascinação para escritores, até mesmo para aquêles — é-se tentado a dizer especialmente para aquêles — de tendências cépticas. O Apóstolo dos Hebreus tem encontrado muitos campeões e opositores, porém poucos cronistas.

Não é este livro oferecido como panorama exaustivo ou definitivo da matéria e muito menos como uma interpretação autorizada da mesma. Tenho exata certeza de minhas próprias limitações para fazer qualquer tentativa desse gênero. Contudo, se pintores e escultores têm permissão de imaginar como fôsse o Príncipe dos Apóstolos em várias circunstâncias, talvez um escritor que não reclama para si credenciais de exegeta ou teólogo possa pelo menos tentar pintar-lhe o retrato em palavras, não simplesmente nesta ou naquela ocorrência, mas em toda a extensão de sua única e aventureosa vida, tendo como cenário o próprio ambiente social e histórico em que ele viveu. Tal propósito, levando-se em consideração o assunto, não justifica qualquer ficção, mas requer considerável liberdade de imaginar e de conjecturar. Isto, infiro eu, é lícito até o ponto em que o leitor não seja levado a admitir como fatos meras suposições.

Foi de grande auxílio para mim a permissão da Companhia Macmillan de citar livremente do "Novo Testamento de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo", traduzido para o inglês do grego original pelo Revmo. Francis Aloysius Spencer, O. P. (Nova York, 1943); pois muitos fatos a respeito de São Pedro se tornam mais claros no texto grego do que na Vulgata ou no seu derivado de Douay. As citações do Antigo Testamento são da Versão Douay. Chamei Jonas ao pai de Pedro, para distingui-lo de outros Joões da narrativa.

Os locais geográficos e outros são o resultado composto de grande número de leituras esparsas. Seria pedante e des-

necessário sobrecarregar uma obra desta natureza com as enormes bibliografias, acessíveis em qualquer boa biblioteca. Onde foi preciso alguma confirmação especial, indiquei a fonte do material colhido, em notas breves. Sou devedor a meu amigo Charles Rich por haver partilhado comigo seu conhecimento do texto hebraico do Antigo Testamento.

WILLIAM THOMAS WALSH

† Livros Católicos para Download



<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

(As citações bíblicas na tradução foram tiradas da versão portuguesa da Vulgata, feita pelo P. Matos Soares. — N. do T.)

“**Ó DEUS, Deus meu, olha para mim; por que me desamparaste?**”

A voz do jovem professor continuou o resto do salmo. Simão e os outros meninos, sentados de pernas cruzadas, em semicírculo, sobre o tapête, olhavam para êle, um tanto sonolentos, pois a lição fôra longa e já estava quase na hora de irem para casa. Seus olhos vagavam de suas belas mãos, enquanto desenrolava o cilindro de pergaminho um pouco mais a cada linha, para seu longo *chaluq* que lhe caía até os tornozelos, e voltavam a mirar o *sudar* estranhamente enroscado em sua cabeça.

“...eu, porém, sou um verme e não um homem; o opróbrio dos homens e a abjeção da plebe. Todos os que me viram, escarneceram de mim...”

“Traspassaram as minhas mãos e os meus pés. Contaram todos os meus ossos... Repartiram entre si os meus vestidos, e lançaram sortes sobre a minha túnica...” (1)

O professor ergueu a vista do rôlo e disse:

— Estas palavras de Davi referem-se claramente à idade messiânica por vir e às tristezas do povo judeu das quais nosso glorioso Rei nos libertará. Quanto à imagem da frase, “traspassaram as minhas mãos e os meus pés”, muitos rabinos sábios e doutores da Lei já exprimiram suas opiniões. Todos estão concordes, como esta nota à margem o afirma, a respeito do significado de “cavar” ou “traspassar”. Mas ninguém sabe porque o profeta inspirado utilizou tão estranha expressão. É possível que haja referência a alguma provação a ser infligida a Israel antes da glória prometida. São incontáveis os comentários rabínicos escritos a respeito dêste versículo. Mas como vos disse antes, “todos os profetas só profetizaram a respeito dos tempos do Messias.”

Enrolou o pergaminho, amarrou o rôlo e disse:

— É tudo por hoje.

Os meninos marcharam em fila para fora e depois se dispersaram mais rapidamente ainda, afastando-se da pequena

(1) Salmo XXI.

casa contígua à sinagoga de paredes caiadas, que se erguia de negros alicerces de basalto perto da praia. Simão e seu irmão André, se podemos continuar a imaginar esta cena não arquivada, foram andando devagar ao longo da praia, na direção do subúrbio de Betsaida, pôrto pesqueiro de Cafarnaum, onde se encrustava na ladeira a casa de seu pai Jonas, descortinando as maravilhosas águas azuis de Genesaré ou Galiléia.

Era uma casa de regular tamanho, típica da classe média judia, feita de calcário branco. Deveria conter uma sala de estar de uns doze pés de largura, uma sala de jantar do mesmo tamanho ou pouco mais larga, com tetos bastante altos e, mais para trás, três ou quatro quartos de dormir abrindo para um pátio, cercado por um passeio coberto ou pórtico. Uma escada externa levava ao telhado plano, feito de tijolo ou telha, com uma balaustrada em redor, de cêrca de três pés de altura.

Aqui, a certas horas, vinha Jonas, o pescador, galileu da tribo de Neftali, para rezar sòzinho. Ou para ler no firmamento e nos ventos a perspectiva para a pesca de amanhã ou daquela mesma noite. Ou para sentar-se sem ter que fazer, observando seus vizinhos, ocupados na mesma coisa, e sentindo-se grato por viver ali e não no Ponto ou em Ilírico, onde talvez tivesse sido um servo ou pudesse ter sido arrastado até Roma, para combater as bêstas selvagens na arena. Pois Jonas era um homem meditativo, como são frequentemente os trabalhadores de olhos azuis do mar e das granjas, e seria grande engano inferir de sua ocupação que fôsse ignorante, e mais ainda, analfabeto. O trabalho físico era tido em honra entre os hebreus. Os rabinos encorajavam mesmo os ricos a aprender algum offício útil, e os mais pobres a aprender a ler e escrever. Por certas razões tinham êles uma particular alta estima por pescadores. Pode bem ser, portanto, que Jonas tivesse uma bem definida idéia do que fôsse o mundo e uma noção arguta de que sòmente aqui, num cantinho dêle, brilhasse ainda o sol com algo de semelhante à claridade com que abrira as primeiras flores do Jardim do Éden e amorenara a carne branca de Eva. Sòmente aqui na Palestina parecia ter êle mais do que um esplendor natural, como a cintilação do Shekinah⁽²⁾ sôbre a parede do Templo de Salomão. Cruzar as faiscantes águas do mar interior que jazia como uma jóia em forma de pêra cravada no verde prateado de pequenos bosques de oliveira e no açafraão

(2) O esplendor do Deus, segundo a tradição hebratica. — N. do T.

pálido de campos de trigo, era confortável e vivificante e lhe dizia que era êle um homem entre milhões, ricamente abençoado por Deus. Alegrava-o saber que seus antepassados vinham tirando seu sustento, durante séculos, daquela água profunda e perigosa.

De Jonas sabemos muito pouco. De sua mulher, nem ao menos o nome. Contudo, foi ela que marcou a primeira e mais duradoura impressão na mente de Simão. Era a mãe quem começava a importante obra de educar um menino judeu, desde a época em que foi "separado para Deus" pela sua circuncisão, até nas proximidades de seus seis anos de idade. "Deve-se buscar o conhecimento da Lei, observaram sàbiamente os rabinos, naqueles que o sugaram dos peitos de suas mães". E as mulheres na Palestina não eram meras concubinas ou escravas para procriar, como na maior parte do antigo mundo oriental. Eram as rainhas de casas reais e as companheiras de seus maridos. A mulher de Jonas, o pescador, qualquer que fôsse sua beleza e inteligência ou falta delas, aprendera seguramente desde o berço a tomar como modelos as maravilhosas mães de Israel — Raquel e Sara, a casta Susana, a terna Rute, a intrépida e resoluta Ester, a heróica mãe dos Macabeus. Devia ter tido, em certo grau, as qualidades da Mulher Forte do LIVRO DOS PROVÉRBIOS, que tornara bons e não maus todos os dias da vida de seu marido, que estendia ambas as mãos aos necessitados e andava cheia de fôrça e de beleza, de sorriso nos lábios e sabedoria e clemência na língua, enquanto seus filhos a chamavam abençoada e seu marido nela confiava e a louvava. Fôra de tal mãe que Simão aprendera as antigas preces de seu povo e o mais simples dos salmos.

"Ó Senhor, nosso Senhor, quão admirável é o teu nome em tôda a terra!" cantaria ela com êle... "Quando contemplo os teus céus, obra dos teus dedos, a lua e as estrélas, que tu criaste, exclamo: Que é o homem, para te lembrares dêle! Ou que é o filho do homem, para o visitares? Tu o fizeste pouco inferior aos anjos e lhe deste o mando sôbre as obras das tuas mãos. Sujeitaste tôdas as coisas debaixo de seus pés, todos os carneiros e bois, e, além dêstes, os outros animais dos campos: as aves do céu e os peixes do mar, que percorrem as veredas do oceano..."

Simão lembrava-se do que ela dizia, mas ainda mais vivamente do que ela fazia. Longos anos depois que ela se fôra para o seio de Abraão, revia-lhe as pacientes mãos preparando a comida do sàbado e pondo de lado parte da massa de

farinha, ao amassar o pão para aquêles rito semanal. Pensaria sempre naquelas mãos, quando via alguém acender uma lâmpada de sábado. Jamais haveria de esquecer o gesto tímido e reverente com que ela acariciava o *Mezuzah* (pequeno pergaminho dobrado, prêso ao umbral da porta, e contendo o nome do Altíssimo) e depois beijava os dedos que o haviam tocado. Em seguida, levantava-o, para que êle fizesse o mesmo.

Seu outro mestre foi seu pai, que o exercitou na TORAH ou primeiros cinco livros da Bíblia (que se acreditava terem sido escritos pelo próprio Moisés), até os seus dez anos. Os homens de Israel levavam tão a sério êste dever que, para cumpri-lo, passavam sem comer ou dormir, se necessário. Mesmo os piores dentre êles olhavam quem negligenciasse dar a seu filho as verdades fundamentais a respeito de Deus e de Seu Povo Eleito, como não melhor do que os pagãos ou os publicanos. Assim Simão começou muito cedo a aprender a história do mundo à luz da única sabedoria que a torna compreensível. Tanto no hebraico clássico, como no mais rude dialeto aramaico da Galiléia, ouvira como Deus fizera tôdas as coisas, como o Homem desobedecera e fôra castigado, as promessas de Deus a Abraão e a Moisés, e o dilúvio e a destruição da corruta Sodoma pelo fogo, a fuga do Egito e os quarenta anos no deserto, tôda a estranha e comovente história, as alegrias e tristezas, e os pecados, os castigos, as recompensas e triunfos dos filhos de Israel. Poderia recitar trechos do livro *Deuteronomio*, quando tinha seis ou sete anos, e, antes de chegar aos dez, tôda a Grande Aleluia (Salmos 113-118).

Foi provavelmente também seu pai quem lhe ensinou a escrever, começando no fim de uma linha e movendo-se laboriosamente para a esquerda, como na maior parte das línguas orientais. Para isto usavam os judeus várias espécies de materiais. Escreviam em papel feito de fôlhas de palmeira, de cascas de noz moídas, de cascas de romã. Tinham aprendido com os egípcios a fazer de papiro um bom e forte pergaminho. Usavam penas de caniço aguçadas com pedrapomes, mergulhando-as numa tinta preta de fuligem, ou de goma-arábica e vitríolo, ou em tintas coloridas de várias substâncias vegetais. Mais comumente, porém, empregavam uma tabuinha igual àquela sôbre a qual o sacerdote Zacarias, privado da palavra, escreveu o nome de seu filho, o futuro Batista. Era ela feita de pedaços delgados de madeira, colados ou atados juntamente e com espessa camada de cêra.

Escrevia-se com um estilete de ferro, apontado numa extremidade, para gravar letras na cêra, e rombo na outra para apagá-las. Com um desses instrumentos começou Simão a gravar, em grandes letras trêmulas, os nomes das coisas que o cercavam: homem, cachorro, peixe, bote, água.

Tudo isto era muito bom, mas poderia tornar-se enfadonho e bocejante, especialmente depois daquele maravilhoso dia em que Jonas lhe ensinou pela primeira vez a dirigir um barco. Foi apenas um curto passeio, de sua casa até os cais de Betsaida, onde possuía um dos maiores navios velhos, retesando seus cabos e balouçando seus negros mastros contra o firmamento azul. Logo desatracaram. As velas foram desenroladas e começaram a palpitar e a bojar-se. A água açoitava a alta proa e por vêzes vinha voando em cachões por sôbre a cabeça dêles. Todos os dias Simão e André aprendiam um pouco mais a manejar aquela encurvada e bela simetria que os transportava tão deliciosamente como se fôssem êles pássaros voadores. Aprenderam a virar de bordo e a colhêr as rizes, a ler a linguagem do vento e das estrêlas, a conhecer cada dobra e angra do lago incrivelmente claro que se estendia por treze milhas, entre verdes margens e brancas praias. Naqueles tempos havia nove ou dez cidades ao longo das praias, com seus cais ecoantes de gritos e risadas, suas luzes cintilando num grande arco ao longo da costa à noite e centenas de navios deslizavam para lá e para cá, de velas murchas na calmaria ou querenando a um sôpro rijo.

Simão não haveria provàvelmente de esquecer a primeira tempestade que sofreu. Colocado a quase setecentos pés abaixo do nível do Mediterrâneo, o Mar da Galiléia (ou Tiberíades ou de Genesaré) pode mostrar-se tão liso e imóvel como vidro; depois, quase num instante, alguma rajada repentina, vinda de qualquer ravina, pode chicoteá-lo até enlouquecê-lo em ondas alterosas de espuma e de vento uivante. Isto dura às vêzes tôda uma noite de terror, de mistura com a estranha fascinação que os homens encontram no perigo. Por vêzes termina tão súbitamente como começa, deixando o mar mais calmo do que antes.

Pescar em tal lago era um excelente exercício que proporcionava vida folgada a milhares de pessoas. Dizia-se que peixe ali se criava mais depressa do que em qualquer outra parte do mundo. Quase ao acaso podia um homem apanhar uma sôlha de bom tamanho, com anzol e linha. Mas Jonas em geral operava em escala maior. Era um pescador de rêde

de arrastão e quando o tempo se mostrava promissor, êle, seus filhos e vizinhos, nus como no dia em que tinham nascido e queimados de sol até quase à negridão, saíam ao cair da noite para tentar a sorte. Assentando as velas de acôrdo com o vento, deixava seu barco descair ociosamente por sôbre as ondas, em geral com um companheiro, seu amigo Zebedeu, até certa distância, arrastando e bojando na sua esteira uma pesada rêde. Se acontecia encontrar um cardume de peixes, ficava ela mais pesada e bojada e, quando conseguiam arrastá-la até a praia, jogavam-na na margem com gritos de triunfo. Era rara a noite em que não havia prateadas vítimas em quantidade nas malhas, para compensar-lhes o trabalho. Vez por outra um barco fazia um arrastão de seiscentas libras.

Mercadejar, pelo menos para um rapaz, não era uma parte muito interessante da função. Depois de lançados os peixes menores novamente ao mar, os maiores eram pendurados em argolas ou cordões de dois fios e assim carregados até o mercado de Betsaida, ou até Cafarnaum, ao passo que os pequenos, porém bons, transportados em cêstos ou barris. Tarefa não solicitada por Simão era a de encher êstes. E se alguma coisa pudesse haver de mais aborrecido era a vagarosa esfrega e limpeza das rêdes, depois de cada expedição, tarefa que Jonas prontamente delegava a seus dois filhos e a seus homens contratados. Bom negócio pescar! Todos comiam peixe, especialmente na refeição do Sábado. Os judeus gostavam dêle fresco, ou sêco, em conserva ou assado e, usualmente, regavam-no com cerveja importada, de preferência ao vinho, que bebiam com a comida. Assim pelo menos advertiam os rabinos.

Ao que parecia, conheciam os rabinos quase tudo. Quando Simão adoecia, sua mãe lhe administrava alguma de suas várias prescrições. Algumas destas parecem ter tido mesmo valor terapêutico. Outras sugerem que até mesmo um povo escolhido nem sempre podia escapar à influência de vizinhos pagãos idólatras, com suas fórmulas mágicas e outras superstições. Um dos remédios para resfriado, por exemplo, era "derramar lentamente uma quarta do leite duma cabra branca sôbre três talos de couve conservando a panela a ferver e mexendo-a com um pedaço de madeira de Marmehon". A mãe de Simão, sem dúvida, experimentaria esta em vez daquela outra que consistia no "excremento dum cachorro branco misturado com bálsamo". Em qual-

quer caso, o resfriado sempre passava, depois de perfazer o devido curso.

Os ensinamentos dos rabinos não devem ser, porém, julgados, segundo tais aberrações ou exageros. Sua função, sob a direção dos Sumos Sacerdotes, na teocracia judaica, era explicar e conservar vivo e puro o conhecimento e amor do Deus único e verdadeiro. E para tornar melhor êste serviço inestimável a Israel e ao mundo, os rabinos haviam estabelecido por tôda a Palestina, quer nas sinagogas, quer, se fôsse preciso, ao ar livre, notável sistema de livres escolas públicas, onde tôdas as crianças de seis ou mais anos eram obrigadas a estudar. Era ilegal, de fato, para uma família viver onde não houvesse escola. Ensinavam os rabinos que tal lugar merecia ser destruído ou excomungado. Sem dúvida, pois, Simão freqüentava uma dessas escolas, ou, como já foi sugerido, a branca sinagoga cujas ruínas se encontram em Cafarnaum, ou nos campos livres, perto de Betsaida.

Se por um lado a educação judaica tendia a tornar-se demasiado estreita e rígida, multiplicando-se em preceitos cerimoniais e proibições desnecessárias, por outra parte era bastante compreensiva. O Velho Testamento, na mão de um bom mestre, oferecia um compêndio não apenas de teologia, a rainha de tôdas as ciências, mas de retórica, história, higiene, arquitetura, lei, tanto civil como criminal, e quantidade enorme da mais sublime poesia já escrita. O que seu pai havia começado com a *Torah*, continuaram os rabinos com outros livros da Bíblia. Sem dúvida, também, examinavam muitos pontos delicados, demasiado sutis para a inteligência do pescador Jonas. Quando Moisés começou o "Livro de Gênesis," por exemplo, com as palavras: "No comêço Deus criou o céu e a terra", porque, desde que há somente um Deus, usou êle a forma plural da palavra, *Elohim*, em vez de *Eli*? (3). Disputavam os rabinos infundavelmente êste ponto. Porque, igualmente, disse Deus: "Eis que Adão se tornou como um de nós"? (4) Êste mistério também tinha permanecido insolvido até então, mas era honestamente encarado. Jamais teriam êles a presunção de mudar um jota do texto inspirado, nem mesmo aquêle "traspassaram" do Salmo XXI.

Depois da *Torah* vieram os estudos muito mais intrincados da *Mischna*, vasta acumulação de comentários sôbre a

(3) *Gênesis* I, 1

(4) *Ibid.* III, 22.

Lei tradicional ou secundária, explicando e suplementando a Lei Mosaica, comentários que, no correr de dois ou três séculos, iriam ser o que conhecemos como o *Talmude*. Já era de notar naquele corpo de legislação feita pelo homem certa tendência a se afastar de, ou a obscurecer algumas das coisas essenciais da Lei divinamente revelada no Pentateuco e a ligar mais importância a comentários rabínicos sobre a Escritura do que à própria verdade revelada. O peso total de pequenas observâncias já se havia tornado tão predominante que nenhum judeu tinha possibilidade de observá-lo integralmente.

É dificilmente provável, porém, que Simão se haja adiantado muito no campo desses altos estudos. Tinha um bom e sólido conhecimento da Lei e dos Profetas e durante toda a sua vida foi sempre capaz de citá-los com acerto. É provável que haja aprendido também um pouco de grego, pois o helenismo havia dominado não só Roma como Jerusalém e estava tendo não pequeno efeito mesmo em Cafarnaum. No todo, a julgar pelas suas últimas palavras e ações, não podia ter sido um estudante brilhante de quem os pais pensassem seriamente alguma vez em exercitar para ser um escriba ou um doutor da Lei. Parece bastante provável que haja passado sua vida como pescador no Mar da Galiléia. Bom rapaz, forte, honesto, leal, afetuoso e digno de confiança, tão pronto em encolerizar-se como em perdoar, provavelmente aos doze anos já sabia tudo quanto precisava de saber. Assim pelo menos pensavam os vizinhos.

O próprio ritual é um mestre poderoso. Um menino comum, como Simão, tornou-se capaz de compreender e recordar a história de seu povo muito melhor quando a viu restabelecida e comemorada, ano após ano, no grande ciclo dos festivais. Todas as noites durante a festa, no meado do inverno, da Dedicção do Templo, uma vela a mais se punha na janela de cada casa até completarem-se oito, que lembrassem o triunfo de Israel sobre os assírios, realizado por Judas Macabeu, de coração leonino. Assim também se expandisse e enchesse a escuridão de um mundo embrutecido a luz sagrada de Israel. Havia diversões satíricas na festa primaveril de Purim, quando celebravam a libertação do Povo de Deus graças a Ester. O humor na Páscoa era bastante diverso. Todas as pessoas mais velhas ficavam ausentes, em Jerusalém. As crianças percebiam que não havia fermento no seu pão e, comendo o cordeiro pascal preparado com ervas amargas, aprendiam que se comemorava o terrível sacrifício

que seus antepassados tinham oferecido a Deus, na noite que precedeu sua fuga do Egito, enquanto o anjo da morte abatia os primogênitos de seus perseguidores. Havia um quente e fragrante cheiro de verão na lembrança da Festa das Hebdômadás, quando os primeiros e os melhores frutos eram dedicados ao Senhor e levados a Jerusalém em procissão. Havia algo de tão misterioso e pesado como a morte nas solenidades outonais do Novo Ano, sugestão das contas finais que o homem deve prestar a Deus, do derradeiro juízo do mundo e do encerramento dos livros do destino para sempre. Quem poderia esquecer o dia da Expição, com seu rigoroso jejum e sua música fúnebre? Contudo as crianças sempre preferiam voltar aos finais felizes. Havia a festa hibernal dos Tabernáculos para se recordar o ano inteiro — aquela fantástica semana de orgias de agradecimentos pelas colheitas e por outros benefícios, quando o povo vivia em barracas cheias de ramagens e se perdia em risos e canções descuidadas.

Tudo isto estava destinado a marcar, profundamente, no coração dum rapaz honesto mas um tanto medíocre, como Simão, um senso de dedicação e de mistério, ao mesmo tempo consolador e perturbante e dificilmente exprimível em palavras. Fundamente arraigada na consciência de cada judeu havia uma certeza de pertencer de maneira um tanto especial ao Senhor Deus, como um membro de Seu Povo Escolhido. Havia Êle prometido ao seu antepassado Abraão que seus descendentes seriam tão numerosos como as areias do mar; que em sua Semente tôdas as nações seriam abençoadas. Ser judeu era sentir a plena fôrça desta promessa e saber que quaisquer infortúnios que tivessem de enfrentar — e a que desgraças não havia Israel sobrevivido? — Deus jamais esqueceria ou deixaria de cumprir a Sua promessa. Sob uma impressão de insegurança, de conflito, de ser um exilado e um estranho num mundo adverso, vivia sempre no coração do judeu uma espécie de esperança inesgotável. Ser israelita era como permanecer sôbre uma rocha, em meio de ventos inconstantes e dum mar variável. Mas a rocha era mais profunda do que o mar e mais duradoura do que o mundo, e quando o mar secasse, ela ainda ali estaria.

II

VER Jerusalém era o maior desejo de Simão. Tôdas as suas aspirações se haviam voltado para o lugar em que o único sacrifício puro e aceitável no mundo inteiro era oferecido ao único e verdadeiro Deus. Para êle era o monte de Sião mais do que um símbolo. Era o lar, o centro, o comêço e o fim de tôda a vida e de todo o pensamento hebreu, a capital do judaísmo, a única porta para tudo que era sagrado e eterno. A dispersão dos filhos de Israel até os mais distantes confins da terra conhecida nada fizera para esfriar essa lealdade. Pelo contrário, a distância e a separação haviam-na aquecido até o fanatismo. Jerusalém era um eixo internacional para o qual convergiam milhões de judeus, viajando com grandes despesas, perigos e incômodos. Três vêzes por ano ofereciam sacrifícios de cabras ou pombás diante do Santo dos Santos. Quando possível, ali iam gozar do cordeiro pascal com pão ázimo, ervas amargas e vinho tinto. "Se me esquecer de ti, Jerusalém, ao esquecimento seja entregue a minha mão direita. Fique pegada a minha língua às minhas fauces, se eu não me lembrar de ti" (1). Todo menino judeu podia citar isto.

Foi um dia fora do comum na vida de Simão quando, na idade de doze anos ou de treze, começou a aventureosa viagem pela qual tanto sonhara. Os preparativos haviam sido cuidadosamente feitos. As mulheres, se houvesse alguma no grupo, montariam em mulas, enquanto os homens caminhavam a pé ao lado delas. Deveria haver outra mula ou asno, carregado de provisões e de roupas, pois mesmo no bom tempo, a caravana teria de passar quatro ou cinco dias na estrada. Eram apenas sessenta milhas, de vôo de corvo, de Betsaida a Jerusalém. Ao passo de homem, porém, havia duas longas estradas sinuosas. A mais curta passava através de Samaria, a oeste do Jordão e depois galgava o sombrio platô rochoso da Judéia. Mas para evitar ser insultado, se não batido e roubado pelos heréticos samaritanos, a maior parte dos peregrinos judeus da Galiléia seguia a estrada mais incômoda, ao longo das margens do Jordão.

(1) Salmo 136 (137).

Todo o misterioso passado do povo de Simão parecia ter-se misturado no mesmo tecido com a música mutável daquele notável rio, daquela Rápida Corrente, que dividia a Palestina ao meio, de norte a sul, enquanto corria de sua fonte numa gruta do Monte Hermon, encarapuçado de neve, na direção do Mar da Galiléia e depois cavando profunda garganta na macia pedra calcária por outras cem milhas, alargava-se de novo dentro das águas salgadas do Mar Morto. Assim fluindo por milhares de anos, inseparável parte do pano de fundo do cenário histórico judeu, havia cavado dois leitos para si mesmo. O mais estreito, o Ghor, nunca estava sêco e tinha apenas setenta e cinco pés de largura no norte e quando muito duzentos e vinte e cinco ao sul. Descendo por êsse serpentino corredor fluíam o ano inteiro as águas amareladas, escondidas do caminho por densas moitas de loendros, acácias e salgueiros. No leito mais largo, o Zor, havia muitos campos de trigo e pequenos bosques de oliveiras, onde agora só se vêem hispidas touceiras de *spinæ Christi*. Sòmente na primavera, quando as águas eram engrossadas pelo gêlo derretido do Monte Hermon, tornava-se êsse canal intransponível, mudado em torrente raivosa. Sua temperatura era tropical, atingindo no verão de 120 a 140 graus Fahrenheit. Setecentos pés abaixo do Mediterrâneo, no Mar da Galiléia, caía a mais de 1300 no Mar Morto.

Durante dois ou três dias, os peregrinos de Betsaida teriam de fazer lentamente sua caminhada, com crescente desconforto, por causa do calor, ao largo da estrada que ladeava a extremidade oriental do Zor, dormindo nos campos mais altos ou nas miseráveis pousadas em que eram encurralados animais e às vêzes oferecidos à venda, até chegarem por fim a certo vau. Cruzado êste, pulando-se de pedra em pedra, deixavam a margem esquerda do rio e seguiam a estrada para o oeste. E logo avistavam, erguendo-se da verde planície de encontro aos negros rochedos do Monte Quarantânia, a antiga cidade de Jericó, tantas vêzes perdida e reconquistada nas guerras de Israel. O pai de Simão contava-lhe como seus muros vieram abaixo, ao som das trombetas de Josué e como o sagrado Jordão, mesmo na plena torrente das derradeiras chuvas de abril, secara para permitir que o exército nêle passasse. Fôra ali mesmo o lugar em que as fulvas águas se ergueram como um leão rampante.

Linda cidade, Jericó. Mas como era quente, mesmo à noite, sob a lua opressiva do próximo deserto do Mar Morto! Quando a família de Jonas, a olhar admirada, lhe transpôs as

portas, o ar tropical era quase por demais doce e pesado de respirar, com seus indomáveis perfumes de vária espécie, alguns provindos dos incomparáveis roseirais que bordavam cada rua, outros das moitas de mirra, hena e bálsamo, que mercadores de longe ali iam buscar. Marco Antônio tinha outrora dado a Cleópatra aquêles lindos bosquetes de palmeiras. Mais tarde, o principesco presente passara à guarda de Herodes, o Tetrarca, que ali morrera havia doze anos, sòzinho, miserável e desprezado, entre as colunas de mármore, as estátuas, os teatros, os hipódromos, os edifícios públicos e os templos pagãos que construira. Nada dêles resta. Mesmo então havia algo de sufocante no lugar e os galileus se sentiam alegres, sem dúvida, ao deixá-lo para trás.

De Jericó, galgaram uma íngreme estrada rochosa que coleava para sueste, através de um alto desfiladeiro montanhoso até as terras altas da Judéia. Agora era mais fácil de respirar e as noites especialmente mais frias. E embora o aspecto geral das colinas fôsse mais árido e escarpado, os vales mostravam-se semeados de pequenas herdades, vinhedos e bosques de oliveiras, como na Galiléia, e em algumas das encostas, mosqueadas de branco e cinzento, magros carneiros mordiscavam com lentidão a relva. Passou-se outro dia inteiro de jornada, antes que chegassem a certo cabeço de morro onde o pai de Simão, abrigoando os olhos do sol da tarde, apontou-lhe, numa eminência distante, um brilho dum branco nevado, parecendo dedo de anjo encimado de fogo, indigitando o céu. Lá estava êle! Era aquêle o Templo de Deus, sobrepujando Jerusalém. Sim, era todo do mais puro mármore e o telhado do Santo dos Santos de autêntico e sólido ouro.

Atravessando a aldeia de Betânia e cruzando uma escarpa chamada o Monte das Oliveiras, logo viram a cidade tôda, espreada pelas suas colinas seus arqueados tetos cintilantes, seus largos muros escuros, a proteger contra o clarão do sol da tarde, que brilhava em cheio nos olhos dêles. Justamente fora dos velhos muros, numa pequena elevação, podia ver-se, ao se aproximarem do portão, um par de cruces, com corpos humanos pendentes molemente dos braços, pois era ali que a guarnição romana executava ladrões, assassinos e outros que tais. Depois, é bastante provável e apropriado também que tenham atravessado a Porta do Peixe. Sem dúvida, alguns dos produtos do mar ali à venda vieram dos mares da Galiléia.

Agora viram-se num confuso labirinto de ruas, muito estreitas e tortas, muitas vêzes subindo ou descendo em degraus de pedra e alveoladas de lojas e bazares de tôda a sorte. Do lado de fora de alguns dêstes, sentavam-se artesãos, terminando o trabalho do dia à fraca luz ainda remanescente; graves sapateiros remendando sandálias e filosoficamente discutindo os negócios do mundo; marinheiros sentados, de pernas cruzadas na sua imemorial posição; cardadores, fiandeiros de linho e metalúrgicos. Nesta esquina ou naquele pequeno largo, viam-se tendas desmontáveis, em que merceeiros ou vendedores de frutas arranjavam suas montas. Bufarinheiros com cêstos ou carrocinhas destramente abriam caminho por entre as multidões apregoando suas mercadorias. De vez em quando um burro carregado de gêneros entremeava-se, zurrando, pelas ruas estreitas ou um camelo passava inclinado, num grotesco passo ondulante.

Em certas ruas havia lojas mais espaçosas e elegantes, onde se vendiam coisas de luxo, essências raras, perfumes, jóias importadas do Oriente; sêda comprada a pêso de ouro, lã de púrpura de dupla côr e vendida a preços fantásticos; taças esquisitas e vasos, linhos, objetos de vidro, panos de tôda a espécie, da Arábia, Pérsia, Índia, Média, Grécia, de todos os quadrantes do mundo pagão. Uma dama elegante poderia comprar qualquer coisa, desde o dente postiço ao xale árabe ou um par de vasos de cristal.

Era absorvente para um menino, que ali nunca dantes estivera, observar a variedade de rostos e trajés que desfiliavam por aquelas antigas circunvizinhanças. Simão via judeus devotos com o traje de tôdas as terras do globo, abrindo pacientemente caminho para o Templo, ou parando para inspecionar as mercadorias dêsse ou daquele bazar. Encheu-se de maravilha diante da babel de línguas tão diversas — “partas, e medos, e elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia, e a Panfília, o Egito, e várias partes da Líbia que é vizinha de Cirene, e os vindos de Roma, cretenses e árabes” (2). Um legionário romano, grande e pesadão, com sua armadura brilhante, do Ponto ou de além-Ganges, vagueava, com ociosa segurança, servindo-se uma vez ou outra de um amendoim ou de uma banana de algum dos mostradores, ao acenar protetoramente para os bufarinheiros. Êle é a Lei, de acôrdo com essa estúpida era. Mas não será sempre assim. Aquêlo impo-

(2) Atos II, 9-11.

nente homem de pena atrás da orelha é um dos escribas, talvez mesmo um do *Soferim*. O povo se afasta para um lado abrindo-lhe caminho, quando êle passa com suas largas vestes e o chama de *Rabboni*. Êle é um mestre da Lei, um honrado *Chakham* ou homem sábio de Israel. Aquêle é um levita, um sacerdote dotado do poder de oferecer sacrifício. O homem de largo filactério é um doutor da lei, evidentemente um fariseu. Aquela mulher de carro deve ser uma das ociosas aristocratas de Jerusalém, conduzida através das ruas, para perigo de todos, por dois de seus escravos. Reparai nas lantejoulas preciosas e nos braceletes que traz nos pulsos e nos tornozelos, o vago e capitoso aroma que perdura ainda depois que seu vulto esquisitamente trajado e cuidadosamente penteado desapareceu. Talvez o pescador ande um pouco mais depressa com seus dois filhos, de modo que êles não demorem a vista por demais em uma criatura tão diferente de sua mãe. Que coisa vasta, barulhenta, complicada e fascinante é uma cidade! É estupendo pensar, para os visitantes vindos de Betsaida, que um quarto de milhão de pessoas viva ordinariamente em Jerusalém. Durante uma grande festa poderia abrigar um milhão ou mais.

A fala daqueles hierosolimitas nativos era difícil de compreender para Simão a princípio. A maior parte das classes superiores, naqueles dias de infiltração helênica, falava grego. O aramaico do vulgo era um tanto afetado e completamente diferente da algaravia de Jonas e de sua família. De fato, não havia muito que estavam na cidade e logo perceberam que se tornavam objeto de curiosidade e zombaria. Os judeus haviam sempre olhado de cima os galileus. Os rabis e outros membros da classe intelectual já haviam escrito muitos provérbios pungentes à custa dêles. "Nenhum profeta saiu jamais da Galiléia". "Poderá algo de bom provir de Nazaré?". O sotaque rude de Jonas e de seus filhos provocou muito sorriso e piscadelas. A primeira preocupação, porém, dos recém-chegados, era comida e alojamento. Ambos eram em geral baratos e abundantes e devem ter dado muito que pensar aos visitantes galileus: mesmo no tempo de peregrinações a lei da oferta e da procura era dominada por um sistema de fixação de preço estabelecido pela teocracia judaica. Inspetores especiais andavam pelos mercados públicos, verificando pesos e medidas, experimentando comidas e bebidas e estabelecendo ou baixando os preços. De vez em quando, se preciso, davam relêvo a suas decisões com uns poucos mas judiciosos golpes de vara nas costas de um

bufarinheiro transgressor. Os salários também eram baixos, mas não tão desproporcionadamente. Um lavrador inexperiente podia ganhar o equivalente a cinco cruzeiros por dia, mas com esta soma comprar 7 quilos e meio de boa comida e conta-se que o venerando Rabi Hillel sustentava sua família com menos de 1/3 dessa quantia. Trigo, vinho, fruta e azeite havia em abundância. Um operário podia arranjar um pequeno alojamento com mobília por uma semana, ao preço de menos de um dia de trabalho. Os recém-chegados da Galiléia deviam ter passado muito bem, a menos que se encontrassem entre os últimos a chegar.

No segundo dia, devem ter visitado a grande cidade com mais vagar. Simão ficou sabendo que os ricos viviam na encosta ocidental, em majestosos edifícios de mármore e em "vilas" que se erguiam, fila após fila, entre magníficos terraços variiegados pelas côres de muitos e fragrantos jardins. Aquela sombria molhe de pedra com três altas tôrres, bem acima dos espaçosos canteiros e passeios que a cercavam, era o palácio de Herodes, o Tetrarca, de amaldiçoada memória. Havia o palácio dos Macabeus, para sempre benditos. Além via-se o palácio do Sumo Sacerdote Ananias. Aquilo era a ponte Tiropeana e abaixo o Vale dos Queijeiros. Lembranças mais horrendas estavam ligadas ao Vale do Hinnom, para onde durante século e meio os judeus apóstatas de outrora tinham conduzido seus próprios filhos, a fim de, pelas chamas de Topheth⁽³⁾, aplacar Baal ou Moloch. Contudo o principal acontecimento do dia, naturalmente, e que jamais seria esquecido, deve ter sido a visita ao Templo.

Era o terceiro Templo erguido naquele solo sagrado. O pai de Simão disse que, no tempo do rei Salomão, os filhos de Israel tinham arrasado o Monte Moriá, a leste da cidade, no lugar mesmo em que Abraão havia preparado o sacrifício de seu filho Isaac e depois, durante sete anos, tinham trabalhado para erguer nêle um edifício adequado para as Tábuas da Lei e para o sacrifício que cada judeu era obrigado a oferecer três vêzes por ano ao Altíssimo. Isso fôra há quase mil anos. Aquêle primeiro Templo ficara de pé quatrocentos anos até ser destruído por Nabucodonosor. Quando os israelitas voltaram do cativeiro babilônico, cinqüenta anos mais tarde, Zorobabel o reconstruiu, mas com muito menos magnificência, no parecer daqueles que haviam visto o templo de Salomão. Finalmente em 19 A. C., poucos anos antes do nas-

(3) Pira ou fornalha para sacrifícios humanos. (N. do T.)

cimento de Simão, o rei Herodes o havia destruído para erguer em seu lugar o incrível esplendor que agora derramava em suas faces sua suave luz dourada. Na verdade, não estava ainda acabado. Dezoito mil operários, dificilmente notados na sua vastidão, estavam ainda a trabalhar nêle. Mas era o bastante completo para emprestar mais valor à van-glória de Herodes, de haver excedido a magnificência de Salomão.

Simão atravessou lentamente a Porta Sul do Templo com seus pais e uma multidão de outros peregrinos, alguns carregando cabritos e cordeiros comprados no Monte das Oliveiras, ou em outra parte. Logo se achou numa imensa plataforma retangular, chamada o Pátio dos Gentios. Através deste, sob o olhar vigilante dos guardas, nas quatro tórres das esquinas, seguiram os peregrinos por um grande caminho semicircular para o lado norte, até passarem, por outra porta, para aquela parte do edifício reservada exclusivamente aos judeus. Num mercado, justamente ali dentro, ou bem à mão, podiam comprar pombos, cabritos ou cordeiros para o sacrifício, se antes já não o houvessem feito, mas tinham de pagar também uma pequena taxa pela inspecção.

Alguns dos peregrinos pobres e dos galileus reclamavam contra os preços. Na verdade, os bufarinheiros do templo tratavam por vêzes de elevá-los desafortadamente. Certa vez, por exemplo, cobravam um denário de ouro romano por um casal de pombos, até que um membro da família de Hillel interveio e forçou-os a baixar o preço de novo para 1/4 de um denário de prata. Caridade predileta dos judeus ricos era pagar o sacrifício dos pobres. Certa ocasião, quando os cúpidos comerciantes tinham deixado o pátio do Templo quase sem animais, Rabi Baba ben Buta burlou-os, trazendo 3 000 carneiros, quebrando assim o mercado, de modo que os plebeus pudessem cumprir suas obrigações.

Sentados a muitas mesas no Pórtico de Salomão, certos homens de rosto vigilante e duro ocupavam-se em trocar a moeda corrente de vários países em meros siclos do santuário para pagamento da taxa anual. Por êste serviço cobravam um juro de um "mash" ou de 10 1/2 a 12 % do montante com que cada judeu era obrigado a contribuir para a conservação do Templo. Como era natural, havia muitas queixas. Muitas vêzes, sôbre o tinir das moedas se erguia o timbre de vozes coléricas.

Ao deixarem Simão e seu pai para trás aquela cena pouco edificante, subiram, lance após lance, largas escadarias de

mármore até os pátios internos, passando por um aviso que ameaçava de morte qualquer gentio que ousasse invadir aquêlê lugar sagrado. Havia uma entrada extraordinariamente majestosa chamada a Bela Porta ou a Porta de Nicanor, tôda coberta de bronze coríntio. Era aqui que os levitas ficavam para tocar as suas longas trombetas, quando os sacrifícios iam ter comêço. Era também através dessa porta que os peregrinos entravam para o Pátio das Mulheres, no lado oriental do Templo, e donde marchavam aglomerados para os lugares mais altos e mais santos. Pelo caminho, viu Simão a sala para purificação dos leprosos e nazaritas, a que continha os óleos e vinhos sacrificiais, os depósitos de madeira usada nas piras propiciatórias e o aposento em que o Sumo Sacerdote se banhava e se vestia.

Talvez tivesse tido mesmo a grande felicidade de vislumbrar aquêla augusta pessoa em tôda a sua magnificência, com um pequeno chifre na testa e o éfode listrado no peito. Naquela ocasião, o Sumo Sacerdote era um tal Anás, ou mais pròpriamente Ananos, filho de Seth, de recente designação. Quão santo deveria ser! Os sinos de ouro e as romãs nas fímbrias de sua túnica azul e inconsútil representavam o trovão e o raio. As doze ricas pedras que pendiam do éfode significavam as tribos de Israel e sua mitra de fino linho era rodeada por uma coroa que trazia gravado o Nome dos Nomes.

Se os pátios exteriores do Templo quase tinham deixado sem fôlego, de tanta admiração, o menino da Galiléia, nada eram em comparação com a parte mais interna e mais elevada, que se erguia numa massa retangular de mármore, severamente despojada de decoração, até o teto plano de ouro a cintilar lá bem em cima. Era êsse edifício aquêlê mesmo que êle avistara a distância, interceptando a luz do sol, onde se abrigava o Santuário, o Lugar Sagrado e o Santo dos Santos. Simão nunca olhava para êle sem sentir-se emocionado. Não importava quantas vêzes o visse. O que lhe causava admiração era como haviam podido mãos humanas assentar uns sôbre os outros, tão maciços blocos.

E agora, justamente do lado de fora da porta do Santuário, podia êle ver o fumo se desprendendo do altar de pedra onde cordeiros, cabritos ou pombas tinham sido oferecidos ao Altíssimo. A um canto dêle, nas costas de vários bois de bronze, a brilhar como um fogo fôsko e amarelado, apoiava-se uma bacia chamada o Mar de Metal ou o Mar de Bronze, contendo água em que os sacerdotes lavavam as mãos e

os pés. Justamente além e de frente para leste, maciça porta dupla de madeira de oliveira silvestre conduzia ao Santuário, onde eram conservadas as Tábuas da Lei. Sôbre essa porta pendia um tremendo véu, a respeito do qual tinha o pai de Simão muita coisa a contar-lhe. Tecido hàbilmente da lã mais escolhida do mundo, em ricas e variegadas côres, tão grosso como a palma da mão de um homem, era tão comprido e pesado que requeria trezentos sacerdotes para pendurá-lo ou rearranjá-lo. Como poderia ter alguém bordado tão extraordinário cacho de uvas que ressaltava de sua superfície em rica púrpura — uvas, símbolos de Israel, e cada uva do tamanho de um homem! Era aqui o alvo final de tôdas as 210 000 pessoas que em tais ocasiões se aglomeravam nos pátios do Templo; era aqui o fim, o coroamento, o objetivo de tôda aquela visão de um branco nevado e de ouro fulgente que se alteava em meio do mar de névoas matinais, terço e coluna após coluna, para onde se vertia o sangue em homenagem ao Criador de tôda a vida, e o fumo, como uma oração que se torna branca e visível, se enovelava no vasto azul de Seu firmamento, como se emanasse das mãos e dos corações de todo o Seu povo.

Sômente sacerdotes podiam penetrar naquele Santuário, e o próprio Sumo Sacerdote derramava o sangue sacrificial ali apenas uma vez por ano. Contudo, podemos estar certos de que Simão logo soube de seu pai o que havia na sagrada e terrível reclusão além das portas de oliveira silvestre. Estava dividida em duas partes. No lugar sagrado erguia-se o Candelabro de Ouro e a Mesa do Pão Ázimo. No lado extremo do Altar do Incenso, por trás de pesado e duplo véu de estofos raros e belos, achava-se o Santo dos Santos. Êste nada continha, no segundo Templo, mas o *Ebhen Shethiyal* ou Rochedo da Fundação, sôbre o qual se ergue agora a mesquita de Omar. Cobria a bôca do poço; e o próprio mundo, de acôrdo com a antiga tradição hebraica, estava alicerçado sôbre êle.

O coração de Simão abrasava-se e exultava. Era uma grande coisa ser judeu.

III

FOI provavelmente seu irmão, quem primeiro chamou sua atenção para certas anomalias em Jerusalém. O Novo Testamento não indica qual fôsse o mais velho, mas sugere que André exercia não pequena influência moral sôbre o impetuoso Simão. Falava menos, mas com acêrto. Era mais prudente, mais ponderado, mais circunspecto, mais estricto, sempre perscrutando sob as superfícies ou por trás das aparências, para descobrir a verdade essencial. Penso nêle como mais moreno e mais alto, com olhos penetrantes que eram ao mesmo tempo dóceis e vivos e um belo e delgado nariz semita. E em Simão como mais pesado, mais rude, com sardas, o nariz mais grosso, e a bôca mais grosseira do que comumente, em parelha com cabelo dum vermelho de terra. Isto é imaginação, e não história. Contudo, deve ter havido algum contraste dessa natureza.

Foi provavelmente André, em vez de Simão, quem pediu informações a seu pai a respeito do edifício que lançava sua negra e feia massa tão intrusivamente contra a esquina do nordeste do Templo para fora de suas paredes, como um borrão de encontro à sua beleza. E se não houve um franzir de testa de ressentimento ou derrisão no rosto de Jonas, o pescador, quando disse o que sabia a respeito, é que não estava êle tão bem informado, como deveria estar um bom judeu, depois de tantas visitas a Jerusalém. Era bastante fácil para o indagador André descobrir, quer por intermédio dêle ou de outros, tudo quanto necessitava saber acêrca da Cidadela Antônia e transmitir a informação a seu irmão. Sabiam êles que dentro de seus sombrios e vedados muros, um território estrangeiro e não sagrado, o adventício Pôncio Pilatos, procônsul do César Romano, desempenhava a real tarefa de governar a Judéia, enquanto os Sumos Sacerdotes, reduzidos à ignomínia de aceitar seus honorários de um gentio e de um poder pagão, aferravam-se apenas a sombras e remanescentes de autoridade.

Era uma história comprida e um tanto confusa. A cidadela fôra erigida pelo primeiro rei Herodes. É verdade que êle construiu o novo Templo, também, mas no seu modo de

pensar, tudo era a mesma coisa. Não havia êle erguido reli-cários de mármore ao Romano Senhor do Mundo e a seus falsos deuses, que eram demônios? Havia reconstruído a casa de Jeová, sòmente porque afagava a sua vaidade, ou porque queria convencer seus inimigos, os fariseus, de que era um verdadeiro judeu, ou porque era supersticioso, ou porque, de acôrdo com certa história, foi aconselhado a fazê-lo pelo astuto Baba ben Buta, para levar o povo a esquecer seus crimes. Estes eram bastante notórios e tão numerosos que a matança dos inocentes de Belém parece ter sido absorvida pela enormidade dêles. O historiador Josefo nada diz a respeito e pode ser que Jonas, o pescador, não tenha ouvido falar de tais coisas na distante Betsaida. Mas todos os homens de bem tinham ouvido falar do assassinio judicial dos dois bravos rabis e seus quarenta companheiros patriotas em Jericó. Todos sabiam que Herodes era uma espécie de mau augúrio para Israel. E contudo, de certo modo, podia ser também um bom augúrio.

Êste Herodes, André descobriu, era filho do astuto idumeu Antipater, que galgara o poder graças à fraqueza do Sumo Sacerdote Hircano, e mais ainda aos azares da guerra. Pusera-se à disposição de Júlio César que, em retribuição, o nomeou Procurador da Judéia. A velha rapôsa teve então seu filho designado como Governador da Galiléia, na idade de 25 anos.

Herodes, como seu pai, era inteligente, hábil, cruel, insaciavelmente ambicioso e inteiramente sem escrúpulos, nada respeitando senão o poder. E vendo que Roma agora governava o mundo, tratou de cair nas boas graças dos senhores daquela nova Babilônia. A proeza demandava bastante habilidade e sorte. Quando um chefe caía, ligava-se ao rival vitorioso com explicações satisfatórias e subornos. Tornou-se o criado de Cássio. Depois da batalha de Filipos, deu vultosos presentes a Marco Antônio, que, em consequência, fêz dêle Tetrarca da Judéia. Não contente com isso, Herodes ousadamente foi a Roma, onde persuadiu Antônio e Otávio a consentirem que fôsse coroado Rei da Judéia e dirigiu-se ladeado por êles ao Templo de Júpiter para agradecer aos deuses de Roma aquela honra. Embora amigo particular de Antônio, imediatamente conquistou o apoio de Otávio, depois da queda do grande amoroso em Actium. E graças ao favor dêsse primeiro Augusto, bem como por meio de certos assassinatos hábeis e brutais, tornou-se rei dos judeus, tanto de nome como de fato.

Não apenas porque fôsse estrangeiro ou mesmo um tirano o odiavam seus súditos tão intensamente. Mas porque, como complacente criatura do Senhor do Mundo, parecia quase a personificação daquela obscena blasfêmia alçada sôbre o 'Iibre. Os judeus detestavam de modo especial as águias romanas, como símbolos do culto vil de César, insignificante criatura do único e verdadeiro Criador. Nem mesmo a magnificência do Templo que Herodes havia restaurado podia obliterar êste fato das mentes dos devotos judeus. Verdade é que se mostravam orgulhosos do próprio edifício e muitos pareciam satisfeitos de possuir, fôsse como fôsse, tal esplendor e beleza. Talvez não lhes ocorresse que estavam pagando elevado preço por aquilo que devia ter sido, pelo menos da parte de Herodes, um insulto sincretista ao Altíssimo, a Quem enfileirava ao lado de Júpiter e Astartéia. Mas o próprio Deus havia permitido isso por motivos só Seus. E os dois rabis que arrancaram as águias do grande portão do Templo tornaram-se para sempre heróis em Israel, ainda mais depois que êles e seus quarenta bravos cúmplices foram queimados por ordem de Herodes. Estava êle moribundo a êsse tempo em seu palácio, em Jericó, e quando a vida se separou de seu corpo apodrecido, os judeus guardaram aquê-le dia com um *Yom Tobh*, um alegre dia santo no qual nenhum luto era permitido.

Isso ocorreu quase por ocasião do nascimento do jovem Simão. Agora um filho de Herodes, conhecido como Herodes Agripa I, estava governando. Homem tão corruto como o pai e mais bronco e estúpido.

Contudo, havia também um elemento de esperança, na ascendência da linhagem herodiana. Pela primeira vez na história dos judeus, um não-judeu se havia tornado governador da Judéia. A significação escriturística dêste fato não passava despercebida, particularmente entre os nacionalistas, mais numerosos e influentes na Galiléia, pois lembrava famosa profecia messiânica. Simão deve tê-la ouvido, primeiro dos lábios de seu pai quando garôto de seis ou sete anos. De fato, quase todo menino judeu podia citar as impressionantes palavras proferidas centenas de anos antes pelo moribundo Jacó:

“O cetro não será tirado de Judá, nem o príncipe de sua descendência, até que venha Aquêle que deve ser enviado e Ele será a expectação das nações. Êle atará à vinha o seu jumentinho, e à videira, ó meu filho, a sua jumenta. Lavará

a sua túnica no vinho e a capa no sangue da uva. Os seus olhos são mais formosos que o vinho e os seus dentes mais brancos do que o leite" (1).

Enigmáticas como eram algumas dessas expressões, mesmo para os mais sábios rabis e doutores, era óbvio que se referiam ao Messias, ao filho da mulher que, pela promessa de Deus a Eva, pisaria a cabeça da serpente, àquele que, como dizia o profeta Moisés, deveria ser obedecido sob pena de morte, o Filho de Davi, o Príncipe da Paz, o Ungido do Senhor, o Santo. Havia pelo menos 456 referências explícitas no Velho Testamento ao grande libertador, que Deus mandaria a Seu povo no tempo devido (2). Tôdas as profecias posteriores haviam apontado especialmente com insistência para Alguém que viria salvar não somente Israel, mas todos os homens que quisessem recebê-Lo.

Certamente havia necessidade d'Ele em tôda a parte e especialmente na Palestina, pois na vida pública e privada dos judeus naqueles muitos anos, tornara-se evidente, sob a helênica e outras influências pagãs, uma rápida deterioração, uma crescente confusão moral e intelectual. Contudo, êste próprio fato dava nova esperança a poucas pessoas de profundo discernimento espiritual. Não era na hora mais negra que se poderia esperar o primeiro sinal da madrugada? Não tinha sido sempre quando Israel mais necessitava de auxílio que Deus estendera Sua mão onipotente para erguer Seu povo e esmagar seus inimigos? Havia, de fato, um punhado insistindo em que o exato período de tempo predito pelo profeta Daniel já havia decorrido e que o Messias, portanto, já devia ter nascido. A maior parte dos doutores, porém, recusava-se a tomar isto a sério, como provindo de um judeu da diáspora a quem não queriam conceder o nome de profeta e porque a linguagem da profecia claramente implicava o que a êles parecia incrível: o rebaixamento e morte do Justo.

André estava avidamente interessado por tudo quanto podia aprender a respeito do Messias. Conhecia tôdas as profecias mais famosas a Êle referentes. As mais extraordinárias pareciam indicar, pela perspectiva que temos do Velho Testamento: 1) Que Êle nasceria de uma virgem (3); 2) em Belém da Judéia (4); 3) quando o cetro passar de Judá (5);

(1) Gênesis XLIX, 10-12.

(2) Edersheim — *Life and Times of Jesus, the Messiah*, II, p. 710 e seqs.

(3) Isaías VII, 14.

(4) Miquéas V, 2. O Talmude também dá Belém.

(5) Gênesis XLIX, 10-12.

4) depois de numerosos anos especificados por Daniel (6); 5) seria Aquêle a Quem Moisés mandara os israelitas obedecerem, sob pena de destruição (7); 6) Aquêle Que estabeleceria um reino eterno e governaria com grande poder e glória, de que Seu povo partilharia (8); e contudo 7) seria desprezado, incompreendido, zombado, torturado e vergonhosamente posto à morte como um réu (9).

Centenas de passagens ainda mais complicadas eram aceitas como tendo alguma referência a Êle, embora as interpretações diferissem largamente. Havia, por exemplo, uma linha em Zacarias: "Então pagaram-me pelo meu salário trinta moedas de prata" (10).

Sábios rabis tomavam isto como significando que o Messias daria trinta preceitos a Israel. Davam também explicações figurativas de certas outras afirmações do mesmo profeta: "E êles porão os olhos em mim, a quem traspassaram e chorá-lo-ão com pranto, como se chora um filho único... Então lhe será dito: Que chagas são essas no meio das tuas mãos? E êle responderá: Fizeram-me estas chagas em casa daqueles que me amavam" (11). Tais expressões eram tidas, quase unânimemente como referentes à era messiânica por vir e os sofrimentos cridos como aquêles de que o povo judeu seria então libertado por um glorioso Rei. Semelhantes teorias se propunham para explicar a curiosa referência no Salmo 117 à "pedra que os edificadores rejeitaram, esta foi posta por pedra angular".

Não parece que André haja chegado até êsse ponto nos seus estudos messiânicos. É provável que não. Deixavam-se em geral as passagens mais abstrusas e difíceis aos exegetas de longas barbas, que gostavam de sondar profundamente as velhas palavras e de multiplicar distinções esmiuçadoras. Êste processo conduzia alguns à sabedoria, mas a maior parte dos judeus, inclusive muitos rabis e doutores, contentavam-se em acompanhar a estrada humana de menor resistência e em dar ênfase ao que era tão evidente em páginas e mais páginas das Sagradas Escrituras: a glória, o poder e o triunfo do Messias por vir. Parece não ter ocorrido a qualquer dêles que Êle podia ter dois adventos. Era bem mais fácil encarar outro grande guerreiro e chefe, sucessor e descen-

(6) Daniel IX, 25, 26 .

(7) Deut. XVIII, 18-19. (8) Isaías IX, 6-7. (9) Ibid. LIII; Zac. XIII, 6; Salmo XXI, etc.

(10) Zac. XI, 12.

(11) Ibid. XII, 10; XIII, 6.

dente do Rei Davi, que expulsaria o porco romano da Terra Santa à ponta de espada e ditaria a lei a tôdas as raças inferiores circunvizinhas, até mesmo aos mais distantes quadrantes da terra. Alguns iam tão longe a ponto de imaginar que a natureza física partilharia de seus triunfos. O chão cintilaria de ouro e de pedras preciosas. O succulento trigo cresceria tão alto como as árvores.

Das palavras e atos ulteriores de Simão Bar Jonas, evidencia-se que sua concepção do Messias, à medida que avançava êle para a idade adulta, era a da vasta maioria do povo judeu. Poucos poderiam imaginar o Justo vindo para sofrer em expiação pelos pecados do mundo e muito menos pelos pecados de Israel. Todos sabiam que Moisés havia sido punido por desobediência, que o cativo de Babilônia tinha sido o castigo por conivência com a idolatria. Contudo o velho senso de culpabilidade tinha dado lugar a certa orgulhosa complacência, nascida em parte, sem dúvida, de uma certeza de virtudes bem reais. Os chefes judeus esqueceram-se de que eram um Povo Eleito não em virtude de qualquer excelência própria, mas graças ao favor concedido por Deus a Abraão. Esta espécie de presunção toma facilmente posse de classes há muito estabilizadas em riqueza e poder.

A doutrina do pecado original, em particular, tinha sido quase inteiramente esquecida em Israel. É certo que permanecia ainda audazmente exposta nas primeiras páginas do Livro do Gênesis. Isto tornava mais espantoso que ninguém a pregasse e que mal se acreditasse nela. Talvez seus recentes pesares tivessem feito os judeus esquecer a tragédia primitiva que fôra o comêço da história humana. Talvez a visão de imponentes campos de trigo tivesse pouco a pouco chegado a apagar de suas mentes a memória da árvore da ciência, do jardim fechado, da espada flamejante. Um futuro tecido de sonhos esperançosos tornava-se mais real do que um passado tão doloroso e tangível como os rochedos da Judéia.

Curioso fato é que esta espécie de idealização se torne por vêzes o próprio estôfo de que são feitos os materialistas. É porque amam êste mundo, suas satisfações e seu poder, que se afastam de suas imperfeições para um mundo imaginário em que desejam ver aquelas satisfações plenamente realizadas — mas na carne, aqui e agora. Sòmente um mistério de graça poderia transformar tão mundanas aspirações em esperança espiritual. Sim, Simão era bastante humano; era provavelmente um judeu típico de seu tempo, honesto, destemido, afetivo, corajoso e mais do que um pouco prêso ao

mundo. Provavelmente pensava menos no Messias do que André e em tais sonhos, que sua mente mais prática consentia em acarinhar, deve ter havido um elemento mais forte de personalismo e de egoísmo. Se aparecesse, o Rei dos Judeus necessitaria do forte braço direito, do olhar agudo, do cérebro curto mas firme, da linguagem grosseira mas inteira de Simão Bar Jonas. Homens humildes de Israel tinham até então ascendido a elevadas posições, sem ceder à corrupção de potentados audazes como Antipater e Herodes.

De assuntos que tais, êle e André devem ter falado muitas vezes na viagem de regresso a Betsaida e às praias da Galiléia, depois da grande festa em Jerusalém. Foi provavelmente Simão quem mais falou a respeito. Eram aquêles grandes tempos e pode-se imaginá-lo a dizer que não pretendia ser o escravo do vento e da água para sempre, como seu pai.

IV

SIMÃO afinal, decidiu ser pescador. Era agora um homem plenamente crescido, de estatura média, entroncado, robusto, de pele áspera e queimada de sol, que fazia ressaltar, imagina-se, o azul acinzentado de seus olhos francos, mas instáveis. Algo dessa espécie é, pelo menos, sugerido na mais antiga representação que dêle se conhece em parte, um medalhão de bronze da primeira parte do Segundo Século. Mostra-o com uma vigorosa cabeça arredondada, maxilares combativos, uma fonte recuada como os poetas e soldados muitas vezes têm, o cabelo espesso, grosso e crêspo, e uma barba que deveria ter sido dum castanho escuro, tipo não fora do comum entre judeus, mesmo em nossos dias. É interessante também, embora não historicamente conclusivo, saber que uma mística e estigmatizada de nosso tempo, Teresa Neumann de Konnersreuth, "viu" Simão, em algumas de suas notáveis visões de 1926, sem a barba espessa que os artistas lhe têm emprestado; sua impressão é de que êle tinha barba um tanto rala. Notou um jeito que tinha de passar a mão direita pelo cabelo cortado rente, quando estava excitado ou perturbado e de falar com veemência e gestos vigorosos (1). Embora piedoso a seu modo, encolerizava-se com certa facilidade, e como a maior parte dos trabalhadores daquele tempo, praguejava e jurava de vez em quando (2). Apenas um bom pescador comum e vendo-se seus robustos braços puxarem os remos ou levantarem pesado cêsto de peixes a um de seus nodosos ombros, podia-se afirmar que jamais deixaria de ser um pescador.

Casou-se cedo com uma moça de Cafarnaum. Parece isto provável pelo fato de ter passado a viver ali; talvez na casa dos pais de sua mulher ou em uma que êles lhe deram como presente de casamento. Depois de algum tempo seu irmão André foi morar com êles e os dois rapazes continuaram a

(1) THERESE NEUMANN, A STIGMATIST OF OUR DAY, por Friedrich Ritter Von Lama, Milwaukee, 1929, págs. 131, 132, 134. Com permissão de Bruce Publishing Company. Não há intenção de antecipar a decisão a respeito da autenticidade dessas visões. São referidas apenas como auxílio e visualização.

(2) Parece isto clara inferência de Mateus, XXVI, 74; Marcos, XIV, 71.

profissão de seu pai no mar da Galiléia, muito tempo depois da morte d'êlé.

Cafarnaum era muito mais desenvolvida que Betsaida. Composta de vários elementos, galileus, judeus, gregos e romanos, era uma miniatura cosmopolita da vida palestiniãna na praia noroeste do mar, distante cêrca de duas milhas do lugar onde o Jordão nêle conflui. O ar era macio, doce e tropical e por tôda parte descortinavam-se magníficos panoramas: as águas azuis da Galiléia, cintilando por treze milhas para o sul; o pico toucado de neve do Monte Hermon, distante, para o norte; a fértil planície de Genesaré, mosqueada de herdades e esparzida de aldeias; as florestas no horizonte ocidental. Perto da cidade, borbuhlava uma famosa fonte que se dizia tinha sua nascente no Egito, uma vez que alimentava peixes iguais aos do Nilo.

Se algum vestígio resta dessa arruinada prosperidade é o negro alicerce de basalto e o lintel da porta de sua branca sinagoga, que se supõe ter sido desenterrada de sob as ruínas da posterior aldeia de Tell Hum. Êsse edificio sagrado, sólido e austero, à beira d'água, perto das docas e armazéns, era o centro espiritual, se não geográfico, de centenas de casas que subiam em fileiras irregulares e cintilantes até o alto de uma suave ladeira que terminava num morro arborizado, a meia milha de distância. Um daqueles telhados vermelhos abrigava a família de um bom centurião, chefe da guarnição romana, que tinha conquistado o afeto de seus vizinhos judeus, construindo-lhes a casa de orações. Outro assinalava a residência de seu amigo Jairo, o abastado chefe da sinagoga e sua filha de doze anos de idade. Cidadão menos respeitado era um tal Levi, filho de Alfeu, que servia a César, como publicano ou coletor de impostos. Podia-se vê-lo todos os dias sentado na alfândega perto da praia, recebendo os siclos e meios siclos, e o povo cuspiã ao passar perto d'êlé. Um tanto mais perto da frente do lago, provãvelmente, vivia Simão Bar Jonas com sua mulher e sua sogra. Depois de algum tempo, por qualquer razão (talvez a morte de seus próprios pais), André passou a morar com êles.

Contudo, nada pode ser dito da vida dessa pequena família, a não ser as mais evidentes conjeturas que os simples fatos sugerem. Simão, na fôrça de sua idade adulta, sabia algo do que significava a companhia de uma mulher. Deve ter aprendido quão inextrincãvelmente dois corações e dois espíritos podem ligar-se pela alegria, pela tristeza, em redor da tênue vida de uma criança. Talvez sua mulher fôsse de

saúde delicada. A melhor opinião é que por certo morreu não muitos anos depois de seu casamento, possivelmente de parto. Mas isto e tudo o mais de sua breve união — a morte de seu filho, talvez, e as dolorosas questões e tristes respostas que provocam revolta, ou fé e resignação — tudo isto permanece irrevelado. Na verdade, a própria existência de sua mulher tem de ser inferida da breve referência do Evangelho à sogra dêle, com quem êle e André ainda moravam, quando a luz da história caiu pela primeira vez sôbre ambos. Simão já não era jovem. Embora nada pudesse jamais domar completamente sua natureza enérgica e esperançosa, sentia-se muitas vêzes triste e solitário, e cada vez mais dependia do mar mutável e da camaradagem de seu irmão e dos filhos de Zebedeu.

André nada havia perdido de seu interêsse pelos estudos messiânicos. Vivia constantemente à espera de qualquer sinal do Justo que havia sido prometido. Mostrou-se àvidamente interessado certo dia em que ouviu dizer que um homem notável tinha começado a pregar, nas terras baldias do norte das praias salgadas e quentes do Mar Morto. Depois disto, ninguém o viu em Cafarnaum ou Betsaida durante vários dias, pois se dirigira para aquêle antigo deserto, onde as poucas árvores remanescentes cresciam hispidas e enfezadas, entre blocos de pedra semelhantes a enormes crânios parecendo ter sido crestados pelo fogo do céu, e onde até mesmo os animais selvagens tinham aspecto de famintos e doentes. Quando André voltou era um homem mudado, mais magro e menos da terra do que nunca. Contudo, estava cheio de entusiasmo por um profeta chamado João, que batizava o povo com água nas margens do baixo Jordão.

André contou a Simão que êsse João tinha aparecido de repente no deserto da Judéia, como que vindo de parte alguma, naquele outono do ano que chamamos de 28, depois de Cristo (3). Com cêrca de trinta anos de idade, era de ascendência levítica de ambos os lados, pois seu pai era o sacerdote Zacarias e sua mãe Isabel, descendia de Aarão. Começara a falar a pastôres perdidos, a viajantes, a bandidos, a fugitivos, a quem quer que quisesse ouvir, e o estribilho de sua pregação era: "Arrependei-vos, pois o Reino dos Céus está pertol"

(3) Era o décimo quinto ano de Tibério: Lucas, III, 1-3. O testemunho de Josefo, a respeito da missão de João, é impressionante, tanto mais quanto não menciona sua relação com a de Cristo (ANTIGUIDADES, XVIII, 5).

O povo escutava e transmitia aos outros. E tal era seu poder que alguém dizia que êle era um Profeta e muitos, das vilas mais próximas, atravessavam o rio, para ir-lhe ao encontro. Nem na maneira de falar, nem no traje, se assemelhava aos essênios e a outros ascetas que viviam sòzinhos nos desertos. Usava apenas uma túnica de pêlo de camelo, amarrada à cintura por uma correia. Alimentava-se da comida dos mais pobres dos pobres palestinianos, gafanhotos secos reduzidos a pó com que cozia um pão grosseiro, e mel silvestre (4). Magro, emaciado, quase negro de tanto sol, com olhos que sondavam seus ouvintes e de certo modo faziam que se sentissem envergonhados de si mesmos, exercia uma influência que se espalhava de choupana em choupana e de vila em vila, até que gente de tôdas as partes da Judéia ia encontrá-lo para ser por êle batizada e confessar seus pecados. Alguns dos sofisticados de Jerusalém começaram a aparecer entre as multidões que o seguiam e homens como André, de lugares tão distantes como Cafarnaum, na Galiléia. Muitos se mostravam apavorados, quando o ouviam trovejar as enérgicas palavras do profeta Isaías:

“Voz do que clama no deserto:
Preparai o caminho do Senhor,
Endireitai na solidão as veredas do Nosso Deus.
Todo o vale será alteado, e todo o monte e outeiro
será rebaixado,
E os caminhos tortuosos serão endireitados, e os escabrosos
aplanados.
Então a glória do Senhor se manifestará” (5).

André disse a Pedro que êle mesmo deveria ter visto o sentimento e fervor das multidões. Eram inacreditáveis.

— Que devemos fazer? — perguntavam. — Mestre, que devemos fazer?

— O que tem duas túnicas, dê uma ao que não tem; — respondia João. — E o que tem o que comer, faça o mesmo.

Segundo André, batizou êle alguns publicanos com os demais, dizendo: “Não exijais nada além do que vos está fixado”. Havia até alguns soldados romanos em meio da multidão, que diziam: “E nós... que faremos?” E João aconse-

(4) *Mateus*, III, 4; *Marcos*, I, 6.

(5) *Isaías*, XL, 3.

lhava-os a evitar a intimidação brutal, as falsas acusações contra os civis, o descontentamento com a sua paga ⁽⁶⁾.

Poucos meses depois soube Simão de seu irmão que o Batista havia-se transferido para bem acima do Jordão, perto do vau e da aldeia de Betabara, na margem esquerda. Já por êste tempo muitos homens do norte podiam ser vistos entre seus discípulos e André Bar Jonas ia-se cada vez mais esquecendo de seu barco e de seu mercado de peixe. Não era êle o único do Mar. Outro discípulo era um rapaz chamado Filipe, de Betsaida. O povo começava a dizer, mesmo nas remotas aldeias da Galiléia, que João devia ser o grande profeta predito por Moisés e pelos outros. Devia ser o Messias, devia ser o Cristo, o Santo de Deus.

É provável que Simão tenha indagado de seu irmão a êsse respeito, e sabido que não era verdade. O próprio João havia negado isso, da maneira mais peremptória. Não era o Profeta, declarou, mas seu precursor. Era aquêle a respeito de quem havia Malaquias escrito:

“Eis que mando eu o meu anjo
E êle preparará o caminho diante de ti” (7).

Era aquela voz clamante no deserto, profetizada por Isaías. “Virá após mim — clamava êle — Alguém mais poderoso do que eu, ao qual eu não sou digno de desatar, prostrado em terra, a correia dos sapatos. Eu tenho-vos batizado em água, Êle porém batizar-vos-á no Espírito Santo” ⁽⁸⁾.

Se tudo isto chegou aos ouvidos de Simão, na Galiléia, não é de admirar que afinal chamasse a atenção dos Sumos Sacerdotes e dos principais fariseus em Jerusalém. Êsses homens, sempre sensíveis a qualquer possível ameaça a seu poder e influência, ficaram bastante interessados em enviar alguns sacerdotes, levitas e escribas, a tôda a pressa, ao deserto onde o Batista fazia sua pregação. Alguns dos céticos, conhecidos pelos nomes de saduceus, também investigaram por sua própria conta. Nenhum dos grupos tomou a sério a teoria popular de que o próprio João pudesse ser o Messias. Que espécie de Messias seria aquêle? Mas a segurança com que êle anunciava que o Justo estava a ponto de aparecer tornou-os curiosos de ouvir o que mais poderia êle dizer. Não ficaram por muito tempo em dúvida. Enquanto mira-

(6) Lucas, III, 11-14.

(7) Malaquias, III, 1-3.

(8) Marcos, I, 7-8.

vam o profeta seminu, com desprezo e derrisão, João prontamente também se pôs a observá-los e depois disse:

— Raça de víboras! Quem vos ensinou a fugir da ira futura? Fazei pois dignos frutos de penitência. E não queirais dizer dentro de vós: “Temos Abraão por pai”.

Assim, pelo menos, foi relatado em Cafarnaum por André e por João, filho de Zebedeu, que mais tarde transcreveu a maior parte da conversa. Simão dificilmente podia deixar de ficar espantado, e talvez um pouquinho satisfeito. Sim, senhor! Ele chamou os fariseus de raça de víboras! Acertava em cheio no alvo, como vingança contra o orgulho espiritual que tôda a gente sabia era a pior falta dêles. E como os agentes dos fariseus suportaram aquilo? Primeiro ficaram mudos de surpresa e de cólera, enquanto João prosseguia com veemência: “Porque eu vos digo que Deus pode destas pedras suscitar filhos a Abraão! Porque o machado já está pôsto à raiz das árvores. Tôda a árvore, pois, que não dá bom fruto, será cortada e lançada no fogo. Eu na verdade batizo-vos com água para vos levar à penitência; mas o que há de vir depois de mim, é mais poderoso do que eu, nem eu sou digno de lhe levar o calçado”, — repetiu êle. — “Êle vos batizará no Espírito Santo e em fogo. Êle tem a pá na sua mão e limpará bem a sua eira e recolherá o seu trigo no celeiro, mas queimará as palhas num fogo inextinguível (9).

Sim, André e João relataram no mercado de peixe que estas eram as próprias palavras do Profeta, ditas a alguns dos mais importantes homens de Jerusalém.

— Quem és? — perguntavam êles, depois de recobrados do primeiro choque.

— Eu não sou o Cristol

— Quem és, pois? És tu Elias?

Todos sabiam que Elias nunca tinha morrido e que voltaria algum dia para uma missão especial.

— Não, não sou. — disse João.

— És tu “O Profeta”?

Evidentemente não consideravam que o Profeta de Moisés fôsse o Cristo.

— Não.

— Quem és, pois, para que possamos dar resposta aos que nos enviaram? Que dizes de ti mesmo?

— Eu sou a voz do que clama no deserto: “Endireitai o Caminho do Senhor”, como disse o profeta Isaías.

(9) Mateus, III, 7-12.

— Como batizas pois, se não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta?

— Eu batizo em água — repetiu João mais uma vez — mas no meio de vós está quem vós não conheceis. Esse é o que há de vir depois de mim, que é mais do que eu, de quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias ⁽¹⁰⁾.

Os fariseus repeliram o batismo de João ⁽¹¹⁾ e se retiraram, murmurando que êle era louco e possuído do demônio. Provavelmente André presenciou o estranho duelo. Consta, com certeza, que estivesse presente no dia seguinte, ainda mais cheio de acontecimentos. A custo pôde esperar seu regresso a Cafarnaum para falar dêle a Simão. Irrompeu pela casa a dentro, exclamando:

— Encontramos o Messias! Simão, encontramos o Messias! E contou o que tinha ocorrido:

No dia que se seguiu à inquirição de João pelos fariseus, a multidão vira-o apontar para um Homem, de sua idade quase, que dêle se aproximava e ouvira-o gritar, numa voz que se não podia esquecer:

— Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira o pecado do mundo!

O jovem rabino, pois as suas longas vestes dum castanho avermelhado indicavam que tal era êle, pediu para ser batizado. A multidão viu João protestando e desculpando-se.

— Sou eu que devo ser batizado por Ti! — disse êle. — E Tu vens a mim?

— Deixa por agora, — disse o rabino, com uma voz por todos ouvida, — pois convém que cumpramos assim tôda a justiça.

João então conduziu-O até à orla da água e batizou-O. Todos sentiram que algo de tremendo estava acontecendo. Depois João disse que, quando Êle saiu da água, viu o Espírito descer do Céu em forma de pomba e permanecer sôbre Êle.

— Este é Aquêle, — disse êle, — de quem eu disse: “Depois de mim vem um Homem que me foi preferido, porque era antes de mim”. E eu não O conhecia, mas vim batizar em água, para Êle ser reconhecido em Israel... O que me mandou batizar em água, disse-me: “Aquêle, sôbre quem vires descer e repousar o Espírito, Esse é O que batiza no Espí-

(10) João, I, 19-27.

(11) Foi a isto que Cristo atribuiu a cegueira dêles. Lucas, VII, 30.

rito Santo". E eu o vi e dei testemunho de que **Ele** é o Filho de Deus ⁽¹²⁾.

Naquele momento muitos perceberam o que parecia um trovão. Alguns ouviram distintamente uma voz do alto dizendo: "Este é meu filho amado, no qual pus as minhas complacências".

André contou que o homem assim apontado como o Messias, o há muito esperado Cristo, chamava-se Jesus e tinha vindo de Nazaré, na Galiléia, onde trabalhara com um carpinteiro chamado José, aparentemente seu pai. Por sua mãe Maria, era primo-primeiro do Batista. Contudo, nunca antes se haviam encontrado.

Um dia, não muito depois disto, voltou André a contar a Simão um caso ainda mais extraordinário. **Ele** e João, filho de Zebedeu, estavam em conversa com o precursor, quando viram Jesus caminhando gravemente na direção deles. O Batista apontou para **Ele** e repetiu suas palavras anteriores: "Eis o Cordeiro de Deus, eis o que tira os pecados do mundo". André, por alguma razão acreditou nisto, disse **êle**, e com seu companheiro deixou o Batista e seguiu Jesus. Havia nêlge algo que tornava quase impossível não fazer isso. Depois que **Ele** se afastara um pouco da multidão, voltou-SE e fitou-os. Devia estar **Ele** terrivelmente magro, pois havia pouco jejuara durante quarenta dias no deserto.

— Que buscais vós? — perguntou **Ele**.

— Rabino, rabino, — disse um deles, gaguejando, — onde habitas?

— Vinde e vêde, — disse **Ele**. E voltando-se, continuou sua marcha em silêncio.

Os dois pescadores acompanharam-nO até que O viram parar no lugar de seu abrigo — se em alguma pequena casa da aldeia, ou em algum retiro silvestre fora de portas, entre rochedos e cardos, o Evangelho não nos diz. Diz que êles permaneceram com **Ele** até quatro horas da tarde ⁽¹³⁾. E o que **Ele** lhes disse, deixou-os sem a menor dúvida de que **Ele** era o Cristo.

Tudo isto contou André, sem fôlego, a seu irmão Simão, em Cafarnaum. "Encontramos o Messias — repetia **êle**. — Encontramos o Cristo!" Simão devia ir ver por si mesmo sem demora.

(12) João, I, 30-34.

(13) João, I, 35-39.

Simão deve ter-se mostrado incrédulo a princípio, mas agora acreditava que fôsse verdade. Algo no violento palpitante de seu próprio coração, além da afirmativa de André, dizia-lhe que devia ser verdade. Provavelmente a primeira coisa que fizeram na manhã seguinte, foi partir para Beta-bara, talvez velejando ao longo do lago e deixando seu barco na praia meridional, enquanto avançavam com rapidez pelo sombrio e rochoso deserto. Mesmo assim foi uma jornada de três ou quatro dias pelo menos, antes que Simão visse o largo, amarelado e salgado Baixo-Jordão e mais além, no sul, as esqueléticas colinas junto ao Mar Morto, como crânios limpados pelo bico de corvos e abutres. Naquele mesmo dia ou no seguinte, chegou ao lugar de que André lhe falara. E então achou-se face a face, pela primeira vez, com Jesus, o Cristo.

Como pareceu o Senhor aos olhos dêsse pescador, uns poucos anos mais velho do que Êle, que O contemplava com algo de desconfiança, esperança, temor, curiosidade e uma rígida certeza de que uma fôrça decisiva, acima de seu poder de compreensão, penetrava em sua vida? Para o judeu médio de Seu tempo pareceria Êle provavelmente com qualquer outro jovem rabino, usando uma túnica inconsútil de lã, um tanto mais comprida do que a usada pelos outros, uma barba curta e sérios olhos sondadores. Talvez nada houvesse na Sua aparência que sugerisse ao observador comum (a menos que êsse observador recebesse uma secreta e profunda certeza espiritual do fato) que aqui, diante dêle, havia infinita imensidade inclusa em carne humana vulnerável, onipotência ligada com simples faixa sob um turbante enrolado, o Verbo Eterno que saltou do céu à terra, nas proféticas palavras do Livro da Sabedoria, “enquanto tôdas as coisas estavam em tranqüilo silêncio e a noite no meio do seu curso”, para submeter-se às algemas de tempo e de lugar. Isto era obviamente oculto para muitos, do contrário tôda Israel tê-Lo-ia imediatamente reconhecido e aceito, quando menos apenas por motivos de interesse próprio. Até mesmo os homens corruptos teriam adquirido grátis o dom que devia ser pago com humildade, sinceridade e amor. Evidentemente isto não ocorria.

Nenhuma palavra descrevendo Nosso Senhor foi deixada por qualquer dos quatro evangelistas. Êste silêncio em si mesmo é uma espécie de descrição, sugerindo inefável e majestática Presença, que tinha às vêzes um predominante efeito tanto sôbre amigos como sôbre inimigos. Contudo, em

outros momentos, parecia tão comum na sua humanidade que os homens não hesitavam em deitar sôbre Ele mãos violentas. Velha tradição cristã dá-Lhe apenas seis pés de altura. Alguns indícios dos possíveis traços de Seu rosto permanecem impressos na notável imagem do Santo Sudário de Turim e no Véu de Verônica, em Roma; e é um fato curioso que, embora êstes naturalmente difiram em detalhe quando completados por artistas, sejam as dimensões gerais idênticas, — o magro rosto comprido, poderoso, belamente cinzelado e proporcionado, o belo nariz afilado, os olhos bem montados, a barba curta e quadrada sôbre um queixo forte. Contudo, deve ser significativo que os santos, a quem tem sido permitido ver a Sagrada Humanidade em visões, pouco ou nenhuma tentativa têm feito de uma descrição concreta. Santa Teresa de Jesus podia apenas relatar que Ele lhe dava a impressão de beleza inexprimível e de dominadora compaixão e compreensão. Contudo, “embora eu deseje extremamente conhecer a côr de Seus olhos, ou Sua altura, de modo a poder dizer como eram, no entanto nunca mereci vê-los, nem era de nenhuma utilidade para mim tentar fazê-lo, a menos que perdesse inteiramente a visão total (14).

Tudo quanto Simão sabia, ao olhar Aquêl Rosto, pela primeira vez, era que reverenciava e amava aquêl Homem, como nunca reverenciara e amara ninguém mais. E antes que pudesse dizer qualquer coisa, Jesus olhou-o fitamente dentro dos olhos e disse:

— Tu és Simão, o filho de Jonas. Serás chamado “*Kepha*”.

Kepha significa “Rocha”; em latim, “*Petrus*”; em português, “Pedro”.

Foi sômente anos mais tarde que pôde Simão Pedro escrever a respeito do “inefável e abençoado deleite” (15) de contemplar o Cristo. É duvidoso que então tivesse êle plenamente compreendido a significação do momento, ou as duas Naturezas do Homem que lhe estava falando. Mas sentia n’Ele alguma qualidade que antes nunca encontrara em qualquer ser humano. Era algo ao mesmo tempo de aterrorizador e tranqüilizador, de devastador e de exaltante, uma censura ardente e um infinito deleite e consolação. Torna a pessoa pronta a esquecer tudo — trabalho, prazer, ambição, a própria vida — e a acompanhar aquêl Homem aonde quer que Ele pudesse levá-la.

(14) *Vida*, cap. XXIX, 2.

(15) *Pedro*, I, 9.

Pode ser e, na verdade, é provável que Simão pensasse a princípio que Êle fôsse o Senhor Deus, ou o Filho de Deus, o Criador de tôda a vida, que dissera a Moisés, de dentro da sarça ardente: "EU SOU!" e pusera palavras na bôca de todos os Seus Profetas. Esta concepção do Messias tinha sido perdida pela maior parte dos judeus e o que permanecia era um tanto vago e muitas vêzes contraditório. Contudo estava êle convencido de que aquêle era o Messias, qualquer a palavra que pudesse implicar ou indicar. Ali diante dêle estava o Grande Profeta, prometido por Moisés. Aquêle era o Libertador de Israel, a respeito de Quem todos os profetas haviam escrito.

Sem a menor hesitação, pois, Simão Pedro e seu irmão André, com João, o filho de Zebedeu, e Filipe e Natanael, de Betsaida, acompanharam o Senhor aonde quer que Êle fôsse. Tendo cumprido o que fôra fazer em Betabara, deixou Êle a região do deserto quase imediatamente e dirigiu-Se para o norte, para a terra alta da Galiléia. Os cinco se mantiveram em Seus calcanhares, ou caminhavam ao lado dÊle, fazendo perguntas timidamente e meditando as respostas. Provavelmente nutriam-se de milho, azeitonas, frutas ou legumes dos campos, ao longo do caminho, onde quer que houvesse algum; à medida que o deserto se distanciava atrás dêles.

Umhas poucas milhas ao sul do Mar da Galiléia vadearam o Jordão e seguiram uma estrada que ladeava a encosta sul do Monte Tabor, até alcançar a estrada principal que vinha do leste através de Nazaré e Aco, no Mediterrâneo. Constante corrente de tráfico movia-se ali. Caravanas de camelos carregados de raros e preciosos estofos de Damasco, de tão longe como o Mar Negro e a Índia, devem ter passado pelo grupo de sérios e humildes homens que conversavam pelo caminho. Carros imperiais e os belos cavalos dos xeques da Arábia passavam barulhentos e levantando pó.

No terceiro dia, puderam parar em certo lugar elevado e contemplar deslumbrante panorama. A leste erguia-se o vulto arborizado do Tabor. Ao sul, desenrolava-se a planície de Esdrelon, tantas vêzes campo de batalha de Israel, onde Armagedon combaterá nos Derradeiros Dias. Ao norte, para além de numerosas aldeias, brilhando entre as colinas e vales que Salomão cantou, estavam os leitos do Jordão e do Mar da Galiléia e para além dêles os picos nevados do Hermon. A oeste, via-se a crista roxa do Carmelo onde Elias

desaparecera num clarão de fogo e nos dias claros avistava-se uma linha amarela de praia e a cintilação do Grande Mar.

Em meio daqueles antigos e sagrados marcos havia quinze colinas mais baixas que formavam quase um círculo, em redor de uma espécie de anfiteatro natural, e no contraforte triangular de uma delas, no meio de verdes morros e pequenos vales, nos mil e duzentos pés acima do nível do mar, jazia uma cidadezinha de casas brancas com telhados planos, aninhando-se sôbre terraços e outeiros, entre altas e folhudas palmeiras, cinzento e prateado brilho de numerosas oliveiras, negra folhagem de vinhedos, figos e laranjais, os brilhantes matizes tropicais de jardins de flôres. Simão Pedro conhecia aquêlê lugar tão bem como seus companheiros e não era absolutamente contrário a que o visitassem. Havia algo de diferente no seu ar cheio de aroma, na paz e bem estar que pareciam envolver seu povo, até mesmo na dignidade das mulheres, que eram insòlitamente espigadas e donairosas e usavam trajes e toucados característicos.

Era ali Nazaré, onde Jesus vivera desde Sua infância.

V

NÃO está esclarecido se o Senhor parou ou não em Sua aldeia natal naquela ocasião. Passando tão perto, não deixaria, em geral, de convidar Seus discípulos a tomar algum repouso e alimento em Sua modesta casa na elevação meridional e encontrar Sua mãe. Ela, porém, fôra convidada a um casamento em Caná, um tanto distante, provavelmente, como parente ou amiga e talvez já tivesse ido, pois a festa iria realizar-se naquela noite. Seu Filho, também, seria muitíssimo bem acolhido, mesmo se fôsse um estranho, pois a hospitalidade judia em tais festas era generosa e qualquer jovem rabino das vizinhanças estaria certo de receber um convite. Se Ele soube disto ao parar em Sua casa, ou se antes já o havia discutido, ou sabia disto sem que Lho houvessem dito, o certo é que decidiu comparecer ao jantar e levar consigo os cinco novos discípulos. Um dêles — Natanael, o israelita sem artifício a quem Ele passou a chamar de Bartolomeu — vivia justamente em Caná.

O certo em tudo isto é que ao anoitecer daquele dia os seis empoeirados peregrinos chegaram àquela aldeia. Era um lugarejo, a cêrca de cinco milhas ao norte de Nazaré, provavelmente onde se ergue hoje Kefr Kenna, na estrada principal para Cafarnaum e praia da Galiléia — um passeio de uma hora e meia no máximo. Ao galgarem as colinas, naquela tarde de quarta-feira, viram-no pitorescamente em meio de um vale semeado de pomares e campos e já estriado de longas sombras e manchas de sol no ocaso. Por certo era a Galiléia a parte mais bela da Palestina. Fôra ali que Asher “mergulhara o pé em azeite”; ali as uvas produziam o mais forte e o mais fragrante vinho; ali, dizia um sábio, era mais fácil criar uma floresta de árvores do que uma criança na rochosa Judéia. As melhores romãs do mundo cresciam perto de Caná. O povo também era tipicamente galileu: estritamente judeu na sua religião, mas um tanto mais impulsivo e apaixonado do que o da metrópole. Talvez isto se desse porque tinham “sangue misturado”, pois muitos gentios se haviam estabelecido na região. De acôrdo com o Talmude,

eram inclinados a contendas e davam mais importância à honra que ao dinheiro.

Simão Pedro já conhecia Caná, de certo, pois ficava a menos de vinte milhas de Cafarnaum e do Mar, mas nunca em circunstâncias tão felizes. Ao se aproximar da aldeia, percebeu um vago som familiar entre as casas que se encostavam umas às outras no versante da colina. Logo pôde começar a distinguir as vozes de homens, mulheres e crianças, de mistura com a música de flautas, pequenas harpas, sacabuxas talvez, trombetas e tambores, e o rítmico bater de mãos. De repente, ao dobrar duma esquina duma rua oculta, apareceu o cortejo nupcial, seguindo da casa do pai da noiva para a do noivo.

Primeiro caminhavam alguns cantadores e tocadores, vermelhos pelo esforço e graças a um bom vinho tinto, soprando e arranhando o melhor que podiam. Seguiam-se alguns criados, distribuindo nozes às crianças ao longo do caminho e porções de vinho e de azeite aos mais velhos. Depois, acompanhada de cada lado por donzelas de honra e amigas e pelas “crianças da câmara nupcial”, vinha uma airoso moça judia, com o longo cabelo derramado sob um branco véu de noiva. Na Judéia deveria ser também acompanhada pelos “amigos do noivo”, a fazer observações apimentadas, influência talvez de festividades pagãs semelhantes, como as descreve Catulo, mas isto não ocorria entre os galileus, mais austeros. Alguns dos parentes da noiva carregavam ramos de murta e rosários de garridas flores. Outros levavam tochas e lâmpadas, penduradas de paus, algumas das quais foram acesas tão logo a escuridão começou a cair das colinas sobre as ruas.

Era de esperar que todos quantos vissem tal cortejo o aplaudissem e saudassem, louvando a beleza e a bondade da noiva. De fato, todos quantos podiam andar juntavam-se às filas, quer de um funeral, quer de um cortejo de núpcias, pois a consciência social dos judeus não se detinha em discriminar o pobre ou o pária, mas tendia a tornar assuntos da comunidade as alegrias e tristezas de cada um. Podemos estar certos pois, de que Jesus e os cinco homens do lago primeiro pararam e aplaudiram e depois gravemente juntaram-se à alegre companhia, acompanhando-a à casa onde o noivo esperava para fazer sua mulher transpor a soleira de sua nova residência. Tirando seus sapatos ou sandálias na porta da rua, acompanharam em seguida os outros convidados, através de um pátio até uma galeria coberta, para a qual davam vários quartos e dali para um vasto salão de recepção.

Neste, alguma espécie de simples ritual matrimonial seria pronunciado, talvez por um dos rabinos de Nazaré, onde se achava a mais próxima sinagoga, algo como: "Toma-a de acôrdo com a Lei de Moisés e de Israel". Grinaldas eram postas sôbre ambos e depois o rapaz assinava o "kethubah" ou contrato, em que solenemente concordava em trabalhar para ela, em honrá-la, conservá-la e cuidar dela, "como é costume dos homens de Israel"; e sem dúvida fazer as usuais proviões financeiras para segurança da espôsa.

Os criados já começavam a tirar água de alguns dos enormes potes de pedra, contendo vinte galões cada um, que Simão Pedro notara arrumados nas extremidades da galeria. Bacias com água eram agora apresentadas aos convivas que, à medida que tomavam os lugares designados, lavavam as mãos e os pés, para cumprir os preceitos da antiga lei. Depois reclinaram-se em canapés acolchoados e cobertos de tapeçaria, estendidos pelos três lados de uma longa mesa. Pelo quarto lado livre os criados entravam e saíam para acender as velas e lâmpadas e servir tôda a sorte de alimentos, vinhos e iguarias aos convivas, cada um dos quais jazia sôbre o lado esquerdo, com o cotovêlo sôbre um coxim, a cabeça quase sôbre a mesa e os pés nus afastados dela. Um velho venerando disse a oração da bênção nupcial e abençoou o pão e o vinho. Agora começara o banquete. Acima da música suave de harpas e flautas, provinda do pátio iluminado, erguia-se um rumor de conversa e de risos. Não havia tinir de facas e garfos, pois não eram ainda usados. Cada qual comia com suas mãos que depois limpava numa comprida toalha amarrada à sua cinta. O vinho passava livremente, enchendo-se e esvaziando-se à vontade as taças.

Simão Pedro e André, João, Filipe e Natanael estavam com fome e com sêde, depois da longa caminhada, quando se sentaram nos canapés que lhes foram designados, a alguma distância talvez da cabeceira ou em outra mesa. Eram sempre capazes, como homens de bem de tôda a parte, a esgotar sua parte da vindima "que torna alegre o coração do homem". Pode ser que o Mestre da Festa, lançando de quando em quando um olhar fiscalizador em redor, os tivesse observado com um senso passageiro de inquietação que a cortesia mandava ocultar. Chegaria o vinho? Na verdade, os judeus eram sempre uma gente sóbria, que em geral misturava água à bebida. Contudo, eram hospitaleiros também e acolhiam bem convivas não convidados às suas festas de casamentos. Nessa ocasião, o número pode ter sido incomumente gran-

de, incluindo como o fazia o jovem rabino de Nazaré e os cinco rudes comilões que levava consigo.

Uma vez saciada a fome, os pescadores tiveram tempo de mirar em redor. Muito havia que ver e ouvir, pois ninguém se mostra aborrecido numas bodas e naquelas havia um Personagem extraordinário, cujas maneiras eram bastante estranhas e fascinantes para êles. Se os outros convidados O observavam curiosa e furtivamente, admirados de certa distinção que era n'Ele patente, os cinco pescadores que O haviam acompanhado desde o baixo Jordão, acreditando que fôsse Ele o Messias, mal podiam conservar afastados os olhos de Sua nobre cabeça e de Seu rosto grave. Como um rabino, de certo teria sido convidado a reclinar-se a uma das cabeceiras da mesa com os outros convidados mais respeitados, perto dos noivos. Não está consignado que tivesse Ele dito alguma coisa durante a ceia. Simão Pedro, observando-O de perto, notou que freqüentemente lançava Ele um olhar para os quartos vizinhos, onde estavam reunidas as mulheres, em mesas separadas. Havia uma entre elas cujos olhos de vez em quando encontravam os d'Ele. Soube Simão Pedro que era Sua mãe. E é provável que fôsse aquela ocasião a primeira em que encontrava aquela senhora.

Maria devia ter então quarenta e poucos anos, mas parecia mais jovem, pois seu formoso rosto tinha aquela espécie de serenidade sem idade que apresentam as monjas e, não fôsem os sinais de luto de viuvez que cobriam seus cabelos levemente grisalhos, poderia ser tomada por uma jovem donzela, talvez uma irmã da noiva. Contava-se, de fato, estranha história, que João provavelmente foi o primeiro a ouvir, a de ser ela ainda aquela donzela, prevista por Isaías, conservando a virgindade mesmo depois do nascimento do seu Filho. Quanto ao seu semblante, bem como ao d'Ele, os Evangelistas nada dizem. Têm, pois, os artistas liberdade de imaginá-la o melhor que puderem. Os historiadores, que não quiserem dar crédito às alusões reveladas pelo místicos, que a têm visto mais ou menos obscuramente nas suas visões, podem pelo menos reconhecer a tradição ininterrupta, transmitida desde os primeiros tempos cristãos (1), de uma beleza tranqüila e majestática, de uma personalidade completamente harmoniosa, de uma bondade correspondente à sua isenção do pecado original e à sua miraculosa virgindade. Era des-

(1) S. Inácio de Antioquia, discípulo de Pedro, escreveu a respeito dela, cêrca de 106 A. D., com profunda admiração, mencionando o parto virginal como fato bem conhecido.

cedente do rei Davi e da linhagem levítica de ambos os lados. São Lucas, que lhe ouviu a história de seus próprios lábios e dos de seu divino Filho, fá-la parecer quase angélica. De fato, tinha ela visto um dos Sete que permaneceram diante do trono do Altíssimo e ouvira-o dizer: "Ave, Maria, cheia de graça! O Senhor é convosco!" Que experiência para Simão Pedro ver e ouvir, pela primeira vez uma mulher que fôra ofuscada pelo Espírito Santo e abraçada como noiva pelo Senhor da luz incriada e de todo o céu e da terra!

Uma descrição dela por S. Epifânio no quarto século é tão precisa que sugere a possibilidade de que a tradição a transmitira a êle, geração após geração, desde os tempos apostólicos. Não era alta, disse êle, mas um pouco acima da estatura média. O belo oval do rosto era levemente bronzeado pelo sol num matiz aproximado do trigo maduro. Seus olhos eram côr de azeitona, as sobrancelhas negras e delicadamente arqueadas, o cabelo claro, o nariz aquilino e perfeito, os lábios rosados, as mãos e os dedos longos e delicados. Mas o efeito mais impressionante de sua beleza provinha do interior e era imperecível e indescritível. "Era a mais bela das mulheres porque era a mais casta e a mais santa das filhas de Eva". Todos os místicos cristãos têm reconhecido nela a mulher que o rei Salomão louvou por antecipação no seu Cântico: "Tu és tôda a beleza, ó meu amor, e não há em ti mácula alguma" Santa Bernadette, que a viu em Lourdes, no século XIX, achou-a "bela além de qualquer comparação... tão bela, que depois de vê-la, não se pode mais amar qualquer outra coisa da terra... tão bela que se desejaria morrer, a fim de vê-la de novo". Para as crianças que a viram perto de Fátima, em Portugal, em 1917, era "uma mulher tôda de branco, mais brilhante do que o sol irradiando luz".

Não assim glorificada, sem dúvida, apareceu a Simão Pedro. Via-a com os outros convidados da boda como uma daquelas belas, equilibradas e vigorosas mulheres de poucas palavras e muitas ações, que se contavam entre as glórias de Israel. Por certo discernia nela algo das qualidades daquela longa tradição que remonta quase até êle e que provavelmente em parte proveio mesmo de seus lábios. Olhando a ambos, deve ter êle notado alguma semelhança entre ela e seu Filho. Que havia então que O tornava tão diferente de todos os mais? Qual era a qualidade n'Ele que levava a acreditar-se que tudo quanto dissesse deveria ser verdade?

Enquanto Simão Pedro e seu irmão saboreavam seu vinho e pensavam talvez na atração que os fizera acompanhar aquêlê Homem, quase imediatamente aonde quer que acontecesse Êle ir, perceberam que certa inquietação se produzia no salão do banquete. Trocavam-se consultas cochichadas entre os serventes e houve uma apressada intervenção do Mestre da Festa, que parecia um tanto perturbado e embaraçado ao sair de novo apressadamente. E logo os pescadores notaram que a mãe do Senhor se havia levantado e viera para a porta arqueada, onde ficara a olhar para Êle com olhos suplicantes. Êle também deixou a mesa e aproximou-se dela.

— Êles não têm vinho — disse Maria.

Jesus respondeu afetuosamente, meio em protesto, num idioma característico do Oriente:

— Mulher, que temos Eu e tu com isso? (2).

Maria continuou a olhar imperativamente para Êle. Aquêles, talvez fôsem parentes seus; em todo caso, boa gente. Mas não tornou a pedir.

— Meu tempo ainda não chegou — acrescentou Êle mansamente.

Seus olhos devem ter dito alguma coisa mais, pois tomou ela aquilo como uma resposta afirmativa. Voltando-se para os criados e acenando-lhes para que se aproximassem, ela os apresentou a seu Filho, dizendo-lhes:

— Façam tudo quanto Êle mandar fazer.

Havia algo de tão manso na voz e na maneira com que ela o dizia, que fazia as pessoas lhe obedecerem sem discutir. Os criados olhavam boquiabertos para Jesus. A atenção da maioria dos convivas, de fato, inclusive os pescadores de Cafarnaum, estava agora prêsa àquela pequena cena. Jesus caminhou, erecta e real figura, para a porta que dava para a galeria. Perto dela estavam seis dos potes de pedra donde os cria-

(2) O original grego de São João (11, 4) é "τι ἐμοὶ καὶ σοί, γύναι;" A Vulgata dá corretamente: "Quid mihi et tibi est, mulier?". A tradução incorreta da versão do rei Jaime; "Mulher que tenho eu a fazer contigo?" implica uma rude censura que não podia estar na intenção de Jesus, pois a fala seguinte de Maria mostra que ela compreendeu que Êle havia ouvido ao seu pedido. "Mulher", no Oriente, correspondia ao nosso cortês "senhora". Príamo emprega-o assim dirigindo-se a Hécuba, por exemplo na *Iliada* (XXIV, 300). O significado de "Que temos Eu e tu com isso", como Spencer literalmente traduz, dependeria da maneira e tom de quem falava. Aqui evidentemente reflete um protesto tão delicado que realmente carece de importância. Cf. Marcos I, 24 e Mateus VIII, 29.

dos haviam retirado água para os hóspedes antes da festa. Seu olhar rondou-os e voltou-se para os rostos dos criados.

— Encham d'água os potes — disse Êle.

Simão viu os homens saírem apressados, sem a mais leve hesitação, a cumprir aquela ordem. Estavam de fato tão ávidos de obedecer que encheram os seis potes até as bordas.

— Agora tirem o que está aí dentro — ordenou o Senhor — e levem-no ao Mestre da Festa.

Era uma indicação fortuita, mas os olhares e exclamações dos que estavam perto dos potes d'água revelaram que algo fora do comum ocorrera. Efetivamente tal se dera. Ao começarem a verter o líquido dos cântaros para recipientes menores, viram que êle corria tão vermelho como rubis. Tinha o cheiro, a côr e o gôsto de vinho. E que vinho! As conversas e risadas emudeceram em estupefato silêncio quando os convivas começaram a bebê-lo.

Alguns não estavam ainda cientes do que acontecera. Isto parece ter sido verdadeiro especialmente em relação ao Mestre da Festa, que talvez tenha saído a pedir vinho emprestado aos vizinhos, pois ao regressar disse ao noivo, enquanto se saboreava a miraculosa vindima:

— Todos servem primeiro o vinho bom e só depois que o povo bebeu à vontade serve o inferior. Mas tu reservaste o bom vinho até agora!" (3).

A narrativa pelo amigo de Simão, João, filho de Zebedeu, terminou simplesmente com estas palavras: "Êste comêço de Seus milagres realizou-o Jesus em Caná na Galiléia, e manifestou Sua glória, e Seus discípulos acreditaram n'Êle". Foi evidentemente escrito por um galileu em terso e preciso grego. Mas podemos estar certos de que não foi êste o fim da discussão entre os pescadores que tão inesperadamente se haviam tornado testemunhas do comêço do ministério público do Senhor. Era aquêle um clímax vertiginoso e quase aterrorizador na aventura estranha em que estavam engajados aquêles homens simples. Uma coisa era certa. O Mestre que Se mostrava capaz de ler a distância o pensamento de Natanael e de dizer a Simão Pedro algo de seu passado e de seu futuro, havia agora demonstrado que possuía um poder que só podia provir do Criador de tôdas as coisas.

(3) João II, 1-11.

Simão, a julgar pelos acontecimentos ulteriores, foi quem achou isso mais difícil de entender e fêz mais perguntas. E é bastante provável que João, de espírito mais vivo e mais bem educado, poeta e filósofo, com profunda visão dos assuntos espirituais, não demorou em apontar o que foi tão evidente para Santo Agostinho quatro séculos mais tarde, que Aquêlê que fêz a água e também as uvas e o fermento do suco, podia bastante fàcilmente mudar um no outro à vontade.

VI

EM vez de voltar a Nazaré, depois das bodas, o Senhor levou Sua mãe a Cafarnaum naquele inverno, para a companhia de certos parentes, e arranhou uma casa para ela naquela cidade mais cosmopolita. Não foi isto, de certo, nenhuma desilusão para Simão Pedro. Estar perto d'Ele, ouvir Sua voz, vê-Lo todos os dias, sentir Sua presença — era quase tão perto da perfeita felicidade quanto poderia um homem esperar neste mundo. E havia algo no rosto amável e na pessoa de Maria que purificava o próprio ar que se respirava e fazia o coração cantar como o de uma criança. Mas se os quatro pescadores que tinham presenciado o milagre de Caná esperavam fixar-se sem esforço na sua antiga e agradável rotina, bem cedo foram advertidos de que suas vidas haviam sido radicalmente transformadas pela chegada d'Ele, pois não muitos dias se haviam passado, quando Ele os informou de que seguiria para Jerusalém, a fim de passar ali a Páscoa e que teriam de acompanhá-Lo.

Era comêço de primavera e a Galiléia nunca estivera mais bela, quando se puseram a caminho ao longo da margem ocidental do lago cristalino sob um céu azul. Os campos verdes, ainda úmidos de orvalho, tinham manchas de púrpura e ouro: as flores vermelhas da mostarda silvestre e largas placas carmezins onde anêmonas e papoulas se curvavam ao sôpro do vento norte. Até mesmo o vale do Jordão tomava um aspecto mais brilhante naquela estação depois da última chuva, e a meia dúzia de peregrinos, avermelhados de pó, à medida que lhe seguiam as margens na direção do sul ⁽¹⁾, deviam ter notado que os loendros à beira d'água estavam floridos e que os pomares de peras no campo mais alto mostravam-se festivamente róseos. Às vêzes uma manada de búfalos haveria de contemplá-los através do vale. Um cabrito montês ou uma gazela os olharia do alto de uma rocha, antes de desaparecer numa moita. Um bando de patos selvagens, a caminho talvez do verão na Europa, voaria baixo

(1) S. João não diz qual a estrada que seguiram. Parece provável a do Jordão, pelo fato de dizer êle, ao regressarem, que "devia por isso passar pela Samaria" (IV, 4), como se isto não fôsse usual.

sôbre as águas côr de barro. Não era nada incomum ver milhares de cegonhas erguendo-se dos pauis para voar num largo círculo e depois tangenciar numa longa linha que se esvaía no firmamento ensolarado.

Enquanto a figura magra e poderosa de Jesus caminhava ritmicamente ao longo da estrada familiar à beira-rio, conversaria Êle ora com um, ora com outro, respondendo a suas tímidas perguntas, enquanto os restantes O seguiam, ouvindo ou aglomerados de cada lado. Às vêzes falava a todos duma vez. Contudo, logo se tornou aparente que, conquanto encarasse a todos com a afeição de um pai ou de um irmão mais velho, parecia ter especial estima pela companhia de Simão Pedro, de Tiago e João. A êstes últimos, filhos de Zebedeu, chamava Êle de Boanerges, Filhos do Trovão, sem dúvida porque possuíam vozes poderosas e eloqüentes que gostavam um tanto de exhibir a leve provocação, especialmente quando indignados. Eram também bastante zelosos de tudo quanto se referisse à Lei. De fato, mostravam-se às vêzes um pouco apressados demais em resolver problemas de descrença, sugerindo o velho e simples expediente de exterminar os ofensores prontamente — tendência que o Senhor dominava com paciência e tranqüilo bom humor.

Era Simão, contudo, quem mais freqüentemente caminhava ao lado dÊle e, com a continuação, era para Simão que comumente olhava, quando desejava dirigir-se a todos. Os outros podem ter-se admirado disso. Talvez porque Simão era, de certo modo, bastante lento no compreender. Mas a paciência do Senhor mostrava-se infinita. Parecia especialmente ansioso por que o pescador de cabelos rentes compreendesse o que era o Reino de Deus. Se os outros sentiam inveja, em geral procuravam ocultá-la. Quando tinham algum favor especial a pedir, conseguiam que Simão o fizesse. Aceitava êle isso com modéstia e não fazia esforço para dominar os demais. Mas teria sido menos do que humano, se não sentisse agrado com aquilo. A confiança de Jesus era como a luz do sol, dando e vigorando vida. Foi um momento de orgulho para Simão Pedro quando, no quarto ou quinto dia da jornada, depois de atravessar a florescente Jericó e de galgar a ladeira rochosa e íngreme que vai subindo em zig-zague até a região montanhosa da Judéia, ficou êle mais uma vez, ao dobrar de uma estrada no Monte das Oliveiras, com o Santo de Israel, e mais uma vez contemplou triunfantemente Jerusalém, através do Vale do Cedron. Que impedia que o Messias fôsse ao branco e dou-

rado esplendor sôbre o Monte Moriá e Se revelasse aos Sumos Sacerdotes e Doutores da Lei? Uma manifestação de Seu poder já a dera Êle em Caná e êles haveriam de colocar-Lhe na cabeça a coroa de Israell Um discurso inflamado e o povo se levantaria e expulsaria os romanos.

No dia seguinte, ainda cheio de grandiosas esperanças, estava Simão Pedro com o Senhor, junto à Porta Especiosa, observando as multidões de graves peregrinos que se apressavam em atravessar o Pátio dos Gentios para oferecer seus sacrifícios. Um levava duas pombas numa gaiola, outro um cordeiro, outro um cabrito, enquanto outros ainda compravam aves ou animais no bazar, ao longo de um dos maciços muros, ou levavam-nos para serem inspecionados e dados por bons. Uma multidão esperava em fila diante de algumas mesinhas postas sôbre o chão de mármore polido por cambistas itinerantes. O tinido das moedas ressoava acima do chilrear dos pássaros, do balir dos carneiros, do mugir do gado e do murmúrio das vozes humanas.

Contemplando tudo isso num relance, Jesus apanhou algumas cordas que jaziam ao lado dos engradados dos pombos, reuniu-as destramente em forma de chicote e passou por diante do atônito Simão, com uma serena e terrível determinação, dirigindo-se para as mesas e bazares. Algo n'Ele fêz que até mesmo os guardas do Templo se afastassem apressadamente para os lados. Um poeta cristão, de descendência judaica, um homem de não pequena visão interior (2), afirma que, mesmo encolerizado, Seu rosto jamais se contorceu ou avermelhou, como o dos outros homens, porque não era paixão, mas justiça impessoal divina que O acionava. Aos vendedores de pombos disse Êle concisamente: "Tirai daqui isto e não façais da casa de Meu Pai casa de negócio!" Mas quando chegou aos bois e aos carneiros, descarregou-lhes nas costas o chicote de cordas, assestando-lhes grandes e vibrantes açoites com Seus poderosos ombros e braços, até que êles semearam o pânico em tôdas as direções, entre os aterrorizados espectadores e mercadores. Os cambistas ficaram sentados, paralisados de mêdo, à medida que Êle ia batendo de mesa em mesa. Moedas de tôdas as nações e siclos de prata do santuário tiniam sôbre os blocos de mármore e rolavam sob os pés da multidão que fugia desatinada.

Simão Pedro não havia esperado nada de semelhante. Mas observava tudo com certa altivez crescente. Quem, senão o

(2) Fray Luís de León: LOS NOMBRES DE CRISTO.

Messias, ousaria agir tão atrevidamente em tal lugar? Quem, senão Ele, poderia dizer naquele tom de real certeza: "A casa de Meu Pai?" Um dos companheiros lembrou o versículo profético do Salmo 68: "O zêlo da Tua casa me devorou" e os outros balançaram afirmativamente a cabeça.

Por êste tempo o barulho e a confusão tinham atraído à cena alguns dos príncipes dos sacerdotes e chefes fariseus, que contemplavam com olhos incrédulos e indignados o Homem alto, com trajes de rabino, que jogava para um lado o chicote de cordas e calmamente se desviava do derradeiro cambista acovardado. Talvez ficassem sabendo pela bôca de um de seus discípulos que Ele era Jesus de Nazaré. Alguns ousaram aproximar-se e fitar-Lhe o rosto.

— Com que sinal nos mostras tu que tens autoridade para fazer estas coisas? — perguntaram sarcásticamente.

Isto sugere que tinham ouvido falar do que fizera Ele em Caná e Lhe estavam pedindo mais milagres, não porque realmente quisessem vê-los ou acreditassem n'Ele, se os realizasse, mas porque procuravam um pretexto para regozijar-se com Seu fracasso. Conhecendo isto, o Senhor respondeu calmamente à indagação dêles, dizendo:

— Desfaizei êste Templo e Eu o reedificarei em três dias.

Tanto Seus amigos como Seus adversários haveriam de recordar-se dêsse alarde aparentemente sem importância. Agora os amigos O ouviam consternados e os adversários com desdém.

— Êste Templo foi edificado em quarenta e seis anos e tu o reedificarás em três dias? — retorquiui um dos fariseus.

Jesus não se dignou esclarecer Sua afirmativa. Pelo que afirma a tradição, nem mesmo a Seus discípulos a explicou, preferindo apelar para sua fé. Pedro, por exemplo, pouco podia acreditar, pois o fariseu tinha razão em dizer que quarenta e seis anos haviam decorrido desde que Herodes começara a construção. E o Senhor poderia reconstruí-lo em três dias? Uma coisa era mudar água em vinho — ambos líquidos. Simão correu de novo a vista pelos gigantescos blocos de mármore que se erguiam acima de si e ficou a imaginar.

Jesus efetuou vários milagres durante aquela estada em Jerusalém. Quaisquer que tenham sido (o Evangelho⁽³⁾ não os especifica), foram suficientes para convencer muitas pessoas da verdade de Sua declaração de ser o Messias. Antes do fim

(3) João II, 23.

da semana, estava Ele sendo discutido, mesmo entre os membros do Sanedrim, o Conselho dos Setenta Anciãos. De fato, um deles, o fariseu altamente respeitado, de nome Nicodemos, procurou-O uma noite nos Seus aposentos. João, que relata o incidente com a vivacidade de uma testemunha de vista, não se preocupa em dizer-nos onde ocorreu; na casa talvez de um de seus parentes, pois tinha alguns em Jerusalém (4). Deixa-nos imaginar que o Senhor, com Sua meia dúzia de discípulos, se alojara no *aliyah* ou quarto superior de hóspede de uma daquelas belas e elevadas casas da classe média, na colina ocidental, quando um criado subiu pela escada exterior e deu entrada a um personagem de aspecto distinto e farta barba. O vento gelado uivava nas ruas íngremes e estreitas e a lâmpada de puro bronze bruxoleava como o espírito irresoluto do visitante, que apertava sua capa de encontro ao corpo e olhava para trás a fim de verificar se fôra observado.

Nicodemos, o discípulo da meia-noite, retirou-se, como sabemos, sem confessar sua fé: velho tímido, receoso de ofender os chefes poderosos que tinham recebido de tão má cara a limpeza do Templo. Nem estava ainda completamente seguro daquilo que acreditava. O contexto indica que, como a maior parte dos fariseus, tinha esquecido a significação espiritual do Antigo Testamento. Dificilmente poderia ser Simão Pedro quem o censurasse, uma vez que êle próprio não tinha melhor compreensão de algumas frases do Senhor. Para entrar no Reino de Deus, um homem deveria renascer espiritualmente pelo Batismo. Quem não acreditava no Messias tinha medo da luz e preferia ficar na escuridão, porque seus atos eram maus. Até aqui muito bem. Mas para aqueles que acolheram a luz e desejavam ganhar a vida eterna, o Filho do Homem devia ser erguido como a serpente foi erguida no deserto por Moisés — que poderia isso significar?

Com esta questão ainda a perturbá-lo, Simão Pedro deixou Jerusalém com seu Mestre, logo depois da festa pascal e, em vez de regressar à Galiléia, seguiu por uma das boas estradas de pedra romanas, na direção do oeste, através da região montanhosa da Judéia. Onde quer que parassem, aldeia após aldeia, o Senhor pregava nas sinagogas ou ao ar livre e os discípulos depois batizavam a todos quantos O aceitassem. Velha tradição diz que Ele Próprio não batizou a ninguém senão a Simão Pedro, que depois administrou o

(4) *Ibid.* 15.

sacramento aos outros. Certo é que muitas conversões foram feitas.

Às vêzes parecia a Simão Pedro que as almas daquelas pessoas eram compradas a alto preço. A medida que o verão se aproximava a temperatura se tornava opressivamente quente nas terras altas, muito embora as noites fôsem frias. A água era extremamente escassa, pois só se encontravam fontes nos vales profundos. O povo das montanhas tinha de recolher a água em cisternas, e somente os mais caridosos davam um copo d'água fria. Além disso, os discípulos começavam a sentir entre aquelas multidões rurais uma sutil oposição de nova espécie. Notaram entre êles certas caras vagamente familiares, certas túnicas rabínicas e largos filactérios que evocavam azêdas recordações de Jerusalém e dos pátios do Templo. Os fariseus, alarmados pelos acontecimentos da semana anterior, estavam mandando espias para segui-los.

Êstes agentes punham-se em estreito contato com outros designados para manter vigilância sôbre João Batista. Comparando dados, os dois grupos verificavam com interêsse que os discípulos de Jesus estavam batizando maior número de convertidos. Mas João foi seu primeiro e mais vulnerável inimigo e quando êle atravessou o Jordão, penetrando na Péria, sob a jurisdição de Herodes, não perderam tempo em mostrar ao tirano a ameaça que poderia provir de um asceta irresponsável, que já o estava denunciando por haver tomado ilegalmente Herodias, mulher de seu irmão. Imediatamente Herodes detivera e metera João, se podemos dar crédito a Josefo, na quase inacessível fortaleza da montanha de Maqueros, num rochedo bem acima das letais praias do Mar Morto. "E querendo matá-lo, temia o povo, porque êste o considerava como um profeta" (5).

Soube Jesus com tristeza da prisão de João. Decidiu voltar imediatamente para a Galiléia e não pela estrada do Jordão, mas através de Samaria. Simão Pedro teria provavelmente preferido a estrada mais longa. Nenhum hebreu ortodoxo gostava de atravessar uma região onde alimento e guarida lhe pudessem ser negados e onde roubo e violência estivessem de tocaia em cada estrada, para não falar dos leões famintos que infestavam as montanhas. Mas não era a êle que cabia decidir.

Outro leve incidente lançou momentânea nuvem sôbre o róseo futuro que estivera a construir para si mesmo. O grupo

(5) Mateus XIV, 5-6.

de discípulos estava crescendo e pode ser tenha sido nesta ocasião que, pela primeira vez, houvesse surgido em meio d'elles o rosto moreno e inescrutável de Judas (6), o filho de Simão. Era nativo da pequena cidade de Karioth, nas terras altas, a cêrca de um dia de viagem para o sul de Jerusalém, na orla do deserto. Nada se consigna das circunstâncias da sua conversão. A princípio talvez tivesse sido visto em meio da multidão, ouvindo Aquêlê Que dizia que o Reino de Deus chegara a Israel e que era Êle o prometido Libertador. Depois passara a fazer perguntas, oferecendo àvidamente sua fé e sua lealdade. Finalmente teria visto os olhos que sondavam com serena onisciência até as profundezas de sua misteriosa alma e ouvido as palavras: "Segue-Me".

Judas, também, deve ser retratado pela imaginação: um homem magro, suponhamos, de trinta e cinco anos, mais ou menos, com olhos espertos, inquisidores e inquietos, como brasas num rosto pálido, e uma bôca um tanto dura e descontente. É razoável que possuísse qualidades atraentes, para explicar sua aceitação pelo Senhor, e a ausência de qualquer ressentimento, a princípio pelo menos, da parte dos outros discípulos. Podia ser afável e bastante agradável, quando lhe aprouvesse, embora por vêzes se inclinasse a ser crítico acerbo e impertinente. Acima de tudo era um sujeito prático, que sabia como fazer as coisas, descobrir alimentos, comprar barato, atingir seus fins, evitar complicações — um tipo útil em qualquer companhia.

Quando tal homem decidiu em certa idade fazer uma carreira religiosa, estava quase obrigado a realizar alguma espécie de coisa excepcional e quando saudou Jesus como O de há muito esperado Rei de Israel, provavelmente seria com o vigor de quem via diante de si uma oportunidade e seu brilhante entusiasmo seria tranqüilizador e contagioso. Um bom homem de negócios, de pés plantados na terra, dizem, e sem nada de tolo! Essa espécie de homem também compreendia como tornar-se antipático a seus irmãos, uma vez que "se firmara no rés do chão"; como fazer o direito "aproximar-se" de qualquer "situação", com que desejasse "pôr-se em contato" — a realidade é sedição, mesmo que os termos hajam mudado. Seria quase inevitável que mais cedo ou mais tarde se tornasse o tesoureiro do pequeno bando, carregando consigo a bôlsa de moedas dadas a êles como esmolas, para comprar seus frugais alimentos. E naturalmente esperaria

(6) De 'Ιουδας, forma grega de Judas.

que, quando Jesus afinal subisse ao trono de Davi, gozasse de proeminente e lucrativo p^osto no gabinete como Secretário do Tesouro, Primeiro Lorde do Erário, ou qualquer que fôsse o equivalente na linguagem do novo regime.

Tinha Simão Pedro provavelmente pouca confiança naquele sujeito desde o princípio. Era natural para um galileu não gostar de um judeu, a respeito de princípios gerais. Além disso, tinha idéias próprias acêrca da organização do govêrno messiânico e alguma razão de esperar, em virtude da preferência que o Senhor lhe havia demonstrado, que ocuparia não mesquinha posição nêle. De todos os discípulos, paradoxalmente, era o mais semelhante a Judas. Eram homens enérgicos e ambiciosos, para os quais êste mundo e suas pompas, riquezas e circunstâncias significavam muito. Mas para um significavam tudo, para o outro, não tudo. O semelhante repele o semelhante, mas se são pesados em dois pratos de balança, o equilíbrio pode ser decidido por algo bastante intangível.

VII

NÃO causava tristeza a Simão Pedro palmilhar o solo da Judéia com suas sandálias de galileu. Estava a caminho de casa e as montanhas se iam tornando mais verdes e menos rochosas, mais parecidas com as que conhecia, enquanto calcorreava as lajes da estrada romana em seus meandros para o norte, descendo para a planície de Samaria, enquanto caruagens que passavam barulhentas o enchiam de pó, bem como parelhas de árdegos corcéis transportavam a tôda a pressa inválidos ricos para os banhos quentes e sulfurosos de Tiberíade ou correios imperiais para a côrte de Herodes. Não estava inteiramente seguro de que gostava daquela vida missionária, tão cheia de surpresas e inconveniências. Alegre ficaria se entrasse no seu barco de novo e sentisse no rosto o sôpro do vento. Assim passou o dia e, ao crepúsculo, chegaram a umas colinas altas e áridas tendo em frente rochedos de uma brancura de giz, e ali passaram a noite.

No dia seguinte alcançaram uma paisagem mais amiga, com vastos campos de cereais, bosques de oliveiras e colinas arborizadas. À tarde dêsse segundo dia chegaram à intersecção de várias estradas principais, sôbre uma elevação perto de telhados brancos e abobadados da aldeia de Sichar, atualmente Nablus. Achavam-se na própria parcela de terra que José recebera de seu pai e à vista do cimo arredondado do túmulo em que os Filhos de Israel tinham depositado sua múmia, depois de havê-la transportado consigo, cêrca de quarenta anos. Ao lado da estrada estava a funda cisterna que seu pai tinha cavado para conservar a água da chuva. Até hoje se chama o Poço de Jacó.

Estavam todos cansados, famintos e sedentos, pois fôra aquêle um dia quentíssimo de meado de maio e tinham estado a caminhar desde o alvorecer, através de uma região árida. Mesmo o Senhor, diz o Evangelho, estava fatigado. Foi uma das raras ocasiões em que deu demonstrações de tão humana fraqueza, e sentou-se em uma larga pedra que havia à beira do poço, esperando que alguém da terra viesse tirar água. A estreita abertura descia uns 75 pés e não havia ali à mão nem balde, nem corda.

Lá em baixo, na planície de Samaria, viam milhas de campos de trigo, de côr açafroada, prontos para a colheita. Fracos ecos aqui e ali indicavam que antigos manguais já estavam em ação e o estalido de carroças e os gritos dos ceifadores chegavam fracamente através do ar sêco, como, de vez em quando, a fragrância de rosas e o canto inesperado de um cuco. Empoleirada lá no alto de uma distante colina, justamente à frente, via-se a cidade de Samaria. Majestosa avenida subia até ela, através duma colunata de monólitos, entre fabulosos santuários e tôrres das quais deuses de mármore olhavam cá embaixo um Forum de beleza incomparável e palácios onde fatos vergonhosos eram velados por sêdas perfumadas e músicas e danças sensuais. Herodes superara a si mesmo na reconstrução daquele lugar. Era uma de suas residências favoritas e tinha consigo ali, Herodias, a mulher de seu irmão, e a filha dela, Salomé. Sômente grandes lagartos habitam agora suas ruínas, mas foi em pleno meio-dia de seu orgulho que os olhos de Jesus sôbre êle pousaram pensativa e talvez irônicamente. Bem perto, à direita, alteava-se o vulto do Monte Garisin, sôbre o qual os samaritanos, com seu falso templo, tinham buscado rivalizar com o verdadeiro de Jerusalém, ensinando deturpados e humanos empréstimos da sabedoria revelada de Israel. Era em parte por isto que os judeus os detestavam.

Enquanto Jesus descansava, seus discípulos, com a possível exceção de João (cuja narrativa do que se segue tem o tom de um depoimento ocular), desceram à mais próxima aldeia para comprar alguma comida, pois a própria terra não podia ser tomada como impura. Quando voltaram, e podemos supor que Simão Pedro estivesse entre êles, ficaram grandemente atônitos, pois ali, em plena luz da tarde, conversava o Senhor com uma mulher. Nunca se ouvira dizer que um rabi falasse em público com uma mulher. Além disso, aquela era evidentemente uma samaritana, a quem nenhum judeu se dirigiria sem grave necessidade, e, provavelmente, uma pecadora. Como os discípulos continuassem a olhar, viram-na voltar-se e sair apressadamente através dos campos, deixando seu cântaro d'água e a corda ao lado do poço. Que poderia significar aquilo?

Nenhum dêles se aventurou a perguntar ao Senhor porque havia Êle transgredido as duas convenções tão caras aos fariseus. Ao invés disso, exibiram os alimentos que tinham adquirido na aldeia e Lhe ofereceram um pouco, dizendo:

— Come, Rabi.

Os trigais amadureciam e brilhavam ao sol como um vasto mar amarelo. Lá embaixo no vale, a samaritana estava falando e gesticulando com várias pessoas.

— Eu tenho um manjar para comer, que vós não sabeis, — disse Êle. — A minha comida é fazer a vontade dAquele Que Me enviou e cumprir a Sua obra. Não dizeis vós que ainda há quatro meses e depois vem a ceifa? Mas eu digo-vos: Levantai os vossos olhos e vêde os campos, que já estão branquejando para a ceifa.

Não era para os trigais que Êle estava olhando: o contexto sugere antes que eram a mulher e seus amigos (a êsse tempo em caminho para o alto da colina) e pessoas sem conta em outros lugares e tempos. Que havia acontecido? Simão Pedro era homem fortemente curioso. Mal pôde esperar que não puxasse João para um lado e dêle soubesse alguns pormenores da famosa conversa do Quarto Evangelho.

— Dá-me de beber — dissera Jesus, quando a mulher puxara para cima o seu balde.

— Como sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?

— Se tu conheceras o dom de Deus e Quem é Que te diz: “dá-me de beber”, tu certamente lhe pedirias e Êle te daria duma água viva.

— Senhor, tu não tens com que a tirar e o poço é fundo. Donde tens, pois, essa água viva? És tu porventura maior do que o nosso pai Jacó, que nos deu êste poço, do qual êle mesmo bebeu, e os seus filhos e os seus gados?

— Todo aquele que beber desta água tornará a ter sêde; mas o que beber da água que eu lhe der, nunca jamais terá sêde; mas a água que Eu lhe der, virá a ser nêle uma fonte de água que salte para a vida eterna.

— Senhor, dá-me dessa água, para eu não ter mais sêde, nem vir aqui tirá-la.

— Vai, chama teu marido, e vem cá.

— Não tenho marido.

— Disseste bem: “Não tenho marido”, porque tiveste cinco maridos, e o que agora tens, não é teu marido. Isto disseste com verdade.

— Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram sôbre êste monte e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar.

— Mulher, crê-me que é chegada a hora em que não adorareis o Pai, nem neste monte, nem em Jerusalém. Vós ado-

rais o que não conheceis, nós adoramos o que conhecemos, porque dos judeus é que vem a salvação. Mas vem a hora, e já chegou, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade. Porque é destes adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e em espírito e em verdade é que O devem adorar os que O adoram.

— Eu sei que vai chegar o Messias, que quer dizer o Cristo; quando pois êle vier nos anunciará tôdas as coisas.

— Sou Eu Que falo contigo!

Já a pobre criatura estava chegando de volta com seu amante e alguns outros samaritanos.

— Vinde — lhes dissera — vinde ver um Homem que me disse tudo quanto eu havia feito! Será êsse o Cristo?

E agora os humildes aldeões dum gente desprezada estavam ouvindo o próprio Jesus que com simplicidade lhes dizia Quem Êle era e o que desejava. E alguns dêles, pelo menos, foram provavelmente batizados com água do poço de Jacó. É um exagêro considerar êste incidente o primeiro passo na universalização do Evangelho, pois os judeus olhavam os samaritanos não como gentios, mas como heréticos, ovelhas tresmalhadas da casa de Israel. Não obstante, aquêles convertidos tinham uma visão mais correta da missão fundamental do Messias do que seus próprios discípulos. “Nós mesmos O ouvimos e sabemos que êste é verdadeiramente o Salvador do Mundo”, diziam êles. Rogaram-Lhe que permanecesse com êles e Êle assim o fêz, ensinando-os por dois dias, um tanto talvez com pesar de alguns de Seus seguidores que necessitariam de mais tempo para se acostumar à idéia de aceitar os samaritanos em têrmos iguais.

De Samaria continuaram para o norte, pela estrada principal até Nazaré, mas, por algum motivo que o Evangelho não esclarece, seguiram mais uma vez para Caná. Mal tinham ali chegado, quando um oficial imperial chegou a cavalo à aldeia para implorar ao Senhor que curasse o seu filho, que deixara desesperadamente mal em Cafarnaum. Talvez naquele momento já estivesse morto.

— Vai — disse o mestre, — teu filho está vivo e bem.

E o oficial alegremente partiu, enquanto Jesus e os discípulos prosseguiram seu caminho de volta a Nazaré.

No sábadô seguinte, foram todos êles à sinagoga daquele lugar. Nenhum judeu pensaria em deixar de fazer assim e Jesus invariavelmente cumprira o bom costume que datava do exílio babilônico, como praticava todo o essencial da Lei. Era provavelmente, como a maior parte das casas palestinia-

nas de culto, um simples edifício de pedra, a êsse fim apropriado, com a entrada principal entre dois pilares ao sul, e tendo no lintel algum ornamento como o candelabro de sete braços, um cacho de uvas com fôlhas de videira ou uma flor entre dois cordeiros pascais.

Dentro, dupla colunata corria tôda a extensão do edifício, formando duas naves e suportando os maciços barrotes sôbre que descansava o teto plano. O chão era pavimentado de lajes de pedra calcária branca, as paredes sólidas, as janelas adequadas a uma boa iluminação. Ao sul, perto da porta estava posta uma Arca imóvel, contendo os rolos sagrados da Lei e dos Profetas. Alguns degraus conduziam a ela, diante da qual, junto a um "vilon" ou cortina, pendia a lâmpada sagrada que, como a do Templo de Jerusalém, nunca se apagava. Os chefes da Sinagoga e os convidados de honra sentavam-se de costas para a Arca, de rosto voltado para o resto dos presentes. As mulheres ocupavam uma galeria à retaguarda (1). No centro do salão, onde todos podiam ver e ouvir, havia uma estante ou *Bima*, mesinha sôbre uma plataforma alta, com uma cadeira ao lado. Aqui eram lidos os sagrados rolos.

Na manhã daquele sábado Simão Pedro e seus irmãos seguiram Jesus à sinagoga, podemos conjeturar, e se assentaram ao lado d'Ele ou perto d'Ele, em um dos bancos fronteiros à Arca e aos personagens que se sentavam de costas para ela. O Senhor era bem conhecido ali, pois tinha assistido ao serviço religioso durante anos, com Sua mãe e Seu pai adotivo, e a extrema humildade de Sua vida oculta de preparação é sugerida pelo fato de que o povo não O olhava como uma pessoa extraordinária ou um convidado de honra, mas, simplesmente, como o "carpinteiro", ou "o filho de José, o carpinteiro". Deviam ter ouvido falar recentemente do milagre de Caná e pode ser, além disso, que Sua presença naquele dia provocasse cochichos inusitados e muitas cabeças se voltassem para Ele. Difícil era de acreditar que um Homem, por êles conhecido há tantos anos, tivesse transformado a água em vinho. Contudo, havia Ele praticado algo de estranho em Caná. O tempo diria o que foi. Enquanto isso, Jesus provàvelmente sentava-se com Seus discípulos entre os adoradores comuns.

(1) Era assim na Palestina; nas sinagogas alexandrinas, os homens e as mulheres ficavam separados por um tabique de cerca de quatro pés de altura.

Simão Pedro viu um sacerdote, ou o venerando chefe da sinagoga, dirigir-se à Arca e tirar dela um dos rolos sagrados de pergaminhos. Desenrolando-o, com deliberado cuidado e dignidade, voltou-se para ficar de frente para o Santo dos Santos em Jerusalém e depois, ainda de pé, começou a ler o *Shema*, ou confissão de fé, dos primeiros livros da Bíblia. Muitas vêzes, desde a infância, ouvira Simão Pedro as belas palavras, mas nunca se cansara de ouvi-las; às vêzes o próprio Moisés parecia estar ali presente, pronunciando seu magnífico discurso de despedida aos Filhos de Israel no deserto:

— Ouve, ó Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração e de tôda a tua alma e com tôda a tua fôrça. E estas palavras, que eu hoje te intimo, estarão gravadas no teu coração: e tu as ensinarás a teus filhos e as meditarás, sentado em tua casa, e andando pelo caminho, e estando no leito, e ao levantar-te. E as atarás à tua mão como um sinal, e elas estarão como um frontal diante dos teus olhos. E as escreverás sôbre o limiar e sôbre as portas da tua casa (2).

O velho fêz uma pausa e passou a outro trecho:

— Se vós, portanto, obedecerdes aos meus mandamentos, que eu hoje vos prescrevo, de amar o Senhor vosso Deus e de O servir de todo o vosso coração e de tôda a vossa alma, Ele dará à vossa terra as chuvas temporãs e seródias, para que recolhais pão e vinho, e azeite, e feno dos campos para sustentar os gados e para que vós mesmos tenhais que comer e com que vós saciar. Tende cuidado que o vosso coração não seja seduzido e que vos aparteis do Senhor e sirvais a deuses estranhos e os adoreis, e que o Senhor irado feche o céu e não caiam as chuvas, nem a terra dê os seus frutos, e vós dentro de pouco tempo sejais exterminados da excelente terra, que o Senhor está para vos dar. Ponde nos vossos corações e nas vossas almas estas minhas palavras e trazei-as suspensas nas vossas mãos como um sinal, e colocai-as entre os vossos olhos... (3).

Desenrolou o pergaminho e continuou de novo:

— Disse também o Senhor a Moisés: Fala aos Filhos de Israel e lhes dirás que se façam umas guarnições nas extremidades das suas capas, pondo nelas fitas de côr de jacinto, para que, vendo-as, se recordem de todos os mandamentos do

(2) Deut. VI. 4-9.

(3) Deut. XI, 13-21.

Senhor, e não sigam os seus pensamentos nem os seus olhos que se prostituem a vários objetos, mas antes se recordem dos preceitos do Senhor e os cumpram, e sejam santos para com o seu Deus. Eu sou O Senhor vosso Deus, que vos tirei da terra do Egito, para ser vosso Deus (4).

Era assim lida a *Torah* todos os sábados, em 154 secções, ficando completo o ciclo inteiro cada três anos. E quando o sacerdote acabava de ler parte da Lei e talvez também das dezoito bênçãos chamadas *Shemoneh Esreh*, era costume seu pedir a alguém mais velho ou a algum visitante de importância que continuasse a cerimônia, com uma leitura dos Profetas. Se ninguém nestas condições estivesse presente, poderia pedir a qualquer dos ali congregados que o quisesse fazer. Conjectura-se que tal foi o caso naquele sábado especial. Seguiu-se um silêncio de expectativa. Então Jesus tranqüilamente se levantou e ofereceu-Se como o *Sheliach Tsibbur*. Houve entre os homens um murmúrio e um estender de pescoços na galeria, quando Êle se encaminhou para a *Bima* e ali ficou, alto, magro e forte, figura majestática e imponente, olhando na direção da Arca.

O chefe da sinagoga pegou agora outro dos compridos e iluminados rolos da Arca e entregou-o cortêsmente, mas talvez com um olhar inquisitivo, ao jovem Rabi. Jesus desenrolou-o com sua costumeira decisão e, ao encontrar o trecho marcado para a lição do dia, a respeito da profecia de Isaías, sentou-Se diante da *Bima*, de acôrdo com o costume e começou a ler, com voz cheia e estranhamente comovedora. Era um texto especialmente apropriado para aquêlo ano jubilar, reconhecido francamente como profético a respeito do Messias:

— O espírito do Senhor repousou sôbre mim, porque o Senhor me ungiu; Êle me enviou para evangelizar os mansos, para curar os contritos de coração, e pregar a redenção aos cativos, e a liberdade aos encarcerados; para publicar o ano da reconciliação do Senhor, e o dia da vingança do nosso Deus, para consolar todos os que choram...

As belas e consoladoras palavras caíram sôbre todos êles como música celeste, e sob o seu fascínio e o fascínio da voz e Presença, mantinham-se sentados imóveis e silenciosos, mal respirando. O silêncio foi interrompido pelo estalido do pergaminho, quando o Carpinteiro o enrolou e devolveu-o ao chefe da sinagoga ou a um auxiliar. Então sentou-Se Êle de

(4) Num. XV, 37-41.

novo, para fazer o costumeiro discurso a propósito do texto profético. Todos os olhos estavam fixos n'Ele, cada cabeça inclinada para apanhar Suas palavras. Devem todos ter tido a impressão de algo diferente n'Ele naquela manhã.

— Hoje cumpriu-se esta Escritura aos vossos ouvidos.

Foi tudo quanto disse, mas era bastante. Era por demais eletrizante, pois com efeito significava:

— Eu sou o Messias a cuja espera tendes estado.

O primeiro impulso foi aceitar aquilo pelo seu valor frontal, pois o Evangelho acrescenta que “todos Lhe davam testemunho”. Depois, como súbito e contrário vento no lago, um murmúrio de discordância correu pela assistência e vozes contrastantes de dissidência começaram a ouvir-se. Alguém perguntou: “Não é êste o filho de José?” A pergunta passou de bôca em bôca, como um frio vento de dúvida. A fé sem raízes encolheu-se diante disto.

Jesus não argumentou nem discutiu com êles. Falou “como quem tem autoridade e não como os escribas e fariseus”, com suas fastidiosas orações e discursos e suas distinções de lanacaprina. Já sabia Êle a resposta que seus espíritos haviam dado naquele momento de silêncio à questão e ao desafio que Êle lhes havia apresentado, e sabia o que estavam êles a ponto de pedir. Iam pedir-Lhe que praticasse algumas das artes que souberam havia Êle realizado em Caná. E porque duvidavam de Sua identidade e não tinham intenção de aceitar Sua intrínseca autoridade, não era intenção Sua satisfazer-lhes a curiosidade.

Simão Pedro pôde perceber o tremor de raiva e de orgulho ferido que agitou a multidão. Viu todos se levantarem quase que como um só homem e aproximarem-se da *Bima*. Punhos fechavam-se; peças de roupa voavam no ar; dentes rangiam de raiva. Tudo era barulho e confusão, quando deitaram mãos ao Orador e O arrastaram pela porta aberta e subiram a rua estreita e íngreme que conduzia ao precipício ao norte da cidade. Nada se diz aqui a respeito dos discípulos. Contudo, se estivessem presentes, como parece provável que tenham estado, devem ter sido empurrados rudemente para um lado ou se aglomeraram, impotentes, a um canto, ao mesmo tempo que a multidão enraivecida continuava a querer levar a cabo o seu evidente propósito: precipitar Jesus do alto da elevada rocha donde eram lançados à morte os criminosos. Pode ser também que Simão e os outros tenham deitado a correr, temendo sorte semelhante.

Parando para tomar fôlego, fora da cidade, desesperados e envergonhados, viram êles Jesus que vinha a seu encontro, sòzinho, grave, incólume, imperturbável. Passara pelo meio de Seus inimigos e os evitara. Se Se tornou invisível, ou os cegou, ou se simplesmente os intimidou com um olhar, o Evangelista, diferentemente de um escritor de ficção ou de um propagandista, não se sentiu obrigado a dizê-lo. Termina sua narrativa com a mera afirmativa de que “Êle seguiu Seu caminho” e voltou a Cafarnaum, onde tencionava pregar na sinagoga, no sábado seguinte.

Em tudo e por tudo, foi aquela uma jornada desnorteante e um tanto desencorajadora para um homem como Simão Pedro. Quanto mais via o Senhor, mais O amava. Contudo, era decerto difícil conciliar algumas de Suas palavras e ações com Sua calma afirmativa e a própria convicção íntima de alguém de que fôsse Êle o Santo esperado. Deixando de realizar um milagre para provar Seu direito de limpar o Templo de Jerusalém, deixara os fariseus de posse do campo. E que quisera Êle significar ao dizer a Nicodemos que o Filho do Homem deveria ser erguido, como erguera Moisés a serpente no deserto? Por que se retirara da Judéia diante das ameaças dos fariseus e dos emissários de Herodes? Por que partilhara os sagrados privilégios de Israel com os samaritanos? E por que, finalmente, consentira em ser expulso de Sua própria sinagoga, como um impostor e um blasfemador? Judas, de modo especial, tinha curiosidade de conhecer as respostas a estas perguntas.

O leal coração de Simão Pedro sabia que o Senhor haveria de esclarecer tôdas essas coisas a tempo devido. Por mais embaraçosas que fôsem, não haveriam de oferecer dificuldades permanentes a Quem realizara milagres tais como os que êle e André haviam visto com seus próprios olhos. Contudo, pouco de admirar seria se êles e os filhos de Zebedeu se mostrassem inclinados a pensar um pouco mais nas experiências que lhes haviam ocorrido, antes de abandonar para sempre uma vida folgada e se tornarem vagamundos e até mesmo réprobos por uma causa de que conheciam tão pouco. Pois se os fariseus e os adoradores comuns das sinagogas haviam tratado Jesus, como o fizeram em Nazaré, o que não fariam a Seus seguidores, que não possuíam nenhum de Seus dons, Seu encanto, Sua energia, Sua magnificência?

Não, Simão Pedro não estava triste por ver o Lago da Galiléia, como um espelho irregular sob a luz dum branco

azulado do sol meridiano. Leve brisa mordia-lhe a superfície, fazendo um lado parecer tão liso e escuro como aço polido, e o outro como uma tapeçaria de jóias coruscantes. Peixe não faltava ali e certamente pareceria bom pegar mais uma vez as rêdes alcatroadas e sentir sob as mãos o forte madeiramento do barco, estalando ao sôpro do vento.

Uma das primeiras coisas que ouviram, de volta a Cafarnaum, foi que o filho do Chefe, a quem Jesus consolara e mandara embora, fôra curado de sua grave doença no mesmo instante, como seu pai veio a saber ao chegar a casa no dia seguinte. Andava isso na bôca de tôda a gente.

VIII

TODOS os dias a certas horas, Simão Pedro, como seu pai antes dêle, costumava subir ao teto de sua casa na encosta para oferecer-se ao Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó e pedir seu auxílio nas perplexidades que o atormentavam recentemente. Ali no alto, de face ao céu ventoso, parecia sempre que Êle estivesse mais perto. Momentos houvera em que quase O vira surgindo dentre o Mar cintilante, ou descendo nas nuvens flamejantes da alvorada. Hoje olhava para Êle cá embaixo, na praça do mercado, pois ali, a plena vista, caminhava seu Unigênito, cercado e acompanhado por uma devota e curiosa multidão.

Fôra sempre assim, desde Sua volta de Jerusalem. Peregrinos tinham trazido notícias dos milagres que Êle operara ali e dos dramáticos acontecimentos do Templo e isto, acrescentado às notícias de Caná, haviam-no feito o objeto único de interêsse em Cafarnaum. Até mesmo Levi, o publicano, O observava por horas da porta da alfândega, por baixo de seus olhos cínicos e de pálpebras pesadas. O povo O acompanhava a semana inteira, para onde quer que fôsse e no sábado se aglomerava na Sinagoga, até nas portas e janelas. Mas não houve ali qualquer repetição, entre aquêles judeus cosmopolitas, do bárbaro incidente de Nazaré. Sòmente os fariseus se conservavam arredios das demonstrações e procuravam evidenciar que não estavam impressionados, mesmo quando alguns entusiastas apontavam para uma passagem em Isaías que parecia profetizar o aparecimento da luz messiânica na Galiléia, a despeito de todos os preconceitos dos escribas em Jerusalem:

“Terra de Zabulon e terra de Neftali, que confina com o mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios: o povo que jazia nas trevas viu uma grande luz: e a luz levantou-se para os que jaziam na região da sombra da morte” (1).

Era no próprio capítulo em que o Profeta havia prometido o nascimento de um menino que seria chamado “Admirável, Conselheiro, Deus Forte, Pai do século futuro, Príncipe da Paz”, e se sentaria no trono de Davi. Todos concor-

(1) *Isaías, IX, 1, 2, como está sumariizado em Mateus, IV, 15, 16.*

davam em que estas palavras se referiam ao Messias. Não que o povo de Cafarnaum, quer judeus, quer gregos ou romanos, desse muita importância aos Profetas. Tinham tendência em deixar-se dominar pela emoção, se não pelo histerismo, e se mostravam mais interessados em divertir-se com uma nova maravilha ou em recuperar a saúde, do que em antigas predições sobre o Reino de Deus. Os chefes dos fariseus não se mostravam absolutamente impressionados. E, bastante estranhamente, Simão Pedro e seus amigos pareciam ter-se ausentado daquelas demonstrações. Não se sabe se estavam seguindo alguma ordem do Senhor, ou se estavam tomando tempo para refletir, antes de uma decisão final. Seja como fôr, tinham voltado à sua antiga ocupação.

Pescar no Mar da Galiléia era uma vida exaustiva e perigosa. Os ventos caprichosos supriam a falta das marés e a água era bastante profunda para tragar milhares de barcos. Tudo quanto vem claro nos Evangelhos é que os filhos de Jonas e de Zebedeu pescavam com rêdes, que muitas vezes trabalhavam a noite inteira, que em algumas ocasiões enchiam ambos os barcos com um só arrasto e que os dois trabalhavam às vezes como um só grupo. Isto é bastante escasso, mas fornece os contornos simples de um quadro que pode ser completado por detalhes que conhecemos de tais pescarias em outras épocas e em outros lugares. A vida é conservadora em tais assuntos. A pescaria de rêde em Yarmouth, por exemplo, tem-se processado sem importantes mudanças desde cerca do ano 500 de nossa era e sem dúvida desde muitos séculos antes. Durante eras, na costa da Espanha, sumacas de pesca vêm trabalhando juntas, duas a duas, exatamente como faziam os barcos de Jonas e Zebedeu.

A pesca de rêde de arrasto é feita quase sempre à noite, quando o ar frio atrai os cardumes de arenques, cavalas ou sardinhas das profundezas onde se alapam durante o dia — e o mar da Galiléia tem em certos lugares a profundidade de duzentos pés — para a superfície semeada de estrêlas. Um barco em Yarmouth terá cerca de trinta toneladas, com dezessete pés de vau e setenta pés de profundidade de porão, aparelhado de velas, com uma forte carangueja maior para suportar o puxão de uma rêde, que pode reduzir a velocidade de oito nós por hora a um só. As sumacas de pesca do mar da Galiléia em nossos dias são muito menores e com velas latinas. Contudo, em certa ocasião o barco de Simão Pedro deve ter contido pelo menos vinte pessoas. Disto se infere que, desde o seu tempo, sua profissão deve ter par-

tilhado da geral decadência da vida palestina e que devemos tomar como paralelos os exemplos de Yarmouth ou Brixham, ou as sumacas da baía de Biscaia.

Depois de um bom sono matinal o velho Zebedeu escrutaria o céu da tarde e a superfície enrugada do Mar e se achasse que haveria boa pescaria naquela noite, êle e seus filhos, bem como Pedro e André, com seus respectivos ajudantes em número duas vêzes maior, partiriam logo antes do pôr do sol, para o lugar onde os dois barcos jaziam de quilha sôbre a areia amarelada. Era a hora em que o vento adormecia e as côres adotam tonalidades e variedades mais ricas, enquanto as sombras na água profunda se tornam tão claras que é quase impossível dizer qual a realidade: se as colinas, os rochedos, as nuvens lanosas e rosadas lá em cima, ou suas imagens cá em baixo. Por vêzes tinha-se a estranha impressão de que o mundo fôra revirado.

Se Simão Pedro usava uma rêde de braço, haveria de pegar o leme e pôr sua barca à frente do vento até que, à medida que fôsse ela entrando em águas mais fundas, a vela principal bojasse e arrastasse o cordame, como um bom cão de caça preso à trela. Depois, a um sinal de Zebedeu no outro barco, André dava a voz de comando para “atirar” a rêde que pendia dobrada lá embaixo e pronta, dura de alcatrão e de barras de carvalho, com que era embebida e aparelhada de vez em quando. Parte da tripulação puxava-a para cima e outros lançavam-na por cima da borda, enquanto ainda havia luz para verem o que estavam fazendo. À medida que a sirga era liberada, as trincas e cordas tinham de ser amarradas a distâncias certas. Tudo tinha de ser feito metódicamente e no momento preciso, do contrário a rêde se intrincaria e o trabalho da noite ficaria prejudicado.

Uma rêde de braço tem a forma duma bôlsa, maior perto da bôca, que a barra conserva aberta. A extremidade menor é lançada em primeiro lugar, depois é que se “atira” o resto e o todo pende do braço à medida que o barco avança lentamente para diante. A extremidade frontal da barra é então afrouxada da ponta da amurada. Quando está bem desembaraçada da cortiça e é apanhada pela água, afasta-se quase em ângulo reto da pôpa. Arreia-se então a outra extremidade, até que a barra inteira fique em nível com o mar. Solta-se mais vela. À medida que o barco conserva a marcha, as duas cordas amarradas às extremidades da barra são libertadas lentamente até às argolas que as prendem à sirga do arrasto. Depois a própria sirga é sôlta firmemente e

a rêde começa a mergulhar até o fundo. Arrastam-na em seguida umas cinco ou seis horas, prêsa perto da superfície por cortiças, mas raspando o chão onde a água é pouco profunda.

Puxá-la para cima de novo é outra tarefa para uma hora em bom tempo, e para três ou mais com mar crêspo. A sirga é puxada e enrolada embaixo. Enquanto a barra vira ao comprido, içam-na e amarram-na. Os marinheiros depois seguram a rêde juntos até que fique na água sòmente a bôlsa ou saco. Êste é içado por uma estralheira e estará cheio, sem dúvida, se êles tiverem tido sorte. Quando êle se emborca sôbre o tombadilho, a corda do arrasto é sôlta. Todo o conteúdo se derrama num grande e estremecido baque e a massa que se estorce e pula, espalha-se como prata azulada ao luar.

Com uma rêde de puxão, e esta deveria ser a preferida entre os pescadores da Palestina, o processo muda completamente. Quando tôda a rêde se acha dentro d'água, a tripulação arreja várias toesas de extra-sirga. Depois levam a sirga da pôpa para a proa e o timoneiro põe a ponta dela na direção do vento. As velas comuns são colhidas e o mastro grande abaixado para descansar da muleta da verga, deixando apenas uma mezena descaída em cima para conservar-lhe a ponta para o vento. Tanto o barco como a rêde flutuam agora com a corrente, sendo aquêle mantido a sotavento da rêde para conservar a possibilidade de puxá-la, de modo a ficar regularmente espichada. Se o vento enrija, mais sirga é liberada para diminuir a fôrça da tensão. Ê costume nas costas da Espanha utilizar dois barcos nesta espécie de pesca, cada um mantendo prêsa uma extremidade da rêde, que tem muitas vêzes uma centena ou mais de pés de comprimento. Depois suspendem-na para algum lugar ou a arrastam para a praia, a fim de esvaziá-la. Nas costas da Cornualha a rêde é lançada num grande semicírculo e as extremidades gradualmente reunidas. Os métodos diferem segundo tempo e lugar, mas o essencial tem provàvelmente permanecido.

Mesmo antes que os pescadores de Cafarnaum tivessem sua pesca levada à praia, deveriam fazer com rapidez e destreza a sua escolha, aos primeiros albores da manhã. Peixes inúteis ou prejudiciais, tais como tubarões pequenos, recebiam uma porretada na cabeça e eram lançados de novo ao mar. Os de "primeira", ou melhores e maiores, eram pendurados em cordas. Em seguida as "sobras" separavam-se de acôr-

do com o tamanho ou a qualidade e metiam-nas em vários balaios. Antes de estar bem alto o sol, deveriam achar-se todos a caminho dos mercados de Cafarnaum, ou das casas de defumação e secção. No trato com peixes, o tempo é essencial.

Foi na expectativa duma noite de esplêndido resultado que Simão Pedro e seu irmão trataram de sair com Zebedeu e seus dois filhos, uma tarde do quente verão do ano 27 de nossa era. Antes que o sol côr de rubi se houvesse ocultado por trás das colinas ocidentais, já estava flutuando o barco como uma nave de sonho entre o firmamento acima e o firmamento refletido n'água e, como a escuridão começasse a adensar-se, a rêde dura e rangente foi lançada por cima da borda. Já ia inchando atrás, quando Pedro fêz manobra para enfrentar o vento escasso.

A noite estava viva e bela, com estrêlas acima e abaixo e, como o orvalho começasse a cair em meio da escuridão, o derradeiro sôpro do calor tropical cedeu lugar a uma brisa fresca. Um pequeno trapo de vela mantinha o barco a reter a rêde, a proa apontada ainda para o vento, seguindo um curso paralelo ao do barco de Zebedeu.

Às vêzes, quando o vento caía, mal se podia ouvir o rumor da água açoitando o bojudo lado negro. Os homens dormitavam por turnos e André revezaria seu irmão na cana do leme. Assim navegavam por umas poucas horas, arrasando uma comprida rêde, ou, como naquela ocasião, segundo parece mais provável pelo contexto, cada qual com a sua.

Agora as estrêlas começavam a empalidecer e a bruxolear na calma mortuária que misteriosamente invade a derradeira hora da noite. Depois o vento que anuncia a madrugada começou a soprar e fracas estrias côr de cinza a listar o espêso negror do nascente. Chegara a hora do arrasto. Trocaram-se sinais com Zebedeu, os dois barcos viraram de bordo, fazendo um largo semicírculo em tôrno do outro e abicando para a praia. Outra áspera ordem em aramaico e as rêdes foram erguidas gotejantes fora d'água escura.

Ambas, porém, estavam vazias. Nem mesmo um caranguejo nelas se via enredado. Provavelmente Simão Pedro usou a linguagem que lhe subia com facilidade aos lábios em momentos de pesar ou de embaraço. Abicaram os barcos à praia, não longe de Cafarnaum e desembarcaram, arrastando consigo as rêdes inúteis. Espalhando-as na praia, começaram a limpá-las os homens cansados e resmungantes.

Limpar rêdes é uma parte longa e desagradável, mas essencial, do trabalho do pescador. Uma rêde custa caro e sua vida depende do cuidado que receber. Com intervalo de poucas semanas deve ser "revestida" de alcatrão, de gordura, de barras de carvalho e de ocre. Depois de cada viagem, qualquer fio partido deve ser emendado. Areia, algas, mariscos, sujeiras têm de ser cuidadosamente retirados. Depois lava-se tudo com água bem limpa e abre-se a rêde para secar na praia. Finalmente guardam-na enrolada sob o convés para a próxima viagem.

Achavam-se ainda Simão Pedro e seus companheiros na metade dessa tarefa e começava o sol a subir no céu matinal, quando ouviram um som insólito provindo da direção da cidade. Era aquêlo vago zumbido ou murmúrio que, à medida que se torna mais próximo, se reparte em notas ásperas de muitas vozes humanas, de certo mais do que poderiam ordinariamente ouvir-se perto de Cafarnaum naquela hora. Logo uma multidão formigou do alto da longa colina que se erguia na praia do lago e se encaminhou para êles, moendo a areia, gesticulando e gritando. Distinguiram então Jesus, caminhando em meio do povo, parecendo expor ou explicar alguma coisa àqueles que se apertavam em tórno e atrás d'Ele.

Era evidente que algo de insólito havia ocorrido. O Evangelho não diz o que foi. Talvez o Senhor houvesse salvo miraculosamente alguma pessoa importante das fauces da morte, a chamado de parentes consternados, na hora que antecede a madrugada, e, como as notícias se tinham espalhado de casa em casa pela cidade cedo despertada, o povo agradecido O havia seguido, alcançando-O quando seguia talvez para rezar em algum costumeiro e solitário lugar. O número de pessoas foi crescendo tão rapidamente que dava a impressão de que acabariam por empurrá-LO para dentro d'água, quando dela se aproximou.

Jesus correu calmamente o olhar em redor. Viu os rostos morenos e ávidos que se erguiam acima d'Ele em fileiras, esperando Suas palavras. Viu os dois barcos na água pouco profunda, com os bicos das proas na areia e os dois grupos de pescadores catando suas rêdes. Sem mais cerimônia trepou para a murada da barca de Simão Pedro e lhe pediu que se afastasse um pouco da terra.

Simão Pedro deu a ordem. Quando êle e dois ou três outros treparam rapidamente a bordo, a pesada embarcação

oscilou e lentamente se moveu, afastando-se da margem. Impeliram-na com uma vara umas poucas jardas distantes da praia e ali lançaram uma âncora na água tranqüila.

Jesus sentou-se na amurada e começou a dirigir-se à multidão. O que disse foi para o ouvido dela e não para os nossos, pois nenhum dos Evangelhos o relata e somente um, de fato, diz que Ele falou (2). Mas todos quantos tenham lido o Sermão da Montanha e outros discursos Seus podem bem imaginar o poderoso efeito de Suas palavras, não só sobre a multidão, mas sobre os abatidos e cansados pescadores.

Quando Ele terminou, disse a Simão Pedro:

— Sigam para a água mais funda e deem as rês para uma pesca.

Simão era um pescador e sabia que o peixe não corre em cardumes naquela hora e naquele lugar.

— Mestre, — começou êle, — trabalhamos a noite inteira e não apanhamos nada.

Algo no rosto de Jesus deve tê-lo detido.

— Contudo, de acôrdo com a Tua ordem — apressou-se em acrescentar, — deitarei as rês.

E deu as necessárias ordens.

A vela principal abriu-se e bojou; a proa do barco moveu-se em redor; a praia começou a distanciar-se na pôpa e mais uma vez os homens fatigados prosseguiram na rotina de “lançar” a rêde. Não está esclarecido se Zebedeu e seus filhos fizeram a mesma coisa, ou se ficaram a observar da praia. Mas todos sabem o que aconteceu a Simão Pedro naquela ocasião histórica: como sua rêde ficou sobrecarregada por um cardume de peixes que se rompeu, quando a içaram para bordo e como o barco ficou cheio, a ponto de quase afundar, levando-o a acenar freneticamente para Zebedeu e seus filhos, a fim de que fôssem recolher o resto da pescaria. Ambas as barcas ficaram repletas até as amuradas.

Simão deve ter ficado super-regozijado e de fato ficou, mas sua primeira emoção parece ter sido de terror. Deve-se atribuir isto a uma superstição existente entre os judeus, e por êle partilhada, de que pessoas santas, honradas por alguma manifestação especial da presença ou poder de Deus, não têm vida longa, como diziam os gregos: “morrem jovens aquêles a quem os deuses amam”. Pedro tinha um mêdo natural da morte, um forte senso de autopreservação. Talvez

(2) Lucas V, 1-11; cf. Mateus IV, 18-22 e Marcos I, 16-29.

isto explique porque tenha êle caído de joelhos no convés diante do Senhor e exclamado:

— Deixa-me, Senhor, porque sou um pecador!

Jesus apressou-se em tranqüilizá-lo.

— Não tenhas mêdo!

Estas palavras caíram como um maná sôbre a alma do pescador.

— Dagora em diante serás pescador de homens!

Ulterior hesitação da parte dos quatro pescadores (se de fato êles hesitaram) era agora claramente impossível. Amor e esperança se haviam fundido num momento em tal convicção que tão logo atracaram os botes, abandonaram-nos com as rêdes e a gigantesca pescaria, a Zebedeu e às duas tripulações e, mal pronunciando uma palavra de despedida ou lançando um olhar para trás, seguiram o Senhor ao longo da praia, de regresso a Cafarnaum. Pedro e André, Tiago e João tinham abandonado o mar para sempre. Assim pelo menos pensavam. O velho Zebedeu, mudo de espanto, viu-os desaparecerem na volta da colina.

IX

NUMA sexta-feira, à tardinha, contemplava Simão Pedro, pensativamente, do alto de sua casa, por cima dos telhados das outras, passando de terraço a terraço, as sombras e reflexos já a se misturarem sôbre a água. Viu então um vulto negro erguer-se acima da massa da sinagoga numa posição familiar, reconhecendo-o como o rabino-chefe que levava aos lábios a trombeta de chifre. Quando o vermelho disco do sol desapareceu por trás da colina ocidental, ouviu êle dois claros e precisos toques, cujos ecos sobrepostos vibraram de encontro aos templos e celeiros de Cafarnaum. Da mesma maneira haviam os filhos de Aarão convocado os israelitas ao silêncio e à prece no deserto. Os sons foram repetidos depois de curta pausa. Em seguida, uma terceira nota dupla estilhaçou mais uma vez a quietude e todos ficaram sabendo que o sábadô começara. O sacerdote apressou-se em largar o chifre de carneiro onde se achava, no receio de, pelo simples fato de pegá-lo, quebrar o Mandamento. Ouviu-se um rumor difuso por tôda a comunidade, à medida que os operários depunham seus instrumentos de trabalho e as donas de casa suas vassouras. Por tôda a parte, acima e abaixo do Mar da Galiléia, de uma cidade a outra, podiam ouvir-se as trombetas anunciando o dia de repouso: na próxima Betsaida, em Magdala, do outro lado da água, mesmo entre as negras casas de basalto dos pagãos, na bela Tiberiade, lá bem longe na praia.

Simão Pedro desceu a escada e encontrou sua sogra doente com febre.

Na manhã seguinte a velha não pôde levantar-se e comparecer à cerimônia na sinagoga. Pedro e André procuraram aliviá-la o melhor que puderam, deixando-a talvez ao cuidado de alguma mulher da vizinhança e se dirigiram em seguida à casa de oração. Todos os lugares estavam tomados e muitas pessoas se achavam de pé nas passagens laterais, pois espalhara-se a notícia de que Jesus de Nazaré iria pregar e o povo de Cafarnaum, diferentemente de seus concidadãos, ouvia-O com todo o respeito, “estupefatos diante de Seus ensinamentos”. Foram recompensados por um espetáculo ter-

rível e empolgante. Era o primeiro exorcismo que Simão Pedro e seus companheiros O viam praticar.

A possessão diabólica era abertamente comum na Palestina, como hoje em dia na China e outros países pagãos de missão, onde a influência do cristianismo tem sido relativamente diminuta. Houve alguns exemplos notáveis nos Estados Unidos, durante uns poucos anos passados, embora a maior parte de nossas vítimas tenham sido provavelmente trancadas em asilos e dadas pela “ciência” como loucos incuráveis. Era diferente na Judéia. Todos conheciam pobres desgraçados que erravam pelos túmulos e rochedos, gritando, atormentados, pela noite afora, caindo de bruços, rasgando-se e espumando. E aconteceu que naquele mesmo sábado um homem possesso dum espírito imundo abriu caminho para um dos bancos onde as pessoas mais respeitáveis de Cafarnaum estavam a ouvir maravilhadas a voz vibrante de Jesus Cristo. O demônio sentia-se completamente constrangido naquela Presença, até que achando intoleráveis as palavras de certeza e de esperança, berrou pela bôca espumosa e contraída do homem que caíra em convulsões no chão:

— Que tens Tu que ver conosco, ó Jesus Nazareno? Vieste para nós perder? Sei quem és, o Santo de Deus!

— Cala-te! — disse Jesus, — e sai dêsse homem.

Com uma convulsão final de raiva, o espírito imundo abandonou aquêlo corpo devastado. Jazia êle como um cepo onde havia caído, entre as colunas coríntias.

O efeito foi tremendo. “Que é isto?”, diziam uns aos outros. “Que nova doutrina é esta? Porque êle manda com autoridade até aos espíritos imundos, e obedecem-lhe” (1).

Desde aquela hora sentiu-se Simão Pedro como uma pessoa de destaque na comunidade, pois terminada a cerimônia na sinagoga, o Senhor acompanhou-o à sua casa e lá, encontrando-lhe a sogra ainda de cama e bastante mal, tomou-a pela mão e levantou-a, como se fôra ela uma criança. E para espanto dela própria e de todos quantos se achavam na casa, sentiu-se a velha inteiramente sã no mesmo instante, sem sinal algum de febre. Tôda alegre andava, pela casa preparando alguma comida e bebida para seu genro e seu Hóspede.

Isto, logo em seguida ao exorcismo, suscitou tanto entusiasmo em tôda Cafarnaum que o povo mal pôde esperar pelo pôr do sol do sábado. Logo que caiu a noite, correu

(1) *Marcos*, I, 23-28; *Lucas* IV, 33-37.

em multidão para a casa de Simão Pedro, o pescador, exibindo suas próprias enfermidades ou carregando pessoas doentes em liteiras ou colchões. Assim que Jesus pousava sobre eles Suas belas mãos, um após outro se levantava forte e sadio. Gritos de surpresa e explosões de riso ecoavam pelo pátio frio e contra as paredes de pedra. Aleijados largavam no jardim suas muletas, ao caminharem curados. Demônios, libertados de seu cruel mal, seguiam para casa louvando seu benfeitor.

A casa de Simão Pedro tornara-se súbitamente uma espécie de instituição pública, algo como uma clínica e um sacrário. De fato, parece que o próprio Jesus fixou Sua residência ali, talvez para ficar mais acessível àqueles que constantemente a Ele recorriam. Simão Pedro rejubilava-se por ver o povo amontoar-se no pátio, dia após dia, ou formigar sob o corredor coberto e empoleirar-se na escada exterior. Agora tinha a certeza de que o mundo inteiro em breve aceitaria o Senhor Jesus como o Messias. E por vezes, de noite, jazeria desperto, congratulando-se pela distinção que lhe sobreviera e à sua casa.

Uma manhã, bem antes do romper da aurora, ouviu êle o Senhor levantar-se e sair de mansinho para a escuridão. Pedro ergueu-se depressa e acompanhou-O. Chamou André e um ou dois dos outros, que, ao que parece, estavam dormindo ali perto e todos seguiram atrás de Jesus, à luz das estrélas que se apagavam, até fora da cidade, até que O encontraram num lugar deserto. E ali deram com Êle a rezar. O Evangelho não acrescenta se Êle permanecia de pé, com as mãos estendidas, como os judeus geralmente faziam, ou se Se prostrara no chão, como em outra ocasião. Tão logo os percebeu, tentaram êles fazê-LO voltar para Cafarnaum, dizendo: "Todos Te procuram!" Vozes de desapontados suplicantes matinais provinham já, talvez, da direção da casa de Pedro. Disse, porém, Jesus:

— Vamos para as aldeias e cidades vizinhas, a fim de que eu também lá pregue, pois para isso é que vim (2).

E sem mais preparação do que esta, conduziu-os através dos morros. Caminharam por alguns dias, através da Galiléia, parando na sinagoga de cada lugar, enquanto o Senhor pregava, curava e expulsava demônios. Certa vez encontrou Êle alguns fariseus que Lhe perguntaram por que Seus discípulos colhiam milho nos campos à beira da estrada no sábado

(2) *Marcos I, 35-39.*

e Ele lhes respondeu que era o Senhor do próprio sábado. Em certo lugar, viram, erguendo-se à sua frente, uma horrível figura tôda esfarrapada, como um espantalho. Simão Pedro sabia o que denotava aquela brancura da carne apodrecida. Provavelmente sentiu vontade de sair a correr, quando o desgraçado caiu de joelhos, gemendo:

— Se queres, podes limpar-me.

Jesus, “compadecido dêle, estendeu a mão, e tocando-o, disse-lhe: “Quero. Sê limpo!” (3). E pela primeira vez Simão Pedro viu a face ulcerada de um leproso retomar a côr e a textura da saúde.

O homem saiu correndo, e, sem atender às ordens de seu Benfeitor, foi espalhar a notícia de sua cura. Depois disto, tamanhas eram as multidões nas cidades, que Jesus não mais pôde nelas penetrar, vendo-se obrigado a pregar do lado de fora. Contudo o povo O descobria, mesmo em lugares desertos e quase inacessíveis.

Quando voltaram a Cafarnaum depois de vários dias, a maneira pela qual O acolheram foi quase histérica. A casa de Simão Pedro vivia apinhada noite e dia de suplicantes. O palco estava armado para o famoso episódio que trouxe à tona o latente ressentimento dos fariseus e definiu mais claramente o litígio entre êles e o Messias. Numa tarde quente a multidão era tão densa que “não cabia mais ninguém nem ainda diante da porta, e Ele pregava-lhes a palavra. E foram ter com êle, conduzindo um paralítico que era transportado por quatro. E como não pudessem apresentar-Lho por causa da multidão, descobriram o teto da parte em que estava: e tendo feito uma abertura, arriaram o leito, em que jazia o paralítico” (4).

Tendo carregado sua carga até o alto da escada exterior, os quatro homens haviam afastado algumas das telhas vermelhas de cima do corredor coberto e descido a liteira até junto dos pés do Senhor, que estava a falar à multidão aglomerada. Mas isto iria ser mais do que uma cura comum. Quando Jesus correu a vista pelas fileiras de ávidos rostos crentes, viu alguns escribas de Jerusalém com certos fariseus locais, misturados a um canto, como negras aves de prêsa, vigiando e cochichando, e leu em seus corações. Então e ali mesmo decidiu usar daquele incidente como outro apêlo às classes dirigentes de Israel, para que dedicassem a Ele a fé e o amor

(3) Marcos I, 40-45.

(4) Marcos, II, 2-4.

devidos Aquele que viera para manter a promessa feita a seu antepassado Abraão: "E na tua descendência serão benditas tôdas as nações da terra" (5). Em vez de reparar na doença do homem que estava a Seus pés, abalou a todos, dizendo:

— Filho, sê bom, são-te perdoados os teus pecados!

O silêncio deve ter sido estarrecente, pois o desafio nas palavras fortuitas era indisfarçável. Sòmente Deus podia perdoar pecados e um Homem que assim se arrogasse êsse direito por Sua própria autoridade devia ser um Deus ou um blasfemo. Os fariseus sabiam que Êle lhes estava dizendo, efetivamente, que era Deus. Não quiseram crê-lo. "Como fala assim êste homem? — pensavam êles. — Êle blasfema!"

Jesus olhou-os com paciência.

— Por que pensais isso nos vossos corações? — perguntou. — O que é mais fácil dizer ao paralítico: "Os teus pecados te são perdoados", ou dizer: "Levanta-te, toma o teu leito e anda"? Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem na terra poder de perdoar pecados, — e aqui baixou de novo a vista para o paralítico e disse em tom peremptório — Eu te digo: levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.

As pernas amortecidas estremeceram como se a vida começasse a correr por elas. Alegria e temor lutavam no rosto do homem. Curvou seus joelhos de há muito inúteis, fê-los moverem-se e desajeitadamente se ergueu. Sim, era verdade. Podia mover todos os músculos e juntas. Dobrando-se de novo, levantou a liteira e encaminhou-se para a porta (6).

É fato estranho, mas plenamente relatado, que, enquanto a maior parte dos espectadores estava maravilhada, glorificando a Deus e exclamando: "Nunca tal vimos!", os emissários dos Sumos Sacerdotes e os fariseus se retiravam, tão incrédulos como tinham vindo, e mais amargurados, tendo sido censurados tão esmagadoramente em público. Sem dúvida, relataram o milagre em Jerusalém, de acôrdo com sua própria interpretação .

Jesus, por Sua parte, não descansou sôbre essa vitória. Queria o amor de todos os homens, em troca do Seu próprio, mas antes de tudo queria o amor da Casa de Israel. Não tencionava aceitar outra coisa menos do que a crença e o culto que Lhe cabiam como o Filho de Deus. Para extraí-los daqueles duros corações, teria de rasgar caminho através de encrustadas camadas de orgulho, nacionalismo, rigidez, com-

(5) Gen. XXII, 18.

(6) Marcos II, 1-12.

placência, e entrincheirado prestígio e riqueza. E somente poucos dias depois da cura do paralítico, Simão Pedro O viu prosseguir em tirar proveito de Sua vantagem, agindo de modo a enfurecer Seus inimigos fora de toda a conta, chegando a amedrontar mesmo Seus amigos.

Caminhava com os discípulos ao longo da praia, acompanhado pela habitual multidão de admiradores e curiosos, quando viu, a contemplá-Lo da porta da alfândega de César, os olhos sombrios e prudentes de Levi, o publicano. Jesus parou e encarou-o diretamente. Denunciá-lo-ia? Invocaria o fogo do céu para destruir o traidor de seu povo? Era uma oportunidade de ouro, do ponto de vista dos fariseus e mesmo para alguns dos Seus.

Para a melhor gente de Cafarnaum, e para os fariseus acima de tudo, um publicano, por definição, era quase indigno de respirar. Tinha autoridade de César para deter as pessoas no caminho, descarregar a carga de seus animais, abrir os alforjes e até mesmo as cartas que levassem nos bolsos. Só se mostrava complacente para com aqueles de quem podia esperar favores e gorjetas. Enquanto cobrava os impostos para César, era-lhe dada considerável latitude para enriquecer-se às custas dos cidadãos que já gemiam ao péso de uma taxa "ad valorem" de dois e meio a cinco por cento sobre as mercadorias em geral, e doze e meio por cento sobre objetos de luxo, para não falar das taxas de importação e exportação, da peagem de pontes e estradas e dos impostos portuários.

Era bastante mau para um homem ser um *Gabbai*, ou coletor comum, que cobrava o imposto de produção (dez por cento sobre todo cereal e vinte por cento sobre todo vinho ou fruta), ou o impôsto de renda de um por cento, ou o impôsto de pessoa exigido de todos os homens de 14 a 65 anos e de todas as mulheres de 12 a 65. Pior, porém, era ser um *Mokles*, ou funcionário da alfândega, pois as exações de tais funcionários eram muito mais gravosas. O arrependimento para um *Mokles*, diziam os rabinos, era quase impossível. E ser um *Mokles pequeno* — que tomava assento na alfândega para rapinar os seus irmãos judeus — significava conquistar a execração de todos os homens de bem e um voto de extinção dos fanáticos.

Ora, Levi de Cafarnaum não era somente um publicano, mas um pequeno *Mokles*, que se sentava na encruzilhada mais trafegada das docas e da praça do mercado, onde podia fixar um olho de pedra em cada embarcação que entrasse ou

saiße, e em cada pessoa que passasse. Vira que farte naquelas poucas semanas passadas as atividades do Profeta de Nazaré e sem dúvida ouvira muitas de suas ressonantes palavras trazidas pelo vento da baía ou de uma das ruas vizinhas. E agora, num momento para êle cheio de dor eterna ou de alegria, via aquêlê Homem parar e sentia a plena fôrça de Seu admirável olhar.

— Segue-me! — disse Jesus. E foi tudo quanto disse.

Levi ergueu-se como um homem que desperta dum sono perturbado. Ali no balcão de cobrança deixou seu ouro, sua prata e suas moedas de cobre, que estivera a empilhar o dia inteiro, moedas de tôdas as nações, algumas delas com a efígie de César gravada, outras proclamando que Herodes era Rei dos Judeus e amigo dos romanos. Por fim vira algo de melhor do que ouro ou Herodias, ou do que todos os deuses de mármore de Tiberíade. E como Jesus de Nazaré se voltasse e seguisse pela rua principal, o cobrador de impostos seguiu atrás d'êle, num pequeno grupo de homens um tanto andrajosos que talvez tivesse visto nas ruas ou trabalhando nas docas. Possivelmente achou-se ao lado de Simão Pedro, que naquele momento talvez se tivesse sentido um tanto constrangido, com os olhos de todos os seus concidadãos fitos em sua pessoa. Levi não se incomodou absolutamente com isso. Não era mais Levi, mas o homem que conhecemos como São Mateus, o evangelista.

Foram enormes as repercussões dêsse acontecimento. É difícil responder se êsse publicano, como Zaqueu de Jericó, restituiu o excesso a alguém a quem haja cobrado demais, ou distribuiu generosamente seu dinheiro com os pobres. O que fêz foi outra coisa muito humana. Ofereceu suntuoso jantar ao Senhor e a seus novos companheiros. E pelo fato de não ser Levi, quaisquer que fôssem seus outros defeitos, um pretensioso, saiu pela cidade a convidar todos os seus antigos amigos, sem levar em conta sua condição social ou moral. O resultado foi sem dúvida um tanto grotesco. Entre os convidados havia outros publicanos de alto e baixo grau e uns poucos pecadores notórios, da espécie dêsses com os quais nenhum cidadão respeitável de Cafarnaum se juntava e nenhum fariseu tocava sequer com a fímbria de seu vestido.

Que pensaria de tudo isto o Hóspede de honra? Aceitar o Messias tal convite era mostrar-se estranho a todos os preconceitos judaicos. E sabendo disto, um impostor de alguma inteligência, ou quem fizesse um relato fictício disto, agiria de acôrdo. Mas Jesus seguiu tranqüilamente para a casa de Seu

recém-convertido, provavelmente com vários discípulos e comeu e bebeu em companhia dos outros convidados.

Os escribas e fariseus ficaram furiosos. Alguns dêles estavam no jantar, quer como convidados, quer como espectadores, pois na Galiléia não era coisa fora do comum pararem e olharem para dentro os que fora passavam. E viram êles tôda aquela escandalosa cena. Não se atreveram a censurar diretamente o Senhor. Em vez disso, chamaram à parte Pedro e seus companheiros e disseram:

— Por que come e bebe o vosso Mestre com os publicanos e os pecadores?

O próprio Pedro havia por vêzes pensado justamente nisto. Não poderia ter-se sentido muito satisfeito jantando com gente desclassificada, à vista de todos os seus vizinhos e amigos, e o pensamento de que deveria receber agora Levi em sua própria casa dificilmente poderia causar-lhe prazer. Mas antes que pudesse pensar na resposta que daria, o próprio Senhor disse, por cima da cabeça de todos os que se banquetavam, de modo que todos pudessem ouvir:

— Os sãos não têm necessidade de médico, mas os enfermos. Porque eu não vim chamar os justos, mas os pecadores.

Os fariseus se retiraram inconvidados. Em breve se tornou evidente que estavam tentando utilizar-se dos discípulos de João Batista para incitá-los a queixarem-se dos de Jesus, que não cumpriam com o devido rigor os jejuns rabínicos. Observou Jesus, em resposta, que os companheiros do espôso teriam tempo de jejuar, depois que êste dêles se despedisse (7).

(7) *Mateus IX, 9-15; Marcos II, 13-20; Lucas V, 27-35.*

O CONFLITO tornou-se evidente quando Simão Pedro acompanhou o Senhor à Cidade Santa pela segunda vez. O Evangelho nada diz dessa viagem senão que “houve uma festa dos judeus e Jesus subiu a Jerusalém” (1). Contudo não deixa dúvida a respeito da razão por que êle foi e do que fêz. Começou por curar um homem, na piscina do anjo, junto à Porta dos Carneiros, de uma paralisia de que estava atacado havia trinta e oito anos. Era num sábado e os escribas e os fariseus não perderam tempo em lembrar-Lhe o fato.

— Meu Pai opera até hoje — replicou Jesus — e eu opero também.

A tranqüila dedução feriu-os tão fortemente que os judeus “procuravam com maior ardor matá-Lo, porque não somente violava o sábado, mas também dizia que Deus era Seu Pai, fazendo-se igual a Deus” (2).

As palavras ainda mais vigorosas com que Êle replicou à sua descrença assassina chocou-os tanto quanto ainda hoje chocam aquêles que delas mais necessitam. Tinham êles toda a razão de saber, pelos seus milagres, que Êle vinha da parte de Deus, e portanto devia ser acreditado quando dizia que era o Filho de Deus. Como guardas e intérpretes das Escrituras, não tinham desculpa para não compreender as profecias a respeito de Sua vinda. Contudo, mesmo ainda quando O olhavam ferozmente, amava Êle aquelas obstinadas criaturas Suas. Amava-as bastante para ter a frieza de um cirurgião para com o orgulho e a hipocrisia que os impediam de ver ou de reconhecer Quem Êle era. E as palavras que em seguida lhes dirigiu, embora misericordiosas e súplicas, eram também francas e vigorosas:

— O que não honra o Filho, não honra o Pai, que o enviou. Em verdade, em verdade, vos digo que quem ouve a Minha Palavra e crê nAquele que me enviou, tem a vida eterna...

“Em verdade, em verdade vos digo que vem a hora e agora é, em que os mortos ouvirão a voz do Filho de Deus, e os

(1) João V, 1. (2) João, V, 18.

que a ouvirem, viverão. Porque assim como o Pai tem a vida em Si Mesmo, assim deu ao Filho ter vida em Si Mesmo: e deu-lhe o poder de julgar, porque é Filho do Homem. Não vos admireis disso, porque virá tempo em que todos os que tiverem feito obras boas, sairão para a ressurreição da vida, mas os que tiverem feito obras más, sairão ressuscitados para a condenação...

“Eu tenho um testemunho maior do que o de João. Porque as obras que Meu Pai me deu que cumprisse, estas mesmas que Eu faço, dão testemunho de mim, de que o Pai Me enviou.

“E o Pai que Me enviou Esse Mesmo deu testemunho de Mim. Vós nunca ouvistes a Sua voz, nem vistes a Sua face. E não tendes permanente em vós a Sua palavra, porque não credes NO que Ele enviou.

“Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna; e elas são as que dão testemunho de Mim: e não quereis vir a Mim, para terdes vida.

“Eu não recebo a glória dos homens. Mas conheço-vos, sei que não tendes em vós o amor de Deus. Eu vim em nome de Meu Pai, e vós não me recebeis: se vier outro em seu próprio nome, recebê-lo-eis. Como podeis crer, vós que recebeis a glória uns dos outros, e não buscais a glória que só de Deus vem? Não julgais que sou Eu que vos hei de acusar diante de Meu Pai. Moisés, em que vós confiais, é que vos acusa. Porque se vós crêsseis em Moisés, certamente crerieis também em Mim: porque ele escreveu de mim. Porém se vós não dais crédito aos seus escritos, como dareis crédito às Minhas palavras?” (3).

Todos quantos ouviram estas viris, porém desapaixonadas expressões, sabiam com exatidão o que Ele queria dizer. Ninguém ali era bastante ignorante ou depravado para pretender que fôsse Ele um professor bondoso, sem prática e itinerante, um suave moralista e um amante da natureza, um poeta rústico e um filósofo a ser mencionado juntamente com Sócrates, Buda ou Lao-Tsé. Aí estava um magnífico Ser humano, um Homem de pouco mais de trinta anos, proclamando-Se onipotente, onisciente, autor da própria vida, único juiz dos vivos e dos mortos. Ou era Deus, como dizia, ou devia ser despedido como um lunático ou um impostor.

Contudo era impossível para qualquer cérebro sadio e justo encarar Jesus de Nazaré como um louco. Suas palavras

(3) João V, 19-47. A referência é ao Deuteronomio XVIII, 15, 18.

eram lúcidas, majestosas, cheias de verdade, de sabedoria, de magnanimidade. Comoviam homens tão sábios como Nicodemos, e inspiravam irresistivelmente à ação grandes multidões. Tudo quanto fazia ou dizia tinha a qualidade da suprema grandeza. Isto apresentava um dilema a Seus inimigos: homens de valor e sadios comumente não afirmam que são Deus. Quanto maior um homem, menos provável se torna que se vanglorie de dons e poderes incomuns. A única exceção possível seria um homem que realmente fôsse o Deus encarnado.

Mais fácil não era provar que fôsse Ele um impostor. Os charlatães estão sempre à procura de alguma coisa para si mesmos e um observador sagaz não precisa de muito tempo para discernir o que seja. Pode ser dinheiro, poder, mulheres, a satisfação de mera vaidade; mas não pode ficar oculto por muito tempo. Os impostores são também inclinados a fazer alianças, embora secretas, com pessoas poderosas que possam ajudá-los a conseguir seus fins; são facilmente comprados. Contudo aquêlê Homem parecia sair do Seu caminho para ofender todos os potentados que pudessem, por suas boas razões próprias e vantagem mundana pessoal, fazer causa comum com Ele. Suas necessidades eram as do mais humilde dos pobres. Repudiava a lisonja e a devoção puramente exterior. Nenhuma outra coisa pedia senão fé. Até mesmo Seus mais acérrimos inimigos reconheciam Sua bondade.

Porque os líderes responsáveis de Israel punham de lado a evidência, recusando-se mesmo a ponderá-la seriamente? Isto deve ter criado não pequena dificuldade para Pedro, que desde a infância fôra ensinado a reverenciá-los. Naturalmente aceitou a explicação do Senhor de que os dirigentes do Templo não acreditavam nEle porque realmente não acreditavam em Deus Pai e no Seu profeta Moisés, cujos nomes estavam sempre em seus lábios. Na verdade então, se não professadamente, eram ateus. Mas como podiam homens com tais vantagens ter caído em semelhante abismo de escuridão espiritual?

Simão Pedro provavelmente nunca encontrou resposta completa a esta pergunta, pois ela levava de volta àquele mistério chamado o problema do mal. Mas pode ser que durante esta segunda visita missionária a Jerusalém tivesse êle aprendido bastante a respeito do íntimo dos inimigos de seu Mestre, para torná-la viável, senão compreensível. Seu curioso irmão André não seria lento em fazer perguntas e pôr a

claro que dois e dois são quatro. João, o filho de Zebedeu, que tinha percepções de um poeta e filósofo, era aparentado com algumas das famílias mais influentes da cidade, bem relacionadas com os Sumos Sacerdotes (4). Judas Iscariotes era um judeu e a espécie de homem que não cochila em colhêr informações a respeito de tudo referente ao mundo prático. De uma fonte ou de outra, começou Simão Pedro a extrair uma idéia mais clara do que motivava a pequena pirâmide burocrática que se estendia desde os dirigentes do Templo, através das fileiras de dois poderosos grupos, os fariseus e os saduceus.

Os fariseus foram originariamente os *Chasidim* ou homens piedosos que seguiram Esdras na destruição das influências pagãs e idólatras, depois do exílio em Babilônia. Apoiaram os Macabeus na restauração do Reino de Israel depois de quinhentos anos e na expulsão dos falsos deuses do Templo, naquela gloriosa Festa de Luz, de vinte e cinco de dezembro de 164, A. C. Conquistaram a veneração do povo judeu, derramando livremente seu sangue durante a perseguição de Antíoco. Foi então que se tornaram conhecidos como fariseus, "os postos à parte". A guerra dos Macabeus tornou-lhes mesmo maior a influência. E embora sua querela com a casa dos Asmodeus (os Macabeus) houvesse provocado a ocupação romana, tornaram-se êles tão poderosos que se achavam agora virtualmente identificados com o judaísmo oficial e com a reconhecida autoridade docente de Israel. Bastante bem tinham êles igualmente feito. Tiveram razão em insistir na observância estricta da Lei pelo povo judeu e em conservar-se afastados dos idólatras e de outras influências degradantes. A presença em suas fileiras de homens tão devotos e sinceros como Hillel, Gamaliel, Nicodemos e Saulo de Tarso, ainda lembrava a Israel as nobres tradições farisaicas de tempos anteriores.

Por algumas décadas tornara-se aparente, porém, que um fermento maléfico estava em ação, corrompendo a levedura daquela piedosa comunidade. Não era acidental talvez que estivessem tão aferrados às paixões da guerra e da dissensão. A tentação característica dos bons, dos grandes e dos gloriosos é sempre a primazia do orgulho. No instante mesmo em que aquêles heróis estavam tomando em suas mãos o futuro do povo judeu (e em grande extensão, de todos os homens), começavam a desviar seu olhar da visão do Senhor Deus e

(4) João XVIII, 15.

de Suas perfeições infinitas para a contemplação de si mesmos. Isto é uma espécie de idolatria e como tôda idolatria isola o pecador da suprema Realidade espiritual, assim perderam os fariseus o dom da fé. A fé, a certeza da verdade não vista, era a essência da antiga religião de Abel e de Noé. Fé no invisível Deus Onipotente, fé na Sua promessa de tornar benditas tôdas as nações no Messias, a Semente de Abraão — fôra a fôrça do próprio Abraão, de Jacó, de José, de Moisés, de todos os poderosos profetas, juizes, reis, e mártires do Povo Eleito. O nome de Deus, é certo, estava ainda constantemente nos lábios dos fariseus. Mas Ele não se achava mais em seus corações. Até mesmo um homem tão bom como Nicodemos tinha sofrido por causa da obtusidade espiritual dêles. Daí a pergunta que Jesus lhe havia feito: "Sois um mestre em Israel e não conheceis estas coisas?"

Tendo perdido o precioso núcleo da crença sobrenatural, haviam-se tornado materialistas, mas aferrando-se à casca exterior dela, haviam incorrido no pecado adicional de um formalismo hipócrita e vazio. Tendo perdido a fé, negligenciavam as importantes "boas obras" e davam maior importância às menores, especialmente às obrigações externas e ostentosas tais como o jejum, os banhos rituais, a repulsa às pessoas e lugares "impuros" e assim por diante, até o fanatismo. Gradualmente reduziram tudo isto a um sistema determinístico em que Deus, sendo para êles apenas um nome, assemelhava-se a um mero guarda livros ou contabilista, obrigado a dar a cada pessoa sua recompensa às suas obras em proporção estritamente matemática. "O famoso fariseu do Evangelho não pedia favores a Deus. Preparava a fôlha de balanço de suas próprias ações" (5). É mais chocante comer sem lavar as mãos, ou curar no sábado, do que mentir ou oprimir o pobre. As cerimônias que significavam sômente que o Messias estava para vir, obliteravam uma verdadeira compreensão de Quem e do Que deveria Ele ser. Comentários sôbre a Torah e os Profetas eram estudados com negligência dos próprios Livros Sagrados e dos mandamentos divinos que êles continham.

Dessa forma conduziram os fariseus larga parte do povo judeu a um esquecimento da missão para a qual tinha sido êle escolhido. Não deviam os judeus observar simplesmente a Lei, mas pelo bom exemplo preparar tôdas as nações para a vinda do Cristo. "Eis que eu te restabeleci para luz das

(5) Giordani, S. Paulo, Apóstolo e Mártir, Nova York (Macmillan) 1946.

gentes, a fim de sêres a salvação que eu envio até a última extremidade da terra" (6). Jonas foi punido por Deus por se ter recusado a exercer êsse apostolado a respeito dos ninivitas (7). A mesma negligência para com sua alta vocação explica porque tantos judeus se mostravam cegos à sua culminação com o aparecimento de Cristo. A principal culpa disto, como suas palavras indicam, cabia aos fariseus. Em vez de difundir a luz que lhes fôra dada, ocultavam-na nos próprios peitos, desprezando as nações a que deveriam ensinar e erguendo em redor de si mesmos e de grande número de seus companheiros judeus o gueto espiritual do racismo e do falso nacionalismo. Foi a respeito dêles que Ezequiel profetizara: "Ai dos pastôres de Israel que se apascentam a si próprios! Porventura não são os rebanhos os que devem ser apascentados pelos pastôres?... Os meus rebanhos erraram por todos os montes e por todos os outeiros elevados; os meus rebanhos dispersaram-se por tôda a face da terra, e sem haver ninguém que os buscasse; sem haver ninguém, digo, que os buscasse... Por isso, ó pastôres, ouvi a palavra do Senhor... Eis que eu mesmo vou pedir contas a êsses pastôres do meu rebanho" (8).

Tendo tal culpa a ocultar — e era tal que quando plenamente fomentada, nem dezenove séculos de exílio e de miséria seriam bastantes para expiá-las sem arrependimento — tinham-se tornado os fariseus, antes do Advento de Cristo, uma sociedade secreta (fraternidade ou *Chebher*), de cêrca de seis mil membros, espalhados pela Palestina, especialmente nas províncias. Eram admitidos os membros com uma cerimônia formal de iniciação e colocados em quatro graus "marcando uma escala ascendente de pureza levítica ou separação de tudo quanto era profano" (9).

O segrêdo e a dispersão proporcionavam-lhes uma influência bem além da proporção do seu número. E a atitude do Messias para com êles não deixa dúvida de que era um poder pernicioso. Não é necessário supor que tenham sido inoculados pelo veneno gerado nos mistérios órficos e eleusinos, como seus antepassados tinham sido pelos contágios de Bel-fegor e Baal. O que tinham feito era reduzir o judaísmo, em suas fileiras, a uma espécie de culto de si mesmos, sob o pre-

(6) *Isaias XLIX, 6.*

(7) *4 Reis XIV, 25.* Ver também S. Gregório Magno, *Mor., Job V, 12-13* e S. Bernardo, *Sermão 14.*

(8) *Ezequiel XXXIV, 2, 7, 10.*

(9) *Edersheim, op. cit., I, p. 311 et seq.*

texto de exaltar o povo judeu. Mas isto é o começo de ateísmo. Oculto dentro de tão coletivo culto de si mesmo na Cidade do Homem está o primitivo tentador que disse: “Comendo fruto desta árvore e sereis como deuses”. O humanitarismo, pai da heresia e do socialismo, não passa muitas vezes de satanismo disfarçado.

Por trás desses hebreus puritanos estavam os saduceus. Poucos em número e fortes, principalmente em Jerusalém, não tinham uma organização tão definida, mas eram antes uma classe de filósofos céticos que haviam reagido, sob a influência da especulação grega, contra a falsa rigidez e exclusivismo. Eram racionalistas que negavam a ressurreição dos mortos e a imortalidade da alma. Contudo defendiam o antigo dogma do livre arbítrio contra o determinismo dos fariseus e a este respeito e outros similares, os dois grupos tinham discussões públicas, longas e amargas. Os extremos têm, porém, um meio de encontrarem-se e sendo ambos essencialmente materialistas, secularistas, pragmatistas, transigentes, filhos deste mundo, conseguiam os dois grupos trabalhar em estreita harmonia quando estavam em jogo os interesses comuns. Assim os saduceus, quando em função, conformavam-se exteriormente com os dogmas e ritos dos fariseus. E nas questões políticas e econômicas, ambos os partidos eram guiados e dominados por uma pequena oligarquia que era também uma plutocracia.

Através de seu controle sobre o Alto Clero (que deviam não a Israel mas aos romanos), umas poucas famílias ricas ligadas entre si dominavam toda a vida judaica e cobravam tributo de quase todos os judeus do mundo. Recebiam uma porcentagem de cada transação dos cambistas do Templo. E esses financistas não somente cobravam seus dez a doze por cento, para trocar as moedas de todas as nações pelos siclos do santuário, mas tributavam judeus de fora em moeda corrente para pagar despesas, enquanto se achavam em Jerusalém. Recebiam comissões pelas dádivas enviadas ao Templo por generosos israelitas de Alexandria ou Antioquia. Provavelmente, além disso dirigiam várias outras empresas de agiotagem.

Finalmente, os Sumos Sacerdotes e seus parentes eram os proprietários secretos dos bazar chamados o Mercado do Templo, provavelmente no Patio dos Gentios. Era ali que as pessoas usualmente compravam animais para o sacrifício, pagavam comida e bebida oferecidas a preços fixados mensalmente por tarifas e cheques ou moedas com que procu-

rar-se o cumprimento do sacrifício e dar uma gorjeta ao comissário ou *mumchen* ("pessoa aprovada") que inspecionava e certificava os animais ou aves. Cada transação aumentava a riqueza da maioria corrupta e luxuriosa. É a êles, e não ao povo judeu como tal, que os quatro evangelistas geralmente se referem, quando tratam dos "judeus".

O chefe daquele clã parasítico, daquele judaísmo oficial e totalitário, era Ananos, filho de Set, mais conhecido por nós pelo nome de Anás. Esse velho saduceu era aquêles mesmo a quem Simão Pedro vira, na sua primeira visita a Jerusalém, na idade de doze anos, trajado de violeta e de púrpura e dum escarlate retinto, com a mitra de Aarão na cabeça e a placa de ouro na testa. Comprara de Quirino o Sumo Sacerdócio e o encarara desde o comêço como uma oportunidade financeira. Frio, astuto, ousado, fértil em recursos, implacável, tinha conseguido, em sete anos, edificar a burocracia que agora controlava tanto os negócios civis como os eclesiásticos. Ele e seus filhos, com as famílias a êles aliadas pelo casamento ou pelo interêsse, juizes venais e corruptos, intimidavam o Sanedrim ou Conselho dos Setenta Anciãos, e tranquilamente colaboravam com Pilatos e outros funcionários romanos, enquanto de público fingiam denunciá-los. Depois de sete anos de tal "serviço", tornara-se Anás tão impopular que achou mais prudente retirar-se. Cinco de seus filhos lhe sucederam cada um por sua vez, depois um de seus netos. O Sumo Sacerdote do momento, o fariseu Caifás, era seu genro. Mas isto eram apenas aparências. Anás mantinha ainda as rédeas do poder nos bastidores, e não sòmente "aconselhava" Caifás de uma eminência oculta e não oficial, mas presidia como *Nasi* ou Príncipe o Sanedrim. Era o rei sem coroa dos judeus.

O povo detestava cordialmente aquêles velho extorsionário e seus apaniguados. Um rabino queixava-se: "êles próprios são sumos sacerdotes, seus filhos tesoureiros e seus criados batem no povo com varas". O *Talmude* fala duma maldição lançada contra êles por um notório rabino de Jerusalém, Abba Shaul, e desdenhosamente lhes atribui o especial pecado de "assobiar", o que parece significar algo como "silvar como víboras". O contemporâneo Josefo menciona o filho de Anás como "um grande amealhador de dinheiro", que defraudava de seus vencimentos os sacerdotes comuns pela violência ou pela intimidação. Cêrca de três anos antes da queda de Jerusalém os cidadãos que vinham de há muito sofrendo rebelaram-se cheios de cólera e destruíram os ba-

zares dos filhos de Anás, como chamavam ao Mercado do Templo, mas demasiado tarde, infelizmente, para evitar a ruína predita⁽¹⁰⁾.

Anás não dava importância a isso. Interessava-se apenas por si mesmo, tendo em vista o poder que o dinheiro lhe proporcionava. Honrava com seu ódio apenas aquilo que ameaçasse esse poder. E somente dêsse ponto de vista formou sua opinião a respeito de Jesus de Nazaré. Logo que O viu e O ouviu, ficou sabendo que se O aceitasse como o Messias, teria de confessar ser êle próprio um ladrão e um opressor dos pobres, um servo hipócrita de Deus e teria de devolver suas riquezas roubadas e abrir mão de suas comodidades. Demasiado depravado para tal, concebeu um ódio de morte contra o Santo de Deus, quando O viu cruzar o Pórtico de Salomão. Anás fôra sempre mau. Agora era satânico.

O veneno de seu ódio perseguiu o Cristo mesmo depois que Êle deixou Jerusalém, num dia de primavera, para regressar à Galiléia. Aonde quer que Êle fôsse com Seus amigos, os espias de Anás estavam de vigia, ouvindo, cochichando. Queixavam-se quando os discípulos colhiam umas poucas espigas de milho num sábado. Ficavam à espera numa sinagoga do interior, em outro sábado, para ver o que faria o Senhor, “na esperança de descobrir uma acusação a fazer contra Êle”. Quando Êle lhes dava uma resposta irrespondível e curava a mão sêca dum paralítico, não tinham outro recurso senão “encherem-se de furor” e “falarem uns com os outros para ver que fariam de Jesus”⁽¹¹⁾. Levi, o publicano convertido, relatou que, depois dêste incidente, “os fariseus saindo dali, tiveram conselho contra Êle sôbre o modo de O levarem à morte⁽¹²⁾. Estavam dispostos agora a fazer uso de qualquer arma. Conspiravam mesmo secretamente com os herodianos, extremista e corrupta facção dos saduceus, a quem professavam públicamente detestar⁽¹³⁾ contra Aquêle a Quem seu antepassado Jacó tinha chamado “o desejado das colinas eternas”.



(10) Edersheim, *op. cit.* I, 367-372.

(11) Lucas VI, 1-11.

(12) Mateus XII, 14.

(13) Marcos III, 6.

XI

QUANDO a conspiração contra **Ele** se desenvolveu, **Jesus** deixou as montanhas da Galiléia e desceu para o mar interior. Contudo esta jornada não se assemelhava absolutamente a uma fuga. Tinha mais o aspecto dum progresso real, pois os peregrinos que regressavam de Jerusalém haviam levado a tôda a parte as notícias do desafio d'**Ele** aos fariseus e de Seus milagres. O efeito acumulativo disto era agora evidente nas crescentes multidões que enchiam as estradas e acampavam nos campos. Vinham de tôdas as partes da Galiléia, das terras altas da Judéia, das dez cidades da Decápolis, da distante Iduméia lá no sul, além do Mar Morto, da Transjordânia e da Síria e até mesmo das vilas fenícias perto de Tiro e de Sidon, na praia do Mediterrâneo (1). Quando lhe aprazia assim fazer, curava **Ele** os doentes e expelia os demônios. Mas por alguma razão que Pedro não podia sondar, desejava **Ele** agora ficar só e, quando chegaram à vista da água azul e cintilante da Galiléia, lhes disse **Ele** que Lhe arranjassem uma barca.

É bastante provável que tenha sido isto perto de Cafarnaum e a embarcação pode bem ter sido uma de Pedro e André, encalhada por muitos dias na praia, com suas rêdes e adriças secando ao sol. **Jesus** e seus discípulos subiram a bordo e se afastaram para o largo, deixando a imensa multidão a borborinhar lá na praia. Seguiram uma rota em direção ao sul, ao longo da praia ocidental além de Betsaida e da sombria irradiação de Tiberíade, onde talvez naquele mesmo momento estivesse Herodes metido nos vapores dum banho sulfuroso de sessenta e um graus, por **êle** utilizado numa busca vã de rejuvenescimento e de cura. Pelo que se sabe, **Jesus** nunca estêve naquele lugar, evitado pelos judeus porque fôra construído sôbre um antigo cemitério. Em alguma parte, abaixo dali, abicaram a embarcação e desembarcaram.

Do lago cercado de árvores seguiu **Ele** uma estrada íngreme, que subia até a vertente na direção de sudoeste, serpenteando por entre os morros e ladeando a escarpa meri-

(1) *Matheus IV, 25; Lucas VI, 17.*

dional do Monte Tabor, até que Ele e os que O seguiam chegaram perto de um morro menor, conhecido hoje, em virtude de sua forma estranha, como os Cornos de Hittin (2); tem sido comparado também a uma sela. Não era tão alto como o Tabor, a umas nove milhas para o noroeste, mas era mais acessível e no alto havia um pequeno planalto chão donde se erguia uma eminência que abrangia uma vista do Mar da Galiléia, do Monte Galaad e de larga parte da montanhosa região do norte até o nevado Hermon. Naquele alto, quando a escuridão começou a subir dos vales, Jesus deixou Seus acompanhantes e subiu ao pico, para ali passar a noite, como muitas vêzes fazia, em solitária oração.

Enquanto isso Pedro e os outros estariam preparando uma fogueira e partilhando de alguma refeição. E ao tempo em que estavam ainda discutindo os acontecimentos do dia, outros discípulos se lhes juntaram, agora em número de algumas dúzias, que por combinação prévia, os haviam acompanhado em botes ou por terra. Os acontecimentos que se sucederam sugerem algo desta espécie, a menos que admitamos que a narrativa evangélica foi aqui resumida e que mais de uma noite foi passada na encosta do morro. As multidões que seguiam Jesus em suas jornadas eram persistentíssimas e muitas vêzes abriam caminho para aonde Ele se encontrava, através de campos, de brejos ou de matas que pareciam impenetráveis. Outros continuaram a chegar pela noite adentro, como os discípulos que vinham em tropel reunir-se em tórno das brasas da fogueira, de pensamento voltado para o Solitário lá bem em cima. Ouvindo-as rapôsas regougarem nos campos lá embaixo ou os lóbos uivarem numa colina próxima, devem ter-se sentido como seus antepassados de remotos tempos, aguardando o regresso de Moisés dentre os nevoeiros do Monte Sinai.

Bem cedo, numa fresca manhã de primavera viram-no descer para enfrentar a multidão sempre crescente. Quando havia Ele quase atingido o lugar plano onde se achavam os discípulos, parou e anunciou que tencionava escolher doze apóstolos entre todos aquêles, um para cada um dos filhos e tribos de Israel.

Tinha Simão Pedro boas razões para esperar que seria um dêles. Contudo, provavelmente ficou aguardando, com ansiedade não pequena, enquanto os olhos graves e autori-

(2) Este é o lugar tradicionalmente visitado há séculos por peregrinos. Têm sido feitas objeções em favor duma colina ao norte de Cafarnaum.

tários passavam em revista a fila de rostos até pousarem no clêe e a voz de Jesus pronunciava o seu nome:

— Cefas!

A alegria fêz corar a face sardenta do pescador. Mal podia ter esperado que seu nome fôsse mencionado antes do de João, o filho de Zebedeu! Entretanto, ali estava êle, o primeiro na lista. Subiu pesadamente a ladeira e esperou, enquanto o Senhor ia chamando os outros nomes: os de André, irmão de Pedro; de João e Tiago, filhos de Zebedeu; de Filipe de Betsaida e de Tomé, o gêmeo; de Bartolomeu de Caná e de Levi (Mateus), o ex-publicano de Cafarnaum; de Tiago, o mais moço, filho de Alfeu, que era primo do Senhor e provàvelmente se parecia com Êle; do santo e consciencioso Simão, o canaanita; de Judas Tadeu, irmão de Tiago Menor e o de Judas Iscariotes. Os poderes iniciais conferidos àqueles homens eram os de curar os enfermos e de expelir os demônios. Era claro também que tinham sido escolhidos para funções definidas, acima das dos outros discípulos, numa ordem hierárquica. Nas três listas dos sinóticos, aparece Pedro sempre como primeiro, seguindo-se André e os filhos de Zebedeu, Filipe em quinto lugar e Judas por último.

De várias alusões nos Evangelhos, é possível deduzir o que haja atravessado a mente de Simão Pedro naqueles momentos áureos. Convencido de que Jesus era o Messias, tinha todos os motivos para acreditar que sua própria posição, não somente como membro do governo em embrião, mas como seu primeiro e classificado oficial de gabinete, estava assegurada. Via estender-se diante de si uma vida longa, tranqüila, próspera e feliz. Tinha pouco mais de quarenta anos e se achava no pino de sua virilidade. Podia casar-se de novo e ter filhos; podia presumivelmente tornar-se, sem dúvida submetido ao Messias, o fundador duma nova dinastia. Não fôra o rei Davi um simples pastorzinho? E não fôra Moisés de origem plebéia? Naturalmente, uma vez no poder, amaria todos os homens de bem e aquietaria os inimigos seus e de Deus, que seriam mais ou menos os mesmos. Gozaria dos aplausos de seus contemporâneos e da posteridade. Teria riqueza, poder, comodidade, prazer; uma bela casa, talvez, na praia do Lago de Genesaré, bastante perto de Cafarnaum. E sem dúvida continuaria a curar os doentes, a expelir demônios, a julgar seus conterrâneos e a profetizar, para edificação dêles. Finalmente, depois de uma vida plena e gloriosa, sua virtude seria bem recompensada por Deus e pelos ho-

mens e iria repousar, em imperecível felicidade, com seu pai Abraão, que lhe propiciara tudo isto.

O devaneio de Pedro, se podemos assim imaginá-lo, foi interrompido por um som familiar, o som duma grande massa humana que se aproximava pelo versante do vizinho morro, pelo tropel de pés fatigados e pelo murmúrio de vozes aliadas. Grande parte da multidão que tinham deixado perto de Cafarnaum havia descoberto o lugar onde se achavam e conseguira seguir-lhes no encalço, galgando morros e descendo vales, atravessando correntes e pastos, para chegar até tão distante sítio. Começaram a trepar pela ladeira do pequeno planalto, gritando o nome de Jesus e pedindo-Lhe que mais uma vez lhes dirigisse a palavra, curasse suas enfermidades e lhes desse a esperança de Seu reino para seu negro futuro.

Acontecia tudo isso como num sonho ou numa peça; a multidão entrava em cena exatamente no momento preciso e Pedro não se mostrava descontente por ter tantas testemunhas do início de sua carreira pública. Entrementes Jesus contemplava tudo isso com um compreensivo e compassivo olhar. Decidiu falar-lhes e, subindo um pouco mais no morro, até encontrar uma rocha ou saliência que lhe servisse de púlpito, voltou-se e correu o olhar em derredor mais uma vez. Viu as cotovias voarem no alto e pombos voltejarem sôbre os loendros e carvalhos silvestres que se destacavam do verde sombrio dos olivais, e as listas de íris azuis, de cíclames avermelhados, de papoulas escarlates e anêmonas. A natureza esforçara-se àrduamente naquele dia radiante de primavera para decorar seu anfiteatro. Estava cheio de seres humanos que aguardavam pacientemente a voz que iria erguer-se no ar vivo e fragrante. Os olhos de Jesus descansaram por um instante sôbre tôdas as Suas diversas criaturas. Depois, súbitamente proferindo as sublimes Bem-aventuranças, começou o Sermão da Montanha.

Que pensamentos atravessaram a mente de Simão Pedro, quando ouviu as palavras que empurrariam para o deserto e para os mosteiros homens luxuriosos, arrastariam formosas donzelas para celas gradeadas, fariam tombar de joelhos pecadores a chorar e dariam a mártires a fôrça de morrer? Se o celestial discurso ainda tanto nos comove, saído das páginas impressas, qual não foi a sua impressão sôbre um ouvinte direto? Um devaneio semelhante a uma música inefável tecendo um mundo de sonhos; um êxtase como o da

elevada prece em que a verdade, a beleza e a bondade são vistas, ouvidas e sentidas mais do que compreendidas.

“Não andeis inquietos nem com o que vos é preciso para alimentar vossa vida, nem com o que vos é preciso para vestir o vosso corpo... Olhai para as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem fazem provisão nos celeiros: e contudo vosso Pai celeste as sustenta... E por que vos inquietais com o vestido? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham, nem fiam. E digo-vos todavia que nem Salomão em tôda a sua glória se vestiu jamais como um destes. Se pois Deus veste assim uma erva do campo, que hoje existe, e amanhã é lançada no forno, quanto mais a vós, homens de pouca fé? Não vos aflijais, pois, dizendo: “Que comeremos, que beberemos ou com que nos vestiremos?” Porque os gentios é que procuram tôdas estas coisas. Vosso Pai sabe que tendes necessidade de tôdas elas. Buscai, pois, em primeiro lugar o Reino de Deus e a Sua Justiça, e tôdas estas coisas vos serão dadas por acréscimo. Não queirais, pois, andar inquietos pelo dia de amanhã. Porque o dia de amanhã cuidará de si...

“Pedi, e vos será dado; buscai e achareis; batei, e abrirem-se-vos-á...

“Assim tudo o que vós quereis que os homens vos façam, fazei-o também vós a eles. Porque esta é a Lei e os Profetas...

“Entrai pela porta estreita; porque larga é a porta e espaçoso o caminho que conduz à perdição e muitos são os que entram por ela. Que estreita é a porta e que apertado o caminho que conduz à vida e que poucos são os que acertam com êle!

“Nem todo o que me diz: “Senhor! Senhor!” entrará no Reino dos Céus, mas o que faz a vontade de Meu Pai, que está nos Céus, êsse entrará no Reino dos Céus. Muitos me dirão naquele dia: “Senhor, senhor, não profetizamos nós em Teu nome e em Teu nome expelimos os demônios, e em Teu nome fizemos muitos milagres?” E então eu lhes direi bem alto: “Nunca vos conheci; apartai-vos de Mim, vós que obrais a iniquidade!”... (3).

“Mas digo-vos a vós que me ouvís: Amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam. Abençoai os que vos amaldiçoam, e orai pelos que vos caluniam. E ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra. E ao que te tirar a capa, não o impeças de levar também a túnica. E dá

(3) Mateus VI, 25-34; VII, 7-8, 12, 13-14, 21-23.

a todo aquêles que te pede; e ao que leva o que é teu, não lho tornes a pedir. E o que quereis que vos façam os homens, fazei-o vós também a êles. Se vós amais os que vos amam, que mérito tendes? Porque os pecadores também amam quem os ama. E se fizerdes bem aos que vos fazem bem, que mérito tendes? Porque os pecadores também fazem isto. E se emprestardes àqueles de quem esperais receber, que mérito tendes? Porque os pecadores também emprestam aos pecadores, para que se lhes faça outro tanto. Amai, pois, os vossos inimigos; fazei bem e emprestai, sem daí esperardes nada; e será grande a vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e para os maus. Sêde, pois, misericordiosos, como também vosso Pai é misericordioso.”

“Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados. Perdoai e sereis perdoados. Dai, e dar-se-vos-á. No seio vos será lançada uma medida boa, e cheia, e recalcada, e acogulada. Porque com a mesma medida com que medirdes, será medido para vós...

“E porque vês tu a aresta no ôlho do teu irmão, e não reparas na trave que tens no teu ôlho?... Hipócrita, tira primeiro a trave do teu ôlho e depois verás para tirar a aresta do ôlho de teu irmão.

“Porque não é boa árvore que dá frutos maus, nem má árvore que dá bons frutos. Porquanto cada árvore se conhece pelo seu fruto. Pois nem se colhem figos dos espinheiros, nem se vindimam uvas de um abrolho. O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem, e o homem mau do mau tesouro tira o mal. Porque a bôca fala da abundância do coração.

“Mas porque me chamais vós, “Senhor, Senhor” e não fazeis o que Eu vos digo? Todo o que vem a Mim, e ouve as Minhas palavras, e as põe em prática, Eu vos mostrarei a quem êle é semelhante. É semelhante a um homem que, edificando uma casa, cavou profundamente, e pôs os alicerces sôbre rocha; e vindo uma inundação investiu a torrente contra aquela casa, e não pôde movê-la, porque estava fundada sôbre rocha. Mas o que ouve e não pratica é semelhante a um homem que edificou a sua casa sôbre terra sem fundamentos, contra a qual investiu a torrente e logo caiu; e foi grande a ruína daquela casa” (4).

A grande voz se calou e por uns poucos instantes reinou tamanho silêncio sôbre tôda a assembléia, como o que acom-

(4) Lucas, VI, 27-49.

panha uma música demasiado estranha de ouvir-se. Depois a multidão começou a desordenar-se, a dividir-se em grupos, a encher o vale do murmúrio de milhares de conversas. Pisavam os lírios e assustavam os pássaros, talvez, ao se retirarem em busca de algo para comer ou beber. Mas não foram muito longe. Quando Jesus e os Apóstolos finalmente desceram do monte, estavam ainda à espera e muitos deles O acompanharam de volta a Cafarnaum.

Simão Pedro jamais voltou a ser o mesmo depois daquela experiência. Por muito tempo podia ouvir ainda em sua alma as poderosas estrofes das Bem-Aventuranças, destruindo e criando um mundo:

“Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados os mansos, porque eles possuirão a terra.

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão saciados.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus.

Bem-aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o Reino dos Céus.

Bem-aventurados sois, quando vos injuriarem e vos perseguirem, e mentindo disserem todo o mal contra vós por causa de Mim. Alegrai-vos e exultai, porque é grande a vossa recompensa nos céus, pois assim perseguiram os profetas que existiram antes de vós...

“Mas ai de vós, ó ricos, porque tendes a vossa consolação neste mundo. Ai de vós os que estais saciados, porque gemereis e chorareis. Ai de vós quando os homens vos louvarem, porque assim faziam aos falsos profetas os pais deles (5).

Todavia, quando Pedro começou a revirar o Sermão na sua mente lerda e a pensar na significação de algumas de suas partes, teve de admitir que grande quantidade dele não podia ser admitida. Não era de sua natureza amar aqueles

(5) Mateus começa com as Bem-aventuranças como são dadas aqui (V, 3-12). Lucas as resume bastante e acrescenta os “ai de vós” (VI, 20-26). Marcos e João nada citam do sermão.

que o odiavam, abençoar aquêles que o amaldiçoavam e oferecer sua outra face a alguém que lhe desse um golpe. A noção de dar sem receber, de viver dia a dia sem pensar nas economias futuras ou na segurança, abalavam os próprios fundamentos do futuro que estivera êle a imaginar. Por que se haveria de regozijar com a perseguição? Por que deveriam os escribas, os fariseus e os romanos ter permissão de ficar no caminho do Santo de Israel e de Seus amigos, quando a vez dêstes chegasse? Muitas questões como estas devem ter ocorrido a Simão Pedro, quando tentou analisar o que o Senhor dissera.

Seu amigo João, que era mais intuitivo e mais estudioso, provavelmente compreendia melhor.

— Há um fato, Simão, que tornaria tudo verdadeiro.

— Qual é?

— O fato da morte.

A morte era algo em que Simão Pedro não gostava de pensar. Preferia afastar de sua mente tais idéias mórbidas o mais possível e pensar na vida, na saúde e no futuro. Contudo trechos do sermão continuavam a persegui-lo com murmúrios incômodos. Não que êle duvidasse do Senhor — oh! não! Sabia que êle devia estar certo, porque era o Messias. Contudo, decerto por vêzes saía êle fora de Seu Caminho para proferir duras palavras! Essa angústia de Pedro infere-se de algumas das perguntas que fêz ao Senhor durante os meses seguintes. “Senhor, até quantas vêzes poderá meu irmão pecar contra mim, que eu lhe perdoe?” — perguntou êle um dia. — Até sete vêzes?” (6). Os rabinos diziam três vêzes e Pedro talvez se sentisse magnânimo aumentando o número de vêzes. “Setenta vêzes sete”, respondeu Jesus, enquanto Seus olhos liam aquela mente sem fel que tinha diante de Si, “e do coração”. Noutro dia, meses ainda mais tarde, disse êle impulsivamente: “Eis que abandonamos tudo e Te seguimos. Que haverá então para nós?” (7). Que ganharemos com isto? Estava com raiva de Tiago e João porque aspiravam êstes a sentar-se a cada lado do Messias (8). Mas Jesus respondia pacientemente a tôdas essas perguntas, sabendo que não eram as perguntas ardilosas dos fariseus, mas as honestas de um homem que amava e cria.

De volta a Cafarnaum, permaneceu ali com Seus amigos, ao que parece até Pentecostes. Depois percorreram os cam-

(6) Mateus XVIII, 21-22.

(7) Ibid. XIX, 27-28.

(8) Ibid. XX, 24.

pos da Galiléia até agosto. E durante essa terceira jornada viu Pedro algo que respondia à maior parte de suas perguntas.

Caminhavam êles num quente dia de verão ao longo das altas colinas onduladas entre Endor e Shunen, por uma das seis estradas que conduziam à cidade murada de Naim. Haviam passado por um cemitério antigo numa encosta e já estavam à vista da cidade, quando ouviram o lamento de flautas e vozes lamentosas de mulheres. E logo avistaram, saindo em filas da porta principal, um espetáculo familiar, reconhecível mesmo a distância. Era uma procissão numerosa, conduzida por mulheres em trajes de luto, carpideiras que, num ritmo penetrante, acompanhado de pandeiros e de flautas, exacerbavam os velhos lamentos magoados de Israel. Atrás delas (pois tinham de ir na frente, de acôrdo com o *Midrash*, porque a mulher trouxe a morte ao mundo), caminhava um orador fúnebre. Depois dêle vinha um grupo de pessoas descalças que se revezavam no carrêto do ataúde de vime, sôbre o qual jazia o morto. Atrás delas, amigos e parentes e grande parte da comunidade, alguns dos quais também formavam alas em ambos os lados da estrada, exprimindo sua simpatia, entre soluços e preces.

Usualmente tal demonstração tinha o direito de passagem preferencial e Simão Pedro ter-se-ia afastado para um lado para ver o cortejo passar, ao mesmo tempo que acrescentaria alguma palavra de comiseração por sua própria conta. Mas notou que O Senhor permanecia no meio da estrada, como se esperasse o morto, forçando o cortejo a parar. Agora pôde perceber que o vulto que jazia sôbre o ataúde era o de um rapaz de rosto descoberto e duma brancura de giz à luz brilhante do sol, o cabelo negro a reluzir de óleos funerais por entre os mirtos espalhados em tórno. A mulher soluçante perto dêle era sua mãe, uma viúva, sem outros filhos.

Quando as vozes silenciaram e as flautas se calaram, Jesus dirigiu-se àquela mulher e lhe disse compassivamente:

— Não chores.

Depois tocou o esquife e disse, desta vez num tom diferente de voz:

— Jovem, Eu te digo, levanta-te!

Simão Pedro viu o jovem morto mover-se e abrir os olhos. Imediatamente êle sentou-se no ataúde e começou a murmurar.

“E Êle o entregou à sua mãe”, entre exclamações de temor e de alegria, ao tempo que o povo, verificando o que ocor-

ra, começava a glorificar a Deus e a gritar: "Um grande profeta apareceu entre nós e Deus visitou o Seu povo!" (9).

Simão Pedro conhecia bem as Escrituras para lembrar-se de que Elias e Eliseu também tinham feito pessoas mortas retornarem à vida. Mas havia uma diferença chocante. Aquêles homens assim haviam feito, apelando para o mais alto Poder do Deus Onipotente. Jesus havia falado simplesmente, como alguém que tem autoridade em Si Mesmo para criar ou restaurar a vida. "*Eu te digo, levanta-te!*".

Pode ter sido êste o momento em que Simão Pedro se tornou certo do que pudesse significar ser o Messias. Não era simplesmente ser o Filho de Davi, um Eleito de Deus, um grande Rei. As palavras escritas pelo Salmista séculos antes e muitas vêzes ouvidas sem serem compreendidas, agora inundavam sua mente de luz reveladora:

"Disse o Senhor ao Meu Senhor: Senta-te à minha direita; até que ponha os teus inimigos por escabêlo de teus pés... Das minhas entranhas te gerei antes da aurora" (10).

Sabia Simão Pedro afinal que estava andando com o Senhor da vida e com o Senhor da morte; e as perguntas e dúvidas de seu pensamento literal e carnal cediam a uma certeza jubilosa e violenta. Contudo, difícil era exprimi-la em palavras.

(9) Lucas VII, 11-17.

(10) Salmo CIX.

XII

COMO qualquer pessoa, inclusive Shakespeare, tinha por vêzes Simão Pedro uma estranha certeza de que a vida fôsse um drama planejado por um consumado Teatrólogo, que concedia aos atores a liberdade de improvisar dentro dos limites de seu livre-arbítrio, mas destramente dirigia o movimento apaixonado de cada cena até seu determinado fim, enquanto os Protagonistas se moviam gigantesca e irresistivelmente para o clímax final e os personagens secundários eram arrastados no vórtice de Sua caminhada. Por vêzes, como no segundo ato de uma peça mestra, havia um visível aumento de emoção e de ação. Não teria ficado Simão Pedro surpreendido, depois do que vira recentemente, se começasse a haver uma chuva de estrêlas, como de figos duma árvore às lufadas de forte ventania, ou se o sol adoecendo se coagulasse em sangue febril. Aquêles eram tempos como os de que falara o Profeta numa passagem que gostava êle de citar, em que os moços viam visões e os velhos sonhariam sonhos ⁽¹⁾.

Esta mudança na maneira de ser, êste compasso mais acelerado, pareciam relacionados de certo modo com o destino de João Batista. Começou pela ocasião em que enviou êle dois mensageiros lá de sua prisão, bem acima da costa rochosa do Mar Morto (ou onde quer que fôsse) para pedir a Jesus que confirmasse Sua identidade como o Messias. E Êle assim o fêz, acrescentando algum alto louvor a João, como "um profeta e muito mais do que um profeta", e tão grande como quem quer que fôsse nascido de mulheres. Daí por diante tornou-se evidente que Jesus falava mais a respeito da morte individual e da comunicação dêste mundo. Foi durante Sua longa e próxima viagem um tanto obscura, que a pecadora, que se supõe ser Maria de Magdala, o encontrou na casa de Simão, o fariseu, e, enxugando-Lhe os pés com os cabelos, ungiu-O como se fôsse para Seu entêrro ⁽²⁾. No belo Sermão do Lago, pregado de um barco,

(1) Joel II, 28.

(2) Assim pelo menos diz Êle em ocasião semelhante. Mateus XXVI, 12; Marcos XIV, 8.

houve um tom mais acentuado, pela primeira vez, a respeito do fim de tôdas as coisas e do julgamento final. Isto corre como um motivo novo através das parábolas do semeador, do joio, da semente de mostarda, do fermento, do tesouro encontrado. O Reino dos Céus era como uma rêde de pescador, da qual no fim o peixe bom seria separado do peixe mau; o joio seria arrancado do meio do trigo e queimado; o céu, e não esta terra, era o lugar do Reino e o sítio designado para acumular riquezas. Isto não pôde ter ficado muito claro para Simão Pedro, especialmente quando o Senhor explicou que falava em parábolas para que os poucos dignos não se aproveitassem para ficarem instruídos.

Contudo sempre havia alguma coisa para lembrar-lhe que a fé prossegue quando a razão pára. Jesus acalmou uma tempestade raivosa no Lago, quando todos se achavam apavorados, comandando simplesmente aos ventos que amainassem. Exorcismou o violento demônio na terra dos Gerasenses, ao qual nenhum homem fôra capaz de domar ou mesmo de conservar encadeado entre os túmulos; e Pedro viu o tremendo espetáculo dos milhares de porcos possessos dos demônios, despenhando-se por uma ladeira rochosa, para perecer em meio das águas revôltas, como almas danadas a mergulhar no inferno. Sòmente Pedro, Tiago e João tiveram permissão de testemunhar a ressurreição da filha de Jairo — aquêlê inesquecível clímax de uma jornada que terminou com o tristonho adeus do Senhor à incrédula Nazaré. Levi Mateus notou n'Ele uma tristeza meditativa, quando seguiam pelas aldeias da Galiléia, de regresso a Cafarnaum. “E vendo aquelas multidões compadeceu-se delas, porque estavam fatigadas como ovelhas sem pastor”. Olhou para o pequeno grupo de Seus discípulos e disse: “A messe é verdadeiramente grande, mas os operários são poucos. Rogai pois ao Senhor da messe, que mande operários para a Sua messe” (3).

Da casa de Pedro, no comêço do inverno, enviou os Doze na sua primeira viagem missionária sem Êle. Primeiro deu-lhes cuidadosas instruções de como procederem — instruções que são seguidas até hoje por monges e missionários. Depois despachou-os, dois a dois, com Sua bênção, e êles se dirigiram para um mundo hostil, no dizer d'Ele, “como cordeiros no meio de lóbos”.

Simão Pedro talvez tenha ido, ou com seu irmão André, ou com seu melhor amigo, João. Seguindo as ordens do

(3) *Mateus IX, 38; cf. também Lucas X, 2-3.*

Senhor, partiram de pés descalços, possivelmente usando sandálias, mas não sapatos, levando somente a roupa do corpo, sem cajado para afugentar cães perdidos ou béstas selvagens, e sem dinheiro em suas escarcelas, nem mesmo um denário de cobre. Evitaram as cidades de Samaria e os lugares pagãos tais como Tiberíades, indo antes ao encontro "das ovelhas perdidas da casa de Israel", pois era propósito do Senhor revelar-Se a Seu próprio povo. Quando chegavam a uma aldeia da Judéia ou da Galiléia, viviam de qualquer esmola que lhes era dada, pois como Ele dissera, "o operário é digno do seu alimento". Ao penetrarem em algum lugar, deveriam perguntar onde poderiam encontrar algum hebreu piedoso, que amasse a Deus e honrasse os Profetas, e, dirigindo-se para sua casa, o saudariam, invocando a paz de Cristo para ele e dizendo: "Está próximo o Reino dos Céus". Se houvesse algum doente, deveriam curá-lo.

Graças aos bons ofícios do dono da casa, iriam depois a outros lares, ou falariam na praça do mercado ou ao ar livre dos campos. Frequentemente expeliriam doenças e demônios. Mas se o lar que visitassem fôsse indigno — habitado por aquêles que não desejavam ouvir a Palavra de Deus ou não mereciam ouvi-la — a paz dêles, dos discípulos, voltaria para êles próprios. E quando deixassem aquêle lugar, sacudissem o pó de seus pés, como testemunho contra ele perante o céu. Desta maneira, quando preciso, se pronunciariam contra um burgo ou uma cidade inteira, se ninguém quisesse recebê-los. E tiveram a promessa do próprio Jesus de que seria "menos punida no dia do juízo a terra de Sodoma e de Gomorra, do que aquela cidade" (4).

Esta jornada, de muitas maneiras, foi uma revelação para Simão Pedro. Não que houvesse descoberto simplesmente em si mesmo novos poderes contra doenças e posse diabólica e a malícia dos homens; tudo isso lhe tinha sido prometido e não lhe causava muita surpresa. Mas aprendeu algo mais a respeito da natureza do ensinamento do Senhor. Era um modo de vida e o vivê-lo explicava e esclarecia a sabedoria inescrutável de sua teoria. Caíam as chuvas do inverno e muitas vêzes ficava ele encharcado, mas não pareciam causar-lhe mal. Em certos dias sentia-se faminto, mas não por muito tempo; alguém sempre lhe dava pão ou vinho, quando realmente necessitava. Tinha menos bens do mundo e

(4) Mateus X, 15. Quanto às instruções ver Mateus, X, 5-42; Marcos VI, 7-11; Lucas IX, 1-5. As mais longas, de S. Mateus, talvez incluam as das jornadas posteriores, englobadas.

adornos do que jamais tivera antes, contudo nunca em tôda a sua vida se sentira tão feliz e contente. Sem casa, sem barco, sem roupas além da necessária, sem dinheiro para trocar, sem nada a não ser seu próprio corpo e alma e os pobres farrapos enlameados que lhe pendiam do corpo. Contudo de nada necessitava; vivia absolutamente sem cuidados e, melhor do que tudo, havia algo de tranqüilo que lhe cantava constantemente na alma. Era a alegria que invadia uma pessoa e lhe satisfazia todo o ser de maneira indizível, quando os amantes olhos de Jesus descansavam sôbre êle. Agora afinal sabia Pedro o que quisera significar o Senhor, quando lhes dissera que fôsem como as aves do céu e os lírios dos campos. Agora começava a entender o Sermão da Montanha. Era com impaciência que esperava a ocasião de regressar a Cafarnaum para relatar tudo aquilo ao Senhor Jesus. E o mesmo sentiram os outros onze.

Era de novo a primavera e as montanhas da Galiléia ornavam-se de côres festivas, como se partilhassem da alegria dêles. Mas logo, nas próprias pegadas do júbilo, como sempre, chegou a tristeza que tudo rouba, pois souberam a notícia de que João Baptista fôra assassinado na sua prisão. Herodes mandara decapitá-lo para satisfazer um capricho da sua amante Herodias e a cabeça ainda sangrante do Precursor lhe fôra apresentada numa bandeja de ouro.

Êste acontecimento marcou o comêço de nova e mais urgente fase na tragédia (humanamente falando) que o Messias e Seus amigos estavam representando. Êle ficou profundamente emocionado, pois João era Seu primo e dera sua vida por Êle. Os Apóstolos também devem ter ficado bastante deprimidos, sabendo como sabiam porque João havia sido detido e quão bem sua morte se adaptava ao motivo que últimamente notavam aparecia nos sermões messiânicos. Nem tão pouco deixavam de notar a conexão existente no procedimento do tirano, quando buscava esquecimento nos braços de sua amante, ou nas danças da filha desta, Salomé, entre os jardins de Maqueros ou Samaria. O mêdo lhe revelou aquilo que o amor havia dito aos discípulos e êle, que não podia ceder à fé, ficou tão obsedado pela superstição, que começou a imaginar que Jesus era João Batista ressuscitado e certa vez Lhe mandou um convite para visitá-lo, para satisfazer sem dúvida sua curiosidade e entretê-lo talvez com alguns milagres.

Enquanto isso Jesus, ao ouvir as tristes notícias, disse: "Retiremo-nos para um lugar solitário, a fim de descansar

um pouco". E entrando num barco; provavelmente o de Simão Pedro, Ele e os Apóstolos escaparam das multidões crescentes em Cafarnaum e, tendo atravessado o Mar da Galiléia, aproximaram-se da costa oriental, num lugar raramente perturbado por vozes ou passos humanos; a cidade mais próxima era Betsaida Júlio. Mas, vejam só! ao abicarem a uma enseada, depararam uma multidão de cerca de cinco mil pessoas, de olhos fitos no mar e gritando palavras de alegres boas-vindas. Estavam todos estreitamente aglomerados na areia da praia e enchiam completamente um largo e relvoso vale que formava uma espécie de anfiteatro natural, entre a fímbria da água e as encostas verdejantes.

Não se sabia como, aquêles povo imaginara ou ficara sabendo para onde seguia o Senhor e viera a pé, abrindo caminho através dos campos e terrenos baldios, vindo de muitas cidades e aldeias do extremo norte do Mar. Não era seu número tão inacreditável, considerando-se as multidões que haviam acompanhado Jesus na Sua última jornada através da Galiléia. Mesmo mulheres tinham começado a aparecer entre aquêles que acampavam nas searas para ouvi-Lo. Algumas delas — Maria de Magdala, Joana, mulher de Cusa, mordomo de Herodes e Susana, eram pessoas de meios, contribuindo para a bolsa de moedas que Judas Iscariotes, como tesoureiro, carregava no seu cinto para alimentar os pobres (5). O que causava admiração era como podia tanta gente conseguir manter-se com tão pouco. Lembra os Filhos de Israel, cidade ambulante de mais de um milhão de pessoas, vivendo quarenta anos no deserto. E hoje, mais do que nunca, pois não havia aldeia próxima onde pudessem comprar alimento.

Jesus poderia ainda ter escapado na barca de Simão Pedro. Mas quando olhou aquêles rostos fatigados, "teve compaixão dêles" (6)... Teve compaixão dêles, porque eram como ovelhas que não têm pastor" (7). E descendo à praia, curou algumas pessoas doentes, "e começou a ensinar-lhes muitas coisas".

Não era preciso dizer que as horas passavam rápidas e delectosamente e, como continuasse Ele a falar, pareceu não notar que o sol já se achava bastante declinado no firma-

(5) Lucas VIII, 3.

(6) Mateus XIV, 14.

(7) Marcos VI, 34.

mento ocidental e lhes brilhava nos rostos através do lago. Finalmente os Doze, depois de muitas palavras cochichadas e de muita cotovelada, ousaram interrompê-Lo, sugerindo que mandasse embora o povo faminto, enquanto havia ainda tempo para procurar alguma coisa de comer em Betsaida ou em algumas das aldeias menos remotas.

— Não têm necessidade de ir, — disse Jesus. — Dai-lhes vós de comer (8).

Durante nova pausa de sobressalto e de embaraço, os discípulos trataram de verificar o que havia em caixa e descobriram que Judas Iscariotes tinha apenas uns duzentos denários na sua bolsa de couro. Um dos Doze perguntou ao Senhor se deveriam gastar a soma inteira para comprar pão na próxima cidade. O prático Filipe, calculando o número de pessoas, retrucou que duzentos denários não bastariam para que cada um recebesse um pequeno bocado.

— Quantos pães tendes? — perguntou Jesus.

— Está aqui um moço, — disse André, bem informado como de costume, — que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tanta gente? (9).

Todos viam o problema: um pão por mil não seria muito satisfatório. Mas Jesus parecia completamente alheio aos aspectos matemáticos ou econômicos da situação.

— Mandem o povo sentar-se, — disse Ele. Os Doze saíram às pressas, como Aarão e seus levitas no deserto, dividindo a multidão em grupos de cem e cinqüenta (10), que sentados na relva, em ordenadas fileiras, fitavam ansiosamente o Senhor.

Pedro viu-o tomar cada um dos cinco pães, erguê-los diante de Si e abençoá-los, de vista levantada para o céu. Depois partiu-os em pedaços, que entregou aos Apóstolos mais próximos. Por sua vez começaram êstes a distribuí-los pelas filas mais vizinhas de espectadores.

Isto foi sendo feito por algum tempo. Hora após hora, os Doze continuaram a distribuir braçadas de pão e voltavam a buscar mais. Os dois peixes foram igualmente abençoados, partidos em pedaços e distribuídos.

Todos os quatro Evangelistas, incluídas duas testemunhas de vista, relatam o essencial dessa notável cena. Todos concordam em que houve o bastante para satisfazer os cinco mil

(8) *Matheus XIV, 16.*

(9) *João VI, 9.*

(10) *Marcos VI, 40.*

presentes e que, quando o Senhor lhes ordenou que recolhessem as sobras, encheram-se doze cêstos.

“Este é verdadeiramente o profeta que devia vir ao mundo!” Este grito passou de bôca a bôca, quando o povo saciado começou a verificar as ilações do que tinha ocorrido. Estavam todos de pé agora, gesticulando e gritando a tôda a fôrça dos pulmões, dando vivas ao Messias, Filho de Davi, o Cristo, o Santo, o Rei de Israel.

— Coroemo-Lo reil — gritou uma voz. — Coroemo-Lo reil — gritaram centenas e milhares. E não prestando a mínima atenção às Suas admoestações, começaram a aglomerar-se agitadamente em tórno d’Ele. Era clara nêles a intenção de carregarem-nO nos ombros, porem-Lhe alguma coroa improvisada na cabeça e transportarem-nO em triunfo a Cafarnaum... talvez mesmo a Jerusalém.

Dois dos Apóstolos, podemos estar certos, participaram cordialmente do espírito daquela explosão. A Simão Pedro e a Judas deve ter augurado a realização das esperanças sôbre as quais haviam plantado tudo o que tinham ou podiam esperar ter. Ambos queriam que Jesus fôsse Rei. Diferindo no desinterêsse de seu amor, uniam-se, naquele momento, no sentimento de que não se haviam enganado em aventurar sua sorte com Ele, que permanecia tão majestàticamente silencioso, olhando com tristeza os milhares de pessoas que O louvavam numa alegria histérica. Judas viu-se sentado na Tesouraria, no Monte Moriá, vestido de púrpura e de belo linho e a moeda que lhe passava pelos dedos não era de prata, nem muito menos de cobre, mas do mais puro ouro. Simão Pedro podia sentir no dedo algo semelhante a um anel de sinête, cintilando de jóias, ao presidir os Anciãos de Sion, distribuindo sabedoria a todos os homens e não pequena parte de glória a si mesmo.

Estas fantasias foram postas em fuga por uma ordem peremptória do próprio Rei de Israel. Os pormenores não estão dados. Mas Ele, “sabendo que O viriam arrebatam para O fazerem rei, retirou-se de novo, Ele só, para o monte” (11). Como escapou de tão enorme multidão — quer a tenha enchido de respeitoso temor pelo tom autoritário de Sua negativa, quer tenha passado invisível por entre ela — não se sabe.

(11) João VI, 15.

Retirou-se para um lugar elevado, ali perto, a fim de rezar. Antes, porém, de fazê-lo, ordenou aos Doze que seguissem para bordo de seu barco e cruzassem o Mar. Obedeceram êles com relutância. Abrindo caminho por entre a multidão vociferante, subiram para bordo e se fizeram ao largo, em meio da crescente escuridão,

Com Pedro ao leme, sem dúvida, e André, Tiago e João içando as velas, o forte barquinho contendo todo o colégio apostólico afrontava a água profunda, entre nuvens de violento escarlata e ouro, em cima e em baixo. Sentir-se-iam mais satisfeitos se o Senhor tivesse seguido com êles e haviam demorado perto da praia até o último instante, na esperança de que Êle aparecesse, depois que a multidão se dispersou. Mas quando a escuridão espalhou as derradeiras vozes à distância, acima e abaixo da praia, e sinal algum d'Ele havia, obedientemente largaram mais velas e partiram. Por alguma razão não se tinham mostrado tão impressionados pelo próprio milagre, quanto pelas demonstrações populares, "pois não tinham compreendido o milagre dos pães, porque o seu coração estava obcecado" (12). Esta estranha observação da parte do discípulo de Simão Pedro, incidentalmente, é uma das muitas que apóiam a integridade da narrativa evangélica, pois dificilmente teria ocorrido a um romanceador ou a um impostor. Seja como fôr, ali estavam êles, os Doze Apóstolos, cada um a pensar entre o vento e a água. Depois de algum tempo, Simão Pedro virou de proa e navegou na direção de Cafarnaum.

As luzes das nove cidades do lago começavam a dançar sobre a água purpurina e a misturar-se com o reflexo das estrelas. A noite tropical enrolava tôdas as coisas dentro do seu macio abraço. Através do puro ar vibrante chegavam distantes melodias de harpas e de flautas, acompanhando vozes humanas. O próprio tempo tornou-se sonolento e, um após outro, os homens fatigados caíram no sono.

Simão Pedro teve a sensação de algo como uma mão fria em seu rosto. O vento refrescara e virara para o norte e se achavam êles à mercê de um daqueles caprichosos golpes de ventania, que podem tornar o Mar da Galiléia tão áspero e perigoso como o Mediterrâneo. Chamou seus companheiros. André e os filhos de Zebedeu começaram a colhêr as rizes. A

(12) *Marcos VI, 52.*

êste tempo era claro que não havia sentido algum em tentar virar de bordo contra o vento, porque aquilo parecia mais um temporal do que uma simples rajada. Mesmo depois que o menor trapo de vela havia sido recolhido, a pesada embarcação estava sendo arrastada como uma cortiça na direção do sul, bem fora de seu curso. Não havia outra coisa a fazer senão pôr em ação as três filas de remos que ali se achavam para tais emergências. E revezando-se nesta tarefa, os mais musculosos dos Doze mal conseguiam manter a proa na direção do vento e conservar as próprias cabeças no meio torvelinhante do lago enfurecido.

Assim, durante horas, ao que parece, os pescadores lutaram, taparam e suaram sem fazer muito progresso, enquanto Judas Iscariotes e os outros homens de terra se amontoavam no porão e fervorosamente desejavam achar-se em sêco, mesmo entre os lóbos dos montes. Temos a palavra de um dos robustos remadores, João, o filho de Zebedeu, a nos contar que tinham avançado apenas cêrca de quatro milhas às três horas da madrugada, com o vento norte ainda contrário, quando foram todos abalados por um grito que varava o rugido do vento e o gemido da água. Era a voz de um de seus companheiros, gritando:

— Um fantasma! Vi um fantasma!

Achavam-se então no meio do lago; contudo, todos viram distintamente o que parecia ser o vulto de um homem, caminhando nas cristas das imensas ondas e quase a passar perto dêles. Enquanto olhavam, cheios de pavor, uma voz familiar brotou dentre a treva, vinda daquela figura fosforescente:

— Tende confiança: sou eu. Não temais.

Simão Pedro foi o primeiro a reconhecê-Lo. “É o Senhor!” Sentiu uma alegria violenta e uma onda de coragem no seu corpo molhado.

— Senhor, se és Tu, — gritou êle, — manda-me ir até onde estás por sôbre as águas!

— Vem! — disse Jesus, estendendo as mãos.

“E descendo Pedro da barca, caminhava sôbre a água para ir a Jesus, — continua a narrativa de Mateus, testemunha ocular. — Vendo, porém, que o vento era forte, temeu e começando a submergir-se gritou, dizendo:

— Senhor, salva-me!

“E logo Jesus, estendendo a mão, o tomou e lhe disse:

— Homem de pouca fé, por que duvidaste?

“E depois que subiram para a barca, o vento cessou. E os que estavam na barca aproximaram-se d’Ele e O adoraram, dizendo:

— Verdadeiramente Tu és o Filho de Deus!” (13).

A tempestade amainou. A estrêla da manhã brilhava serenamente sôbre o lago calmo e ao romper da aurora desembarcavam êles em Cafarnaum.

(13) Todos os evangelistas falam da tempestade e do aparecimento de Jesus sôbre as águas, mas somente S. Mateus relata a aventura de Pedro: XIV, 28-32.

XIII

MAL tinham êles desembarcado e ainda não se passara o dia, quando o povo descobriu quem eram e Quem se achava com êles. E, como muitas das testemunhas estavam agora voltando a pé ou de bote, com novas do milagre dos pães e da misteriosa desapareição d'Ele, tôda a comunidade começou a agitar-se. Viu Simão Pedro as multidões habituais aglomerarem-se na praia e em redor de sua casa. Buscavam Jesus e contudo pareceram grandemente surprêsas, quando O encontraram.

— Mestre, quando chegaste aqui? — perguntaram. Depois, como no dia anterior, aclamaram-nO como Filho de Deus e Rei de Israel.

Embora fôsse isso precisamente o que desejava Ele, que todos acreditassem e dissessem, notou Simão Pedro que recebia Jesus tudo aquilo com marcada frieza.

— Em verdade, em verdade vos digo: vós buscais-me, não porque vistes os milagres, mas porque comestes dos pães e ficastes saciados — disse Ele. — Trabalhai, não pela comida que perece, mas pela que dura até a vida eterna, a qual o Filho do Homem vos dará, porque n'Ele imprimiu Deus Pai o seu sêlo.

Dizendo isto, claramente, voltou-se e pôs-se a andar. Era de confundir tanto aos Apóstolos como à multidão. Não Lhe haviam êles chamado Filho de Deus? Não tinham tornado bem patente sua crença? Que alimento eterno era aquêlo que iria dar-lhes? Estavam todos intrigados não sabendo a experiência a que iria Ele submeter-lhes a "fé". Mas continuavam a vivá-Lo, enquanto Ele seguia pela praia para a branca sinagoga que trazia a bandeja de maná esculpida no lintel de sua porta, e apinharam-se lá dentro quase até o teto, na avidez de ouvi-Lo explicar a Sua enigmática afirmativa. Os Doze, com alguns de seus discípulos e companheiros, foram abrindo caminho atrás d'Ele e conservaram-se juntos o mais perto d'Ele possível. Notaram, misturados com o povo da cidade, alguns estrangeiros, evidentemente fariseus e saduceus de Jerusalém. Viram o Senhor voltar-se, quando alcançou a *Bima* e com ar divertido olhar as longas fileiras de

rostos morenos e olhos cintilantes que enchiam a sombria sinagoga. Não disse nada, mas esperou. O povo começou a inquietar-se e algumas pessoas, falando em nome dos demais, principiaram a fazer perguntas.

— Que devemos nós fazer para praticar obras do agrado de Deus?

— A obra do agrado de Deus é esta, — respondeu Jesus, — que acrediteis nAquêle que Êle enviou.

Houve outra pausa e depois várias vozes indagaram:

— Que milagre fazes Tu, pois, para que o vejamos e acreditemos em Ti? Nossos pais comeram o maná no deserto, segundo está escrito: “Deu-lhes a comer o pão do céu”.

Era por isto que estivera Êle esperando. Eles também tinham notado a inscrição na porta.

— Em verdade, em verdade vos digo, — respondeu Êle decididamente, — Moisés não vos deu o pão do céu, mas Meu Pai é que vos dá o verdadeiro pão do céu. Porque o Pão de Deus é o que desceu do céu e dá a vida ao mundo.

— Senhor, dá-nos sempre dêste pão! — gritaram êles.

Foi então que Êle lançou o desafio:

— *Eu sou o pão da vida*, — disse Êle.

Os homens de Jerusalém cochichavam entre si. Outros que conheciam gente de Nazaré perguntavam-se uns aos outros:

— Porventura não é êste aquêle Jesus, filho de José, cujo pai e mãe nós conhecemos? Como pois diz êle: “Desci do céu”?

Simão Pedro atentou para apanhar as palavras a seguir. Sabia que o Senhor podia explicar isto, como tantas vêzes havia explicado outras parábolas. Se estava Êle pensando em Sua doutrina como um simbólico alimento espiritual, ou se estava se referindo ao pão como um símbolo de Seus ensinamentos, seria aquêle o momento próprio para tornar claro. Mas Jesus disse:

— Não murmureis entre vós. Ninguém pode vir a Mim, se o Pai Que Me enviou não o atrair: e Eu o ressuscitarei no último dia...

— Eu sou o pão da vida, — repetiu Êle. — Vossos pais comeram o maná no deserto, e morreram. Mas êste é o pão que desceu do céu, para que aquêle que dêle comer não morra. Eu sou o pão vivo, que desci do céu. Quem comer dêste pão viverá eternamente; e o pão que Eu darei é a Minha carne para a salvação do mundo.

Simão Pedro mal ousava encarar seus companheiros. Todos em redor dêle discutiam e vários estavam perguntando em voz alta:

— Como pode êste dar-nos a comer a sua carne?

Havia talvez arrazoado, mas não afrouxamento, na voz de Jesus quando continuou. Pelo contrário, tornou mais forte o desafio:

— Em verdade, em verdade vos digo: Se não comerdes a carne do Filho do Homem e beberdes o Seu sangue, não tereis a vida em vós. O que come a Minha carne, e bebe o Meu sangue, tem a vida eterna e Eu o ressuscitarei no último dia. Porque a Minha carne é verdadeiramente comida, e o Meu sangue é verdadeiramente bebida. O que come a Minha carne, e bebe o Meu sangue, fica em mim e Eu nêle. Assim como o Pai que vive Me enviou, e Eu vivo pelo Pai, assim o que Me comer a Mim, êsse mesmo também viverá por Mim. Êste é o pão que desceu do céu. Não como vossos pais que comeram o maná e morreram. O que come dêste pão viverá eternamente.

Que experiência para um homem como Simão Pedro ouvir tais palavras arremessarem-se contra si, solene e deliberadamente, emanadas dAquêle que êle amava e reverenciava! Deixavam-lhe a mente cambaleante e indecisa, por assim dizer, em algum remoto limite da razão, onde poderes invisíveis lhe batiam e tentavam atirá-lo entre os desgraçados loucos que ululavam à meia-noite entre os túmulos solitários. Nem era êle o único que as achava ininteligíveis, pois agora ouvia alguns de seus companheiros e discípulos dizerem uns aos outros:

— Dura é esta linguagem, e quem a pode ouvir?

Dura era na verdade. Dura porque era patentemente significativa para ser tomada literalmente. “Em verdade, vos digo... A Minha carne é *verdadeiramente* comida, e o Meu sangue é *verdadeiramente* bebida”. Devia depreender-se claramente das palavras, de Sua voz e de Seu ar de tremenda seriedade, que queria Êle que compreendessem que tencionava dar-lhes Sua carne a comer e Seu sangue a beber. Poderia ter fàcilmente tranqüilizado a todos sugerindo uma interpretação figurada ou simbólica. Pelo contrário, exclamou:

— Isto escandaliza-vos? E se vós virdes subir o Filho do Homem para onde estava antes? O Espírito é o que vivifica; a carne para nada aproveita. As palavras que Eu vos disse são espírito e vida. Mas há alguns de vós que não crêem.

Voltou-Se para o grupo consternado de apóstolos e discí-

pulos, pois como explica o Evangelho, “sabia desde o princípio quais eram os que não criam, e quem O havia de entregar”, quando olhou diretamente para Judas Iscariotes.

— Por isso Eu vos disse, — acrescentou Ele significativamente, — que ninguém pode vir a Mim, se lhe não fôr concedido por Meu Pai”.

As alusões daquele momento são agora bastante claras. O terrível silêncio estava cheio dos tormentos dos mártires, da ascensão e derrocada de impérios, do troar de guerras e cruzadas, do crescimento e morte de milhares de heresias contra a Cidade de Deus, da sorte de milhões de almas humanas pelo bem ou pelo mal eternos, do decisivo embate de Cristo e do Anticristo nos Derradeiros Dias. A fala do Messias atravessou as sombras dos séculos por vir, separando crentes de incrédulos, os filhos da luz dos filhos da treva. E por algum oculto decreto antecipatório, caiu entre dois dos Doze que O contemplavam dentre os demais. Foi aquêle, ao que parece, o momento mesmo em que Judas Iscariotes disse em seu íntimo: “Não compreendo isto. Portanto não acreditarei e não servirei!” Simão Pedro igualmente perplexo e atormentado, porque amava profundamente, sentiu o mesmo que sentira na noite anterior, quando a morte o havia cercado e outra esperança não havia senão agarrar a mão que Ele lhe estendia.

A separação dos espíritos não parava aqui. Alguns dos “judeus” e galileus já estavam abrindo caminho por entre a multidão e tratando de retirar-se, com exclamações de desgosto. Pior ainda, o grupo estreitamente junto de discípulos começou a separar-se e considerável número, inclusive alguns que tinham parecido mais fanáticos na sua devoção, acompanharam os incrédulos, repetindo, desgostados: “Dura é esta linguagem, e quem a pode ouvir?” E “já não andavam com Ele”.

Até mesmo os Doze estavam hesitantes agora. O silêncio de pedra de Judas Iscariotes havia-lhes rompido as fileiras invisivelmente e uma inquietação passou a agitar a todos. Jesus contudo nem uma sílaba de explicação proferiu. Não fêz apelos, não prometeu. Em vez disso, apontou-lhes a saída friamente, com esta simples pergunta:

— Quereis vós também retirar-vos?

Houve outro silêncio tão profundo como a eternidade. Foi quebrado pela voz trêmula de Simão Pedro:

— Senhor, para quem havemos nós de ir? — gaguejou êle.
— Tu tens palavras de vida eterna e nós acreditamos e conhecemos que Tu és o Santo de Deus! (1).

Este é o clímax daquela cena notável. Mas o anticlímax que se segue é ainda mais estupefaciente, e deve ter alguma profunda significação. O relato testemunhal de João não traz resposta de Jesus a Pedro, nem a mais leve palavra de agradecimento, de aprovação ou de gratidão por aquilo que deve ter exigido um supremo esforço da vontade, sob uma excruciante e plausível tentação. Em vez de notar o que o pescador havia exprimido tão súbitamente, correu Êle a vista pelas filas de atemorizados rostos acusadoramente e, quando Seus olhos pousaram mais uma vez sôbre os de Judas, disse fulminantemente:

— Não fui eu que vos escolhi a vós, os Doze? E contudo um de vós é um demônio! (2).

A conclusão é quase inevitável de que a confissão de Simão Pedro não era tudo o que Jesus queria. Começara com uma pergunta semidesesperada e terminava por uma expressão "o Santo de Deus", que ainda sugeria hesitação ou dúvida, desde que podia incluir todos os graus de expectativa messiânica. Esta teoria encontra apoio numa pergunta que o Senhor lhe lançou, não muito depois da cena na sinagoga: "Também vós estais ainda sem inteligência?" Confirmada além disso pelos acontecimentos das semanas seguintes.

Depois de ter sido repudiado pelo povo de Cafarnaum, deixou Jesus a cena de tantos de Seus milagres e conduziu os Doze, com os poucos discípulos remanescentes, através das montanhas da Galiléia até o Grande Mar, onde êle cintila para encontrar o céu ocidental. Nada se diz no resumido relato desta sexta jornada mais ao norte a respeito da estrada que tomaram: se seguiram a estrada principal até Aco e dali subiram para a costa mediterrânea, ou se acompanharam o Jordão quase até sua origem e depois desceram até a planície costeira. Está claro, porém, que atravessaram muitas aldeias da Fenícia, até chegarem quase aos muros de Tiro, empoleirada na sua ilha rochosa, dois mil pés acima das águas azuis.

Não parece que Jesus e Seus amigos tenham entrado na perversa cidade, mas depois de ter pregado nas vizinhanças e de ter curado cegos, surdos e mudos, voltou Êle à Galiléia

(1) Assim Spencer, do grego, p. 279 — a Vulgata e alguns manuscritos têm "o Cristo, Filho de Deus".

(2) João VI, 25-70.

è realizou outra jornada pelas cidades da Decápolis, onde repetiu a multiplicação dos pães e dos peixes para uma multidão de quatro mil pessoas. Depois cruzaram o Mar em uma barca até Magdala, onde foram alcançados por alguns espias dos fariseus, que censuravam o fato de comerem os discípulos sem lavar as mãos. “Hipócritas! — replicou Jesus. — Bem profetizou de vós Isaías, dizendo: Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. É em vão que me honram, ensinando doutrinas e mandamentos dos homens” (3).

Depois disto cruzou a água de novo para Betsaida, advertindo os Apóstolos contra “o fermento dos fariseus, que é a hipocrisia”, e conduziu-os à terra, subindo as estreitas margens do Alto Jordão até depois das Águas de Merom.

Depois de uma caminhada de poucos dias, acharam-se em um dos trechos mais agradáveis da Palestina, entre morros arredondados, salpicados de carneiros errantes e medas enroladas, onde o orvalho matutino parecia uma toalha de diamantes estendida sôbre a viçosa relva. Estavam na encosta sul do Monte Hermon, que serpenteava até o seu cume nevado, a oito mil pés de altitude. Bem à mão se achava a cidade de Cesaréia de Filipe, reconstruída por Herodes e Filipe, o Tetrarca, em honra de Augusto. A fria beleza grega de suas colunas, de seus pórticos, afrescos e arcadas erguia-se em meio do verde das colinas com uma perfeição quase dolorosa, contra o azul cobalto do céu de verão.

Jesus e Seus Apóstolos passaram, porém, por tôda aquela serena magnificência e prosseguiram para um selvagem e abrigado recanto não muito distante, onde uma das nascentes do Jordão jorra numa gruta, como um facho de mercúrio por um rochedo alaranjado até uma profunda bacia lá embaixo. Havia muito, colonos gregos tinham reservado aquê-le lugar incomparável para o culto de Pan, cujo santuário tinham construído na gruta donde nascia o rio sagrado. A estátua do deus já se havia derrocado. Mas a perdiz e a galinhola ainda vojavam entre as amendoeiras e oliveiras e entre os seculares carvalhos. Espirando a vista pela extensão fresca e verdejante, tinha-se um panorama soberbo do vale do Jordão e das montanhas da Galiléia, envoltos em névoa e luz de sol.

(3) *Isaías XXIX, 13, em Mateus XV, 8-9.*

Foi naquele lindo recanto por Êle criado que o Senhor Jesus completou a obra misteriosa que havia começado na alma de Simão Pedro, na sinagoga de Cafarnaum. Um dia encontraram-no rezando sozinho em meio do barulho da canção alta e delicada da água prateada, quando se lançava aos meandros de seu curso até o Mar Morto. Ao se aproximarem, voltou-se Jesus súbitamente e os recebeu com uma inesperada pergunta:

— Quem dizem os homens que é o Filho do Homem?

Êles gaguejaram e deram várias respostas.

— Uns dizem que é João Batista, — disse um.

— Outros, Elias.

— Outros, Jeremias, ou algum dos profetas.

Jesus correu o olhar pela fileira de rostos intrigados.

— E vós quem dizeis que Eu sou? — insistiu Êle.

Foi Simão Pedro, sem dúvida, quem arremessou a poderosa verdade que estivera a cristalizar-se em sua mente, desde aquêlê dia em Cafarnaum:

— *Tu és o Cristo, Filho de Deus vivo!*

Não havia hesitação ou dúvida desta vez, nem confusão de pensamento ou de palavra. Simão Pedro queria dizer que o Próprio Deus, o Criador do universo, tinha-se encarnado e ali estava diante dêles na pessoa de Jesus Cristo, o prometido Salvador de Israel e do mundo. Era o Senhor Deus que tinha falado a Moisés dentro da sarça ardente e como dissera EU SOU a Moisés, podia também dizer ao mundo inteiro: EU SOU.

— *Bem-aventurado és Simão, filho de João!* — disse êle.

— *Porque não foi a carne e o sangue que to revelou, mas Meu Pai que está nos céus. E eu digo-te que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a Minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. E eu te darei as chaves do reino do céu: e tudo o que ligares sobre a terra, será ligado também nos céus; e tudo o que desatares sobre a terra, será desatado também nos céus*" (4).

Não tinha ainda Pedro idéia do que quisesse o Senhor significar quando dizia que o povo deveria comer de Sua carne e beber de Seu Sangue. Mas sabia que, como Filho de Deus, não podia Êle mentir, e que o tempo haveria de lançar um clarão revelador sobre aquela afirmativa. Agora sabia

(4) Mateus XVI, 13-20.

também que o Senhor estava perpetuando a Casa de Israel de algum modo especial, que implicava soberania sobre todas as consciências humanas e uma preeminência de estarrecer de glória para êle. O tempo também explicaria isto. Seu coração cintilava e exultava. Provavelmente nem prestou atenção aos frios olhos céticos de Judas Iscariotes, que, ao comparar aquêle pequeno bando, fatigado de caminhadas, ali debaixo dos carvalhos, com o esplendor dos Sumos Sacerdotes de Jerusalém, deve ter sentido, mesmo mais do que em Cafarnaum, que havia cometido um grande engano.

XIV

PEDRO deve ter ficado inteiramente certo desta vez daquilo que tantos místicos têm descoberto a respeito da associação com Jesus Cristo neste mundo. Prometera Êle fazê-lo um pescador de homens e vêzes havia em que Êle próprio, lidando com as almas que havia escolhido, parecia um perito Pescador, ora afrouxando a linha para permitir que a vítima sentisse o alívio de correr livremente, através das frias águas espirituais, ora arrastando-a firmemente, seguramente, inexoravelmente, mas sem causar-lhe dano, pois nessa instância a vítima, na frase de Santa Teresa de Lisieux, é uma vítima de amor. Na vida da alma aqui há sempre uma misteriosa vazante e uma enchente, uma sístole e uma diástole de consolação e tristeza. E êste contraste é bastante necessário. Pois o homem raramente pode suportar tanta angústia. Contudo é na miséria e na humilhação, não na alegria e na prosperidade, que êle se encontra e encontra Deus.

É por isso que os Filhos de Israel, como o notou um dos maiores mestres da teologia mística, foram humilhados pelo Senhor e ensinados a conhecerem-se em pobres roupas de trabalho, depois de postos de lado seus atavios festivos. É por isto que Moisés foi humilhado antes de ser exaltado. É por isto que Jó foi deixado nu e miserado em cima dum monturo, antes que o Altíssimo baixasse para lhe revelar Sua sabedoria, como nunca o fizera no tempo da prosperidade dêle (1).

Ora o Cristo, mesmo enquanto na terra, lidava com a alma de Simão Pedro precisamente como fizera com Seus amigos especiais na Antiga Lei. E deu-lhe desagradável lembrança disto no caminho de volta à Galiléia, depois de sua hora de grandeza em Baniás. Caminhando pelos campos pesadamente fragrantés de agôsto, haviam chegado a uma pequena aldeia na região norte e Jesus, no decorrer dum sermão ao povo que se Lhe aglomerara em tórno, fêz notar que estava de volta a Jerusalém para que "padecesse muito e fôsse rejeitado pelos Anciãos e pelos Príncipes dos Sacerdotes

(1) S. João da Cruz — *A Noite Escura da Alma*, livro I, capítulo XII, *passim*.

e pelos escribas e fôsse morto e ressuscitado depois de três dias. E “falava destas coisas claramente” (2).

Deve isto ter sido como uma ducha d'água gelada, para um homem ainda resplendente da distinção que lhe fôra conferida. A frase relativa à ressurreição nada significava para êle e difficilmente a notou, pois sua atenção tinha sido colhida pela palavra “morte”. Mas isto era mais do que bastante e todo o seu ser, como de costume, recuava ao impacto de qualquer sugestão a respeito de vermes rastejantes e de túmulos caiados. Mal pôde esperar que o Senhor acabasse de falar para chamá-Lo de parte, dentre a rústica multidão e censurá-Lo.

— Deus tal não permita, Senhor — disse êle gravemente ao ouvido de Jesus. — Não Te sucederá isto!

Não era pequena ousadia oferecer não apenas conselho, mas orientação Àquele Que havia êle reconhecido recentemente como sendo o Filho de Deus vivo, e que Pedro sentisse liberdade de assim fazê-lo, vale por volumes para mostrar a facilidade pueril e a confiança que o amor de Jesus comunicava a Seus amigos. Geralmente seus bem intencionados despropósitos eram corrigidos com paciência e delicadeza. Mas nesta ocasião, aparentemente, foi necessário dar ao pescador uma lição mais dura. Talvez se tivesse êle mostrado um tanto importante, desde que lhe haviam sido prometidas as chaves do Reino. Talvez, também, merecesse ser repreendido mais severamente por discutir com seu Senhor, agora que tinha idéia mais clara de quem Êle fôsse. Estava certamente ainda bem longe da cura daquela doença da alma que, citando S. João de novo, faz os homens decaídos “medir Deus por si mesmos e não a si mesmos por Deus”. Isto provavelmente explica a súbita severidade de Jesus ao dizer:

— Retira-te de Mim, Satanás! Tu serves-me de escândalo, porque não tens a sabedoria das coisas de Deus, mas das coisas dos homens (3).

Pedro nada tinha a dizer. Foi humilhado até o pó. O único outro Apóstolo a ser censurado tão fortemente fôra Judas Iscariotes. E para não deixar dúvida sôbre o significativo da lição, o Senhor acrescentou:

— Se algum quer vir após de Mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, cada dia e siga-me. Porque o que quiser salvar a sua alma, a perderá, e quem perder a sua alma por

(2) Marcos VIII, 30-32.

(3) Mateus XVI, 22-23.

causa de Mim, salvá-la-á. Que aproveita ao homem se granjejar todo o mundo, se se perde a si mesmo, e se faz dano a si? Porque quem se envergonhar de Mim e das Minhas palavras, o Filho do Homem se envergonhará dêle, quando vier na Sua majestade, e na de Seu Pai, e dos santos anjos.

É provável que, aceitando isto com tôda a humildade de que era capaz, ainda assim achasse Pedro difícil fazê-lo. "Tome a sua cruz de cada dia", estava além de suas fôrças. Mas seu sanguíneo coração deve ter saltado de novo à referência à "Sua majestade, à de Seu Pai e dos santos anjos". Majestade era algo que êle compreendia melhor que dor ou humilhação. E talvez o Senhor sentisse que Pedro recebera já bastante remédio divino no momento, pois concluiu com um pensamento mais consolador:

— E digo-vos na verdade que estão presentes aqui alguns que não gostarão da morte, sem que vejam o Reino de Deus (4).

Com isto abandonou a aldeia onde a discussão havia ocorrido e, acompanhado pelos Doze e pela companhia maior de discípulos, continuou seu caminho para o oeste. Deixando a garganta rochosa do alto Jordão, penetraram nos baixios selvagens que se estendem para as montanhas de Naftali e do Grande Mar. Foi nesta planície, perto das águas de Merom ou Hulé, que Josué havia combatido pela terceira vez contra os reis pagãos, derrotando-os totalmente e queimando-lhes os carros de guerra. Agora o verde das searas era cortado apenas por carneiros tresmalhados, por campos cultivados de milho ou centeio, ou por canteiros rústicos, de flores escarlates debaixo de sicômoros secos. O próprio solo era diferente ali. Não mais a cinzenta poeira calcária do norte tinham êles sob os pés, mas o negro calçamento de basalto rochoso de Bashan. A medida que palmilhavam seu caminho para o sul, viam à sua esquerda as águas cristalinas de Merom, meio lago, meio pântano, uma mata de caniços e de salgueiros. De vez em quando um bando assustado de aves selvagens cortava o nevoeiro côr de pérola. Não era insólito ver um rebanho de gazelas reunido na crista dum morro.

Assim durante cêrca de uma semana, desceram as verdes colinas e searas para a planície de Genesaré, depois subiram de novo para as terras altas da Galiléia, além de Nazaré e Caná e, finalmente, ao que parece, numa larga parábola para o sul e para leste, até que, no oitavo dia depois da hu-

(4) Lucas IX, 27.

milhação de Pedro, acharam-se no sopé de verdejante e avultada montanha. Era provávelmente o arborizado Tabor, embora isto tenha sido também discutido. Qualquer que tenha sido o lugar, Jesus ordenou à maior parte dos que O acompanhavam que ficassem à Sua espera, enquanto ascendia Êle a um dos pontos mais elevados para rezar. E indicando Pedro, João e Tiago Maior para O seguirem, pôs-se a subir a encosta.

O que Pedro viu ali com os outros pescadores foi o bastante, literalmente, para erguê-lo do vale de miséria em que estivera a andar, até as próprias portas do céu. Dos três relatos autênticos da Transfiguração nos evangelhos sinóticos, um, o de Marcos, provávelmente veio dêle. O mais completo, porém, é o de Lucas:

“E aconteceu que cêrca de oito dias depois destas palavras, tomou consigo Pedro, Tiago e João, e subiu a um monte para orar. E enquanto orava, tornou-Se todo outro o Seu rosto; e o Seu vestido tornou-se branco e resplandecente. E eis que dois homens falavam com Êle. E êstes eram, Moisés e Elias, os quais apareceram cheios de majestade, e falavam da Sua saída dêste mundo, que Êle estava para cumprir em Jerusalém.

“Entretanto, Pedro e os que estavam com êle tinham-se deixado oprimir do sono. E despertando, viram a majestade de Jesus e os dois varões que estavam com Êle. E aconteceu que, enquanto êstes se separavam dêle, Pedro disse a Jesus: “Mestre, é bom para nós estar aqui; façamos três tendas, uma para Ti, uma para Moisés e uma para Elias”, não sabendo o que dizia (5). E estando êle ainda a falar, formou-se uma nuvem e os envolveu; e tiveram mêdo, quando os viram entrar na nuvem. E saiu uma Voz da nuvem, dizendo: “Êste é o Meu Filho dileto, ouvi-O!” E, ao soar aquela Voz, Jesus ficou só” (6).

Nenhum dos três evangelistas menciona o lugar dêste sublime episódio, ou a hora do dia; donde terem os artistas acrescentado pormenores que condissessem com suas próprias concepções. Teresa Neumann, a estigmatizada de Konnersreuth, “viu” tudo numa visão extática que teve na Festa da Transfiguração (seis de agôsto), em 1926, e oferece alguns particulares interessantes e plausíveis. Viu Jesus numa eminação plana e rochosa à hora do crepúsculo, usando sua

(5) Estava amedrontado, acrescenta Marcos IX, 6.

(6) Lucas IX, 28-36.

túnica dum castanho avermelhado, com um pano semelhante a um manto, passado nos ombros, e rezava de pé, segundo a moda judaica. Pedro, João e Tiago tinham estado sentados no rochedo, uns poucos pés abaixo, mas haviam todos adormecido. De repente viu ela o Senhor erguer-Se cêrca de meio metro acima do solo, e ficar suspenso no ar, enquanto tôda a Sua roupa acastanhada se tornava característica e extremamente alva. Seu rosto também se tornou luminoso, mas não ofuscante, pois continuou ela a ver Seus olhos e tôdas as Suas feições perfeitamente, enquanto Êle permanecia olhando para cima. Em seguida apareceu espêssa nuvem sob seus pés. À sua direita, sôbre outra nuvem, apareceu um homem com esplêndida barba comprida, num traje de numerosas dobras, como um manto. À esquerda via-se outro, com uma barba mais curta e uma túnica cingida na cintura. Usava também um manto. Falavam com Jesus.

Neste ponto os três pescadores despertaram de seu sono profundo. O mais velho, Pedro certamente, com seu cabelo bem crêspo e sua barba, disse alguma coisa em aramaico que ela não compreendeu. João, um jovem sem barba, estava sentado à sua esquerda. Mais para a frente, estava Tiago, parecendo mais velho do que João. De repente todos três pareceram "cheios de terror" e prostraram-se de rosto para o chão. Uma grande nuvem escureceu as três figuras acima, a de Cristo, de Moisés e de Elias. Depois ouviu ela "uma voz clara e forte", mas não pôde compreender o que dizia. Logo Jesus reapareceu ali como antes, com sua roupa dum castanho avermelhado. Desceu para onde se achavam os três atemorizados apóstolos, encolhidos em cima do rochedo e, pegando Pedro pelo braço direito, lhe disse algo. Depois a visão inteira desapareceu (7).

A luz que Pedro teve permissão de ver, brilhando de dentro da Pessoa de seu divino Senhor e banhando-O e às Suas roupas de esplendor, era evidentemente aquela luz incriada que tantos místicos acharam impossível descrever. "*Oh Jesus mio*", exclamou Santa Teresa, "quem poderia tornar compreendida a majestade com que Vos mostrais?" e chamou a isto "a luz que nunca se apaga e não tem noite" (8). Foi naquela nítida glória espiritual, de que o nosso fulgurante sol é apenas um fraco e impuro reflexo, que o pescador da Galiléia pôde vislumbrar a divindade de seu Mestre. Foi esta

(7) Angerer, A., DAS PHANOMEN VON KONNERSREUTH, *Walsassen*, 1927, citado em von Lama, *op. cit.* I, pp. 131-132.

(8) *Libro de la vida*, cap. 28.

a recompensa que lhe coube pela confissão de fé junto às águas de Banias e pela humildade com que aceitou a censura na região do norte.

É patente, também, que sua nova fé estava sendo confirmada e fortificada para prepará-la contra os novos assaltos que teria de sofrer. Mais cedo ou mais tarde, teria de ser obrigado a tomar ao pé da letra as predições do Senhor, a respeito de Sua morte ignominiosa, pois o choque de desilusão seria severo. Não somente isto, mas dali por diante seus passos seriam dirigidos por um caminho bastante diferente da estrada gloriosa que esperara. Sto. Tomás de Aquino sugere que nenhum homem poderia seguir tal Via Dolorosa, sem perder a coragem, a menos que tivesse alguma noção de um fim digno da provaçã e que o Senhor lhe oferecesse um vislumbre da alegria perene que se seguiria às suas tristezas e perseguições (9).

Foi-lhe também necessário, como notou S. Leão, o Grande, compreender as duas naturezas de Cristo, a divina e a humana. A maior parte dos movimentos de ruptura, chamados heresias, teve sua origem, diz êle, na falta do reconhecimento de uma ou de outra, êrro de que o primeiro chefe da Igreja Divina deveria seguramente estar livre (10). Esta observação nada perde de sua fôrça, quando se evoca a conduta de Pedro diante da Transfiguração. Propondo venerar Cristo ao lado de Moisés e Elias, como Maomé mais tarde O enfileiraria entre os Profetas, e professôres presumidos O honram com Sócrates e Confúcio, aquêle tôsko homem estava tropeçando no próprio poço do síncretismo. Foi para esmigalhar essa embrionária aventura no terreno das "religiões comparadas ou da "interconfissão" niveladora que a Voz onipotente do Pai das Luzes trouxe de dentro da nuvem: "Êste é o MEU FILHO!". Não é de admirar que os três pescadores tenham caído de rosto no chão, aterrorizados!

Contudo Pedro estivera tão perto de ver o céu que nunca mais o esqueceu. Mais de trinta anos depois, já velho, experimentado na fé e prestes a morrer, escreveu a êsse respeito para alguns de seus discípulos e a evocação levou-o a mostrar-se significativamente eloqüente e poético:

"Não foi seguindo fábulas engenhosas, que vos fizemos conhecer o poder e a vinda (no fim do mundo) de nosso

(9) *Summa Theol.*, III, Q. 45, art. 1.

(10) *Sermões*, 32 e 51.

Senhor Jesus Cristo, mas foi depois de têmos sido espectadores da Sua grandeza. Pois que Êle recebeu de Deus Padre honra e glória, quando da majestosa glória desceu a Êle uma voz (que dizia): “Este é o Meu Filho amado, em Quem pus as minhas complacências, ouvi-O”. E nós mesmos ouvimos esta voz vinda do céu, quando estávamos com Êle sôbre o monte santo. E temos ainda a palavra mais firme dos profetas, à qual fazeis bem em prestar atenção, como a uma lucerna que alumia num lugar escuro, até que venha o dia, e a estrêla da manhã nasça em vossos corações” (11).

Cedo na manhã dessa experiência os três pescadores seguiram seu Senhor, com novo senso de admiração reverente, descendo a encosta para juntarem-se aos setenta ou mais discípulos. Encontraram-nos reunidos como carneiros arrebanhados e cercados por enorme e barulhenta multidão de várias aldeias, que lhes fazia súplicas ou ameaçava. Evidentemente algo de insólito havia ocorrido e Pedro não se mostrou muito surpreso, quando viu os infalíveis escribas e fariseus de Jerusalém. Destacando-se pelos seus largos filactérios, pelo ar importante e pelas longas barbas, pavoneavam-se por tôda parte, fazendo perguntas e investigando entre os obsequiosos espectadores.

Quando Jesus se aproximou daquela cena, muitos O reconheceram e em poucos minutos Seu nome corria em tôdas as bôcas. A multidão em pêso, de fato, começou a voltar-se para Êle e Pedro então notou que alguns se mostravam espantados de encontrá-Lo ali, enquanto outros davam sinais de medo. Depois viu um homem de meia-idade irromper dentre o mais espêso da multidão e lançar-se aos pés do Senhor, dizendo:

— Mestre, eu Te trouxe meu filho que está possesso dum espírito mudo, o qual, onde quer que se apodera dêle, o lança por terra, e (o menino) espuma e range com os dentes, e vai-se mirrando. E roguei a Teus discípulos que o expelissem e não puderam.

— Oh! geração incrédula, — disse o Senhor, talvez olhando repreensivamente para Seus discípulos, que permaneciam humilhados e abatidos diante de seus inimigos de Jerusalém e da multidão dos galileus. — Até quando hei de estar convosco? Até quando vos hei de suportar? Trazei-Mo cá.

(11) 2 Pedro I, 16-20.

Três ou quatro homens arrastaram o menino até onde Ele estava. Vendo-O, o pobre pequeno caiu no chão, a rebo-
lar, espumando e rangendo os dentes com horrendas caretas.

— Há quanto tempo lhe sucede isto? — perguntou o Senhor.

— Desde a infância, — respondeu o atribulado pai, — e o demônio tem-no lançado muitas vêzes no fogo e na água, para o matar. Porém Tu, se podes alguma coisa, vale-nos, tendo compaixão de nós!

— Se podes crer, porque tudo é possível ao que crê.

— Sim, senhor, eu creio! — gritou o homem. — Auxilia a minha incredulidade!

Jesus disse então:

— Espírito surdo e mudô, Eu te mando, sai dêsse menino e não tornes a entrar nêle!

Com um violento grito e numa derradeira e terrível convulsão, o menino caiu para trás e ficou imóvel como uma pedra.

— Está morto! — disseram alguns. — O menino morreu!

Quando, porém, Jesus lhe tomou a mão, abriu êle os olhos e levantou-se.

Foi aquela uma experiência um tanto decepcionante para Pedro, de certo modo, depois do deleite infável de sua visão na montanha. Mas ia-se seguir coisa pior, pois quando se afastaram da multidão e seguiam para o norte, Jesus lhes disse de novo que em breve iria para Jerusalém a fim de ali morrer. “O Filho do Homem será entregue às mãos dos homens, — disse Êle, — e Lhe darão a morte e ressuscitará ao terceiro dia” (12).

O relato de Marcos, derivado provavelmente de Pedro, acrescenta que “êles não compreendiam e tinham mêdo de O interrogar”. Pedro não queria ser chamado de Satanás novamente, contudo não era capaz de aceitar literalmente tal profecia. Apenas não tinha para êle sentido, como não teria para um pagão como Eurípides (13), que um Deus permitisse que Suas criaturas O injuriassem. Outrora achara difícil compreender como podia o Messias ser Deus. Agora, tendo-O visto na Sua gloriosa divindade, estava achando um tanto duro acreditar na Sua completa humanidade. Mesmo quando sentia o toque de Sua mão e via os Seus pés

(12) Marcos IX, 32; também Lucas IX, 45.

(13) Em AS BACANTES.

calçados de sandalias e empoeirados ao lado dos seus, achava impossível pensar n'Ele como moribundo ou morto.

Talvez estivesse o Senhor fazendo-os passar por alguns daqueles Seus misteriosos testes. Confiava Pedro que, quando tivessem alcançado Jerusalém, ficaria bastante patente que Ele era Deus e que era homem. Se ao menos tivessem tido os Sumos Sacerdotes e os fariseus um relance daquela Transfiguração no monte e visto Moisés e Elias honrando o Cristo! Bem, o Messias podia fazer o que quisesse, era bastante evidente agora. E Pedro estava decidido, sem se dar conta talvez de que estava corroendo sua insignificante vontade contra o Eterno, a crer que Ele não morreria, mas viveria e seria glorificado. Assim pensando, ao regressarem dando voltas para evitar as multidões, chegou êle a um lugar elevado, perto de Arbela, dali contemplando o brilho do sol estivo sôbre os telhados de Cafarnaum e sôbre as águas da Galiléia.

CAFARNAUM recebeu-os friamente desta vez. Ali onde os gritos de adulação tinham vibrado desde a água até as estrêlas, ali onde a multidão se havia aglomerado tão densamente que um aleijado tivera de ser descido pelo telhado, ouviram apenas insultos resmungados e viram rostos sombrios e suspeitosos. “Impostor!” “Sedutor!” “Comer a Sua carne, com efeito!” “Belzebu!” “Samaritano!” Os escribas e fariseus haviam realizado um bom trabalho.

Embora conhecesse Pedro a razão, achou difícil acreditar que aquela gente pudesse ter mudado em tão curto espaço de tempo. Quão bem o Senhor a compreendera, quando havia desprezado sua lisonja, observando que provinha somente do fato de lhe ter sido dada bastante comida! O verão que começara com a multiplicação dos pães e dos peixes ainda não havia passado; o trigo que estivera a brotar do chão naquele terrível dia na sinagoga, ainda não fôra recolhido aos celeiros. Contudo, naquela mesma cidade onde todos tinham ficado “fora de si de maravilha”, atravessava Êle as ruas quase desertas, não fôssem Seus amigos um tanto enlameados, inclusive o antigo publicano Levi e uns poucos da população.

Em vez de uma multidão acolhedora, vários dos Doze encontraram à sua espera na esquina junto da Casa da Alfândega alguns indivíduos de olhos febris e rostos descarnados, agentes do Tesouro do Templo de Jerusalém, que queriam falar com alguma pessoa responsável dentre êles, a respeito de negócios oficiais. Parece que os outros apóstolos apontaram Simão Pedro. Talvez já tivessem começado a ter certas dúvidas e suspeitas a respeito do homem que carregava a bolsa. Seja como fôr, foi ao pescador, de acôrdo com a narrativa de Mateus, que os cobradores de impostos se dirigiram.

— Vosso Mestre não paga a didracma? — perguntaram-lhe.

Os filhos de Anás eram eficientes em negócios dessa natureza. Tinham provavelmente feito investigações em Nazaré e haviam concluído que Jesus não tinha ainda pago o tributo anual daquele ano ou do ano anterior. Tinham agora nova arma contra Êle. Não podiam impugnar Sua honestidade ou

Sua sanidade, mas podiam dizer que era “impatriota” ou algo semelhante. Era um velho ardil, mas em geral eficiente. Todo judeu adulto constava da lista. “Vosso Mestre não paga a didracma?”

— Sim, — disse Pedro, sem a menor hesitação. — Sem dúvida que paga.

Talvez quisesse poupar suspeitas ou aborrecimentos a seu Senhor. Apressada e desastradamente, havia-se esquecido de que o Messias não estava sujeito a obrigação alguma de contribuir para a manutenção da casa de Seu Pai. Pusera-O na lista como sujeito ao tributo. Mateus, o ex-publicano, dificilmente cometeria tal dislate. Mas sua narrativa dêste incidente é tão discreta que somos levados a imaginar seu sorriso meio sardônico e a quase imperceptível descaída de suas pestanas ao ouvi-lo, e talvez o frio desprêzo na face sombria e taciturna de Judas.

Pedro seguiu para casa acabrunhado, meio envergonhado, meio truculento, como um homem que praticou um dislate inteiramente desnecessário. Não está claro se tencionava contar ao Senhor o que ocorrera, ou manter discreto silêncio, esperando que ninguém mais tratasse do assunto. Antes, porém, que tivesse oportunidade de abrir a bôca, Jesus o acolheu, dizendo:

— Que te parece, Simão? De quem recebem os reis da terra o tributo ou o censo? De seus filhos ou dos estranhos?

Viu Pedro que a gordura estava no fogo.

— Dos estranhos, — respondeu, todo acanhado.

— Logo são isentos os filhos.

Em outras palavras, por que deveria o Filho de Deus ser obrigado a pagar o tributo do Templo?

— Todavia para que os não escandalizemos, vai ao mar e lança o anzol; e o primeiro peixe que subir, toma-o, e abrindo-lhe a bôca, acharás dentro um siclo. Tira-o e dá-lho por Mim e por ti (1).

O resto não vem narrado. Mas infere-se que Pedro apanhou alguns de seus velhos apetrechos de pesca e cumpriu à risca aquelas ordens, enquanto os outros onze olhavam a coisa de um dos cais de Cafarnaum, gozando grandemente com o embaraço dêle, como fazem os homens em circunstâncias que tais, e a esperar o que iria acontecer. O êxito do lanço, pois não havia êle perdido nenhuma de suas habilidades da infância, parece ter sido aceito por Mateus, que se esquece

(1) *Mateus*, XVII, 25-27.

de mencioná-lo, passando rapidamente a narrar o que se seguiu, um dos mais inesperados e dos mais tocantes discursos messiânicos.

Deve ter sido no caminho de volta do cais para casa que os onze se engajaram na sua famosa discussão, a respeito das posições que iriam ocupar, quando o Senhor estabelecesse o Seu reino. Provavelmente começou com alguma menção às chaves do Reino e ao poder de ligar e desligar, que havia sido concedido a Pedro, a Pedra, em Baniás. Certamente nenhum d'êles jamais pôs em dúvida sua posição de chefe e sua preocupação naquela ocasião era provavelmente a respeito de quem seria o segundo no comando. O único de seus irmãos com qualquer aparência de lugar oficial era Judas, cujo caráter ambicioso permite-nos supor que não se deixaria ficar para trás na corrida em favor de si mesmo. Nem tão pouco os filhos de Zebedeu, que, encorajados talvez pela preferência a êles dada várias vêzes, tinham uma aguda certeza de suas credenciais para posições de destaque no governo messiânico. Bem humanos eram aquêles apóstolos, como parte pequena que eram de nossa comum natureza, advertindo as mentes farisaicas de mais tarde (nem tôdas judaicas) contra a propensão em desdenhar a Igreja por causa das faltas de seus membros. As vozes daqueles vigorosos homens reboavam, enquanto seguiam seu caminho. Mas quando chegaram à casa de Pedro, pararam de altercar, sabendo que, se o Senhor os ouvisse, os desaprovava.

Estando prestes a separarem-se, ouviram Sua voz que os chamava e se dirigiram para o lugar onde Se achava sentado.

— A respeito de que vinheis discutindo pelo caminho? — perguntou Êle.

Não havia necessidade de resposta. Êle sabia.

— Se alguém quer ser o primeiro, — disse Êle, com um olhar talvez para Pedro, que, a êsse tempo havia guardado seus apetrechos de pesca e viera mostrar o siclo ou estâter, que havia encontrado na bôca do peixe, — será o último de todos, e o servo de todos (2).

Possivelmente, o rosto de Pedro revelou quão pouco apreciou a idéia de ser o servo de Mateus, o ex-publicano, ou de Judas Iscariotes, ou mesmo dos filhos de Zebedeu e quão longe estava de suspeitar que uma longa linha de seus sucessores haveria de assinar, em deferências àquele momento, como "servo dos servos de Deus". Mas Jesus sabia disto e não

(2) Marcos IX, 35.

havia acabado a instrução. Viu então naquele instante uma criancinha que passava pela porta ou atravessava o pátio da casa. De acôrdo com uma antiga tradição cristã, era um menino de cabelos dourados, que mais tarde se tornou discípulo de Pedro, sucedendo-lhe como bispo de Antioquia e dando sua vida por Cristo em uma das arenas de Roma, devorado por leões — Inácio, “o trigo de Deus”. Se foi assim ou não, Jesus o chamou, sentou-o no meio dos Doze e prendendo-o entre Seus braços, disse aos apóstolos:

— Na verdade vos digo que, se vos não converterdes e vos não fizerdes como meninos, não entrareis no reino dos céus. Todo aquêle, pois, que se fizer pequeno, como êste menino, êsse será o maior no reino dos céus. E o que receber em Meu nome um menino como êste, é a Mim que recebe. Porém o que escandalizar um dêstes pequeninos, que crêem em Mim, melhor lhe fôra que se lhe pendurasse ao pescoço a mó que um asno faz girar, e que o lançassem no fundo do mar!... Vêde, não desprezeis um só dêstes pequeninos, pois vos declaro que os seus anjos nos céus vêem incessantemente a face de Meu Pai que está nos céus (3).

Foi êsse o comêço da admirável homília aos Apóstolos sòzinhos, em que Jesus estendeu a todos (inclusive a Judas) os poderes de atar e desatar, de perdoar ou não perdoar os pecados, que havia dado a Pedro em Baniás. Insistiu na importância da prece em comum, na autoridade de Sua Igreja, na preferência à morte em vez do mínimo compromisso em tôrno de Seus divinos ensinamentos, em certa realidade da punição do inferno, “onde o seu verme não morre e o fogo não se apaga”; e repetiu mais uma vez o que dissera sôbre os fundamentos da extrema humildade e do amor. Foi em resposta à pergunta de Pedro que contou a parábola do servo sem compaixão e insistiu sôbre o perdão das injúrias, sete vêzes setenta, do íntimo do coração. E de novo deve ter olhado com severo apêlo para Judas Iscariotes, ao prosseguir:

— É necessário que sucedam escândalos, mas ai daquele homem por quem vem o escândalo!... Não é a vontade de vosso Pai que está nos céus que algum dêstes pequeninos pereça... Se o sal se fizer insípido, com que haveis de temperar? Tende sal em vós e tende paz entre vós!

Os Doze escutavam em silêncio. Ninguém gosta de pensar nas chamas do inferno e era aterrorizador ouvir dos lábios do Filho de Deus, dos lábios que negavam misericórdia ao peca-

(3) *Mateus*, XVIII, 1.

dor impenitente, quer fôsse prostituta, ladrão ou assassino e clamavam tantas vêzes, com uma insistência de comover o coração: “Vinde a Mim todos os que trabalhais e vos achais carregados, e Eu vos aliviarei”, a solene certeza de que a punição eterna era tão real como a eterna bem-aventurança. Foi uma cena inesquecível: o rosto assustado de Judas, os olhos admirados do menino, o semblante majestático de Jesus. Nada aqui do epiceno e ineficaz Cristo da arte doentia, da ficção devota e da pregação molenga. Os doze homens se retiraram sabendo que tinham ouvido a Voz que falara a Abraão e a Moisés e que um dia haveria de reverberar sôbre as cinzas fumegantes do mundo visível.

Esta severa advertência serviu de certo modo de preparação, talvez, para outra momentosa jornada. Não foi muito depois que recebeu Jesus cordial e aparentemente piedoso convite de algum de Seus próprios parentes para acompanhá-los à Festa dos Tabernáculos em Jerusalém, a quinze de Tizri, em fins de setembro ou começos de outubro. Mostravam-se interessados pelo fato de que pouca gente (e principalmente a de Cafarnaum e de outras partes da Galiléia) tivesse visto Seus milagres. Queriam que fôsse Ele reconhecido pelas mais importantes pessoas da metrópole. “Manifesta-Te ao mundo”, insistiam.

Sabendo que não era amor nem fé, mas uma espécie sutil de malícia, procedente da inveja e do ceticismo, replicou Êle:

— Ainda não chegou o meu tempo, mas para vós é sempre tempo. O mundo não pode odiar-vos, mas odeia a Mim, porque Eu faço ver que as suas obras são más.

Depois que êles se foram, porém, informou aos Doze e aos discípulos que tencionava comparecer particularmente à Festa e, num quente dia de setembro, todos se puseram a caminho, com tão pouca preparação como sempre, ao longo da estrada menos transitada através da Samaria, tendo os parentes provavelmente seguido pela mais longa e mais segura passando por Jericó. Pelo que sabemos, Jesus nunca mais pôs pé em casa de Simão Pedro. Foi essa a última vez que honrou Cafarnaum com Sua presença.

Galgaram lentamente as trinta e oito milhas íngremes e perigosas até Arbela. Isto levou provavelmente dois dias; no terceiro devem ter alcançado a estrada principal que segue para o sul, através de Siquém e Samaria até a Cidade Santa e, seguindo por ela, pararam em certo lugar elevado, não mencionado nos Evangelhos, onde Jesus solenemente despachou setenta de Seus discípulos para se espalharem pela

região dos samaritanos e prepará-los para Sua pregação ali, com instruções muito semelhantes àquelas que dera no ano anterior aos Doze. Depois Simão Pedro viu-O voltar-se na direção do nordeste, onde talvez descortinassem uma derradeira vista de clarão solar sôbre a mais alta tôrre e as colunas de Cafarnaum, erguendo-se para seu rochoso e escarpado monte acima do mar, com Betsaida e Corazim estendendo-se faceiramente perto; e ouviu-O dizer algo que deve ter-lhe caído no coração, nativo como era êle daquelas plagas, como a voz que chegava a Jeremias no vento ardente:

— Ai de ti, Corazim, ai de ti, Betsaida! Porque se em Tiro e em Sidônia se tivessem operado as maravilhas que se têm operado em vós, há muito tempo que teriam feito penitência, cobertas de cilício, e jazendo sôbre a cinza. Por isso haverá no dia do juízo menos rigor para Tiro e Sidônia, que para vós. E tu, Cafarnaum, exaltada até o céu, serás abatida até o inferno! (4).

É uma coisa terrível, como disse um dos colegas de Pedro, cair nas mãos do Deus vivo. Nada mais existe em Cafarnaum, exceto as pedras dos alicerces da branca sinagoga em que Êle pela primeira vez prometera a Missa e a Eucaristia aos homens e fôra repellido. Mesmo isto não passa de conjectura, pois não há certeza do lugar onde foi a cidade. Corazim só é mencionada na Bíblia. Nada se sabe dela, senão a sua condenação.

O resto daquele dia é um tanto obscuro. Os Evangelistas não estavam escrevendo história ou biografia como tais, mas peças de ocasião, preparadas quando algum ensinamento do Senhor era desafiado. O que é mais evidente aqui é uma mudança de maneira. A tristeza da despedida de Pedro à sua própria cidade estava cedendo a uma alegria que parecia colorir os acontecimentos de vários dias ou semanas. Foi uma hora feliz aquela em que os setenta discípulos alcançaram seu Mestre não longe de Samaria (Sebaste, como Herodes agora a chamava), com as notícias do êxito de sua missão.

— Senhor, até os demônios se nos submetem em virtude do Teu nome!

— Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago, — disse Êle. Depois, ficando “arrebataado de alegria no Espírito Santo”, continuou: — Ditosos os olhos que vêem o que vós vêdes! (5)... Vinde a Mim todos os que trabalhais e vos achais carregados, e Eu vos aliviarei. Tomai sôbre vós o Meu jugo,

(4) Lucas, X, 13-15.

(5) Lucas, X, 21-24.

e aprendei de Mim que sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para as vossas almas. Porque o Meu jugo é suave e o Meu pêso leve ⁽⁶⁾.

Deve ter sido um sermão divino, incluindo a parábola do Bom Samaritano, com que fêz calar um encorujado Doutor da Lei que tentou enredá-lo em casuística.

Tendo deixado a planície samaritana e subido as montanhas da Judéia, chegaram, não muito depois, a Betânia, a uma hora de caminho de Jerusalém. Era então, como agora, uma pequena aldeia sôbre uma encosta, sem muita coisa que ver. Mas havia ali um lar, tal como Jesus amava, em uma das brancas casas quadradas com telhado arredondado em zimbório, e Ele se deteve com seus acompanhantes para visitá-lo. Muito pouco se sabe de seus moradores, considerando-se o renome que iriam ganhar. Parecem ter pertencido a uma família de classe média de alguma importância, pois eram bem conhecidos em Jerusalém e tinham ali muitos amigos ⁽⁷⁾. Acima de tudo, devem ter sido boa gente, simples, sincera e afável, pois João observa que por eles “tinha Jesus profunda amizade” ⁽⁸⁾.

Lázaro era um homem grave, estudioso, reflexivo, a quem o pesar dera certa tendência para as coisas espirituais — pesar talvez devido à perda de seus pais e ao antigo desvario de sua irmã mais moça, pois Maria era provávelmente a pecadora arrependida que havia lavado os pés de Jesus com suas lágrimas, na casa de Simão, o fariseu. A gratidão dela estava na proporção da misericórdia de Jesus, expelindo sete demônios de um corpo que a arte e a tradição têm representado como extremamente formoso, com um resplendor de cabelos louros. Cheia de tristeza por ter gasto a mocidade no meio alegre de Magdala ou Cafarnaum, sentia a diferença que há entre aquilo que os homens chamam amor e o que via nos olhos balsamizadores de Cristo. Agora seu único desejo era sentar-se a Seus pés e aprender sempre mais a respeito da vida eterna por Ele prometida. Tornou-se assim o protótipo do místico e do contemplativo, ao passo que sua irmã Marta sempre representará a vida mais ativa que tem também seu lugar no mundo, mesmo, embora, como observou ela delicadamente naquela ocasião, fôsse um lugar secundário. Sempre fôra uma criatura boa. Era uma dessas mulheres capazes e eficientes, o tipo das mulheres e espôsas

(6) *Mateus*, XI, 28-30.

(7) *João*, XI, 18-19.

(8) *Ibid.*, XI, 5.

israelitas e foi provavelmente de suas mãos atarefadas que Pedro e seus companheiros receberam o pão cheiroso que ela havia cozido e o vermelho vinho que fizera das uvas que cresciam na encosta atrás da casa.

Muitos peregrinos a caminho da Festa passaram por aquela casa sedativa e ordenada, cercada de seus jardins, campos e celeiros, sem suspeitar da cena doméstica que será lembrada até o fim do mundo, pois Jesus não se juntara à torrente de caravanas e pedestres. Estava resolvido ainda a ir secretamente à Festa e só aparecer quando estivesse bem a caminho. Pode ter sido à noite, portanto, que Se despediu de Lázaro e de suas irmãs e, acompanhado pelos Doze, transpôs o Monte das Oliveiras, atravessou o Valé de Cedron e entrou na Cidade Santa pela Porta de Damasco.

Foi fácil escapar à curiosidade naquela tarde. A Festa dos Tabernáculos estava em pleno ritmo e nunca houvera outra mais alegre. A semana inteira, com febril bom humor, imensas multidões tinham estado a comemorar os quarenta anos no deserto e antecipado a glória messiânica por vir. Nas ruas, na praça do mercado, por todo o Pátio dos Gentios, haviam construído tendas de ramos, cobertas de fôlhas e nelas por tôda uma semana, dormiram, comeram e folgaram. Pedro acompanhou seu Senhor por entre aquelas barracas, de um terraço de pedra a outro, subindo uma estreita e torcida rua, à luz suave de milhares de candeias. Abriam caminho por entre crianças que faziam cabriolas nas sombras vacilantes, por entre rapazes e moças que dançavam sôbre as lajes, ao som de palmas e de cítaras, por entre tardios vendedores ainda apregoando suas mercadorias e por entre velhos que cantavam fracamente os salmos mais alegres e mais consoladores.

“Os nossos pés param às tuas portas, ó Jerusalém. Jerusalém, que está edificada como uma cidade, cujas partes estão em perfeita e mútua união. Porque lá subiram as tribos, as tribos do Senhor, segundo a ordem dada a Israel, para louvar o nome do Senhor. Porque ali se estabeleceram os tribunais da justiça, os tribunais da casa de Davi... Reine a paz dentro dos teus muros, e a abundância nas tuas tórres!...”

Que importava naquela noite que o palácio de Herodes se erguesse bem alto sôbre a colina onde Davi cantara aquelas palavras! Naquele dia judeu de Graças a Deus todos tinham muito que comer e beber, pois a colheita fôra farta e o novo vinho era bom. O povo de Deus se regozijava hoje conjuntamente, como nos velhos tempos em que partilha-

vam todos das tristezas mútuas. Podia-se pensar, ouvindo as risadas e canções, que a sua antiga esperança fôra realizada e que o Santo, o Filho de Davi, que seria também o Filho de Deus, caminhava em meio de Seu povo.

E assim de fato fazia, mas sòmente Pedro e uns poucos outros tinham certeza disto. O segrêdo era, porém, demasiado tremendo para ser mantido; os pássaros inquietos que vojavam por entre as fumarentas candeias o sabiam e as próprias pedras pareciam murmurar sob a sandália de cada passante: "Êle está aqui! Êle está aqui!" De fato havia geral expectativa pela Sua vinda em Jerusalém naquela noite e no dia seguinte, para avolumar as correntes e contracorrentes emocionais que palpitavam dentro da velha cidade.

Mais alerta do que todos estavam, como diz o Evangelho de João, Anás e seus lugares-tenentes. "Os judeus procuravam-no no dia da Festa e diziam: "Onde está Êle?" E entre as multidões dos folgazões, alguns diziam: "Êle é um homem de bem!" enquanto outros, mais ligados ao quartel-general do Templo, escarneciam: "Não é, antes engana o povo!" O que os Filhos de Anás realmente pensavam a respeito da liberdade de palavra é sugerido no comentário que o Evangelista acrescenta: "Ninguém contudo ousava falar d'Êle livremente, com mêdo dos judeus".

Enquanto isso, Jesus e Seus amigos haviam-se alojado, quer em alguma casa amiga na cidade, possivelmente aquela que Nicodemos visitara, ou tinham voltado ao Monte das Oliveiras para ali dormir sob as estrêlas do outono, ao abrigo dos olivais, ou numa velha herdade, posta à sua disposição, como alguns têm conjeturado, no Jardim de Getsêmani, a meio da encosta. É certo que passara pelo menos uma noite naquele recinto (9). A tríplice colina não era tão devastada e estéril naquele tempo como é hoje. Verdejava e trescalava de pinheiros, palmeiras e murtas, entremeados do cinzento prateado dos olivedos, muitos dêles ainda do tempo de Davi. Talvez tenham Pedro e seus companheiros dormido confortavelmente sôbre a relva entre as pedras, enquanto seu Mestre rezava, solitário, mais acima, no alto da colina, pois as primeiras chuvas de outubro não tinham começado e o ar estava ainda sêco e bastante quente quando o vento soprava do sul. Ou ficaram a contemplar, através da folhagem rendada, as estrêlas brilhantes, a pensar sonolentos no que poderia acontecer no dia seguinte, até caírem adormecidos.

(9) João, VIII, 1-2.

XVI

QUANDO a festa ia pela metade e em pleno auge, Jesus appareceu tranqüilamente em um dos pórticos do Templo e, sentando-se num lugar onde todos poderiam vê-Lo, começou a ensinar. O efeito foi sensacional. Era como o sol súbitamente apparecendo dentre nuvens escuras e inundando o mundo de luz.

Algo semelhante foi sentido immediatamente pelos milhares de pessoas que se atropelavam pelos pátios de mármore — judeus devotos de tôdas as partes do mundo, judeus violentos e volúveis das ruas de Jerusalém, um punhado de escribas, fariseus e outros sequazes da oligarquia do Templo e sem dúvida os doze Apóstolos e outros discípulos. Algo dessa espécie deve ter sido deliberada intenção do Orador. Pelo que aconteceu se depreende com nitidez que Êle desejava revelar o Mistério de Sua Pessoa tão claramente quanto possível, quer aos amigos, quer aos inimigos. Estava dando a êstes últimos outra oportunidade de crer n'Ele, nos únicos têrmos aceitáveis a um Deus — os Seus próprios. Estava tornando patente a Seus seguidores que embora fôsse Êle o próprio amor, Seu propósito principal nesta manifestação de Si mesmo era a verdade. Antes que o amor pudesse operar nos corações dos homens, a verdade e a justiça deveriam abrir caminho para êle. Podemos amar apenas aquilo que conhecemos. Um amor misturado ao êrro ou ao compromisso estaria poluído na sua fonte. Êle nada queria disso.

O que Êle disse naquele discurso franco era tão verdadeiro, tão belo e tão poderoso que Seus próprios inimigos ficaram tomados a contragosto de admiração. "Como sabe êste Homem letras, não as tendo estudado?" perguntavam uns aos outros os fariseus. E Jesus sabendo disto, lhes respondia por cima das cabeças da multidão, confusa e transpirante:

— A minha doutrina não é Minha, mas d'Aquêle que Me enviou. Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, reconhecerá se a Minha doutrina vem de Deus, ou se falo de Mim mesmo... Porventura não vos deu Moisés a Lei? E contudo nenhum de vós observa a Lei. Porque procurais vós matar-Me?

— Tu estás possesso do demônio! — gritou uma voz e a população de Jerusalém repetiu o grito: — Tu estás possesso do demônio! Quem procura matar-Te?

Contudo o dardo havia atingido o seu alvo e dividira a massa desgovernada aos próprios olhos daqueles que usualmente dirigiam sua emoções. Diziam: “Não é Este Aquêlê que procuram matar? E eis que Ele fala públicamente e não Lhe dizem nada! Será que os chefes do povo tenham verdadeiramente reconhecido que Este é o Cristo?

Mas alguns da oposição ainda resistiam à Sua influência, retorquindo: “Nós porém sabemos donde Este é, e a Cristo, quando vier, ninguém saberá donde Ele seja.”

Ficava Pedro maravilhado de ver quão rapidamente sabia Jesus o que se estava murmurando lá embaixo e quão depressa Ele replicava:

— Vós não só Me conheceis, mas sabeis donde Eu sou; e Eu não vim de Mim mesmo, mas é verdadeiro Aquêlê que Me enviou, a Quem vós não conheceis. Mas Eu conheço-O, porque sou d’Ele, e Ele Me enviou.

Isto fazia-os calar. Por todo o pátio correu um murmúrio aprobativo. Entregue a si mesmo, o judeu médio, mesmo do grupo do Templo, estava provavelmente inclinado a aceitar aquela sobrepujante Personalidade. “Este é verdadeiramente profeta!” diziam alguns. “Este é o Cristo!” gritavam outros. Por todo o pátio havia homens a indagar uns dos outros: “Quando vier o Cristo, fará Ele maior número de prodígios que os que Este faz?” Pedro e André, de pé, perto de uma das colunas com os filhos de Zebedeu e os outros, ouviam isto, exultantes. A pergunta parecia irrespondível. Um pouco mais e estaria maduro o momento para concluir-se aquela cena que fôra interrompida depois dos milagres dos pães: a coroação do Rei dos Judeus, justamente ali no Templo.

Anás e os fariseus eram, porém, homens cheios de recursos. E tendo rejeitado a oportunidade que o Messias lhes oferecera, mandaram agora detê-Lo. Seus soldados voltaram de mãos vazias, dizendo: “Nunca homem algum falou como êste homem!” Anás ou algum dos seus apaniguados escarneceu em resposta: “Porventura também vós fôstes seduzidos? Houve porventura algum dentre os chefes do povo ou dos fariseus que crêsse n’Ele? Mas esta plebe, que não conhece a Lei, é maldita!” Não obstante via Anás que, sem o auxílio daquele proletariado cego e emotivo, que êle desprezava,

nada poderia fazer contra tal Adversário e prontamente enviou emissários para o meio dêle, a fim de fazer silenciarem os mais vociferantes com argumentos plausíveis. "Ora, — diziam, — porventura é da Galiléia que há de vir o Cristo? Não diz a Escritura que o Cristo há de vir da geração de Davi e da aldeia de Belém, onde habitava Davi?" É bastante provável que Anás, com seus recursos de informação, já tivesse sabido onde nascera Jesus e de quem era descendente. Mas tendo decidido não reconhecê-Lo, utilizou contra Ele os próprios fatos que teriam provado em Seu favor. Enquanto aguardava resultados desta estratégia, não negligenciava outras armas. Convocou a tôda a pressa o Sanedrim.

Entre todos os políticos servis, agora indignamente ocupando as cadeiras dos poderosos anciãos de Israel que haviam morrido a serviço da verdade, sòmente um ousou erguer sua voz contra os falsos chefes. E como fôsse Nicodemos ainda o tímido velho negociante, tímido e rico, que visitara o Senhor tão furtivamente numa noite tormentosa de primavera, dois anos antes, não chegou ao ponto de apoiá-Lo como o Cristo, ou mesmo como o provável Cristo, mas ofereceu uma defesa oblíqua em campo meramente legalístico.

— A nossa Lei condena porventura a algum homem, antes de o ouvir, e antes de se informar sôbre o que êle faz? — perguntou.

Nicodemos sabia que êles conheciam o que Jesus dissera e tinham certeza dos milagres que Êle havia praticado. Dezenove séculos mais tarde, poderia ter sido visto nos primeiros assentos de banquete, vangloriando-se de que a Igreja divina não estava em desarmonia com a Declaração de Independência ou com a Constituição dos Estados Unidos e recebendo medalhas por promover a tolerância e a fraternidade. Mas tendo nascido quando nasceu, sua única recompensa foi o desprezo de homens mais inteligentes, mais perversos e mais corajosos, que viram que a decisão não eram os direitos da livre expressão ou do julgamento leal, mas a divindade de Jesus Cristo e fizeram-no calar com o mesmo sofisma que haviam usado contra a multidão:

— És tu também galileu? Examina as Escrituras e verás que da Galiléia não se levanta profeta!

Contudo, talvez não tenha sido de todo ineficaz o protesto de Nicodemos. O Sanedrim adiou a decisão, sem agir.

“E foi cada um para sua casa, mas Jesus foi para o monte das Oliveiras.” (1)

Pedro deve ter ficado emocionalmente exausto naquela noite, quando se deitou, com seu mestre e seus amigos, sôbre a verde encosta, a leste do Vale de Cedron. Mas o dia não tardou a chegar, bem como o tempo de renovar a luta e, enquanto a neblina ainda pairava sôbre a concavidade do Mar Morto a leste e a luz matinal se erguia como um anjo ascendente sôbre o esplendor branco e róseo do Templo a oeste, puseram-se em atividade e acompanharam os peregrinos que, tendo passado a noite nas ladeiras mais inferiores, estavam de volta ao Templo.

Achava-se reunida vasta multidão, quando êles chegaram, e os Príncipes dos Sacerdotes e os fariseus já se encontravam em campo, preparados para renovar a luta. Mas nenhum dêles se aventurou a interferir com Jesus, enquanto Êste atravessava o Pórtico de Salomão e Pedro viu-O sentar-se onde estivera no dia anterior e começar a falar.

Foi nesse dia que Seus inimigos arrastaram até Sua presença a mulher apanhada em adultério, esperando colocá-Lo nas hastes de um dilema perante o público. Se Êle a condenasse a ser lapidada, de acôrdo com a antiga Lei, ficaria desacreditado por parecer repudiar Seu próprio evangelho de misericórdia e perdão. Se a deixasse ir livre, o povo judeu poderia ficar persuadido de que aquêle infrator do Sábado estava contra tôda a lei mosaica.

Pedro olhava ansioso para ver o que Êle iria fazer. E quando O ouviu destruir o dilema com as tranqüilas palavras: “O que de vós está sem pecado, seja o primeiro que lhe atire a pedra” e O viu mandar ir embora a pobre infeliz, com a ordem de “vai, e não peques mais”, (2) pode-se bem imaginar o seu júbilo. Mas a batalha ainda não estava finda. E depois que a mulher e seus acusadores haviam partido, viu êle o Senhor levantar-se e encaminhar-se para o edifício do Tesouro, onde, talvez, houvesse uma multidão maior. Os senhores do Templo e os chefes dos fariseus acompanharam o pequeno grupo de Seus amigos e todos ouviram distintamente o notável desafio que Êle lançou:

— Eu sou a luz do mundo, — disse Êle. — O que Me segue, não anda em trevas, mas terá a Luz da Vida”.

(1) João, VIII, 14; VIII, 2.

(2) João, VIII, 3-11.

Isto era bastante evidente para qualquer um e nenhum sanedrínista poderia pôr em dúvida o que Êle tinha a dizer. Entrementes, porém, o grupo mais decidido dos criados de Anás, presumidos doutores da Lei, fariseus proeminentes com largos filactérios e barbas bem penteadas e perfumadas, tinham-se recomposto o suficiente para abrir caminho até a frente da multidão e haviam começado a atormentá-Lo de novo. Fizeram-no durante todo o resto do dia, até que Êle lhes disse francamente porque não podiam êles aceitá-Lo em Seus próprios têrmos. Dissera isto antes, mas repetiu-o com ênfase:

— Vós julgais segunda a carne... Não conheceis nem a Mim, nem a Meu Pai. Se Me conhecesseis a Mim, certamente conheceríeis também Meu pai... Eu sou lá de cima. Vós sois dêste mundo; Eu não sou dêste mundo. Por isso Eu vos disse que morreríeis nos vossos pecados, porque se não credes em quem Eu sou, morrereis no vosso pecado.

Pedro viu um dos fariseus dar um passo à frente, como se desejasse arrancar o coração do Pregador.

— Quem és tu? — rosnou êle.

Jesus já lhes tinha dito muitas vêzes.

— O mesmo que vos disse desde o comêço, — repetiu Êle, serena e pacientemente. — Quando tiverdes levantado o Filho do Homem, então conhecereis Quem Eu sou. ⁽³⁾

Era patente agora que Êle havia encontrado Seus inimigos no próprio campo dêstes e havia-os reduzido a um silêncio cheio de cólera. De fato começou a parecer que a opinião pública judaica, abafando os protestos dos burocratas, O aceitaria de todo o coração e O coroaría rei. Isto pareceu quase certo depois que tocou Êle os olhos de um cego de nascença, no Sábado daquela semana, restituindo-lhe a vista. O pobre judeu, cuja primeira imagem visual neste mundo foi o compassivo rosto de Jesus, caiu de joelhos e adorou-O como Deus. Por tôda a cidade dizia o povo que sòmente o Cristo poderia ter feito tal coisa. Os dirigentes do Templo, resmungando ainda a respeito do Sábado, pouco mais tinham que dizer, quando Jesus lhes respondeu com o sermão do Bom Pastor, insistindo numa fé simples e unida n'Êle e na sua Igreja.

— Eu vim a êste mundo para exercer um juízo — disse Êle, — para que os que não vêem, vejam, e os que vêem se tornem cegos.

(3) *Ibid.*, VIII, 12-28.

— Também nós somos cegos? — perguntaram os fariseus.

— Se vós fôsseis cegos, não teríeis culpa, mas pelo contrário vós dizeis: “Nós vemos”. Fica pois subsistindo o vosso pecado. Em verdade, vos digo, quem não entra pela porta no aprisco das ovelhas, mas sobe por outra parte, é ladrão e salteador. Mas o que entra pela porta é pastor das ovelhas... Eu sou a Porta... Eu sou o Bom Pastor. O Bom Pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas... Conheço as Minhas e as Minhas conhecem-me... Tenho também outras ovelhas que não são dêste aprisco; e importa que Eu as traga, e elas ouvirão a Minha voz e haverá um só rebanho e um só Pastor.

Achava-se Jerusalém em rebuliço naquela noite. Pessoas excitadas saíam relatando o que Êle dissera e o que tinham dito escribas e fariseus. E embora alguns ainda escarnecessem: “Êle está possesso do demônio e perdeu o juízo. Porque estais a ouvi-lo?”, a maior parte dos judeus lhes estava dando a réplica evidente: “Estas palavras não são de quem está possesso do demônio. Porventura pode o demônio abrir os olhos aos cegos?”⁽⁴⁾ Se era esta a opinião popular, qual não deve ter sido a satisfação de Simão Pedro, quando êle e seus amigos passaram em revista os acontecimentos do dia! Tinham visto uma multidão de Jerusalém acompanhando por tôda a parte o Pastor como dóceis carneiros.

Foi altamente instrutivo para êles, porém, verificar como Êle experimentava a fé daqueles convertidos entusiastas no dia seguinte. Fê-lo com uma observação que, como uma pequena chave, lhes abria os corações, deixando nêles penetrar a luz.

— Se vós permanecerdes na Minha palavra, sereis verdadeiramente meus discípulos — disse Êle, — e conhecereis a verdade, e a verdade vos tornará livres.

Havia delicadamente tocado na fraqueza que aquelas pessoas partilhavam com os fariseus: o orgulho de raça, atingindo quase o culto de si mesmo, que havia apagado a lembrança do pecado original e com êle a verdadeira imagem do Deus que se revela sòmente aos humildes. Isto se tornou evidente imediatamente na sua pronta e colérica resposta.

— Nós somos descendentes de Abraão e nunca fomos escravos de ninguém; como dizes tu: “Sereis livres”?

(4) João, IX, 1; X, 21.

— Em verdade, em verdade vos digo que todo o que comete o pecado, é escravo do pecado. Ora, o escravo não fica para sempre na casa; mas o Filho fica nela para sempre. Por isso se o Filho vos livrar, sereis verdadeiramente livres. Eu sei que sois filhos de Abraão; mas procurais matar-Me, porque a Minha palavra não penetra em vós. Eu digo o que vi em Meu Pai, e vós fazeis o que vistes em vosso pai.

— O nosso pai é Abraão!

As palavras trovejaram e ecoaram contra as paredes do Templo.

— Se sois filhos de Abraão, fazei as obras de Abraão. Mas agora procurais matar-Me, a Mim que sou um homem que vos disse a verdade que ouvi de Deus. Abraão nunca fez isto, Vós fazeis as obras de vosso pai, — repetiu Ele com maior ênfase.

— Nós não somos filhos da fornicção. Temos um pai, Deus!

— Se Deus fôsse vosso pai, certamente me amaríeis, — disse Ele deliberadamente. — Porque eu saí de Deus e vim; porque não vim de Mim mesmo, mas Ele Me enviou. Por que não conheceis vós a Minha linguagem? Porque não podeis ouvir a Minha Palavra. *Vós sois filhos do demônio e quereis satisfazer os desejos do vosso pai.* Ele foi homicida desde o princípio e não permaneceu na verdade; porque a verdade não está nêle. Quando diz a mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso e pai da mentira!

Cada palavra agora era como o açoite dum poderoso chicote, conduzindo-os ao completo conhecimento de si mesmos.

— Mas ainda que Eu vos diga a verdade, vós não Me credes. Qual de vós Me argüirá de pecado? Se Eu vos digo a verdade, porque Me não credes? O que é de Deus, ouve as palavras de Deus. Por isso vós não as ouvís, porque não sois de Deus.

Agora estava tudo pôsto às claras e a cólera picou-os para provar que tudo quanto Ele dissera dêles era verdade.

— Não dizemos nós com razão, — silvaram êles — que tu és um samaritano e que tens demônio?

— Eu não tenho demônio. Mas honro o Meu Pai, e vós a Mim desonrastes-Me. E Eu não busco a Minha glória; há quem tome cuidado dela e quem fará justiça. Em verdade, em verdade vos digo: quem guardar a Minha palavra, não verá a morte eternamente.

— Agora reconhecemos que estás possesso do demônio! Abraão morreu e os profetas, e tu dizes: “Quem guardar a minha palavra, não provará a morte eternamente.” Porventura és maior do que nosso pai Abraão que morreu? E os profetas também morreram. Que pretendes tu ser?

Não tinham êles concepção de Quem realmente fôsse Êle, então, quando O haviam aclamado no dia anterior como o Messias? Jesus de novo lhes disse por quê:

— Se Eu Me glorifico a Mim mesmo, não é nada a Minha glória: Meu Pai é que Me glorifica. Aquêles que vós dizeis que é vosso Deus. Mas vós não O conhecestes. Eu, sim, conheço-O; e se disser que O não conheço, serei mentiroso como vós. Mas conheço-O e guardo a Sua palavra. Abraão, vosso pai, suspirou por ver o Meu dia: viu-o e ficou cheio de gozo.

— Tu ainda não tens cinqüenta anos e viste Abraão? — escarneceram êles.

A resposta de Jesus caiu com um efeito esmagador, à medida que aquêles estranho drama se aproximava do seu clímax:

— Em verdade, em verdade vos digo que antes que Abraão fôsse feito, EU SOU.

Então pegaram em pedras para Lhe atirarem. No coração, vinham sendo durante todo êsse tempo assassinos. Mas “Jesus encobriu-se e saiu do Templo”. Assim termina o vigoroso relato de João.⁽⁵⁾

Repudiando o ofício religioso sem devoção daqueles falsos convertidos, Jesus havia dado a Seus frustrados inimigos uma vantagem que êles não demoraram em agarrar. Bem cedo, na manhã do dia seguinte, esperavam por Êle e, tendo esgotado tôdas as outras armas, os senhores do Templo sujeitaram-se a utilizar uma da canalha. Chamaram-No na face de demoníaco. Tinha Êle expelido demônios e curado doenças, motejavam êles, graças ao poder de Belzebu, príncipe dos demônios. Repudiavam-No agora por completo. Chamando Deus de Satanás, haviam feito sua escolha definitiva.

É isto sugerido pelo terrível discurso que se seguiu. Parecia que os considerava a todos quase como almas perdidas, que tinham deliberadamente escolhido sua própria desgraça:... “Se Satanás lança fora a Satanás, está dividido contra si mesmo: como subsistirá pois o seu reino? E se Eu

(5) João, VIII, 31-59.

lanço fora os demônios por virtude de Belzebu, por virtude de quem os expellem vossos filhos? Por isso é que êles serão os vossos juizes! Se Eu, porém, lanço fora os demônios pela virtude do espírito de Deus, é chegado a vós o reino de Deus!... Quem não é Comigo é contra Mim e quem não junta Comigo, desperdiça. Por isso vos digo: todo o pecado e blasfêmia será perdoado aos homens, porém a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada, nem neste século, nem no futuro... Raça de víboras! como podeis dizer coisas boas, vós que sois maus? porque a bôca fala da abundância do coração...

Alguns dêles tiveram então a temeridade de pedir-Lhe um sinal. E Pedro ouviu-O dizer, com mordente ironia:

— Está geração má e adúltera pede um prodígio! Mas não lhe será dado outro prodígio, senão o prodígio do profeta Jonas. Porque assim como "Jonas estêve no ventre da baleia três dias e três noites", assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra...

Comparou-os a possessos de quem o mau espírito fôra expellido, somente para voltar com sete outros ainda piores:

— E o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro. Assim também acontecerá a esta geração perversa.⁽⁶⁾

Algo disto era tão obscuro para Pedro como para os outros ouvintes, mas justamente então, como o Senhor fizesse uma pausa, um abastado fariseu adiantou-se e convidou-O para almoçar. Talvez, para surpresa sua, Jesus aceitou o convite e o texto indica que os Doze também foram com Êle e ouviram a acerba censura que administrou a Seu anfitrião por se ter êste admirado do fato de não haver lavado as mãos. Os fariseus, disse Jesus, são como sepulcros que não se vêem. Gostando de ter as primeiras cadeiras na sinagoga e de ser saudados na praça, viviam de extorsões e malvadezas e desprezavam a justiça e o amor de Deus. "Ai de vós!" — exclamou Êle, e quando um presumido escriba o interrompeu, dizendo: "Mestre, falando assim, também nos ofendes a nós!", replicou Êle: "Ai de vós, também, doutores da Leil porque carregais os homens de pesos que não podem suportar, e vós nem com um dedo vosso lhes tocais a carga... E nem entrastes vós, nem deixastes entrar os que vinham para entrar." Estas palavras continuaram a ecoar séculos além, sôbre os túmulos desonrados dos Wolseys e dos Tal-

(6) Mateus, XII, 24-45.

leyrands, não judeus, buscando em vão um lugar de repouso em livros de etiquêta, ou na definição de "cavalheiro", dada por Newman, como "alguém que não causa dor". O anfitrião e seus convidados professorais estavam trêmulos de raiva contida. Era claro que chegara a hora de ir-se. Jesus e os Doze retiraram-se de uma casa onde, era evidente, sua presença não era mais agradável.(7)

Imensa multidão aguardava lá fora. "Sem conta", de acordo com o Evangelista, e "atropelavam-se uns a outros". Jesus, porém, não lhes deu atenção. Em vez disso, dirigiu-Se aos Apóstolos, desejando evidentemente acentuar o assunto da experiência da manhã, enquanto estava ainda fresco em suas memórias.

— Guardai-vos do fermento dos fariseus, que é a hipocrisia, — disse Êle. — A vós, pois, meus amigos, vos digo: Não tendes medo daqueles que matam o corpo e depois nada mais podem fazer. Mas Eu mostrarei a quem haveis de temer: temeí Aquêle que depois de matar, tem poder de lançar no inferno; sim, Eu vos digo temeí Êste! Não se vendem cinco passarinhos por dois asses? E todavia nem um só dêles está em esquecimento diante de Deus. E até os cabelos de vossa cabeça estão todos contados. Não temais, pois. Vós valeis mais que muitos passarinhos. Ora, eu vos digo: Todo aquêle que Me confessar diante dos homens, também o Filho do Homem o confessará diante dos anjos de Deus. E o que Me negar diante dos homens, será negado diante dos anjos de Deus. E todo o que falar contra o Filho do Homem — repetiu Êle, — ser-lhe-a dado perdão, mas àquele que blasfemar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado. Quando, pois, vos levarem às sinagogas, e perante os magistrados e potentados, não estejais com cuidado de que modo respondereis, ou que direis. Porque o Espírito Santo vos ensinará naquele momento o que deveis dizer.

Falou por muito tempo, insistindo bastante sôbre o que dissera no Sermão da Montanha, principalmente no que concernia ao desprendimento dos bens materiais, à necessidade da confiança em que Deus os alimentaria e os vestiria como fazia aos pássaros, e à constante vigilância pela Sua vinda.

Pedro interrompeu-O neste ponto. Não desejava morrer. A idéia de ser arrastado diante de sinagogas e de magistrados não lhe apetecia muito. E verdade se diga, algumas

(7) Lucas, XI, 37-54.

partes do Sermão da Montanha estavam ainda um pouco acima de sua compreensão.

— Senhor, dizes esta parábola só para nós, ou para todos?⁽⁸⁾

A resposta foi uma direta instrução ao chefe do colégio apostólico em pessoa:

— Quem julgas, agora que é o despenseiro fiel e prudente que o Senhor pôs na sua família, para dar a cada um a seu tempo a ~~ração~~ de trigo? Verdadeiramente vos digo que o constituirá administrador de tudo quanto possui... Mas o mau servo que conheceu a vontade de seu senhor e não se preparou e não procedeu conforme a sua vontade, levará muitos açoites... A todo aquêles a quem muito foi dado, muito lhe será pedido... Eu vim trazer fogo à terra, e que quero Eu, se não que êle se acenda?... Julgais que vim trazer paz à terra? Não, vos digo Eu, mas separação!...

Enquanto Pedro lutava interiormente por assimilar aquêles pensamentos, o Senhor voltou-se serenamente para a multidão, que se estava tornando inquieta e tempestuosa, e disse com tôda a clareza:

— Hipócritas! Sabeis distinguir os aspectos do céu e da terra; como, pois, não sabeis reconhecer o tempo presente?... Se não fizerdes penitência, todos perecereis do mesmo modo ⁽⁹⁾.

Foi esta sua despedida a volúvel multidão de Jerusalém, ao partir com os Doze para outra jornada, através da Galiléia e possivelmente de Samaria. Mas oito dias depois voltou para a Festa das Luzes a 25 de dezembro, comemorativa da purificação do Templo, em 67 (antes de Cristo), por Judas Macabeu.

A Festa da Dedicção, como era mais comumente chamada, apresentava o mesmo aspecto de alegria. Cada casa era brilhantemente iluminada e o povo ia diàriamente ao Templo e às sinagogas, cantando o Aleluia e carregando palmas e ramos de árvores.

Os inimigos de Jesus estavam, porém, à Sua espera, no Pórtico de Salomão.

— Até quando nos terás tu perplexos? — escarneciam êles. — Se tu és o Cristo, dize-no-lo claramente.

— Eu vo-lo digo — respondeu Êle, — e vós não me crêdes. As obras que eu faço em nome de Meu Pai, essas dão teste-

(8) Lucas, XII, 41.

(9) Lucas, XII, 42-59; XIII, 1-5.

munho de Mim. Porém, vós não credes, porque não sois das Minhas ovelhas... Eu e o Pai somos um.

Pegaram em pedras de novo na intenção de matá-Lo e procuraram prendê-Lo, mas, mais uma vez, “Ele escapou-se das suas mãos” e deixou a cidade. Subindo o Monte das Oliveiras e passando por Betânia, desceu a estrada que seguia para Jericó, mas se desviou e atravessou o Jordão para a região selvagem e desolada perto de Betânia, onde João Batista tinha pregado a princípio. Fazia ali tremendo calor, mesmo em janeiro e, enquanto os Doze contemplavam admirados as rochas cauterizadas por entre as quais o Jordão mergulhava no Mar Morto, deviam ter achado difícil acreditar que aquela tivesse sido a verde, bela e bem regada terra de Ló, antes que Deus houvesse feito chover fogo sôbre a corrupta Sodoma e apagado até mesmo o lugar onde ela se erguia, sob as águas salgadas, no fundo daquele mundo monstruoso.

Outro fato incrível era que os fariseus os houvessem acompanhado até mesmo entre aquêles rochedos requeimados e aquela neblina sufocante. Continuaram a espionar seu inimigo quando Ele seguiu na direção do norte, através das cidades de Peréa, sob a jurisdição de Herodes. Ouvindo-O relatar as parábolas do Filho Pródigo, do Feitor Infiel, da Grande Ceia, da Ovelha Perdida, e muitas outras, não ficavam muito satisfeitos em saber que iriam ser lançados fora e substituídos em Israel pelos publicanos, pecadores e gentios de longe. Zombavam abertamente d’Ele, quando dizia: “Não podeis servir a Deus e a Mamom”; pois, como acrescenta S. Lucas, “eram êles avarentos”. Replicou com a parábola do Rico e de Lázaro, com sua esmagadora e profética conclusão:

— Se não ouvem Moisés e os Profetas, tão pouco acreditarão, ainda que ressuscitasse algum dos mortos.

Finalmente aproximaram-se d’Ele com uma curiosa ponta de advertência: Melhor seria que êle abandonasse Peréa, pois Herodes tencionava matá-Lo. Sua intenção pode ter sido fazê-Lo voltar à Judéia, onde êles próprios tinham planos contra Jesus.

— Ide, e dizei a essa rapôsa — disse Ele. — Eis que Eu lanço fora os demônios, e faço curas hoje e amanhã, e ao terceiro dia estou no têrmo. Importa, contudo, que eu caminhe ainda hoje e amanhã e no dia seguinte, porque não convém que um profeta morra fora de Jerusalém!

A sugestão duma volta a Jerusalém caiu desagradavelmente nos ouvidos de Pedro e de seus companheiros. Sabiam

que por pouco escapara o Senhor, durante as duas últimas visitas que ali fizera e embora ainda duvidassem de que Êle deveria morrer, estavam bastante inclinados a se deixarem estar. Enquanto discutiam o assunto, porém, foram alcançados por um mensageiro de Marta e Maria da Betânia, talvez um de seus servos, que havendo cavalgado dia e noite para encontrá-los, apresentou uma tabuinha na qual estavam gravadas em cêra estas palavras:

— Senhor, eis que está enfêrmo aquêlê que Tu amas.

Pedro, que sabia de sua afeição por Lázaro, notou que Êle não se mostrava lá muito preocupado.

— Esta enfermidade não é de morte, — observou Jesus — mas é para glória de Deus, a fim de que o Filho de Deus seja glorificado por ela.

E permaneceu na aldeia onde acontecera se acharem.

Dois dias mais tarde, disse Êle, de repente:

— Voltemos para a Judéia.

Ergueu-se um côro de protestos.

— Mestre, — disse um dêles, não se sabe quem, — ainda agora Te queriam apedrejar os judeus e Tu vais novamente para lá?

Pedro fitava-o atentamente.

— Não são doze as horas do dia? — disse Jesus. — Aquêlê que caminhar de dia não tropeça, porque vê a luz dêste mundo, porém o que andar de noite, tropeça porque lhe falta a luz.

Depois lhes disse bruscamente que Lázaro havia morrido.

— E Eu, por amor de vós, folgo não ter estado lá, para que creiais. Mas vamos ter com êle.

Olharam uns para os outros, consternados. Tomé, o gêmeo, foi o primeiro a falar.

— Vamos nós também, — disse êle com sombria determinação, — para morrermos com Êle ⁽¹⁰⁾.

E partiram para o vau e para a estrada de Jericó.

(10) João XI, 1-16.

XVII

A RESSURREIÇÃO de Lázaro abalou como um terremoto o mundo judeu.

Pedro sentiu-se muito mais feliz do que estivera desde a Transfiguração. Desde o momento em que viu o morto sair a passos hesitantes do túmulo, com as mortalhas úmidas tombando-lhe do rosto pálido e espantado, parecia que estava a andar musicalmente, a cavalgar num verdadeiro crescendo triunfal que só podia chegar a um único resultado. Até mesmo alguns dos espias de Jerusalém se haviam afastado daquela cena declarando sua crença em Jesus. Quem poderia rejeitá-Lo agora?

Um astuto velho de cara amarelada, chefe do Templo, poderia dar-lhe a resposta. Pois Anás estava raciocinando com premissas diferentes. E no momento em que recebeu más notícias de Betânia, apenas duas horas após o acontecimento, convocou uma reunião urgente do Grande Conselho dos Anciãos de Sião e como seu presidente ou “nasi” expôs-lhes a situação em franca luz. Jesus havia erguido um homem do túmulo em circunstâncias demasiado notórias para serem negadas, diante de testemunhas por demais numerosas para serem postas em dúvida, inclusive diante dos espias por êle enviados.

— Que fazemos nós? — disse Anás ou um de seus filhos. — Este homem faz muitos milagres. Se o deixamos assim, creirão todos nêle e virão os romanos e destruirão a nossa cidade e a nossa nação (1).

“Nossa cidade e nossa nação”. Era a respeito da cidade que estavam êles pensando. Mas homens que tais são sempre hábeis em mascarar seus interesses por trás de algum motivo mais amplo que arrolará o idealismo daqueles de que necessitem utilizar-se. E graças a êsse adequado apêlo ao nacionalismo judaico, Anás conseguiu, antes de finda a reunião, persuadir a maior parte dos chefes do Sanedrim de que Jesus deveria ser condenado à morte — não no momento, sem dúvida, porque era demasiado popular, mas na primeira boa oportunidade, quando o milagre fôsse esquecido. Talvez fôs-

(1) *João, XI, 47.*

se necessário fazer alguma coisa com Lázaro, também, pois sua existência seria sempre uma lembrança daquele infeliz episódio. Aparentemente alguns dos Anciãos — Nicodemos talvez, ou José de Arimatéia — apresentaram algumas fracas objeções. Mas Caifás, resplendente nos seus trajes de Sumo Sacerdote, os amedrontou com um violento e arrogante discurso:

— Vós não sabeis nada! Nem considerais que vos convém que morra um homem pelo povo e que não pereça tôda a nação!

Era estranho que fizesse êle tal observação. Não escapou ao meditativo João, o pescador, que “êle não disse isto de si mesmo, mas como era o pontífice daquele ano, profetizou que Jesus devia morrer pela nação” (2). Cegamente estava oferecendo o Cordeiro de Deus ao Pai por êles todos. Pronunciando a derradeira e apaixonada profecia do judaísmo oficial, o Sumo Sacerdócio estava decretando, com a sentença de morte do Messias, seu próprio suicídio. E desde aquêla dia até hoje a palavra “expediente” tem conservado algo do aroma farisaico do hipócrita Caifás.

Entrementes o Motivo desta discussão estava partindo de Betânia, talvez para escapar às multidões entusiasmadas, talvez para evitar Seus inimigos por enquanto e dirigindo-se com Seus apóstolos para a pequena cidade de Efrém, oásis no deserto a poucas milhas de distância. Em seguida, após um curto retiro, voltaram à Galiléia pelo caminho de Samaria. Talvez possa imaginar-se com verdade nesta conjuntura que tivesse Êle conseguido encontrar grande número de Seus discípulos, inclusive Sua mãe e muitas mulheres de Cafarnaum, Nazaré e outros lugares, para que O acompanhassem a Jerusalém na Páscoa por vir. A isto se refere de leve o Evangelho. Contudo nenhum preparativo comum foi feito. E havia algo de formidável em tôrno daquele pequeno exército de homens e mulheres que palmilhavam a estrada bem batida ao longo das margens do Jordão. O termo pode ser anacrônico, mas dir-se-ia uma cruzada.

Pedro, a julgar pelo contexto do Evangelho por êle inspirado (3), pôs-se em marcha naquela derradeira jornada para Jerusalém, cheio das mais altas esperanças e deve-se admitir que, a despeito de tudo quanto vira e ouvira, eram esperanças terrenas. Nada aparentemente, depois da ressurreição de

(2) *João*, XI, 45-53.

(3) *Marcos*, X, 1-45.

Lázaro, poderia convencê-lo e aos filhos de Zebedeu de que o Senhor estivesse falando ao pé da letra, a respeito de Sua vindoura perseguição e morte. O pensamento do judeu médio não podia imaginar que o Messias se submetesse a algo dessa espécie.

Nem mesmo os incidentes sombrios e os sermões ao longo do caminho tiveram efeito sobre seu otimismo. Mal haviam abandonado o Mar da Galiléia quando viram, erguendo-se como espectros de um campo, as horrendas formas de dez leprosos, que se adiantavam para eles, coxeando sobre membros torcidos, mutilados, a gemer, dentre enfaixados rostos pálidos e ulcerados, implorantes: "Jesus, Mestre, tem compaixão de nós!" Todos os dez foram curados e se retiraram a correr, cheios de alegria. Somente um, samaritano, voltou para agradecer e a tristeza do Senhor diante da ingratidão dos restantes tinha algo de quase por demais significativo, por demais profético. Mais tarde insistiu a respeito da indissolubilidade do casamento para alguns fariseus que lhe haviam lançado uma armadilha durante o caminho. Quando os discípulos impediram que algumas crianças se aproximassem d'Ele, censurou-os e acolheu os pequeninos com austera e tocante afeição. Foi nesta jornada também, que o rico e virtuoso convertido regressou tristonho, porque não podia abandonar seus bens, enquanto Jesus, que o amava, o contemplava com pesar. Parece que tudo isto pouca impressão causou sobre os Doze, pois seus corações estavam postos na glória que esperavam encontrar a aguardá-los na Cidade Santa. Ressentiram-se na verdade quando ouviram o Senhor explicando quão difícil era para os ricos entrarem no Reino de Deus.

— Quem pode então salvar-se? — perguntaram eles.

— Aos homens isto é impossível, mas a Deus tudo é possível.

Foi então que Pedro teve uma explosão de que se haveria de envergonhar um dia.

— Eis que deixamos tudo e Te seguimos — estourou êle, falando por todos. — Que haverá então para nós?

Jesus respondeu com paciência:

— Em verdade vos digo que, no dia da regeneração, quando o Filho do Homem estiver sentado no trono da Sua majestade, vós, que me seguistes, também estareis sentados sobre doze tronos, e julgareis as doze tribos de Israel. E todo o que deixar a casa, ou os irmãos, ou as irmãs, ou o pai, ou a

mãe, ou a mulher, ou os filhos, ou os campos, por causa do Meu nome, receberá o cêntuplo, e possuirá a vida eterna.

— E muitos primeiros serão os últimos — acrescentou Êle significativamente, — e muitos últimos, os primeiros.

Não há certeza de que haja Pedro percebido estas derra-deiras palavras de advertência. O pensamento de um trono era mais atraente. Contudo nenhum dêles ficara completamente tranqüilizado com a resposta de Jesus. Há no Evangelho uma sugestão de que todos êles permaneceram um pouco desgostosos e perplexos, ao prosseguirem o caminho reunidos atrás d'Ele, ao longo do amarelo Jordão. "Jesus ia adiante dêles, e admiravam-se e seguiam-No com mêdo" (4).

Tiago e João, filhos de Zebedeu, tinham ficado para trás, a fim de conversar com sua mãe Salomé, a respeito das perspectivas que os aguardavam. Mulher ambiciosa e decidida, sentia talvez que seus filhos não tivessem apresentado suas reclamações tão insistentemente, a ponto de se tornarem dois dos primeiros aderentes ao Rei de Israel. Decidida a tomar o caso em suas próprias mãos, adiantou-se depressa com êles até onde Jesus caminhava, sôzinho e majestoso, à frente da procissão.

— Que queres? — perguntou Êle.

— Ordena que êstes meus dois filhos se sentem no Teu reino, um à Tua direita e outro à Tua esquerda.

— Não sabeis o que pedis. Podeis vós beber o cálice que Eu hei de beber?

— Podemos! — disseram os Boanerges em unísono.

— Efetivamente haveis de beber o Meu cálice, — replicou Êle, — mas quanto a estardes sentados à Minha direita ou à esquerda, não pertence a Mim o conceder-vo-lo, mas àqueles para quem está preparado por Meu Pai.

Esta conversa nada acrescentou à popularidade dos dois pescadores entre os Apóstolos seus companheiros. Pedro estivera a ouvi-la, com crescente indignação. Tinha boa razão para esperar que ocuparia o cobiçado lugar à mão direita do Senhor, no dia de Sua glorificação. Tiago Menor, como primo de Jesus, podia pelo menos esperar ser considerado digno de ocupar o lugar à esquerda. André fôra o primeiro de todos a segui-Lo. Tomé tivera vontade de arriscar sua vida por Êle. Mateus era homem de não pequena experiência do mundo. Judas, como tesoureiro, era um que conhecia seus próprios méritos e jamais mostrava timidez no exprimir

(4) *Marcos*, X, 32.

o que pensava. O resultado foi o que poderia esperar-se da natureza humana. Tão logo Salomé voltou a juntar-se às outras mulheres à retaguarda, seus dois empavonados filhos viram-se cercados pelos dez encolerizados irmãos, que não lhes deixaram dúvida a respeito do que pensavam do ato que acabavam de testemunhar. Fizeram de fato tamanha algazarra que o Senhor se voltou e lhes deu o ensinamento, para o qual permitira que aquela pequena cena se desenrolasse:

— Vós sabeis que os príncipes das nações têm o domínio sobre elas e que os grandes as governam com autoridade. Não será assim entre vós! Mas todo o que quiser ser entre vós o maior, seja vosso ministro, e o que quiser ser entre vós o primeiro, seja vosso servo. Assim como o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e para dar a Sua vida em redenção por muitos (5).

Isto parece ter sido especialmente destinado a Simão Pedro. Mas não reprimiu por muito tempo a ardente esperança que lhe ia n'alma, à medida que avançavam na direção da Cidade Santa. Se nenhuma outra coisa o fizesse, bastaria a acolhida em Jericó para tirar-lhe da mente qualquer nuvem, pois aquela cidade pagã e mundana, tendo sabido da ressurreição de Lázaro, saiu-Lhe ao encontro então como nunca fizera, nem por Cleópatra, nem por Herodes. O calor era sufocante. Todavia a multidão era tão densa, quando Jesus percorria a principal rua, que o cego Bartimeu teve de gritar-Lhe, a distância: "Jesus, Filho de Davi, tem piedade de mim!" e o pequeno Zaqueu, o publicano, teve de trepar a um sicômoro para vê-Lo e tomar conhecimento de sua inesperada boa sorte.

Era fácil esquecer, naquela hora de triunfo, uma observação que os teria acabrunhado de tristeza, se tivessem sido capazes de prever sua realização. Jesus tinha-lhes dito, a caminho da cidade tropical, que, para cumprir o que todos os profetas tinham escrito, deveria Ele ser ridicularizado, cuspidos, açoitados e mortos (6). Contudo, "êste discurso era para eles obscuro e não penetravam coisa alguma do que lhes dizia" (7).

O ambiente alegre e festivo da estrada de Jericó deve ter também contribuído para a ilusão. Centenas de peregrinos

(5) *Mateus*, XX, 25-28.

(6) *Lucas*, XVIII, 31-34.

(7) *Ibid.*, 34.

passaram por êles, a caminho da Festa e sabiam que outros milhares convergiam alegremente de tôdas as direções para a cidade de Davi. Tôda a região rumorejava de expectativa, com um senso de libertação e de vitória. Quando chegaram a Betânia, na sexta-feira antes da Páscoa, uma alegre lua, cêrca de dois terços cheia, derramava sua luz sôbre a sólida casa de Lázaro e suas irmãs, que se haviam adiantado para acolher o Senhor a Quem tanto deviam.

No dia seguinte, sábadô, seus hospedeiros levaram-nos a jantar em casa do abastado vizinho, chamado Simão, o leproso. A razão disto não é clara. Uns dizem que era pai dêles; outros, que sua casa possuía o maior quarto de hóspedes da cidade. Ou talvez tivesse sido curado de sua lepra pelo próprio Senhor e quisesse assim mostrar sua gratidão. Seja como fôr, forneceu aquela casa o cenário para a segunda e memorável unção de Jesus pela pecadora que Êle havia salvo.

Foi Maria Madalena uma das três pessoas que, provavelmente, tomaram ao pé da letra as predições de Jesus sôbre Sua morte. E vendo as relativamente pequenas honras que Lhe eram prestadas, quando Se reclinou entre os outros convidados, correu à sua casa ali perto, para ir buscar um grande frasco de alabastro, contendo cêrca de uma libra de raro nardo, trazido da Índia havia muito tempo por comerciantes persas e guardado a um canto, semi-esquecido, talvez, desde a conversão dela. Indiferente aos olhares curiosos dos que se banquetevam e dos inevitáveis fariseus de Jerusalém, rompeu caminho através da multidão até onde Êle se achava. Depois, quebrando o gargalo do frasco, derramou um pouco do óleo sôbre a cabeça de Jesus e o restante sôbre Seus pés, que em seguida enxugou com seus belos cabelos.

Quando o precioso perfume se espalhou pela casa foi Judas Iscariotes, como homem de negócios, o primeiro que o sentiu, para louvar o valor do nardo e protestar indignado:

— Por que se não vendeu êste bálsamo por trezentos dinheiros e se deu aos pobres? (8).

Não foi o único que fêz objeção à extravagância da mulher. O Evangelho revela que outros também "irritavam-se contra ela" (9) e um dêles pode bem ter sido Pedro, que, por

(8) João, XII, 5.

(9) Marcos, XIV, 3-9.

menor que fôsse seu conhecimento de nardo persa, sabia que um trabalhador trabalhava o dia inteiro para ganhar um dinheiro e que o frasco portanto continha o bastante para sustentar uma família pobre quase um ano. Jesus contudo sabia algo mais. Sabia que Judas Iscariotes era o pai espiritual de todos os humanitaristas por nascer, que haveriam de deplorar as igrejas imensas e suntuosas em honra de Deus, com o mesmo argumento de que o dinheiro deveria ser dado aos necessitados. Sabia que tais pessoas seriam encontradas muitas vêzes a se enriquecerem, enquanto reduziriam à escravidão as massas pelas quais professavam tão terno interêsse, justamente como de Judas se dissera: “não porque tivesse cuidado dos pobres, mas porque era ladrão, e tendo a bôlsa, roubava o que se lançava nela” (10). Mas tudo quanto Ele disse foi:

— Deixai-a. Por que a molêstais? Ela fêz-me uma boa obra. Porque vós tendes sempre convosco os pobres, e quando quizerdes podeis fazer-lhes bem; porém a Mim não Me tendes sempre. Ela fêz o que podia. Embalsamou com antecipação o Meu corpo para a sepultura. Em verdade vos digo: Onde quer que fôr pregado êste Evangelho por todo o mundo, será também contado para sua memória o que ela fêz (11).

Para Judas Iscariotes, esta censura pública, por mais leve que fôsse, parece ter sido a derradeira palha. Havia secretamente rejeitado Jesus como o Senhor Deus na sinagoga de Cafarnaum. Ficara amedrontado quando João Batista foi morto. Desprezara Jesus por não Se ter deixado coroar rei e desde então fôra apenas um servo de meio-coração, enquanto o descontentamento e a compaixão de si mesmo lhe atormentavam o frustrado coração. Agora, sentindo-se publicamente humilhado, começou a experimentar algo de mais semelhante a um ódio ativo pelo Homem a Quem outrora amara e quase adorara. Êsse ódio ensinou-lhe, como o amor revelara a Maria Madalena e à Mãe do Senhor, que êle morreria. E havia nessa idéia certo alívio, para o apóstolo que não podia mais suportar a tranqüila indagação dos olhos de Jesus.

Pedro aceitou amigavelmente a censura. Seria preciso mais do que isso para desalentar seu entusiasmo por essa particular viagem a Jerusalém. Havia esquecido provavelmente

(10) *João*, XII, 6.

(11) *Marcos*, XIV, 6-9.

tudo a respeito do incidente, quando deixaram Betânia no dia seguinte, para se juntar à continua torrente de peregrinos que, a caminho da Cidade Santa, galgavam o Monte das Oliveiras. Era uma brilhante manhã de domingo primaveril. A primeira colheita estava sendo recolhida depois das derraideiras chuvas. Pássaros cantavam no céu azul; e as flores pareciam brotar dentre o orvalho para recebê-los. Uma multidão de peregrinos vindos de Betânia e das aldeias próximas havia-se reunido atrás dêles, cantando salmos e batendo palmas. Quando transpuseram o cimo do Olivete, viram o Templo a cintilar maravilhosamente ao sol da manhã. Era por aquêle dia que estivera Pedro à espera.

Antes de descer a vertente ocidental, parou a procissão, enquanto o Senhor enviava dois discípulos, provavelmente Pedro e João, a Betfagé, justamente sob os muros da cidade, para lá do Vale do Cedron.

— Ide à aldeia que está defronte de vós e logo encontrareis prêsa uma jumenta e um jumentinho com ela: desprendei-a e trazei-ma. E se alguém vos disser alguma coisa, dizei que o Senhor precisa dêles: e logo os deixará trazer (12).

Fêz isto para cumprir a profecia de Isaías: “Dizei à filha de Sião: eis que o teu Rei vem a ti manso, montado sôbre uma jumenta e sôbre um jumentinho, filho da que leva o jugo (13).

Os dois se apressaram a obedecer e tudo aconteceu como Êle dissera. Encontraram o jumentinho com sua mãe e os trouxeram a ambos, lançando suas capas sôbre o jumentinho, a fim de compor uma sela improvisada para o Senhor. Mas mesmo antes de alcançarem o lugar onde Êle se achava à espera, ouviram gritos e risadas vindos da cidade, pois as novas da chegada de Jesus já se haviam espalhado de Betfagé e o povo estava se reunindo desde a Porta de Damasco e descendo a correr a estrada, na direção do ribeiro de Cedron. A caminho, paravam para arrancar palmas e galhos de árvores, que agitavam à medida que avançavam. Pedro podia agora ouvi-los a gritar fragmentos de profecias messiânicas e de salmos:

— Hosana ao Filho de Davi! Bendito o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas! (14).

(12) *Mateus*, XXI, 2-4.

(13) *Isaías*, LXII, 11.

(14) *Zacarias*, IX, 9; *Salmo CXVII (CXVIII)*, 25-26.

Jesus montou nò jumentinho e com dois de Seus apóstolos a guiá-lo — provavelmente Pedro de um lado, João do outro, e Tiago conduzindo a jumenta — voltou Seu rosto para a Cidade Santa. A êste tempo, os peregrinos que vinham atrás tinham começado seus cantos de júbilo e os da cidade, à medida que Êle se aproximava, estendiam palmas e ramos cheios de fôlhas na estrada à Sua frente, voltando-se em seguida e abrindo triunfalmente o caminho de regresso. Perdeu-se Jerusalém de vista, por alguns momentos, quando a estrada mergulhou por trás dum cômodo da colina. Logo depois, quando atingiram o alto de um declive, acima do Vale do Cedron, viram-na novamente em tôda a sua magnificência.

Foi então que Jesus chorou. Não era o branco esplendor do Templo e dos palácios da colina ocidental que Êle contemplava agora, mas a Décima Legião acampando naquele mesmo lugar onde Êle havia parado; à Sua direita e à Sua esquerda os aríetes e plataformas; as quatro trincheiras em tôrno da Fortaleza Júlia; os cadáveres caindo dos muros, os corpos insepultos pelas ruas, as crianças comendo estrume, o silêncio da morte tomando conta de tudo, os Sacerdotes desesperados pulando dentro das labaredas. Enquanto as lágrimas Lhe corriam pelas faces e pela barba, disse:

— Se ao menos neste dia, que te é dado, tu conhecesses ainda o que te pode trazer a paz! Mas agora isto está encoberto aos teus olhos. Porque virão para ti os dias em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras, e te sitiarão, e te apertarão por todos os lados e derribarão por terra a ti e aos teus filhos, que estão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sôbre pedra: porque não conheceste o tempo da tua visita ⁽¹⁵⁾.

Não houve tempo para que Pedro e os outros entusiastas indagassem o significado daquilo. As duas multidões já estavam fazendo pressão sôbre êles, buscando tocar as vestes do Santo. As palmas e ramos estalavam-lhes sob os pés, os gritos e a música pareciam transportá-los delirantemente através da porta e milhares de mãos pareciam empurrá-los ou arrastá-los dali para o Monte Moriá e para o Templo de Sião. Em redor dêles, trovejantes vozes cantavam:

— Bendito o Rei que vem em nome do Senhor, paz no céu e glória nas alturas! ⁽¹⁶⁾.

(15) Lucas, XIX, 41-44.

(16) Salmo, CXVII (CXVIII), 26, em Lucas, XIX, 38.

Alguns fariseus romperam, à fôrça, caminho até junto d'Ele e disseram:

— Mestre, repreende os teus discípulos!

Jesus respondeu:

— Digo-vos que, se êles se calarem, clamarão as mesmas pedras!

De modo que estava Ele querendo ser rei afinal! Estava entrando em triunfo na cidade de Davi. Os fariseus haviam-se desviado, receosos da multidão histérica. Simão Pedro, todo êle, cantava de alegria.

XVIII

DEPOIS de tudo isso, tornou-se um tanto desconcertante ver a maneira pela qual o entusiasmo do Domingo de Ramos foi murchando, diante dum espírito de conflito mais áspero e intransigente, se possível, do que o do último ano. É verdade que, na segunda-feira, a cidade tôda ainda cantava louvores ao Messias. "Todo o povo admirava a Sua doutrina" (1), e estava suspenso, quando o ouvia" (2). Alguns ouviram uma voz, no alto, como um trovão, glorificando-O (3). Os cegos, os doentes e os coxos aproximavam-se d'Ele no Templo e se retiravam curados, rendendo graças a Deus. Mais tocante era o tributo espontâneo de vasto grupo de crianças judias, que caminhavam atrás d'Ele, cantando trechos de salmos e de profecias que tinham ouvido da bôca dos mais velhos, quando gritavam na tarde anterior: "Hosana ao Filho de Davil Hosana ao Filho de Davil"

Até mesmo alguns dos sacerdotes e membros do Sanedrim, no Templo, creram n'Ele naquele dia. Era significativo, porém, que conservassem isso consigo mesmos, no receio da excomunhão, "porque amaram mais a glória dos homens do que a glória de Deus" (4), — significativo, porque indicava que os verdadeiros poderes de Jerusalém, os filhos de Anás, se conservavam silenciosos, não porque tivessem visto a verdade, mas porque receavam ser trucidados pela população. Sòmente uma vez naquele dia revelaram seus reais sentimentos, quando se queixaram a Jesus por consentir que as crianças o aclamassem como o Messias.

— Na verdade, — replicou Ele, — nunca lêstes que "tu fizeste sair da bôca dos meninos e dos que ainda mamam um louvor perfeito"? (5).

Êles reconheceram o salmo, mas Jesus não se deixou enganar pelo seu silêncio. Sabia o que tinha a esperar daqueles homens. Um de Seus primeiros atos na manhã da segunda-feira foi amaldiçoar uma figueira estéril que vira, em seu

(1) *Marcos*, XI, 18.

(2) *Lucas*, XIX, 48.

(3) *João*, XII, 28.

(4) *Ibid.*, XII, 43.

(5) *Salmo*, VIII (IX), 3.

caminho de Betânia para o Templo. Pedro notou no dia seguinte o que lhe acontecera às fôlhas novas e aos brotos remanescentes.

— Olha, Mestre! — exclamou êle. — Como se secou a figueira que Tu amaldiçoaste! (6).

Jesus então lhes disse que com verdadeira fé poderiam mover uma montanha; mas quando rezassem deveriam perdoar a seus inimigos, como esperavam ser perdoados. Era evidente, porém, à medida que se passava o dia, que não esperava tal fé, nem tal oração, dos escribas e dos fariseus. Quando chegaram ao Templo, viu Pedro que Êle mais uma vez expulsava os banqueiros e vendedores e lhes derrubava as mesas e cadeiras, exclamando: “Porventura não está escrito — A minha casa será chamada casa de orações para tôdas as gentes”? Mas vós fizestes dela um covil de ladrões!” A atmosfera era cada vez mais a de uma batalha em que não se pedia nem se dava quartel.

Quando voltou Êle ao Templo, na terça-feira de manhã cedo, Seus inimigos haviam recuperado um tanto de suas fôrças, depois das derrotas dos dois dias anteriores e se preparavam, embora com o devido cuidado pelos próprios peçoços, a contender de novo com Êle, na defesa de seu luxo e de sua riqueza e das almas dos milhares de judeus que já invadiam o Pórtico de Salomão para aclamar Jesus. Pensara Pedro que a vitória estava ganha. Via contudo agora fariseus, herodianos e saduceus avançarem, uns após outros, no que era evidentemente um plano organizado para atacar a Jesus, para lançar-Lhe armadilhas, para desacreditá-Lo perante o povo, por todos os meios honestos ou não. Viu o Senhor aparar cada arremetida e fazê-los recuar cambaleantes: os fariseus, que exigiram prova de Sua autoridade e a quem Êle fêz calar com a pergunta a respeito de João Batista, que lhes revelou a hipocrisia; os herodianos, a quem devolveu a moeda com o conselho de dar a César as coisas que eram de César, e a Deus as coisas que eram de Deus; os saduceus, que tentaram ridicularizar Seu ensinamento sôbre a Ressurreição por meio de um exemplo artificial, e tiveram resposta tão decisiva que até mesmo um dos escribas exclamou: “Mestre, disseste bem!” (7).

Tendo-os chamado de hipócritas em pleno rosto, continuou a confundí-los com as grandes parábolas tão clara-

(6) Marcos, XI, 12-20.

(7) Marcos, XII, 32.

mente dirigidas a êles: a dos maus servos que mataram os enviados de seu Senhor e foram êles próprios despojados e destruídos; a dos dois filhos, com sua moral de que os publicanos e as prostitutas arrependidas entrariam no céu antes dos Sumos Sacerdotes, dos escribas e dos fariseus; e a do filho do rei, cujos indignos convivas ao casamento foram mortos, enquanto sua cidade era queimada. Tinham rejeitado a Pedra angular do Salmo 117; contudo, "todo o que cair sobre aquela pedra, será quebrado e sobre quem ela cair, será esmagado!"

Foi nesse momento que os escribas e os príncipes dos sacerdotes desejaram mais deitar-Lhes as mãos, se não temessem o povo, "porque entenderam que esta parábola tinha sido dita contra êles" (8). Entrementes, encarou Jesus a todos êles e perguntou:

— Que vos parece do Cristo? De quem é Ele filho?

— De Davi, — responderam êles sem hesitação.

— Como pois Lhe chama Davi em espírito Senhor, dizendo: "Disse o Senhor ao meu Senhor: senta-Te à minha mão direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo de Teus pés"? Se pois Davi O chama Senhor, como é Ele seu Filho?

A resposta evidente era que Davi tinha profetizado a Encarnação de Deus em um de seus descendentes, que estava ali diante dêles naquele último e decisivo momento, exigindo a sua fé. Mas Anás e seus filhos empederniram seus corações e fizeram sua escolha eterna. "E ninguém podia responder-Lhe uma só palavra e daquele dia em diante não houve mais quem ousasse interrogá-Lo" (9).

Foi somente então, depois de terem tido sua derradeira oportunidade e haverem repellido Seu amor deliberadamente e para sempre, que Pedro viu o Cristo erguer-se altaneiro acima dêles e parece tornar-se aquêle Juiz dos vivos e dos mortos que Se havia proclamado, quando tomou a ofensiva verbal contra êles e os pôs a todos em debandada numa das mais terríveis cenas da história humana. Impotente palidez deve ter-se espalhado pelo rosto cadavérico de Anás e pela cara balofa de Caifás, quando se souberam descritos e castigados, diante de tôda aquela multidão que desencaminhavam e exploravam, como nenhuma classe dirigente jamais fôra ou haveria de ser.

(8) *Lucas*, XX, 17-19.

(9) *Mateus*, XXII, 46.

— Sôbre a cadeira de Moisés sentaram-se os escribas e os fariseus, — disse Êle em primeiro lugar à turba e aos seus discípulos. — Observai, pois, e fazei tudo o que êles vos disserem; mas não imiteis as suas ações, porque dizem e não fazem. Porque atam cargas pesadas e impossíveis de levar e as põem sôbre os ombros dos homens, mas nem com o seu dedo as querem mover. E fazem tôdas as suas obras para serem vistos pelos homens; por isso trazem mais largas filactérias e mais compridas as franjas. E gostam de ter nos banquetes os primeiros lugares, e nas sinagogas as primeiras cadeiras, e as saudações na praça, e serem chamados mestres pelos homens. Mas não queirais ser chamados mestres, porque Um só é o vosso Mestre e vós sois todos irmãos. E a ninguém chameis vosso Pai sôbre a terra, porque Um só é o vosso Pai que está nos céus. Nem sejais chamados mestres, porque Um só é o vosso Mestre, o Cristo. O que entre vós fôr o maior, será vosso servo. E aquêle que se exaltar, será humilhado e o que se humilhar, será exaltado ⁽¹⁰⁾.

Tinha Êle agora atingido o terrível e cauterizante clímax de Sua derradeira pregação pública. Foi uma experiência tremenda para aquêles que tinham ouvido as oito Beatitudes três anos antes, vê-Lo voltar-Se agora para Seus amedrontados, mas desafiadores inimigos e descarregar por sôbre suas cabeças, como um Deus proferindo sentença, o trovão de oito deliberadas maldições:

— Mas ai de vós, escribas e fariseus... hipócritas! Porque fechais o Reino dos Céus diante dos homens, pois nem vós entraís, nem deixais que entrem os que estão para entrar.

“Ai de vós, escribas e fariseus... hipócritas! Porque devorais as casas das viúvas, a pretexto de longas orações; por isto sereis julgados mais severamente.

“Ai de vós, escribas e fariseus hipócritas! Porque rodeais o mar e a terra para fazerdes um prosélito e depois de o terdes feito, o tornais duas vêzes mais digno do inferno do que vós!

“Ai de vós, condutores cegos, que dizeis: “Todo o que jurar pelo Templo, não é nada, mas o que jurar pelo ouro do Templo, fica obrigado”. Estultos e cegos: pois qual é mais, o ouro ou o Templo que santifica o ouro?... Cegos!...

“Ai de vós, escribas e fariseus... hipócritas! que pagais a dízima da hortelã e do endro e do cominho, e desprezastes os pontos mais graves da lei, a justiça e a misericórdia e a fé.

(10) *Ibid.*, XXIII, 1-12.

São estas coisas que era preciso praticar, sem omitir as outras. Condutores cegos que filtrais o mosquito e engolis o camelo!

“Ai de vós, escribas e fariseus... hipócritas! Porque limpais o que está por fora do copo e do prato e por dentro estais cheios de rapinas e de imundícies...

“Ai de vós, escribas e fariseus... hipócritas! Porque sois semelhantes aos sepulcros branqueados, que por fora parecem formosos aos homens, mas por dentro estão cheios de ossos de mortos e de tôda a podridão. Assim também vós por fora pareceis justos aos homens, mas por dentro estais cheios de hipocrisia e de iniquidade.

“Ai de vós, escribas e fariseus... hipócritas! que edificais os sepulcros dos profetas e adornais os monumentos dos justos... Assim: dais testemunho contra vós mesmos de que sois filhos daqueles que mataram os profetas! Acabai vós pois de encher a medida de vossos pais! Serpentes! Raça de víboras, como escapareis da condenação ao inferno?

— Por isso eis que Eu vos envio profetas, e sábios, e escribas, e matareis e crucificareis uns, e açoitareis outros nas vossas sinagogas, e os perseguireis de cidade em cidade. Para que caia sôbre vós todo o sangue justo que se tem derramado sôbre a terra, desde o sangue do justo Abel até o sangue de Zacarias, filho de Baraquias, que vós matastes entre o templo e o altar. Em verdade vos digo que tudo isto virá sôbre esta geração.” (11)

A voz majestosa se calou e no apocalíptico momento que se seguiu, todos aquêles milhares de pessoas permaneciam como que petrificadas, imóveis, silenciosas, esperando. Êle terminara. Parecia ter descido sôbre Êle uma grande fraqueza. Depois ergueu Seus olhos e pronunciou as patéticas palavras de adeus:

— Jerusalém, Jerusalém, que matas os profetas e apedregas os que te são enviados, quantas vêzes Eu quis juntar teus filhos, como a galinha recolhe debaixo das asas os seus pintos, e tu não quisestel! Eis que será deixada deserta a vossa casa. Porque Eu vos digo: desde agora não me tornareis a ver, até que digais: Bendito O que vem em nome do Senhor! (12)

O efeito que têm estas palavras hoje sôbre aquêles que conhecem a continuação dos fatos parece ter-se perdido intei-

(11) *Matheus*, XXIII, 13-36.

(12) *Ibid.*, XXIII, 37-39.

ramente no que concerne a Pedro e aos apóstolos seus companheiros. Talvez tenham estado a cochilar, encostados à parede, escutando, talvez tenham dado um suspiro de alívio por ver que o sermão acabara. Talvez já tivessem ouvido tantas vezes coisas semelhantes que já não lhes davam atenção. Mas a falta de compreensão que eram capazes de exibir em tais ocasiões nunca pareceu mais obtusa do que na narrativa evangélica do que fizeram, quando acompanharam o Senhor através de um dos pátios do Templo, afastando-se da multidão ainda silenciosa e aterrorizada. Pareciam mais uma turma de turistas curiosos do que os seguidores d'Aquêlê que fizera em vão Seu derradeiro apêlo àqueles por quem estava prestes a morrer. Começaram a inspecionar a arquitetura com olhos apreciadores e a fazer observações a respeito de algumas de suas excelências.

Mostravam-se especialmente interessados pelo tamanho dos blocos de mármore com que Herodes havia reconstruído o templo de Salomão. Alguns dêles tinham dezenove pés de comprimento e meio de altura. Havia um, a um canto, que devia ter sete e meio pés de quadrado. Aqui de novo temos prova da fidelidade com que foram relatadas estas cenas. Sòmente a própria vida podia ser tão crassa e inesperada. Pois um dos Doze (e no Evangelho de Marcos parece que foi Pedro) realmente observou, depois de espichar o pescoço, enquanto seguia junto com os outros ao lado do Messias:

— Olha, Mestre, que pedras e que construções!

— Vês todos êstes grandes edifícios? — replicou Jesus, tristemente. — Não ficará pedra sôbre pedra, que não seja derribada! (13)

Pedro achou isso depressivo. A destruição do Templo parecia-lhe inteiramente inconsistente com os gloriosos acontecimentos dos últimos três dias. Estava relacionada também, na mente dos judeus, com o fim do mundo. Discutiu estas objeções com seu irmão André e com os filhos de Zebedeu, quando cruzavam o vale do Cedron para o Monte das Oliveiras e todos concordaram em pedir ao Senhor, tão logo se achassem a sós com Êle, que explicasse sua observação pessimista.

Essa oportunidade sobreveio naquela tardinha, quando o encontraram, sentado na encosta da colina, descansando em meio da escuridão que se adensava e contemplando tris-

(13) *Marcos*, XIII, 1-3; *Lucas*, XXI, 5-7; *Matheus*, XXIV, 1-2.

temente a velha cidade guarnecer-se de luzes, uma após outra, como uma mulher dissoluta enfeitando-se de jóias, para suas bacanais na própria casa da perdição.

— Dize-nos, quando sucederão estas coisas? — perguntaram. — E que sinal haverá, quando tudo isto estiver para se cumprir?

Pormenorizadamente, o cansado Homem-Deus contou a Seus ingênuos amigos o que não achara adequado explicar aos burocratas e às turbas emotivas no Templo. Jerusalém seria inteiramente destruída, entre cenas de tribulação jamais igualadas antes ou depois, seu povo assassinado ou levado cativo para todos os países e isto ainda em vida deles. (14)

Os profetas haviam escrito a respeito disto. Daniel, por exemplo: “E, depois das sessenta e duas semanas, será morto o Cristo, e o povo que O há de negar, não será mais Seu. E um povo com o seu capitão, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário; e o seu fim será uma ruína total, e, depois do fim da guerra, virá a desolação decretada” (15). E Moisés: “O Senhor te dispersará entre todos os povos desde uma extremidade da terra até a outra... Também não terás repouso entre povos, nem a planta do teu pé terá descanso. Porque o Senhor te dará ali um coração medroso, e uns olhos lânguidos, e uma alma consumida de tristeza. E a tua vida estará como suspensa diante de ti.” (16) E Zacarias: “Farei de Jerusalém uma pedra pesada para todos os povos. Todos aqueles que a levantarem ficarão magoados e coligar-se-ão contra ela todos os reinos da terra”.

Jesus acrescentou que “Jerusalém será calcada pelos gentios, até se completarem os tempos das nações”. (17)

Isto é bastante impressionante hoje, quando vemos os judeus começarem a restabelecer a Palestina e as nações se prepararem a entrar em luta pelo espólio da Cidade Santa. Mas foi uma espantosa visão do próprio futuro deles e do mundo que Jesus desenrolou aos quatro pescadores a Seus pés. Pois Ele bem compreendia que eles associavam a queda de Jerusalém ao fim dos tempos, e Sua resposta abrangia ambos os acontecimentos. Seus apóstolos deveriam levar Seus ensinamentos a tôdas as partes da terra. Sua recompensa nesta vida seria o ódio e a perseguição de tôdas as

(14) Aconteceu em 70, depois de Cristo.

(15) Daniel, IX, 26.

(16) Deuteronomio, XXVIII, 64-66.

(17) Lucas, XXI, 24.

gentes por causa d'Ele, Jesus. Até mesmo parentes e amigos trairiam Seus seguidores e seriam eles caçados e mortos. Contudo, nem um cabelo de suas cabeças pereceria e com a sua paciência haveriam de possuir suas almas. (18)

O fim do mundo não ocorreria enquanto o Evangelho não houvesse sido pregado a tôdas as nações. Um sinal da aproximação da catástrofe seria o aparecimento de impostores pretendendo ser Cristo ou falar em nome d'Ele. Êsses haveriam de desviar a muitos, mas não deveriam ser acreditados ou seguidos. Haveria guerras e rumores de guerras, nações se erguendo contra nações e impérios contra impérios; tremores de terra, fomes, pestes. "E tôdas estas coisas são o princípio das dores".

Grande e geral apostasia da Igreja ocorrerá nas proximidades do fim do mundo. "E sereis odiados por tôdas as gentes por causa do meu nome, — repetiu Ele, como que falando aos cristãos dos derradeiros dias. "E muitos então serão escandalizados, e um entregará o outro, e se odiarão uns aos outros. E levantar-se-ão muitos falsos profetas e seduzirão muitos. E por causa de se multiplicar a iniquidade, se resfriará a caridade de muitos. Mas o que perseverar até o fim, êsse será salvo." (19)

A parte que se segue do discurso parece referir-se tanto à próxima destruição de Jerusalém, como a algum terrível acontecimento para o fim dos tempos, quando os homens verão "a abominação da desolação que foi predita pelo profeta Daniel posta no lugar santo" (20). Falsos Cristos e falsos profetas aparecerão em seguida, e farão grandes milagres e prodígios, "para enganar, se fôsse possível, até os mesmos escolhidos". Mas os fiéis não deverão acompanhá-los. "Porque assim como o relâmpago sai do oriente e se mostra até o ocidente, assim será também a vinda do Filho do Homem."

Sua vinda, porém, será acompanhada de grande aflição, incomparável em tôda a história. "E se o Senhor não abreviasse aquêles dias, nenhuma pessoa se salvaria; mas êle os abreviou, em atenção aos escolhidos que escolheu" (21). Depois disto "escurecer-se-á o sol e a lua não dará a sua luz, e as estrêlas cairão do céu, e as potestades dos céus serão aba-

(18) Lucas, XXI, 18-19.

(19) Mateus, XXIV, 9-14. O Papa Leão XIII acreditava ver sinais dêsse grande desvio da verdade, na sua Encíclica *Divinum Illud*, de 4 de maio de 1897. Todos os Papas, desde então, têm feito observações idênticas.

(20) Daniel, IX, 27.

(21) Marcos, XIII, 20.

ladas. E então aparecerá o sinal do Filho do Homem no céu e então todos os povos da terra chorarão e verão o Filho do Homem vir sobre as nuvens do céu com grande poder e majestade. E mandará os Seus anjos com trombetas e com grande voz, e juntarão os seus escolhidos dos quatro ventos, duma extremidade dos céus até a outra..." (22)

"E assim como nos dias de Noé, assim será também a vinda do Filho do Homem. Porque assim como nos dias antes do dilúvio estavam os homens comendo e bebendo, casando-se e dando as mulheres em casamento, até o dia em que Noé entrou na arca e não souberam nada, até que veio o dilúvio e os levou a todos, assim será também na vinda do Filho do Homem. Então de dois que estiverem num campo, um será tomado e o outro será abandonado. De duas mulheres que estiverem moendo com a mó, uma será tomada e a outra será abandonada. Vigiai, pois, porque não sabeis a que hora virá o vosso Senhor... Não sabeis a que hora virá o Filho do Homem..." (23)

"Quando, pois, vier o Filho do Homem na Sua majestade e todos os anjos com Ele, então se sentará sobre o trono da sua majestade e serão todas as gentes congregadas diante dEle, e separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos cabritos. E porá as ovelhas à Sua direita e os cabritos à esquerda... E estes irão para o suplício eterno; e os justos para a vida eterna." (24)

Estava completamente escuro agora e a magia tinha reduzido a um todo harmônico as linhas irregulares e disparidades da cidade, que resplendia de suaves luzes e rumorjava fracamente com o som de música e de inúmeras vozes. Pedro estava provavelmente adormecendo, à medida que a lua, quase cheia, começou a aparecer por cima da curva da colina atrás deles. As derradeiras palavras de Jesus ressoavam-lhe aos ouvidos:

"Vigiai, pois, (visto que não sabeis quando virá o senhor da casa: se de tarde, se à meia-noite, se ao cantar do galo, se pela manhã), para que, vindo de repente, vos não encontre dormindo. O que Eu pois digo a vós, o digo a todos: *vigiai!*" (25)

Seria uma coisa terrível e confundidora, se Pedro houvesse consentido em pensar mais detidamente naquilo. Mas

(22) *Mateus*, XXIV, 15-31.

(23) *Ibid.*, XXIV, 37-44.

(24) *Ibid.*, XXV, 31-33, 46.

(25) *Marcos*, XIII, 35-37.

era próprio dêle fixar sua atenção sôbre o glorioso regresso do Senhor para julgar o mundo, e esquecer o resto. Bastava-lhe ter-lhe sido prometido um lugar numa daquelas doze cadeiras do poder.

A voz do Senhor continuava a fazer-se ouvir:

— Vós sabeis que daqui a dois dias será celebrada a Páscoa e o Filho do Homem será entregue para ser crucificado.

É característico que ignorassem êles a referência à crucificação, nem Jesus insistiu mais sôbre isso. E quando Lhe perguntaram onde iriam comer o banquete da Páscoa, deu Êle algumas instruções um tanto insólitas a Pedro e a João:

— Ide à cidade e encontrareis um homem levando uma bilha d'água. Ide atrás dêle e onde quer que entrar, dizei ao dono da casa, que o Mestre diz: "Onde está a sala onde Eu posso comer a Páscoa com os meus discípulos?" E êle vos mostrará um cenáculo grande, pôsto em ordem. Fazei-nos lá os preparativos. (26)

Com estas palavras a lhe murmurarem no cérebro, Pedro adormeceu.

(26) Marcos, XIV, 12-16. João dá os mesmos pormenores.

XIX

PEDRO e João foram à cidade na quarta-feira de manhã e “encontraram tudo como Êle lhes tinha dito” (1). Quase imediatamente encontraram um homem, provavelmente um servo, com uma bilha de barro no ombro. Acompanharam-no por entre a confusão do tráfego, subindo algumas das tortuosas ruas, depois na direção da colina ocidental, até que o viram dobrar para um pequeno pátio e entrar em certa casa. Ali batendo e dando o recado que traziam, deixaram-nos entrar. Talvez fôsse a residência de Nicodemos, ou de algum parente ou discípulo do Senhor. Mais provavelmente pertencia à mãe de Seu jovem amigo João Marcos (2).

Seguindo o dono da casa que subia pela escada exterior, penetraram os dois pescadores numa larga sala em que viram uma mesa bastante suficiente para a finalidade em vista, com leitos de tapeçaria ao longo dos três lados. Havia algumas ricas lâmpadas de bronze, sôbriamente modeladas sem imagens e com poucos ornamentos, bons tapêtes do Oriente e em uma das paredes duas espadas, lembrança talvez da parte que aquela família havia desempenhado na guerra dos Macabeus. Estas últimas coisas, especialmente, podemos estar certos, chamaram a atenção de Simão Pedro. Nada se adequaria melhor a seu estado de espírito do que agarrar uma delas com seu musculoso punho, expulsar os romanos de Jerusalém para sempre e sentar seu Mestre no trono de Davi. Enquanto isto, seu anfitrião dava instruções a seus servos no sentido de prepararem uma ceia para treze pessoas e garantiu aos visitantes que tudo estaria pronto quando êles e seu Mestre chegassem.

Pedro e João não eram os únicos apóstolos que se achavam na cidade naquele dia. No instante mesmo em que saíram da casa na colina e trataram de regressar ao distrito comercial, é possível que quase hajam acotovelado um de seus irmãos que se dirigia ao palácio do Sumo Sacerdote, a pouco mais de distância de uma pedrada do lugar onde ha-

(1) *Marcos*, XIV, 16.

(2) *Cf. Atos*, XII, 12.

viam estado, pois Judas Iscariotes, depois de quatro dias de meditação sôbre a humilhação sofrida no jantar em Betânia, tinha afinal resolvido o conflito de sua alma com uma terrível decisão.

Durante um ano inteiro estivera a combater uma batalha perdida, para conservar seu amor natural e sua lealdade a Jesus, sem o auxilio da fé sobrenatural que havia rejeitado na sinagoga de Cafarnaum. De modo que estava à mercê de um inimigo invisível com mais recursos do que os naturais e êsse inimigo o havia derrotado, de tentação em tentação, até que se afundou em tal confusão que a ela seria preferível qualquer ato resoluto. O Sermão da Montanha tinha significado tão pouco para êle, como para muitos cristãos professos de hoje. A morte de João Batista, a recusa do Senhor em deixar-se coroar rei, sua misteriosa resposta ao pedido de dar um sinal e finalmente Seu encorajamento à extravagância daquela estúpida mulher em Betânia, tudo isso poderia ter sido esquecido, se pelo menos houvesse Êle tirado vantagem da oportunidade que Lhe tinha sido proporcionada no Domingo de Ramos. Naquele dia e nos dois que se lhe seguiram, havia Judas ficado suspenso de cada palavra e de cada ato de Jesus. Não se deixara dominar pelo que pareciam vitórias Suas. Por mais esplendorosas que fôsem, eram verbais e insubstanciais. Além disso, o derradeiro apêlo e as palavras lacrimosas depois da titânica diatribe da noite de terça-feira, eram os de um homem derrotado e abatido e não os do Messias real que Judas estivera esperando.

E todos aquêles milagres afinal? Jamais atingiremos o fundo do mistério de iniquidade que apresenta o caráter de Judas. Contudo se depreende claramente das palavras de Cristo, tanto a Judas como aos dirigentes do Templo, que a fé n'Ele Jesus era um dom secreto do Pai aos corações sinceros e amantes; sem êsse dom poderia um homem até mesmo ver a ressurreição de Lázaro e ainda assim negar o assentimento de sua vontade. "Se não ouvem Moisés e os Profetas, tão pouco acreditarão, ainda que ressuscitasse algum dos mortos". Penetrar êste sêgredo mais além seria rasgar o véu do inferno e do demônio e, mais uma vez, arrancar da árvore do conhecimento do bem e do mal o fruto proibido que trouxe a morte ao mundo.

Judas não podia mais acreditar em Jesus, mas podia acreditar nos príncipes dos sacerdotes, pois eram filhos da Cidade do Homem como êle próprio, e os compreendia. Aquêles prelados ricos, poderosos, de mentalidade política, agi-

riam tão logo o pudessem fazer a salvo. Efetuariam a destruição de Jesus e Êste não ergueria um dedo. Pelo contrário, tinha claramente profetizado Sua morte. E isto pelo menos, em terreno provável e racional, podia Judas aceitar.

Pode não tê-la desejado conscientemente. Mau como era (dando ao demônio o que lhe era devido), não teria provavelmente êle próprio procurado essa morte, senão quando se convencesse de que era inevitável. Assim sendo, poderia muito aproveitar-se dela. Mas como? Os próprios príncipes dos sacerdotes não ousariam tocar o Senhor, enquanto multidões de admiradores O cercassem. Contudo, se pudessem detê-Lo em algum lugar solitário e afastado, sem publicidade, estariam sem dúvida dispostos a recompensar o homem que O pusesse em suas mãos. E milionários com tanto dinheiro em jôgo não hesitariam em pagar generosamente. Judas podia já ver-se retirando-se com uma gorda bôlsa de siclos de ouro, que o capacitariam a recomeçar novamente a vida em Roma ou Alexandria, onde poderia esquecer a censura dos olhos de Jesus e tôda aquela conversa inútil, embora obcessionante, a respeito do outro mundo e de viver como as aves do céu. Não estava por certo disposto a ser um bôbo, como Tomé, o Gêmeo, e dizer "Morramos com Êle!" Causas perdidas não fazem parte da filosofia dum homem de negócios.

Suponhamos, então, que Judas simplesmente escapou de encontrar Pedro e João, enquanto deslizava ao longo dos edifícios a caminho do palácio e que, indagando de Anás ou Caifás, se dirigiu ao Templo, onde o santo par aguardava outra reunião extraordinária do Sanedrim. Os Evangelhos Sinóticos indicam, sem fornecer particularidades, que êle os procurou de moto próprio e os encontrou: eis tudo. É bastante provável que tenham estado em contacto estreito naqueles dias com os principais membros do Conselho. O "quorum" consistia apenas em 23 dos 70 e podia condenar um homem à morte por maioria de dois. Êste direito, sob o domínio de Roma, era apenas teórico. Na prática, nenhuma execução formal poderia ser levada a efeito sem a aprovação e cooperação de Pilatos. Um apedrejamento pela multidão, sob a Antiga Lei, podia ser realizado. Mas no caso presente, não se podia depender da população e a experiência corria risco de tornar-se perigosa. Seria melhor deixar Pilatos manejar o caso. Anás andava em boa harmonia, por trás dos bastidores, com aquêle político indolente, e tinha-o por certo subornado mais de uma vez. Tinha-o assim em seu poder e

poderia arranjar-lhe complicações junto a Tibério, se o achasse conveniente. A única e verdadeira dificuldade era o modo como pôr-lhe o Nazareno nas mãos, sem provocar uma comoção pública. Ele e Seus apóstolos alojavam-se ora num lugar, ora noutro. E um dêles, Seu primo Tiago Menor, era, segundo se dizia, bastante parecido com Jesus. É muito pouco provável que o velho e experimentado "Nasi" ou príncipe dissesse tudo isto aos Conselheiros, quando se sentavam êstes diante dêle, em semicírculo, no Salão das Pedras Tallhadas, mas depois que êles partiam, talvez, ficasse a discutir com seu genro, o príncipe dos sacerdotes, quando lhe foram dizer que um dos amigos de Jesus queria falar-lhe.

Nunca esperara tão boa fortuna como aquela. Sem dúvida fêz um rápido elogio de Judas e lisonjeou-o e tranqüilizou-o, até conseguir que êle falasse diante de testemunhas, confessando-se desejoso de trair seu Mestre. Até aquêle momento deveria ter estado querendo oferecer-lhe quase alguma paga razoável, mesmo em ouro, e era evidente que o camarada esperava algo desta espécie. Mas Anás não se havia tornado milionário graças a atos de generosidade sem proveito. E imediatamente fulgurou-lhe no espírito de sutil habilidade, que não haveria necessidade de mais do que um pagamento simbólico, uma vez que Judas se havia colocado completamente em poder dêles. Se tentasse retrair-se agora, poderiam denunciá-lo a seus próprios companheiros, deixando-o exposto a represálias e sem amigos. Isto provavelmente explica porque lhe deram apenas trinta siclos de prata, equivalente a uns seiscentos cruzeiros, indenização-padrão, sob a Lei Mosaica, por um escravo chifrado por um boi (3). Uma vez mais, também, Caifás estava inconscientemente cumprindo uma profecia: "Então pagaram-me pelo meu salário trinta moedas de prata" (4). Talvez fôsse também intenção sua insultar Jesus, oferecendo preço tão irrisório por Êle. Mas Judas tinha que aceitar o que quer que êles dessem. E quando o príncipe dos sacerdotes desdenhosamente foi contando as moedas — uma delas concebivelmente o pequeno óbolo da viúva que o Senhor citara ainda na véspera — foi um traidor destroçado que as recolheu maquinalmente e saiu cambaleando para a luz escarnecedora da primavera lá fora. Satanás havia passado na sua peneira aquêle apóstolo outrora capaz e promissor e pouco restava senão a poalha de um de-

(3) Êxodo XXI, 32.

(4) Zacarias, XI, 12.

sempêro entorpecido, quando êle afinal alcançou seus irmãos no Hôrto de Getsêmani.

Nada vem dito nos Evangelhos a respeito de como passaram o Senhor e os outros apóstolos aquela funesta quarta-feira. Possivelmente, como um dia de repouso, de oração e de preparação, ou talvez com seus amigos em Betânia. Mas no dia seguinte, quinta-feira, sem dúvida seguiram para a cidade, a fim de comerem a ceia de Páscoa na casa que Pedro e João haviam arranjado para isso. O sol já se ia pondo por trás da colina ocidental. As primeiras luzes começavam a cintilar fracamente aqui e ali. O cheiro saboroso do cordeiro assado ou do cabrito invadia tôdas as ruas. Das janelas abertas e dos jardins chegava o murmúrio de vozes felizes, e os acordes de alaúdes e harpas. Era confortador pensar-se que mais de um milhão, talvez dois milhões de judeus estavam reunidos dentro daqueles muros santos naquela noite, prontos a oferecer o sacrifício pascal ao Deus de Abraão e render-Lhe graças mais uma vez por tê-los libertado dos egípcios e de todos os seus inimigos.

Chegando à casa da colina, foram conduzidos à grande sala lá em cima, e Pedro, nas melhores disposições, viu que tudo tinha sido arranjado como o anfitrião havia prometido. O bom vinho tinto fôra despejado dos odres em garrafas de barro escuro, que ali estavam, sôbre a mesa, convidativas. Logo que o Hóspede de honra e Seus amigos se reclinaram nas almofadas estendidas nos três lados, os servos trouxeram a carne, o pão, as ervas amargas e os temperos. Depois se retiraram e os deixaram à vontade.

Ordinariamente o processo teria sido êste: o pai, ou quem quer que presidisse, faria passar uma taça de vinho, dizendo: "Bendito sejas Tu, Deus nosso Senhor, Rei do Mundo, Que criaste o fruto da vinha". Todos em seguida lavariam as mãos de acôrdo com as tradições farisaicas. Uma salada de ervas amargas, mergulhada em vinagre ou água salgada, para comemorar os sofrimentos dos hebreus no Egito, corria a mesa. Os pratos rituais eram depois trazidos um após o outro, enquanto o pai explicava a significação de cada um: um caldo, chamado *charoseth*; um saboroso mólho avermelhado feito de nozes, figos e frutas, para recordar-lhes os tijolos que seus antepassados tinham fabricado para o Faraó; pães ázimos; as oferendas festivas, para serem mergulhadas no *charoseth* e comidas com o pão; e finalmente, o cordeiro ou o cabrito pascal.

A família bebia então segunda taça de vinho e cantava parte da alegre seqüência de salmos conhecidos como Aleluia. Depois reclinavam-se os presentes de novo nos três lados da mesa, cada um sôbre seu cotovêlo esquerdo. O pai abençoava a metade de um pão, envolvia-a de ervas amargas, mergulhava-a no *charoseth*, provava-a e passava-a aos outros, dizendo: "Este é o pão da aflição, que nossos pais comeram no Egito". Em seguida abençoava o cordeiro e comia dêle; os outros seguiam-lhe o exemplo. Agora achava-se a festa em pleno curso, todos falando e rindo, à medida que a terceira taça, a taça da bênção, passava de mão em mão. Com a quarta taça, cantavam-se os versos restantes do Aleluia e a festa chegava à sua conclusão solene mas alegre, às vêzes com uma quinta taça e o canto de outros salmos.

Os Evangelhos revelam como Jesus seguiu esta consagrada rotina, tanto exteriormente como em espírito, e como, ao mesmo tempo, a ampliou para adaptá-la a Seu próprio propósito. O conhecimento dêste propósito tem levado artistas e pregadores a atribuir aos apóstolos a reverência que se sente na Consagração da Missa. Mas os Doze não tiveram tal realização antes do acontecimento e é fácil de acreditar na visão de Teresa Neumann em que os via sem nenhuma aparência de devoção e, ao que parecia, sem compreender o que estava para acontecer ⁽⁵⁾. Isto está claro, de fato, pela conduta dêles como vem descrita em um dos Evangelhos ⁽⁶⁾. Erraram completamente o alvo da observação inicial do Senhor. Quando Êle abençoou e passou adiante a taça, disse: "Tenho desejado ardentemente comer convosco esta Páscoa, antes de sofrer, porque vos digo que não mais a comerei, até que ela se cumpra no Reino de Deus". Apreendendo apenas as derradeiras palavras, os Doze imediatamente puseram-se a discutir entre si, para saber qual seria o maior dentre êles naquele Reino.

Talvez também tenham discutido na disputa dos lugares mais perto dêle na mesa. Lembrou-lhes Jesus mais uma vez que o maior entre êles seria como Êle, o servo de todos. Envergonhados e sumidos, reclinaram-se então. O Senhor estava no meio do lado esquerdo. João, talvez a pedido Seu, estava à Sua direita. Pedro, envergonhado de si mesmo foi, impulsivamente, talvez, colocar-se no último lugar, do lado oposto a Jesus. Judas, descaradamente, tomou o lugar de

(5) Von Lamma, *op. cit.*, I, 132.

(6) Lucas, XXII, 24.

honra à esquerda do Senhor; assim pelo menos o texto o sugere e talvez tenham sido êle e Pedro os principais contendores por aquêlê lugar, pois o traidor tentaria naturalmente acobertar seu espírito de perfídia com uma exhibição de devotamento especial.

Quando se achavam todos estendidos nos seus lugares, deu Jesus uma demonstração bem clara do que acabara de dizer a respeito de servir. Levantou-se e tirou seu manto. Depois, cingindo-Se de uma toalha da mesa de servir, derramou um pouco d'água em uma das bacias ali deixadas para lavagem das mãos e, dirigindo-Se a Simão Pedro, na extremidade da mesa, ajoelhou-Se diante dêle e preparou-Se para lavar-lhe os pés.

Era aquêlê um ato bem distante das desdenhosas abluções próprias dos fariseus. Pedro ficou todo tomado de embaraço e de vergonha, pois sòmente os servos praticavam tão subalterna ação.

— Senhor, Tu, lavar-me os pés? — E começou a levantar-se.

— O que Eu faço, tu não sabes agora, mas sabê-lo-ás depois. Se eu te não lavar, — acrescentou Êle, olhando-o firmemente, — não terás parte Comigo.

Pedro então retomou seu lugar chorando:

— Senhor, não sòmente os meus pés, mas também as mãos e a cabeça!

— Aquêlê que se lavou não tem necessidade de lavar se não os pés, mas todo êle está limpo. E *vós* estais limpos, mas não todos, — terminou Êle, correndo a mesa com a vista, até que Seus olhos caíram sôbre Judas.

Depois de haver de novo vestido seus trajes exteriores e de reclinar-Se em Seu lugar, repetiu duas vêzes esta alusão, até que todos ficassem cientes dela.

— Em verdade, em verdade vos digo, — disse Êle mais diretamente, — que um de vós Me há de entregar!

Começaram a olhar uns para os outros, a especular qual seria. Pedro debruçou-se sôbre a mesa e disse a João, que estava reclinado sôbre o peito do Senhor:

— De quem fala Êle?

E João perguntou em seguida:

— Senhor, quem é êsse?

— É aquele a quem Eu der um bocado de pão molhado.

Pôs môlho no pão e nas ervas, de acôrdo com o velho rito e entregou-o a Judas que estava à Sua esquerda. Para a maior parte daqueles que se achavam à mesa, o gesto não era mais do que o procedimento usual.

Pedro e João trocaram olhares. Talvez não estivessem demasiado surpreendidos. Mas eram os únicos que sabiam. Foi nesse terrível momento, segundo João, que Satanás entrou no traidor e dêle se apoderou. Até então, talvez, estivera hesitando. Vendo de novo o rosto de Jesus, tão amável e tão paciente, bem poderia ter estado a imaginar como pudera tê-Lo traído e haveria ainda tempo para lançar-se a Seus pés, para dizer-lhe tudo, para pedir perdão. Covardia, orgulho, vergonha — fútil será especular a respeito do que o impediu de pedir aquilo que indubitavelmente não lhe seria negado. Temos aqui de novo um mistério que ninguém jamais foi capaz de desvendar, durante dezenove séculos. Podemos apenas aceitar a palavra de Jesus, de que êle era um “filho da perdição” e que melhor lhe teria sido jamais haver nascido. Quando um após outro Lhe perguntou: “Serei eu, Senhor?, o traidor achou no coração uma sinistra coragem para dizer: “Serei eu, Senhor?” A própria saudação era significativa: era o único que não poderia chamá-Lo “Senhor”. Contudo, mesmo então, o Todo Misericordioso não o expôs, nem denunciou. Disse-lhe tranqüilamente:

— Tu o disseste. O que fazes, faze-o depressa.

Pedro e João viram Judas levantar-se de súbito da mesa e sair para a noite.

RETIROU-SE o traidor antes ou depois da parte mais importante da ceia? Tem sido a questão durante séculos debatida por santos e exegetas, mas ainda não foi decidida. Só o terceiro Evangelho parece indicar sua presença no ato da instituição da Eucaristia. O primeiro sugere, pelo menos, que êle se retirou antes e deve-se dizer que a cronologia de Mateus, como testemunha de vista, é provávelmente mais segura. Talvez também esteja mais de acôrdo com a delicada caridade com que o Senhor tratou Seu traidor na festa, supor que desejou poupar-lhe o crime adicional de sacrilégio e que foi esta a verdadeira razão pela qual apressou sua saída, chamando-lhe tranqüilamente a atenção para a sua traição. Além disso, era apenas justo negar-lhe a explicação das palavras aparentemente insensatas proferidas no ano anterior na sinagoga de Cafarnaum — palavras que êle havia secretamente rejeitado e que os outros onze, dirigidos por Pedro, tinham aceito sob fé.

“E enquanto ceavam, Jesus tomou o pão e o benzeu e o partiu e deu-o a seus discípulos e disse:

“Tomai e comei: isto é o meu corpo. Fazei isto em memória de Mim.

“E tomando o cálice, deu graças, e deu-lho, dizendo:

“Bebei dêle todos. Porque isto é o meu sangue do Novo Testamento, o qual será derramado por muitos para remissão dos pecados...” (1).

É duvidoso que os Onze hajam compreendido a plena significação disto no momento. Não obstante, devem ter recebido certas impressões definidas que o tempo em breve esclareceria. Deve ter fulgurado em suas mentes a memória da terrível tarde na sinagoga perto do mar, quando O haviam seguido, sabendo Quem Êle era, mesmo depois que Êle havia proferido palavras que pareciam irracionais e se recusara a dar explicações.

“Se não comerdes a carne do Filho do Homem e beberdes o Seu sangue, não tereis a vida em vós”, dissera Êle. “O que come a Minha carne e bebe o Meu sangue tem a vida eterna

(1) *Mateus*, XXVI, 26-29.

e Eu o ressuscitarei no último dia. Porque a Minha carne é verdadeiramente comida e o Meu sangue é verdadeiramente bebida. O que comê a Minha carne e bebe o Meu sangue fica em Mim e Eu nêle" (2).

Agora todos tinham-nO ouvido dizer que o pão era Sua carne e o vinho Seu sangue. Devia ser verdade, uma vez que Êle o dissera. Alguns dêles tinham-nO visto mudar a água em vinho em Caná. Por que então não poderia Êle mudar o vinho em sangue? A palavra "aliança" mesma evocava a associação de sangue nas mentes familiares com o Antigo Testamento. Todos se lembravam de como Moisés, ao afirmar a Antiga Aliança entre Deus e Seu povo, havia derramado parte do sangue sacrificial em cima do altar e aspergido o resto sôbre os espectadores. Aqui diante dêles, sob a aparência de vinho, estava o sangue da Nova Aliança, embora nenhum dêles tivesse qualquer concepção, aparentemente, da maneira pela qual seria êle derramado, para completar o sacrifício. Se alguma vez Pedro correu os dedos pelo cabelo intonso, naquele gesto que lhe é atribuído, deve ter sido naquele momento, quando via em parte e depois talvez ficasse mais confuso do que nunca. Pois aqui de novo havia Mistério.

Igualmente enigmáticos, em algumas partes, foram o magnífico discurso e a oração que se seguiram. Alguns têm achado que Jesus os proferiu depois de ter deixado a sala da ceia (3); mas parecem pertencer à própria ceia e ao lugar em que esta ocorreu. Estava para ser glorificado, disse Êle — e aqui Pedro deve ter-se lembrado da Transfiguração — contudo iria retirar-Se para um lugar aonde não poderiam êles segui-lo. Bastante solenemente disse Êle então:

— Dou-vos um novo mandamento: "Que vos ameis uns aos outros, e que assim como eu vos amei, vos ameis também uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros.

Foi Pedro, obtuso como sempre, quem interrompeu o sublime discurso neste ponto:

— Senhor, para onde vais Tu?

— Para onde eu vou não' podes tu agora seguir-Me, mas seguir-Me-ás depois.

— Senhor, por que não posso eu seguir-Te agora? Darei a minha vida por Ti!

(2) João, VI, 53-57.

(3) João, XIII, 36-38.

— Darás a tua vida por Mim? — Era evidente a terna ironia. — Em verdade, em verdade te digo: não cantará o galo sem que tu Me tenhas negado três vêzes (4).

Pedro mostrou-se chocado e confuso. Que poderia dizer? O Senhor procurou aliviar a picada, acrescentando:

— Simão, Simão, eis que Satanás vos reclamou com instância para vos joeirar como trigo; mas Eu roguei por ti — aqui o texto grego muda para o singular, referindo-se somente a Pedro — para que a tua fé não falte, e tu, uma vez convertido, confirma os teus irmãos.

— Senhor, eu estou pronto a ir Contigo para a prisão e para a morte, — disse Pedro.

— Digo-te, Pedro, — repetiu a voz entristecida, — que não cantará hoje o galo, sem que tu por três vêzes não tenhas negado que me conheces (5).

Todos ficaram perturbados e confusos.

— Senhor, nós não sabemos para onde Tu vais, — objetou Tomé. — E como podemos nós saber o caminho?

— Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vai ao Pai, senão por Mim. Se Me conhecêsseis, também certamente conheceríeis Meu Pai. Mas conhecê-Lo-eis bem cedo e já O vistes.

Filipe tornou-se radiante ao ouvir isto e disse:

— Senhor, mostra-nos o Pai, e isso nos basta!

— Há tanto que estou convosco, e ainda não Me conhecestes? — replicou Jesus. — Filipe, quem Me vê, vê também o Pai. Como dizes pois: “Mostra-nos o Pai”? Não credes que Eu estou no Pai e que o Pai está em Mim?... Aquêle que crê em Mim, fará também as obras que Eu faço, e fará outras ainda maiores, porque Eu vou para o Pai. E tudo o que pedirdes ao Pai em Meu nome, Eu o farei... Se Me amais, observai os Meus mandamentos. E Eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará um outro Consolador, para que fique eternamente convosco — o Espírito de Verdade, a Quem o mundo não pode receber, porque não O vê, nem O conhece. Mas vós O conhecereis, porque habitará convosco e estará em vós...

Ficaram êles ainda francamente confusos e Judas Tadeu perguntou:

— Senhor, qual é a causa porque Te hás de manifestar a nós e não ao mundo?

(4) *Ibid.*, XIII, 36-38.

(5) *Lucas*, XXII, 31-34.

Nada os confundia mais do que Sua insistência a respeito da separação entre êles e o mundo — êsse princípio fundamental que tornaria impossível qualquer verdadeira unidade da raça humana, exceto sôbre a eterna rocha de Seus ensinamentos e de Sua Igreja.

— Se alguém Me ama, guardará a Minha palavra, — repetiu Êle, com ênfase, ao desenvolver esta idéia, — e Meu Pai o amará e Nós viremos a êle e faremos nêle morada... O Consolador, o Espírito Santo, a Quem o Pai enviará em Meu nome, Êle vos ensinará tôdas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito. Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz. Não vo-la dou, como a dá o mundo. Não se turbe o vosso coração, nem se assuste... Vem o príncipe dêste mundo e êle não tem em Mim coisa alguma...

O Senhor comparou-se a uma vide; êles eram as varas; para crescer deveriam ser podados; se sem fruto, seriam cortados...

— O Meu preceito é êste, que vos ameis uns aos outros, como Eu vos amei. Ninguém tem maior amor que o daquele que dá a vida por seus amigos... Não fôstes vós que Me escolhestes, mas fui Eu Que vos escolhi a vós... Se o mundo vos aborrece, sabeis que primeiro do que a vós Me aborreceu a Mim. Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu; mas porque vós não sois do mundo, antes Eu vos escolhi do meio do mundo, por isso o mundo vos aborrece. Lembrai-vos daquela palavra que Eu vos disse: "Não é o servo maior do que o seu senhor!" Se êles Me perseguiram a Mim, também vos hão de perseguir a vós... Se Eu não tivesse vindo e não lhes tivesse falado, não teriam culpa; mas agora não têm desculpa do seu pecado...

Não poderia haver verdadeira religião sem o culto de Cristo, com tudo quanto implica de unidade e de caridade. Porque "aquêle que Me aborrece, aborrece também Meu Pai... Eu disse-vos estas coisas, para que vos não escandalizéis. Êles vos lançarão fora das sinagogas; e virá tempo em que todo o que vos matar, julgará prestar serviço a Deus... Tenho ainda muitas coisas a dizer-vos, mas vós não as podeis compreender agora. Quando vier, porém, aquêle Espírito de Verdade, Êle vos ensinará tôda a verdade... Um pouco e já Me não vereis, e outra vez um pouco, e ver-Me-eis.

Estava isto bem distante dos pensamentos de glória que continuavam a encher a cabeça de Pedro, quando êle lançou o olhar para as duas espadas penduradas da parede. Era uma coisa tão acima da mentalidade dêles, de fato, que co-

meçaram a tocar-se com os cotovelos e a indagar uns aos outros de que era que Êle estava falando. Finalmente disse-lhes de novo que estava prestes a deixar o mundo e ir para o Pai.

— Ah! — exclamaram êles. — Eis que agora falas claramente e não usas de nenhuma parábola. Agora conhecemos que Tu sabes tudo, e que não é necessário que alguém Te interogue. Por isto cremos que saíste de Deus.

— Credes agora? — retorquiu Êle, irônicamente. — Eis vem a hora, e já chegou, em que sereis espalhados, cada um para seu lado e em que Me deixareis só.

Isto não os esclareceu mais do que antes. Mas agora estava Êle erguendo os olhos e dizendo a prece celestial que terminou o discurso. Estava pedindo especialmente que fôsem um com Êle e unidos entre si — êles e todos aquêles que cressem n'Ele através de suas palavras — como Êle e o Pai eram um só. Rogou, não pelo mundo que odiaria tanto a êles como a Êle, mas por êles e pela sua unidade de pensamento, de amor, e de ação. E com isto interrompeu-Se de repente e perguntou:

— Quando Eu vos mandei sem bôlsa, e sem alforge, e sem sapatos, faltou-vos porventura alguma coisa?

Pedro lembrou-se de sua viagem missionária.

— Nada, — disse êle. — Nada — disseram todos.

— Mas agora quem tem bôlsa, tome-a, e também alforge; e quem a não tem, venda a sua túnica, e compre uma espada. Porque vos digo que é necessário que se cumpra em Mim isto que está escrito: "E foi pôsto na classe dos malfeitores!".

A palavra "espada" soou agradavelmente aos ouvidos de Pedro.

— Senhor, eis aqui duas espadas!

— Basta, — disse Jesus.

O pescador amarrou uma das lâminas ao seu cinturão. Por certo não havia compreendido lá muita coisa do que fôra dito, mas achou que compreendia o significado daquele frio aço de Damasco, daquele dominador de multidões, daquele fazedor de reis, que tão agradavelmente batia de encontro à sua vigorosa perna. Estava começando a sentir afinal que alguma coisa poderia ser realizada naquela noite. Estivera um tanto sonolento, talvez, depois da ceia, mas ficara completamente esperto e alerta agora, quando todos se levantaram para sair e seguiram o Senhor pela escada exterior até a rua.

Enquanto caminhavam à sombra do muro do jardim do príncipe dos sacerdotes Caifás, cantavam todos a derradeira parte da grande Aleluia, com sua significativa referência à "pedra que os edificadores rejeitaram" apenas para que se tornasse a "pedra angular" e sem dúvida a voz de Jesus se fazia ouvir acima de tôdas as outras. Jerusalém era como um primoroso instrumento formado de vigorosas vozes a cantar as mais profundas e mais patéticas canções de Israel. Uma lua cheia se erguera a leste, brilhando no rosto dêles, enquanto desciam a colina. O prateado esplendor havia transformado a estirada cidade de pedra e de sujo em algo de mágico, de etéreo, de sobrenatural e evanescente. Havia uma sombra no ar daquela misteriosa tristeza, daquela sugestão de morte casada à mocidade, de corrupção jacente à espera da beleza, que muitas vêzes acompanha a luz da lua nos começos da primavera.

Ainda cantando, os doze homens enveredaram pela rua principal, dali seguiram por cima do vale tirópico até a porta sueste abaixo do Templo, e depois atravessaram o Cedron, em frente dos túmulos dos profetas. Tinham agora acabado de cantar a Aleluia e caminhavam em silêncio ao longo do ribeiro, que provavelmente estava começando a diminuir com a chegada da estação sêca. Cêrca de vinte minutos depois de terem deixado a sala da ceia, chegaram à pequena herdade chamada Getsêmani, na ladeira ocidental do Monte das Oliveiras.

Ao pararem ali, tornou-se evidente, à brilhante luz da lua, que a tristeza que êles haviam notado no Senhor, durante tôda a noite, havia-se tornado muito mais profunda. Parecia "sentir pavor e abatimento". Os Onze, também, não puderam deixar de sentir-se deprimidos e inquietos. Jesus deixou oito dêles à porta do hôrto e acenando para que Pedro e os dois filhos de Zebedeu O acompanhassem, entrou e subiu com dificuldade a ladeira umas duzentas ou trezentas jardas, antes de parar.

— A minha alma está numa tristeza mortal, — disse Êle.
— Ficai aqui e vigiai.

Viram-nO subir mais ainda na encosta, vulto escuro e altaneiro contra o cinzento de aço do céu, até que alcançou o cimo, talvez a distância dum tiro de pedra. Ali prostrou-se por terra, rezando. Depois de um pouco, ouviram-nO distintamente dizer, com uma intensidade de tristeza verdadeiramente insólita:

— *Abba*, tôdas as coisas Te são possíveis. Afasta de Mim êste cálice! Porém não o que Eu quero, mas o que Tu queres!

Isto os encheu duma tristeza inexprimível, mas nada havia que estivesse ao alcance dêles fazer. De modo que Pedro sentou-se na relva e recostou-se a um dos blocos de pedra espalhados entre as prateadas oliveiras, enquanto os outros seguiam seu exemplo. Estavam cansados, abatidos, extenuados e o ar arrepiante ia-se tornando cada vez mais frio. Dentro em pouco todos os três haviam adormecido.

Pedro nunca soube quanto tempo decorrera antes de ser despertado pela voz de Jesus, dizendo:

— Simão, dormes? Não pudeste vigiar uma hora? Vigiai e orai para que não entreis em tentação. O espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca.

Todos êles se mexeram e tentaram erguer-se. E como Jesus houvesse voltado para o cume da colina, puderam ouvi-Lo rezando como antes: "Pai, se é possível"... Quando isto aconteceu uma terceira vez, não se recordaram mais de nada. Foi sòmente da bôca do jovem João Marcos, que os havia seguido da sala da ceia e estivera a escutar ali no Hôrto, que Pedro finalmente soube o que tinha ocorrido (6). Sôbre aquêle vulto solitário e prostrado as hostes infernais estavam acumulando o pêso de todos os pecados humanos e de tôda a ingratidão até o fim dos tempos. Do futuro provinham as sombras daqueles pelos quais o Seu sacrifício seria inútil, para zombar d'Ele e escarnecê-Lo. À medida que o tempo fugia da infinitude de Sua dor, parecia estar estirado sôbre uma cruz que enchia o vazio do firmamento dum extremo a outro e o enegreceria até o dia de juízo. Talvez tivesse morrido, se o Anjo da Agonia não tivesse chegado para consolá-Lo.

Pedro nada sabia disto. Com o forte peito arfando, a espada a cintilar sombriamente a seu lado, à meia-luz maléfica, dormia profundamente.

(6) Inferiu-se isto, pelo menos, de Lucas, XXII, 51-52.

XXI

ACORDOU num sobressalto. Havia alguém debruçado sobre êle, contemplando-o e, quando conseguiu espertar de todo, viu que era o Senhor. Mas algo Lhe havia acontecido. Não somente parecia sucumbido ao pêso duma fadiga e duma tristeza infinitas, mas Seu rosto também estava diferente. A refratada luz da lua havia nêle um característico brilho fusco.

Pedro sentou-se, esfregou os olhos e olhou de novo. Podia ver plenamente agora. A fronte de Jesus estava tôda camarinhada de sangue. Descia-Lhe pela barba e pingava no chão (1).

— Dormi agora e descansai, — disse Jesus. — Basta: é chegada a hora. Eis que o Filho do Homem será entregue nas mãos dos pecadores! Levantai-vos, vamos. Eis que aquêle que Me entregará está próximo (2).

Ao levantar-se cambaleante, Pedro ouviu, vindo lá de baixo da colina, o murmúrio de vozes e o tropel de pesados pés sobre os rochedos. Conseguiu distinguir o bruxolear de lanternas, o fulgir de tochas, o cintilar do luar nos elmos de aço, nas espadas e escudos. Um destacamento de soldados romanos vinha subindo a colina com os superintendentes do Templo e a guarda do palácio dos Príncipes dos Sacerdotes, acompanhados de variada multidão das ruas, apressadamente armada de paus e de clavas. Quando se achavam mais próximos, viu Pedro, Judas à frente da coluna.

Tinham esperado, talvez, encontrar o Senhor adormecido ou a rezar. À vista de Sua trágica figura, avançando ao encontro dêles, na brilhante irradiação, os atemorizou, apesar de armados como estavam, e pararam de repente.

— A quem buscais? — perguntou Êle.

— A Jesus Nazareno! — disseram alguns da guarda do palácio e a multidão, em aramaico. — Queremos Jesus Nazareno!

— Sou Eu, — respondeu Êle. E todos recuaram e caíram por terra.

De novo Êle perguntou:

(1) Lucas, XXII, 44.

(2) Marcos, XIV, 41-42.

— A quem buscais?

— A Jesus Nazareno, — repetiram, ao se levantarem, cambaleantes.

— Já vos disse que sou Eu. Se é pois a Mim que buscais, deixai ir êstes (3).

Pedro não estava de modo algum disposto a fugir. Os outros apóstolos a êste tempo tinham subido e contemplavam, numa expectativa de horror, aquela cena que forcejavam por compreender. Viram seu irmão Judas avançar para onde Jesus esperava e ouviram-no dizer:

— Deus Te salve, Mestre!

— Amigo, a que vieste? — perguntou Jesus calmamente (4).

— Deus Te salve, Mestre! — e Judas deu-Lhe o beijo combinado.

— Judas, com um beijo entregas o Filho do Homem? (5).

Os Apóstolos verificaram agora plenamente o que tinha ocorrido. Seu primeiro impulso foi o natural, de uma amarga cólera contra o traidor. Nenhum maior engano do que a crença popular de que aquêles homens puseram-se a correr imediatamente como covardes. Pelo contrário, estavam prontos a defender seu Mestre contra a grande superioridade numérica, se Êle lhes desse ordem. “Senhor, se os feríssemos à espada?”, gritou um (6). Gritos e imprecações em aramaico chocavam-se no ar noturno, coisas como “Ladrão! Traidor! A espada! Abaixo Judas! Abaixo o filho do diabo! Ladrão! Ladrão!”.

Foi justamente por êste instante que Simão Pedro estivera à espera. Desembainhou a espada, ergueu-a cintilante acima de sua cabeça e descarregou-a com vigoroso golpe sôbre o inimigo mais próximo, que aconteceu ser um tal Malco, servo do príncipe dos sacerdotes, Caifás.

Quer o sujeito se houvesse movido o bastante naquele momento, ou Pedro, que não era experimentado manejador de espada, houvesse falhado seu alvo, o certo é que o golpe destinado a fender o crânio apenas decepou a orelha direita. O corpulento pescador já se dispunha a nova tentativa, quando a voz do Senhor caiu decisiva sôbre êle, dentre todo aquêle tumulto:

— Mete a tua espada no seu lugar, porque todos os que tomarem espada, morrerão à espada. Julgas porventura que

(3) João, XVIII, 4-9.

(4) Mateus, XXVI, 50.

(5) Lucas, XXII, 48.

(6) *Ibid.*, 50.

Eu não posso rogar a Meu Pai, e que Êle Me não porá aqui logo, mais de doze legiões de anjos? Como pois se cumprirão as Escrituras que declaram que assim deve succeder? (7).

Voltando-se para os soldados e para o guarda, disse, provavelmente em grego:

— Deixai, basta... (8). Viestes armados de espadas e de vapaus como contra um ladrão? Quando Eu estava todos os dias convosco no Templo, nunca estendestes a mão contra Mim. Porém esta é a vossa hora, e a do poder das trevas (9).

Entrementes curava a orelha de Malco sòmente com tocá-la.

Uma mórbida sensação de desastre e desilusão invadiu então a Pedro e os Boanerges. “Esta é a vossa hora”. O Senhor não tencionava de modo algum resistir a Seus inimigos. “Larga a espada”. Ia deixar que Seus inimigos fizessem o que quisessem com Êle. A medida que a cólera cedia diante desta verificação, iam os Apóstolos sabendo que estavam travando uma batalha perdida e, de repente, o pânico se apoderou dêles. Saíram a correr, à direita e à esquerda, por entre as árvores, deixando o Mestre sòzinho com Seus inimigos. Não resistiu Êle tão pouco, quando o agarraram rudemente, amarraram-Lhe as mãos com cordas e O arrastaram para a cidade, pelo mesmo caminho, provavelmente, por Êle percorrido ao vir da sala da ceia. Duas marcas, ainda mostradas numa pedra da ponte sòbre o Cedron, atribuem-se a Seus joelhos quando seus captores O derrubaram no chão. Talvez O hajam arrastado pelo próprio leito do ribeiro até deixarem-Lhe a túnica tòda encharcada. Não há dúvida de que primeiro O levaram para ser interrogado pelo verdadeiro chefe de Jerusalém, o radiante Anás, e sòmente depois à presença do príncipe dos sacerdotes, Caifás.

Enquanto isto acontecia, não havia Pedro corrido até muito distante. Tudo se escurecera em tórno dêle, quando fôra privado do uso de sua espada. A coisa mais imediata que percebeu é que estava descendo precipitadamente a ladeira, apertando talvez ainda na mão a arma ensangüentada. Ao parar para tomar fôlego, viu outro homem que ali havia chegado antes dêle, pois era mais magro e mais jovem. Por boa sorte era o seu melhor amigo, João. Os dois conferenciaram rápidamente. Depois acompanharam a multidão,

(7) *Matheus*, XXXVI, 51-54.

(8) *Lucas*, XXII, 51.

(9) *Ibid.*, 52-53.

os guardas e seu Cativo pelo Vale do Cedron até a cidade, subindo ao alto ocidental na direção do palácio do príncipe dos sacerdotes.

Isto deve ter exigido não pequena coragem, dadas as circunstâncias, pois naquela noite os dirigentes do Templo tinham tomado providências para que todos os pontos estratégicos estivessem bem guardados e de certo solicitaram também a colaboração da guarnição romana, a fim de ficarem senhores de qualquer demonstração, se o povo viesse a saber do que estava acontecendo. Através de tôdas essas forças hostis, Pedro e João foram caminhando audazmente até chegarem diante da casa de Caifás. Possivelmente estavam aferrados à esperança de que o Senhor aguardava Sua vez e ainda haveria de permitir que êles descarregassem o golpe que O haveria de libertar. Pedro talvez ainda trazia prêsa pela mão, sob a túnica, a velha espada, enquanto caminhava à brilhante luz da lua.

Teve de esperar fora do palácio, pois ninguém era admitido naquela noite, se não fôsse identificado pela porteira. João, porém, como fôsse "conhecido do pontifice" (10), possivelmente graças a relações da família, conseguiu entrar para fazer um reconhecimento. Poucos instantes depois voltou e disse à mulher que deixasse entrar seu amigo. A observação por ela feita, quando êle se foi esgueirando por trás dela, sugere que estava certa do parentesco de João com o Senhor e que suspeitava de Pedro.

— Não és tu também dos discípulos dêste homem?

— Não sou, — respondeu Pedro.

Esta mentira pode ter sido mais habilidade do que covardia da parte dêle. Um homem não entra numa casa cheia de inimigos porque está com medo. O colérico apóstolo mais provavelmente tinha alguma idéia da possibilidade de ajudar seu Senhor a escapar, quando se dirigiu para um pátio de uns dez a vinte cinco passos, repleto de guardas do palácio, de funcionários do Templo e de pensionistas dos filhos de Anás. Muitos dêles se haviam reunido no centro, em tórno de uma fogueira cheia de carvão a arder, pois era quase meia-noite e o tempo ia esfriando. "E Pedro estava também com êles e aquecia-se". Não tardou em arranjar um lugar vago num banco. Sombras fantásticas, algumas formadas pelo braseiro ali embaixo, outras pelo luar acima, misturavam-se refletidas nos altos muros e grotescamente projetan-

(10) João, XVIII, 15.

do-se sobre êle, sentado entre os inimigos de seu Mestre, de mãos estendidas para o braseiro.

Não tendo conseguido penetrar na casa, teve Pedro de contentar-se com ouvir, mas era mais do que bastante. Entrementes, João havia provavelmente tido entrada no vasto salão onde Anás e Caifás fizeram reunir tantos membros do Sanedrim quantos puderam encontrar, um "quorum" talvez pelo menos de homens venais por êles instruídos e preparados de antemão, para pronunciar um veredicto de culpabilidade a um sinal de seu Presidente, sentado ao lado do Sumo Sacerdote. Foi Caifás, porém, que conduziu o interrogatório, em todo o esplendor de ouro e púrpura de seu ofício. Enquanto os pavios das candeias de azeite tremulavam ao vento da noite, a luz reverberava do chifre que trazia sobre a fronte e do "éfode" de seu peito sobre o rosto ainda ensangüentado e luzente do Prisioneiro que permanecia de pé diante dêle, com uma singela túnica escura, humilde, manietado e silencioso.

Na sua gana de destruir aquêle Homem, Caifás não prestava atenção às leis que proibiam tais processos à noite, ou fora do recinto do Templo. Fôra mesmo mais além, a ponto de admitir alguns mentirosos pagos para testemunhar: "nós ouvimo-lo dizer: "eu destruirei êste templo feito pela mão do homem e em três dias edificarei outro que não será feito pela mão do homem." Mas as discrepâncias de seu testemunho eram tão evidentes que ninguém acreditou nêles. Jesus nada dizia. "Não respondes nada, — gritou exasperado o Sumo Sacerdote, — ao que êstes depõem contra ti?" O divino silêncio do Prisioneiro foi mais impressionante do que qualquer negativa. Era evidente que até ali havia Caifás falhado.

Decidiu em seguida usar do velho ardil do dilema, que os fariseus tantas vêzes haviam empregado e Jesus tão hábilmente desviado. Com astuta insolência avançou para apresentar uma questão, à moda de espada de dois gumes. Se Jesus respondesse "sim", poderia ser acusado de blasfemador; se "não", como impostor.

— És tu o Cristo, filho de Deus bendito?

— Se Eu vo-lo disser, não Me acreditareis e também se vos fizer qualquer pergunta, não Me respondereis.

A calma majestade desta resposta pareceu dar ao Orador uma vantagem. Seu acusador estava de má fé e deveria conhecer a resposta. Jesus não condescendera em dá-la. Mas Caifás sabia que havia outro meio de fazer a pergunta,

de modo que não pudesse Jesus recusar-se a responder. E lançando mão desta derradeira arma, êle a proferiu, com fôrça vingativa, gritando:

— Eu te conjuro por Deus vivo que nos digas se tu és o Cristo, o Filho de Deus. ⁽¹¹⁾

— EU O SOU, — disse Jesus, — mas também vos digo que vereis depois o Filho do Homem sentado à direita do poder de Deus e vir sôbre as nuvens do céu! ⁽¹²⁾

A ironia desta reversão era de tirar o fôlego. Respondendo à pergunta Jesus se tornara o Juiz, pronunciando sentença contra Caifás e apresentou-lhe em troca um terrível dilema. O Sumo Sacerdote ou deveria adorá-Lo como o Filho de Deus, ou exigir Sua morte como blasfemo, de acôrdo com a Lei de Moisés. ⁽¹³⁾ O silêncio sufocava. Foi quebrado pelo ruído de pano rasgado, quando o Sumo Sacerdote dilacerou completamente suas roupas externas e internas, como estipulava a Lei, e gritou, em vociferantes brados que ecoaram pelo pátio inferior até a rua:

— Para que desejamos ainda mais testemunhas? Ouvistes a blasfêmia. — E voltando-se para os anciãos do Conselho, perguntou:

— Que vos parece?

— Mortel! É réu de mortel! — O côro foi unânime. ⁽¹⁴⁾

Pedro continuava sentado estupefato, enquanto algumas pessoas da multidão que o cercava começaram a querer abrir caminho lá para dentro, a fim de se juntarem aos servos e aos guardas que já tinham começado a insultar e a bater no Condenado. Esbofetearam-no; um deu-lhe uma punhada na bôca; outros lhe batiam de mãos espalmadas, gritando: “Profetiza, ó Cristo! quem é que te feriu?” O próprio inferno parecia erguer-se para zombar da figura maculada e manietada do Filho do Homem. As sombras aumentadas pendiam das paredes à luz morrente da lua, as tochas bruxuleantes e o brilho ainda mais escuro dos carvões eram como diabos agarrados às estrêlas que Êle havia criado. Rostos contornados de criaturas Suas escarneciam e praguejavam o Salvador do Mundo. Bôcas asquerosas cuspiam na face do Filho de Deus.

Foi tendo como fundo tais cenas que Pedro proferiu sua segunda e terceira negativa. Até aquêle momento sempre

(11) *Mateus*, XXVI, 63.

(12) *Marcos*, XIV, 62; *Mateus*, XXVI, 64.

(13) *Deut.*, XVII, 2-7.

(14) *Marcos*, XIV, 64.



consequira encontrar alguma explicação simbólica da predição do Senhor, de que seria zombado e condenado. Agora a realização de sua verdade literal descia sobre ele com um efeito cataclísmico e com ela a certeza angustiante de que Ele iria morrer, pois de outro modo não se teria jamais submetido a tais indignidades. Estava tudo bem patente agora. E o medo da morte, que havia feito Pedro sentir-se desmaiar no Mar de Galiléia, voltou a envolvê-lo física e moralmente, até sentir frio na medula dos ossos, até as profundezas de sua alma. Encolhido no lugar onde se sentava, tentou aproximar-se mais do fogo. Viu bem perto o servo Malco, cuja orelha havia decepada no Hôrto, sentindo desejo de meter-se em algum buraco da terra para esconder-se. Estava tão preocupado com sua própria desventura que, provavelmente, não notou a agitação que ia lá por dentro, quando os guardas começaram a levar seu prisioneiro para o pátio e dali para o imundo buraco no porão, onde seria lançado para passar o resto da noite. Talvez tenha Pedro começado a conversar nervosamente com as pessoas que o rodeavam, como muitas vezes fazem os homens sob a influência do medo, e dessa forma chamou a atenção sobre si mesmo e seu so-taque galileu.

“E tendo-o visto outra vez a criada, começou a dizer aos que estavam presentes: “Este é daqueles”. Mas ele o negou de novo. E pouco depois os que ali estavam diziam a Pedro: “Verdadeiramente tú és daqueles, porque és também galileu.” E ele começou a fazer imprecações e a jurar: “Não conheço esse homem de quem falais! “E imediatamente cantou o galo segunda vez.”⁽¹⁵⁾

“E voltando-se o Senhor, olhou para Pedro. E Pedro lembrou-se da palavra que lhe tinha sido dita pelo Senhor: “Antes que o galo cante, me negarás três vezes”. E tendo saído para fora, Pedro chorou amargamente.”⁽¹⁶⁾

Anos mais tarde, quando se viam profundos sulcos em suas faces, diziam que haviam sido cavados pelas lágrimas que ele jamais cessou de verter por aquêlê instante. Aquelas mesmas lágrimas eram prova de que ele não perdera a fé pela qual o próprio Jesus lhe havia prometido na ceia que haveria de rogar. Quando a graça divina fôra dêle retirada para deixá-lo ser humilhado pela sua atrevida presunção e ensinar-lhe muitas lições para o futuro, cedera,

(15) *Marcos, XIV, 69-72.*

(16) *Lucas, XXII, 61-62.*

atuado por súbita e irresistível tentação, a um medo de que poderia ter de partilhar do sofrimento aceito pelo seu Senhor. A covardia fê-lo mentir e jurar falso. E com estas falsidades e imprecações já abrandadas pelos soluços do remorso, saiu cambaleante do pátio para a rua e foi tragado pela imensa escuridão daquela noite infernal.

Aonde foi ou o que fêz, ninguém jamais ficou sabendo, pois durante quarenta e oito horas ou mais desaparece êle da história da Paixão. Seria fútil fazer especulações, como alguns têm feito, para saber se êle andou pelos campos como um louco horas a fio, ou se lançou de rosto no chão em algum quarto escuro, numa espécie de coma de desespêro. Não era coisa própria dêle agir assim. Uma hipótese pelo menos aceitável é a de que tão logo se recobrou de seu pânico, tivesse continuado a seguir o Senhor à distância, até o derradeiro instante. Os indícios no Novo Testamento são poucos e leves, mas dignos de consideração. O próprio Pedro escreveu anos mais tarde que foi "testemunha dos sofrimentos de Cristo" (17) e Lucas nos conta que "todos os conhecidos de Jesus" viram Seus derradeiros tormentos e Sua morte "de longe" (18). É lógico que quando Pedro foi tão facilmente encontrado por Maria Madalena dois dias mais tarde, não podia achar-se muito distante dos outros apóstolos, durante êsse tempo, ou fora de seu alcance. Não acompanhou João ao Monte Gólgota, porque tinha vergonha de encarar a bela e torturada inocência da Mãe Bendita cujo Filho havia negado. Mas amava Jesus, agora, em meio de seu remorso, mais do que nunca e é inconcebível que se houvesse torturado na ignorância do que Lhe estava acontecendo. As probabilidades são de que, quando o vento gélido cessou e uma aurora abrasada trouxe a Jerusalém o hálito sêco do Mar Morto e do deserto, Pedro se encontrasse em alguma parte na fímbria da multidão que assistia ao julgamento perante Pilatos, em frente da Cidadela Antônia, entre um alvorecer relutante e uma lua cheia doentia que pendia agora a oeste, como o cadáver insepulto de uma noite inexprimível.

A narrativa que Marcos deve ter ouvido dos lábios de Pedro tem o tom de um testemunho de vista, mas testemunho de um aspecto geral da cena, ao passo que o de João contém vários pormenores circunstanciais. Pedro ouviu menos daquela dramática conversa, mas notou o que ocorria

(17) I Pedro, V, 1.

(18) Lucas, XXIII, 49; o grifo é nosso.

entre a multidão. Viu que foram os chefes dos sacerdotes e seus agentes que “persuadiram o povo a que pedisse Barabás e que fizesse morrer Jesus”. Viu seu Mestre coroado de espinhos, manchado de imundícies e de Seu próprio sangue, zombeteiramente trajado de púrpura como um louco, batido e cuspidado e reverenciado por troça como Rei dos Judeus. Se não ouviu o *Abba schabek lahon* — “Pai perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem!” — como aconteceu a João, nunca haveria de esquecer aquelas outras palavras em aramaico, rugidoras palavras de ódio e de ridículo, que desciam até êle, no quente ar imoto: “Salve, Rei dos Judeus! Salve, Messias! Dize-nos quem te bateu? Salve, Majestade!” Viu Anás e Caifás, como demônios disfarçados com trajes sacerdotais, abanando a fúria que haviam acendido na multidão, soprando-a para a face de Sua vítima e para o político cujo julgamento pusilânime estavam resolvidos a ditar.

— Crucificai-O! Crucificai-O! O Seu sangue caia sôbre nós e sôbre nossos filhos!

A manhã inteira os gritos infernais ressoaram entre a cidadela e o Templo. Os açoites, o fraco e sangrento corpo de Cristo curvado ao péso da cruz, a lenta e penosa procissão através das ruas estreitas e abafadas, as três cruzes no monte — por certo o próprio Pedro não pôde escapar de tudo isto, por certo sentiu na sua própria alma miserável a picada dos pregos, o sôpro de escárnio e ingratidão, a sêde, a sufocação, a solidão do extremamente abandonado, do abandonado de Deus. Por certo ouviu aquêle derradeiro grito que desceu trêmulo do Calvário contra a cidade condenada, quando a escuridão inesperada se tornou uma noite prematura e a morte apossou-se do mundo. Quando os relâmpagos rasgaram o lóbrego firmamento e a terra tremeu sob os pés, enquanto escribas e fariseus fugiam a esconder-se e os mortos ressurgiam, falando pelas ruas vazias, então e sômente então Pedro fugiu precipitadamente do que vira, do que fizera, do seu próprio eu culpado, pensando que tudo iria consumir-se num caos de chamas. Pôde ter sentido uma espécie de alívio desesperado ao pensar, enquanto corria, que, a qualquer momento os montes ruiam sôbre êle e o soterrariam no eterno olvido que merecia. Miserô, indigno Simão Pedro! Ó louco vil, irrefletido, presumido e jactancioso! Nulidade que um fétido orgulho destilou! Assim com cada gôta de sangue que pingava do Corpo sem vida sôbre a cruz, se purificava a alma de Simão Pedro do mortal veneno do amor próprio.

XXII

QUANDO Pedro afinal encontrou o caminho, tarde da noite talvez da sexta-feira, para a casa da colina, onde tinham comido a ceia da Páscoa, provavelmente encontrou ali a maior parte de seus irmãos, pois o sábado já havia começado e aquele lugar iria tornar-se, como o revelam *Os Atos*, o quartel-general dêles. Cambaleante, pálido, de olhos convulsos, naturalmente esperava ser desprezado por causa da tríplice covardia, fruto de sua empáfia. "Cuspi em mim, irmãos!" poderia muito bem ter dito. "Neguei o Senhor, justamente como Êle o predisse!" E é possível que, em vez de desprezo, houvesse encontrado consolação e simpatia, ainda mais duras mesmo de suportar. Nenhum dêles tinha razão para sentir-se orgulhoso. "Esqueça-se disto, Simão!" poderia ter dito Tomé ou Mateus. "Nós todos fugimos. Todos somos covardes... todos, menos João."

Se João era o único a ter alguma razão de insultá-lo, seria também o último a fazê-lo. Foi êle, bastante provavelmente, quem fêz seu amigo voltar a um estado normal de espírito. Provavelmente levou-o do Cenáculo para alguma outra casa, onde pudessem conversar tranqüilamente. Isto é sugerido pelo fato de estarem os dois juntos no domingo, de manhã cedo, e não com os outros apóstolos, quando Maria Madalena foi procurá-los. (1) Onde estavam êles então? A inferência parece evidente. Cristo ao morrer tinha entregue Sua mãe aos cuidados de Seu discípulo amado, uma vez que não tinha ela outros filhos, e João a levava para a casa de um de seus parentes, onde estaria a salvo de qualquer incômodo. Parece razoável supor, portanto, que quando ela soube da chegada de Pedro também ali, pobre homem destroçado e inconsolável que jamais perdoaria a si mesmo, mandasse chamá-lo e lhe desse, tiradas da constância de seu próprio coração pesaroso, nova esperança e coragem.

Sim, o Senhor estava morto. Não havia dúvida a respeito. A hora do crepúsculo, os legionários romanos tinham ido quebrar as pernas dos três homens crucificados. Isto não era tão bárbaro como parece, mas antes um ato de miseri-

(1) Lucas, XXIV, 10-12; João, XX, 1-2.

córdia, um *coup de grâce* para encurtar o longo tormento de uma morte que doutra forma poderia levar vinte ou trinta horas. Assim fizeram com os dois ladrões. Mas quando chegaram ao do meio, ao chamado Rei dos Judeus, viram que Êle já havia expirado. Um dêles para certificar-se, enfiou-Lhe uma lança no corpo, da direita até o coração, pois com o sangue que correu veio água do pericárdio. O próprio João vira isto e desde então pensava nas velhas profecias: "Êles porão os olhos em Mim, a Quem transpassarão",⁽²⁾ e "nem Lhe quebrarão os ossos".⁽³⁾

Os Sumos Sacerdotes, além disto, na sua ansiedade de certificar-se da morte de sua vítima, tinham ajudado a comprovar o fato. Ao pôr do sol, dirigiram-se os dois ao Procurador Romano a pedir que os corpos fôsem removidos, no receio de qualquer infração ao sábadó. Asseguraram-lhe que todos os três estavam mortos. Pilatos pôs isso em dúvida e mandou chamar o centurião encarregado das execuções. Quando soube que os três estavam mortos acima de qualquer dúvida, deu permissão para a remoção dos corpos.

Ouvindo isto, um dos discípulos secretos, o rico comerciante José de Arimatéia, membro do Sanedrim, fôra ter corajosamente com Pilatos, ao escurecer, para pedir o corpo e oferecer-se para sepultá-lo em um túmulo de sua propriedade na encosta próxima. Fizera isto ajudado por Nicodemos que, tendo por fim achado coragem, trouxera cem libras de mirra e aloés para ungir o sagrado corpo a ser enterrado de acôrdo com o costume judeu. O próprio João e a Bendita Mãe haviam assistido aos tristes ritos e os homens haviam depois rolado uma pesada pedra contra a porta do túmulo, a fim de proteger-lhe o conteúdo de alguma profanação ou dos chacais e hienas que podiam ser ouvidos a uivar nas colinas, ao subir da lua.

Foi João também, provàvelmente, quem contou a Pedro algumas das outras conseqüências da tragédia que todos sentiam. A sorte de Judas foi a que se poderia esperar, mas nem por isso deixava de ser chocante pensar nela. Ao reconhecer o que havia feito, tinha ido devolver os trinta siclos de prata a Anás e Caifás. Hipócritas como eram, tinham desdenhosamente recusado aceitar o preço do sangue. Judas atirara as moedas sôbre o chão de pedra e, subindo a um alto rochedo que pendia sôbre o Vale Cedron, enforca-

(2) *Zacarias*, XII, 10.

(3) *Num.*, IX, 12; *Êxodo*, XII, 46.

ra-se numa árvore. Seu corpo ficaria ali a balouçar ao vento feroz, bem acima das águas rugidoras da garganta, até que, partindo-se a corda, mergulhara como Satanás caindo do céu, esfacelando-se nos rochedos. Este e muitos outros estranhos acontecimentos eram discutidos por tôda a cidade. O povo se achava numa extraordinária fermentação de abatimento e de mêdo. O que mais perturbava a todos era que, no momento mesmo da morte do Senhor, o pesado véu de lã do Santuário do Templo se rasgara, como velho pergaminho, de alto a baixo, como se uma Mão invisível o houvesse puxado. (4) Muitos dos judeus bons estavam dizendo que lamentavam o que se fizera naquele dia infernal. Alguns talvez desejaram ter interferido para impedi-lo, mas os sacerdotes e os fariseus tiveram as vantagens da surprêsa, da resolução e da organização. Agora que Jesus estava morto, ninguém iria provàvelmente opor-se a êles.

Se tais eram os sentimentos dos relativamente estranhos, não há palavras que descrevam a angústia dos apóstolos e muito menos da Bendita Mãe. Durante três anos estiveram àquêles homens em companhia do Messias, de dia e de noite; tinham visto Seus milagres, dependido de cada palavra Sua e francamente viviam de Seu amor, como se fôra o ar que respiravam. Agora enfrentavam um futuro negro e incerto em que nenhum dêles tinha a menor esperança de jamais ver Jesus de novo. (5)

Havia muitíssimas outras notícias, sem dúvida. Mas a êsse tempo o espírito vexado de Pedro se adormentava num sonolento estupor, ao som da voz bondosa de seu amigo João e não demorou a mergulhar no sono da exaustão. É evidente que no dia seguinte, sábadô, permaneceu em casa, pois o Evangelho anota que todos os discípulos de Jesus, bons judeus que eram, "estiveram em repouso, segundo a Lei", naquele sábadô trágico. (6)

Não assim os Sumos Sacerdotes e os fariseus. Não obstante sua hipócrita obediência à Lei, sôbre a qual se haviam baseado tantas de suas queixas contra o Senhor, não se mostravam tão escrupulosos em desrespeitá-la, quando seus desejos ou interêsses particulares estavam em jôgo. Na

(4) Além dos Evangelhos, quatro outras fontes independentes confirmam a história de certa catástrofe notável no Templo naquela ocasião, prefigurando a sua destruição: Tácito, Josefo, o Talmude e o Evangelho apócrifo, segundo os hebreus. Cf. Edersheim, *op. cit.*, II, 610, e suas referências.

(5) Assim aparece em João, XX, 9-10, 13; Lucas, XXIV, 19, 21, etc.

(6) Lucas, XXIII, 56.

manhã daquele sábado bem cedo, foram ter com Pilatos no Pretório mais uma vez e disseram:

— Senhor, estamos recordados que aquêlê sedutor, quando ainda vivia, disse: “Ressuscitarei depois de três dias”. Ordena pois que seja guardado o sepulcro até o terceiro dia, a fim de que não venham os seus discípulos e o furem e digam ao povo: ressuscitou dos mortos; e desta sorte o último embuste seria pior do que o primeiro”. (7)

Receava realmente Anás que os discípulos roubassem o corpo de Jesus? Neste caso não poderia êle fazê-los deter e pelo menos ameaçá-los, se não puni-los? Mais provavelmente achou que, sem Seu Mestre, aquêles humildes pescadores e operários seriam gente completamente inofensiva. Mais provavelmente receou que o poder que havia discernido naquele Homem pudesse manifestar-se de algum modo embaçante, até mesmo depois de Sua morte. Os descrentes concedem à superstição aquilo que retiram da fé: como Herodes, no exemplo citado acima, como aquêles escribas que podiam atribuir os milagres de Jesus a demônios, mas não a Deus; como Pilatos, que podia acreditar no sonho de sua mulher, mas não no Cristo vivo diante de si. Da mesma maneira, foi somente depois que Jesus ressuscitou Lázaro que Anás planejou seriamente matá-Lo, em vez de adorá-Lo. É agora, com a desdenhosa permissão de Pilatos, seguiu para o Gólgota e ali cuidadosamente estabeleceu um cordão de vigilância, ou de soldados romanos ou de guardas de seu próprio palácio, (8), com estritas ordens de não deixarem ninguém se aproximar do túmulo e de sua imensa pedra. Assim involuntariamente tornou certo que a prova do que iria acontecer seria irrepreensível. É outro estranho paradoxo digno de meditação: os inimigos de Jesus temendo, se não é que acreditando, que Êle pudesse surgir do túmulo; seus próprios apóstolos não tendo, aparentemente, esperança de que Êle pudesse fazê-lo. (9)

Assim se passou o longo e lacrimoso sábado. Na noite seguinte, nove dos apóstolos estavam adormecidos na casa, suponhamos, da mãe de João Marcos. As mulheres da Galiléia estavam noutra casa próxima, e João e Pedro deveriam estar descansando na casa em que se achava alojada a Mãe do Senhor. Mas havia naquela casa alguém que não

(7) Mateus, XXVII, 63-65.

(8) No grego está: “tomai uma guarda” e na Vulgata, “tendes uma guarda”.

(9) Quando ouviram isto a primeira vez, recusaram acreditar.

dormia. Maria levantou-se no meio da noite para chorar, talvez, e para rezar longa e fervorosamente, naquele sublime esquecimento de si mesma que vinha sendo seu hábito desde a mais tenra meninice. Não somente havia o Onipotente enviado anjos a lhe falarem, mas Se encarnara nela e havia dormido em seus braços, tanto como uma cálida criança quanto como um frio cadáver. E humana sendo, com tal familiaridade com o divino, sentia-se atormentada por uma tristeza mais do que comum; era realmente como se a espada predita por Simeão tivesse mergulhado em seu coração. Enquanto oferecia este sofrimento ao Pai, aceitando o que quer que lhe pudesse acontecer agora, teve a sensação, no estado de contemplação ou êxtase que lhe sobreviera, duma presença no quarto. Viu seu filho de pé diante dela, com as chagas nas mãos e nos pés, as marcas dos espinhos na fronte, e um terno e revelador sorriso na face. Porque Ele viera para consolá-la e para explicar-lhe que acabara de sair do túmulo. Tal é a velha tradição cristã, confirmada por notável revelação do Próprio Jesus a Santa Teresa de Ávila em 1571. (10)

Pedro e João nada sabiam disto, quando foram despertados de profundo sono pela madrugada. Disseram-lhes que Maria Madalena e duas ou três outras estavam esperando lá fora e queriam vê-los imediatamente. Quando saíram, encontraram os dois apóstolos o grupo de mulheres num estado de extraordinária excitação. E o que elas contavam era estupefaciente, para não dizer mais. Tinham-se levantado antes do alvorecer e seguido para o Hôrto de Getsêmani a fim de ungir o corpo do Senhor com alguns suaves perfumes que haviam preparado. De caminho, salteou-as a idéia de como poderiam remover tão pesada pedra. Quando lá chegaram, viram logo que ela fôra removida. O sol vinha justamente espreitando por sôbre a crista do Monte Olivete. Não se viam guardas em parte alguma, mas ali no interior da porta aberta do sepulcro um rapaz de branco estava sentado, como que à espera delas. Disse-lhes que Jesus havia ressurgido como prometera e encontraria a todos na Galiléia. Tinham que dizer isto especialmente a Pedro.

Cheias ao mesmo tempo de temor e de alegria e ainda compreendendo apenas a meio, tinham-se apressado em regressar à cidade e ido ao Cenáculo para despertar os apôs-

(10) Mercedes de Dios, n.º 15, em *Las Relaciones Espirituales*, B. M. C. t. II, 49-50.

tolos que tinham estado dormindo ali: Tomé e Mateus, os dois Tiagos, Bartolomeu e Filipe, Judas, Simão e André. “Mas estas novas pareciam-lhes como que um delírio e não lhes deram crédito”. (11)

Maria Madalena soube onde Pedro estava e correu a contar-lhe e a João. Não transparece da narrativa de João que hajam êles admitido o fato da ressurreição de maneira diversa da de seus irmãos. O que compreendiam do que ela dizia é que alguém havia raptado o corpo. Mas isto era bastante.

“Partiu então Pedro e aquêle outro discípulo e foram ao sepulcro. E corriam ambos juntos, mas aquêle outro discípulo correu mais do que Pedro e chegou primeiro ao sepulcro. E tendo-se inclinado, viu os lençóis postos no chão, e o sudário que estivera sôbre a cabeça de Jesus, o qual não estava com os lençóis, mas dobrados num lugar à parte. Então entrou também aquêle discípulo, que tinha chegado primeiro ao sepulcro: e viu e creu, porque ainda não entendiam a Escritura, segundo a qual Êle devia ressuscitar dos mortos.” (12)

Maria voltou ao túmulo sòzinha, ao que parece, e depois de encontrar dois anjos, viu através de suas lágrimas um homem que supôs fôsse um jardineiro. A cena imortal jamais perde seu frescor e encanto:

— Mulher, por que choras? A quem procuras?

— Senhor, se tu O tiraste, dize-me onde O puseste e eu O levarei.

— Marial — disse Jesus.

— Rabbonil (13)

E Êle mandou que ela fôsse ter com os apóstolos para confirmar a notícia da Ressurreição. Ao que parece, também, mostrou-Se a Simão Pedro. Um relato faz realmente parecer que Sua primeira visita, depois da que fêz à Sua Mãe, foi ao pescador que iria ser o chefe de Sua Igreja (14). Por certo, deve ter sido extraordinária a excitação em Jerusalém naquele domingo. Por tôda parte iam os discípulos de Jesus dizendo: “O Senhor ressuscitou e apareceu a Simão!”

Houve uma atividade bastante insólita, sem dúvida, em tôrno do Templo e dos palácios dos Sumos Sacerdotes. Antes que o sol se erguesse, seus guardas tinham chegado, às

(11) Lucas, XXIV, 11.

(12) João, XX, 3-10.

(13) *Ibid.*, 11-18.

(14) I Cor., XV, 5.

carreiras, do sepulcro próximo do Calvário para despertá-los com uma história incrível. O solo, insistiam êles, havia tremido sob os seus pés. Depois viram um homem com um rosto resplandescente e de roupas alvas como neve empurrar a grande pedra sem nenhum esforço e sentar-se sôbre ela. Aterrorizados, tinham caído de rosto no chão como mortos, mas logo que se sentiram capazes, haviam saído rastejando e depois puseram-se a correr, à perda de fôlego, para contar o caso a seus amos.

A conduta de Anás parece confirmar a terrível suspeita que se insinua forçosamente em nós. Seu satânico coração, na inescrutável profundidade de sua iniquidade, tinha deliberadamente rejeitado Jesus, bem sabendo Quem Ele era. E desde que estivera a aguardar alguma coisa desta espécie, acreditou na história dos guardas. O procedimento lógico, se dúvidas tivesse êle, teria sido prendê-los e aos apóstolos, e investigar, com a ajuda de Pilatos, quem havia retirado o corpo e onde o havia ocultado. Isto teria sido bastante fácil, se tal furto houvesse ocorrido. Mas torna-se cada vez mais claro, quando se pesam as palavras e atos daquele desgraçado homem, porque o Cristo lhe falara e a seus principais auxiliares com tão insólita severidade.

Nenhum recurso foi pedido a Pilatos, que já demonstrara suspeitar dos motivos dos Sumos Pontífices. Em vez disso, convocou-se uma reunião fútil dos principais membros do Sanedrim, nos primeiros momentos de alarma. "E depois de tomarem conselho, deram uma grande soma de dinheiro aos soldados, dizendo-lhes: "Dizei que os seus discípulos vieram de noite e enquanto nós estávamos dormindo, o roubaram". E se chegar isto aos ouvidos do Governador, nós lho faremos crer e atenderemos à vossa segurança". E êles, recebido o dinheiro, fizeram como lhes tinha sido ensinado. E esta voz divulgou-se entre os judeus e dura até o dia de hoje". Assim escreveu Mateus, que estava em Jerusalém naquela ocasião. S. Justino Mártir insistia em afirmar que os sacerdotes e fariseus haviam enviado seus emissários por todo o mundo com esta falsa narrativa da Ressurreição e que os sucessores dêles ainda a propalavam no seu tempo⁽¹⁵⁾. E por mais improvável que fôsse o fato de uns poucos pescadores terem ousado roubar o corpo, sob os próprios narizes dos guardas armados, quer acordados, quer adormecidos, a história foi pouco a pouco aceita por tôda parte entre os judeus,

(15) *Diálogo com Trifo.*

a maior parte dos quais eram vítimas da plutocracia que controlava, com sua riqueza e autoridade, as principais fontes de informação pública.

Pedro e os apóstolos seus companheiros, por outro lado, tornaram-se cada vez mais convictos de que seu Mestre tinha verdadeiramente morrido e tinha verdadeiramente ressuscitado. Estavam de fato tão certos disto que passaram o resto de suas vidas percorrendo o mundo para ensiná-lo, como a razão principal e fundamental pela qual deveriam os homens aceitar Jesus como o Cristo. Para homens de sua qualidade, sem quase recursos, isto significava um testemunho perpétuo e maravilhante de auto-sacrifício, com constante privação, sofrimento e perseguição, e nada por que esperar no fim, senão uma morte sangrenta como a d'Ele. Tais homens não se deixam ordinariamente crucificar ou levar por uma ilusão e muito menos por uma mentira.

A própria Ressurreição, além disso, não era sua única base de crença. Jesus apareceu não somente a Sua Mãe e a Pedro, mas a Cefas e outro discípulo na estrada de Emaús. Apareceu a todos os apóstolos, exceto a Tomé e depois a todos juntos; e a incredulidade do Gêmeo nos deu, providencialmente, a única prova convincente e conclusiva para refutar aquêles dissidentes posteriores que afirmam que apenas um fantasma foi visto e não o corpo ressuscitado do Salvador. Todos o tinham visto chegar atravessando as paredes, como um espírito, quando as portas estavam aferrolhadas. Contudo, duvidando, Tomé apalpou os buracos dos cravos na carne de Suas mãos e a ferida no Seu cáldido lado, antes de cair de joelhos e exclamar: "Meu Senhor e meu Deus!" e todos puderam sentir-Lhe o hálito quando disse: "Recebei o Espírito Santo; aquêles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; e àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (16). Finalmente, foi visto pelo menos por quinhentas pessoas(17), inclusive muitos discípulos e outras, no Monte da Bem-Aventura na Galiléia, aonde foram os Onze em obediência à ordem que d'Ele receberam; através de Maria Madalena.

(16) João, XX, 19-23.

(17) I Cor. XV, 6. S. Paulo apela para muitos d'elles como testemunhas, pois ainda viviam.

XXIII

JA fazia muito tempo que Pedro não ia à sua Galiléia natal e algo no ar primaveril, no firmamento azul e nas águas claras e profundas o atraía e convidava a procurar repouso para o conflito do ano que passara, na paz da infância que permanece onde foi ela conhecida. Tudo parecia o mesmo. Centenas de barcos querendo no lago, o murmúrio durante o dia e as fileiras de lâmpadas à noite nas cidades que lhe orlavam as praias, alegrias tão simples como o som do sino sôbre a água ou o de um chifre a ser tocado no terraço da sinagoga de Cafarnaum. Evidentemente deve ter Pedro regressado para sua casa ali, sendo talvez acolhido com alegria pela velha e boa sogra e por um fiel servo. Com êle se achavam Tomé, o Gêmeo, Bartolomeu de Caná, os dois filhos de Zebedeu, e dois discípulos não nomeados (1).

Tempo depois, uma tarde estavam êles sentados na encosta, não longe das docas, conversando. Tinham muita coisa que recordar. Talvez estivessem discutindo as aparições do Senhor, particularmente a mais recente de que foram testemunhas numerosos galileus e a imaginar quão cedo voltaria Êle no esplendor a que tantas vêzes se referira, para restaurar o Reino de Israel, pois isto, em seu espírito era ainda o resultado e o fim. Havia também muitas outras coisas à espera de explicação. Mas sabiam que Êle havia ressurgido dentre os mortos e que mais cedo ou mais tarde O haveriam de ver de novo.

Pedro ociosamente observava o mar e o céu. Estirou seus compridos braços e bocejou:

— Vou pescar, — disse Êle (2).

— Também nós vamos contigo, — disseram os outros. Descendo até a praia, encontraram um barco, talvez um dêle mesmo, enalhado justamente onde êle e André o haviam deixado. Alguém, ou um homem alugado ou o próprio velho Zebedeu, deve tê-lo calafetado e pintado, encortiçado a rêde, para que tudo estivesse pronto e tivessem êles apenas o trabalho de se pôr ao largo, quando o grandioso crepús-

(1) *João*, XXI, 2-3.

(2) *Ibid.*

culo começasse a colorir-se profusamente, tanto no alto, como no lago, de ousadas pinceladas de ouro e púrpura, de escarlate e ametista.

Era uma tarde cálida, sem muito vento. Simão Pedro tirou fora suas roupas e ficou nu junto à cana do leme. Era agradável sentir a frescura da brisa no rosto e a picada dos borrifos do mar no corpo. Talvez lhe houvesse sobrevindo uma vaga impressão, ao corresponder àquele estímulo de sua meninice, de que estivera vivendo em algum fantástico e complicado sonho que parecera durar três anos. Era precioso, doloroso, delicioso, terrível, cataclísmico, celestial, mas passara. Aqui no sossegado Mar da Galiléia não havia conflitos, exceto com os elementos; não havia voracidade, crueldade, traição, desilusão. Que haveria, se depois de tudo voltasse novamente agora a ser pescador? Vidas piores não faltavam. Guiou o barco para águas mais profundas e, quando o crepúsculo se mudou em noite, lançaram a rêde.

É João, o filho de Zebedeu, quem conta o resto desta inimitável história.

“E naquela noite nada apanharam.

“E chegada a manhã, Jesus apresentou-se na praia; os discípulos todavia não conheceram que era Jesus. Disse-lhes pois Jesus:

“Ó moços, tendes alguma coisa para comer?”

“Nada, — responderam-Lhe.

“Lançai a rêde para o lado direito da barca, — disse-lhes, — e encontrareis.

“Lançaram pois a rêde e já não a podiam tirar, por causa da grande quantidade dos peixes. Então aquêlê discípulo, a quem Jesus amava, disse a Pedro:

“É o Senhor!”

“Simão Pedro, tendo ouvido dizer que era o Senhor, cingiu-se com a túnica (porque estava nu), e lançou-se ao mar. E os outros discípulos foram com a barca (porque não estavam distantes de terra, senão duzentos côvados), tirando a rêde cheia de peixes. E logo que saltaram em terra, viram umas brasas preparadas e um peixe em cima delas, e pão. Disse-lhes Jesus:

“Trazei dos peixes que agora apanhastes.”

“Subiu Simão Pedro à barca e tirou a rêde para terra, cheia de cento e cinqüenta e três grandes peixes. E sendo tantos, não se rompeu a rêde. Disse-lhes Jesus:

“Vinde, jantai.”

“E nenhum dos discípulos ousava perguntar-Lhe: “quem és Tu?”, sabendo que era o Senhor. Aproximou-se pois Jesus, e tomou o pão, e deu-lho, e igualmente do peixe.

“Tendo êles pois jantado, disse Jesus a Simão Pedro:

“Simão, filho de João, tu amas-me mais do que êstes?

“Sim, Senhor, — disse êle, — Tu sabes que eu Te amo.

“Disse-lhe Jesus:

“Apascenta os meus cordeiros.”

“Disse-lhe outra vez:

“Simão, filho de João, tu amas-me?”

“Êle disse-Lhe:

“Sim, Senhor, Tu sabes que eu Te amo.”

“Disse-lhe Jesus:

“Apascenta os meus cordeiros.”

“Disse-lhe pela terceira vez:

“Simão, filho de João, tu amas-me?”

“Ficou Pedro triste, porque pela terceira vez lhe disse:

“Tu amas-me”. E disse-Lhe:

“Senhor, Tu conheces tudo; Tu sabes que eu Te amo.”

“Disse-lhe Jesus:

“Apascenta as minhas ovelhas. Em verdade, em verdade te digo: Quando tu eras mais moço, cingias-te e ias aonde desejavas, mas quando fôres velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde tu não queres.”

“E disse isto, indicando com que gênero de morte havia Pedro de dar glória a Deus. E depois de assim ter falado, disse-lhe:

“Segue-me.”

Aqui, ao que parece, Jesus se levantou e caminhou até pequena distância, acompanhado por Pedro. Logo viu Pedro que João também os acompanhava e disse:

“Senhor, e dêste que será?”

“Se Eu quero que êle fique até que Eu venha, que tens tu com isso? Tu segue-Me.”

Depois disto, todos êles discutiram êste notável incidente muitas vêzes e chegaram à conclusão, bastante evidente, de que o Senhor tinha dado a Pedro uma oportunidade de reparar, por uma tríplice afirmação de amor, sua tríplice negação. Nem deixaram tão pouco denotar a mudança que tinham revelado em Pedro as respostas que dera. Não havia mais sinais daquela truculência atrevida e confiada. Em vez de vangloriar-se de seu amor ao Senhor, considerando êsse seu amor maior do que o de seus irmãos, apelara para o próprio conhecimento que Jesus tinha de seu coração e

de tôdas as coisas. Pois a queda de Pedro tinha-lhe ensinado o que era preciso ensinar: humildade profunda, sem a qual não poderia haver verdadeira afeição. E assim nenhum dos outros lhe invejou a chefia que era agora tão plenamente confirmada nêle.

As palavras de Jesus haviam indicado que Pedro iria presidir não sòmente tôda a Igreja em geral, mas seus chefes: teria de apascentar tanto as ovelhas como os cordeiros. Mas se alguém ainda mostrasse relutância contra essa primazia, deve ter-se mostrado bastante alegre em deixá-la para êle, quando considerava o que teria de pagar por ela no fim. Tinham visto Jesus arrastado pelas ruas de Jerusalém e pendurado todo sangrento entre o céu e a terra e sabiam pelas Suas próprias palavras que Pedro seria igualmente amarrado e teria as mãos estendidas sôbre uma cruz de traidor, quando exalasse sua alma. Alguns dêles diziam que, por outro lado, havia Jesus prometido a João o dom da imortalidade. Teve o filho de Zebedeu bastante dificuldade em negar isto. "E não lhe disse Jesus: "Não morre", mas: "Se Eu quero que êle fique até que Eu venha, que tens tu com isso?" (3).

Pedro e seus convidados voltaram para Jerusalém e se juntaram aos apóstolos seus companheiros. E certa noite, cêrca de seis semanas depois da Ressurreição, foram sobressaltados e deliciados de novo pelo aparecimento de Jesus entre êles, quando estavam a ponto de cear na casa da colina. Teresa Neumann "viu" êste acontecimento em uma das mais pormenorizadas de suas visões, a 28 de maio de 1927, e deixou um relato que, qualquer que possa ser a explicação final, certamente auxilia a gente a visualizar a cena. Era Filipe quem servia. Colocou um peixe grande e um pequeno sôbre uma travessa escura e dividiu-os, pegando cada um pela cabeça, com "um largo osso em forma de faca, um tanto curvo na ponta". Tendo distribuído as porções, tomou depois uma para si e reclinou-se.

De repente apareceu Jesus no centro da sala, atrás de Pedro e João. Disse umas poucas palavras de saudação, a que êles responderam, levantando-se para dar-Lhe lugar à mesa. Filipe deu-Lhe pão em uma travessa e colocou um pedaço de peixe em cima do pão. Jesus ergueu-se, abençoou a comida, depois reclinou-se e comeu. Entregou depois Filipe uma espécie de copo de barro escuro, largo no meio e estreito nas extremidades, ao Senhor, que dêle bebeu e passou-o a

(3) *João*, XXI, 1-23.

Pedro. Cada um bebeu apenas uma vez e em posição semi-reclinada. Jesus depois falou-lhes breve, mas gravemente.

Em seguida retirou-se Filipe da sala, para voltar com um pouco de mel em favos numas travessas, uma das quais ofereceu em primeiro lugar ao Senhor. Correu ela depois a mesa e todos comeram, quebrando pedaços dos favos e enxugando as mãos nas roupas que usavam. Jesus usava agora um traje branco em vez daquele Seu usual de côr parda, mas sem manto. O que tinha, forâ-Lhe dado por João.

Jesus falou de novo. Houve então uma discussão geral em que Pedro, como de costume, tinha mais que dizer. Curioso pormenor é que o Senhor ficava de pé quando falava, enquanto os outros, ao fazê-lo, permaneciam sentados. Finalmente dirigiu-se a êles com maior solenidade e encerrando a reunião. Todos se levantaram e saíram, indo Pedro em primeiro lugar, acompanhado pelo Senhor e por João. Eram cêrca de quatro horas da madrugada, quando desfilaram pela cidade adormecida, seguindo a estrada familiar que cruza o Vale do Cedron na direção de Betânia.

Era ainda manhã, mas um tanto enevoada, quando se reuniram todos na altura central do Monte das Oliveiras, ficando Jesus de pé sôbre uma pedra, Sua mãe ao lado e cêrca de dez outras mulheres, inclusive Maria Madalena e Verônica à Sua frente. Havia perto de cem homens ali: os apóstolos e vários discípulos, inclusive Lázaro e um centurião romano a cavalo, além de outros legionários.

Estas visões de modo algum entram em conflito com os relatos menos minuciosos de Marcos e de Lucas. Teresa não compreendia as palavras em aramaico que ouvia, mas os Evangelistas nos contam quais foram as instruções finais do Senhor. Tornaram evidente que mesmo então não se haviam os Onze libertado da concepção de um Messias judeu nacionalista. Pensavam que Jesus os havia levado àquele alto lugar para proclamar-Se Rei dos Judeus do mundo, pois alguns dêles perguntaram, sèriamente:

— Senhor, porventura chegou o tempo em que restabelecereis o Reino de Israel?

— Não vos pertence saber os tempos, — respondeu Êle, — nem os momentos que o Padre reservou ao Seu poder, mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que descera sôbre vós, e Me sereis testemunhas em Jerusalém e em tôda a Judéia e na Samaria, e até as extremidades da terra... (4). Foi-Me dado

(4) Atos. I, 6-8.

todo o poder no céu e na terra. Ide, pois ensinai tôdas as gentes, batizando-as em nome do Padre e do Filho, e do Espírito Santo... (5). Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a tôda a criatura. O que crer e fôr batizado, será salvo; o que, porém, não crer, será condenado. E eis os milagres que acompanharão os que crerem: Expulsarão os demônios em Meu nome, falarão novas línguas, manusearão as serpentes e se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará mal; imporão as mãos sôbre os enfermos e serão curados... (6). Isto são as coisas que Eu vos dizia, quando ainda estava convosco, que era necessário que se cumprisse tudo o que de Mim estava escrito na Lei de Moisés e nos profetas e nos salmos... Assim está escrito, e assim era necessário que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos ao terceiro dia e que em Seu nome se pregasse a penitência e a remissão dos pecados a tôdas as nações, começando por Jerusalém. E vós as testemunhas destas coisas. E Eu vou mandar sôbre vós o prometido por Meu Pai. Entretanto permaneci na cidade, até que sejais revestidos da virtude do alto (7)... E eis que Eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos (8).

Depois disto, se podemos acreditar em Teresa Neumann, disse Êle umas poucas palavras à Sua mãe. Estendendo Suas mãos transpassadas, olhou para o céu e depois começou lentamente a erguer-se do solo. Uma vez mais Seus olhos buscaram afetuosamente os de Maria e pousaram um instante sôbre os Onze, antes de se voltarem para cima de novo. As feridas de Suas mãos e de Seus pés cintilavam acima e abaixo das marcas dos cravos. Puderam ser vistas brilhando por muito tempo, enquanto Êle ascendia, um tanto oblíquamente, na direção de leste, tornando-se cada vez menor até que por fim uma pequena nuvem O cobriu e Êle desapareceu (9).

Muitos daqueles que presenciavam esta cena começaram a chorar, Lázaro mais do que todos, de acôrdo com a visionária, e Pedro e o centurião em seguida. Enquanto olhavam para o céu vazio, a orla vermelha do sol apareceu no alto do monte ao oriente. Dois anjos, semelhantes a radiosos jovens, de longos cabelos, estavam diante dêles, falando ao mesmo

(5) Mateus, XXVIII, 18.

(6) Marcos, XVI, 15-18.

(7) Lucas, XXIV, 44-53.

(8) Mateus, XXVIII, 20.

(9) Von Lama, *op. cit.*, *Further Chronicles of Therese Neumann*, págs. 185-194.

tempo. Isto concorda com a narrativa de Lucas, que os apresenta como dizendo:

— Homens da Galiléia, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus que, separando-Se de vós, foi arrebatado ao céu, virá do mesmo modo que o vistes ir para o céu (10).

Ambos desapareceram. Os amigos de Jesus e Sua Bendita Mãe voltaram bastante alegres para Jerusalém e foram ao Templo para rezar, seguindo depois para o Cenáculo.

Pedro tinha sua resposta agora. Sabia afinal o que significaria ser um pescador de homens.

(10) *Atos*, I, 11.

XXIV

E QUANDO se completaram os dias de Pentecostes, estavam todos juntos no mesmo lugar e de repente veio do céu um estrondo, como de vento que soprava impetuoso, e encheu tôda a casa onde estavam sentados. E lhes apareceram repartidas umas como línguas de fogo, e pousou uma sôbre cada um dêles. E foram todos cheios do Espírito Santo, e começaram a falar em várias línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem" (1).

Pedro sentiu irresistível impulso de dizer ao mundo inteiro a verdade que se lhe tinha tornado de repente clara e completa e, saindo às pressas do Cenáculo, como um homem fora de si e de alegria, logo verificou que se achava numa rua, com os outros dez não muito distantes e enorme multidão que surgia, cercando-os, pois o som rugidor tinha sido escutado em tôda Jerusalém e o povo acorria de tôdas as partes, esperando sinais de um terremoto ou de alguma outra calamidade pública. Era uma multidão bastante cosmopolita, incluindo não sòmente pessoas de Jerusalém, mas judeus de tôdas as partes do mundo que tinham vindo para a Páscoa — "partos e medos, e elamitas, e os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia, e a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia, e a Panfília, o Egito, e várias partes da Líbia, que é vizinha de Cirene, e os vindos de Roma, tanto judeus como prosélitos, cretenses e árabes." Êstes peregrinos ficaram especialmente atônitos quando ouviram onze homens de aparência um tanto comum dirigirem-se a êles em suas próprias línguas.

— Bêbados! — disse algum dos sofisticados da cidade. — Estão cheios de mosto.

Isto deu a Pedro a oportunidade para seu discurso de estréia. Não se preparara para êle, contudo ali se achava, dirigindo-se a uma imensa multidão, com conciso vigor e perfeito domínio de si mesmo. Passagens das Escrituras que havia estudado na infância pareciam brotar de sua mente bem abastecida, sem nenhum esforço e arranjar-se harmoniosa-

(1) *Atos*, II, 1-4.

mente na sua argumentação. E se conservava êle algum traço de sua rusticidade, servia apenas para aumentar o efeito da manifesta sinceridade:

“Homens Judeus, e vós todos os que habitais em Jerusalém! — exclamou êle. — Seja-vos isto conhecido, e com ouvidos atentos ouvi as minhas palavras. Êstes homens não estão embriagados, como vós cuidais, sendo a hora terceira do dia. Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel:

“E acontecerá nos últimos dias (diz o Senhor) que Eu deramarei o Meu Espírito sôbre tôda a carne; e profetizarão vossos filhos e vossas filhas, e os vossos jovens terão visões, e os vossos anciãos sonharão sonhos. Sim, naqueles dias deramarei do Meu Espírito sôbre os Meus servos e sôbre as Minhas servas, e profetizarão. E farei ver prodígios em cima no céu, e sinais embaixo na terra, sangue, e fogo, e vapor de fumo. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o dia grande e illustre do Senhor. E acontecerá que todo aquêle que invocar o nome do Senhor será salvo.” (2)

“Varões israelitas, ouvi estas palavras: A Jesus Nazareno, varão acreditado por Deus entre vós, por meio de virtudes e prodígios e milagres, que Deus fêz por meio d’Ele entre vós, como vós mesmos sabeis, depois de vos ser entregue por determinado conselho e presciência de Deus, crucificando-O por mãos de iníquos, vós O matastes. E Deus O ressuscitou, tendo-O livrado das dores do inferno, porquanto era impossível que por êste fôsse retido. Porque Davi diz d’Ele:

“Eu tinha sempre o Senhor diante de Mim, porque Êle está à Minha direita, para que Eu não seja abalado. Por isto se alegrou o Meu coração, e exultou a Minha língua, e além disto a Minha carne repousará na esperança: porque não deixarás a Minha alma no inferno, nem permitirás que o Teu Santo experimente a corrupção. Ensinaste-Me os caminhos da vida e Me encherás de alegria com a Tua presença”.

“Meus irmãos, seja-me permitido dizer-vos francamente do patriarca Davi, que êle morreu, e foi sepultado, e o seu sepulcro está entre nós até o dia de hoje. Sendo êle, pois, profeta, e sabendo que Deus lhe tinha prometido com juramento que um da sua descendência se sentaria sôbre o seu trono, profeticamente falou da ressurreição de Cristo, que não foi deixado no inferno, nem a sua carne viu a corrup-

(2) Joel II, 28; III, 1-5.

ção. A êste Jesus ressuscitou Deus, do que todos nós somos testemunhas. Exaltado Êle, pois, pela dextra de Deus, e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou sôbre êste, a quem vós vêdes e ouvis. Porque Davi não subiu ao céu, mas êle mesmo disse: “O Senhor disse a meu Senhor: “Senta-Te à minha direita, até que Eu ponha os Teus inimigos por escabelo de Teus pés.”

“Saiba, pois, tôda a casa de Israel com a maior certeza que Deus constituiu Senhor e Cristo a êste Jesus, a Quem vós crucificastes.”

Pedro parou para tomar fôlego. Na verdade, dissera tudo isto que tinha a dizer e com tão completo êxito que “ficaram compungidos no seu coração”. Vozes judaicas por todo o largo gritavam para êle e para os outros dez:

— Que devemos fazer, irmãos?

Pedro respondeu prontamente e com autoridade:

— Fazei penitência, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo, para remissão de vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. Porque a promessa é para vós e para vossos filhos, e para todos os que agora estão longe da salvação, para quantos o nosso Deus chamar a Si.

Disse muitíssimas outras coisas, repetindo sempre, sempre:

— Salvai-vos desta geração perversal

Ao cair da noite, recebera três mil daqueles judeus, tanto locais como de fora, na Igreja (3).

Que acontecera a Pedro para dar êste novo poder a si mesmo e aos outros? Evidentemente, aquilo que ocorre de maneira mais secreta e talvez menos profusamente a todos os cristãos, quando recebem o sacramento da Confirmação. O Espírito Santo prometido pelo Senhor tinha vindo morar nêle duma maneira especial. Suas próprias palavras indicam que a idéia daquela residência, cuja consumação acabava de conduzi-lo à maturidade espiritual, não lhe tinha sido estranha desde a meninice. Havia muitas obscuridades a respeito da doutrina da Santíssima Trindade no Antigo Testamento. Antes que Cristo a revelasse, porém, teria sido difícil para a maior parte dos judeus compreendê-la, particularmente quando estavam empenhados em defender a verdade da unidade de Deus contra um mundo idólatra — embora Êle Próprio subentendesse que um Mestre em Israel, como Nicodemos, devesse ter compreendido as Escrituras melhor.

(3) Atos, II, 5-41.

Pedro estivera certo por algum tempo, de maneira um tanto confusa, de que os escritos dos profetas estavam engastados de largas sugestões de que Deus Pai, em Quem o Poder excele, enviaria Deus Filho, o Messias em Quem a Verdade excele, para arrebatat tódas as incompreensões e reconciliar o homem com Êle. Via agora claramente que isto tinha acontecido e que o Pai e o Filho, além disso, tinham enviado o Espírito Santo, em Quem o Amor excele, para criar uma compreensão perfeita e permanecer para sempre com a Igreja, protegendo-a do êrro e da desunião. Não que Êle tivesse deixado de manifestar-Se na Antiga Lei. Era agora patente que havia morado por graça nas almas dos Profetas e tinha ofuscado a mulher incomparável que iria ser a mãe do Filho encarnado. Contudo, comunicar-Se-ia muito mais profusamente, como Pedro revelou no seu sermão inicial, na idade messiânica: derramaria Seus dons, primeiro sôbre a casa de Israel e depois sôbre tóda a carne.

Pedro via agora mais profundamente dentro do Mistério de Cristo, a consumação e preenchimento do Mistério de Israel, que êle incluía. A fé do Povo Eleito não era inventada por homens ou demônios, como eram os cultos pagãos, mas tinha sido transmitida pelo Criador, o Deus único e verdadeiro — o Deus dêles — por intermédio de Abraão, Isaac, Jacó, Moisés e todos os profetas. Era como uma árvore viva e crescente que haveria de florir, como ensinavam constantemente os Profetas, na Encarnação do Filho de Deus que também seria um Filho de Davi. Os preceitos cerimoniais se destinavam a lembrar aos hebreus que Êle haveria de vir; donde teriam êles fim, quando Êle chegasse. Mas não viria Êle para destruir o essencial da Lei ou para estabelecer nova religião. Pelo contrário, insistiria e insistiu, até no derradeiro jota e ponto da verdade revelada e longe de destruir ou descolocar a Casa de Israel, havia-a agora completado, como uma pedra angular completa um edifício. A Igreja, pois, era e é Israel aperfeiçoada.

Naqueles primeiros dias também, foi inteiramente judia no referente a seus componentes. Seus fiéis de maneira alguma se consideravam inovadores. Como células do Corpo Místico de Cristo eram judeus mais do que nunca antes, realizando as melhores esperanças e tradições de seus pais. É significativo que João haja descrito os partidários de Anás e Caifás, no grande repúdio a Cristo, como “os que dizem que

são judeus, e não o são, mas mentem". (4) Os convertidos pelos apóstolos continuam a cultuar no Templo e nas sinagogas e a observar a Lei Mosaica o melhor que podiam, sem idéia, aparentemente, de jamais fazer coisa diferente.

Era também o Mistério de Cristo completando o Mistério de Israel que levava aquêles judeus devotos a se reunirem no primeiro dia da semana depois de suas visitas ao Templo. Mas se reuniam para algo mais do que a comemoração da Ressurreição. Encontravam-se para ser testemunhas e participantes do derradeiro e perfeito sacrifício do qual, as oblações no Templo, por mais solenes que fôsem, não passavam de prefigurações e preparativos.

De fato, todos os cultos, desde o comêço do mundo até agora (exceto apenas o budismo, o maometismo e o protestantismo) têm reconhecido no sacrifício a mais elevada forma de oração, ordenada pelo próprio Deus na manhã do mundo. Os ritos pagãos, por mais degradados, eram reminiscências dessa religião universal primitiva. Sòmente os judeus, durante séculos, tinham-na conservado limpa e santa pela salvaguarda da Lei Mosaica. O tempo havia chegado da redenção de Israel, e por meio de Israel de tôda a humanidade, pelo supremo e perfeito sacrifício da história. Era um sacrifício que não exigia uma vítima comum. A revolta do homem, como uma ofensa contra a infinita Majestade, requeria uma expiação de infinito mérito. Mas o Deus de Abraão não havia esquecido Suas promessas. Lembrando-se de que Abraão não havia poupado seu único filho, pelo seu amor a Êle, por sua vez Êle não poupou Seu único Filho, em Seu amor pelos filhos de Abraão. Assim deu Jesus o Seu sangue na Cruz por Israel e pela humanidade inteira.

Tal Vítima não devia ser oferecida pelo sacerdote comum. Quando Caifás e seus partidários invalidaram o antigo Sumo Sacerdócio de Israel, gritando: "Não temos outro Rei senão César!", o Rei dos Judeus tomou a Si a função que fôra a de Aarão. E se tornava claro agora para Pedro que Jesus era também o prometido Sumo Sacerdote, de acôrdo com a ordem de Melquisédec, que tinha abençoado Abraão e sobre cujo Sacrifício o sol jamais se poria. Jesus havia indicado de maneira velada na sinagoga de Cafarnaum, que perpetuaria Seu Sacrifício dando Sua carne a comer e Seu sangue a beber — e isto, insistiu Êle, em pleno sentido literal. Na última Ceia, havia revelado o significado da pro-

(4) Apoc. III, 9.

messa e tinha-a mantido, estabelecendo o Sacrifício Eucarístico. A carne e o sangue estariam sob as espécies de pão e vinho, mas se encontrariam realmente ali. A cada sacrifício, a Encarnação e a Crucifixão seriam reproduzidas e perpetuadas até o fim dos tempos, quando a Casa de Israel (a Igreja completada, o Corpo Místico de Cristo) seria alçada até a Nova Jerusalém da felicidade eterna.

Um sacrifício tão sublime que as mentes humanas só podiam compreender como um Mistério tinha necessidade de preparação ritualística. E era natural que aqueles judeus que acompanhavam Pedro na primitiva Igreja a descobrissem nas tradições de seu próprio povo. Preparavam-se para êle, de fato, com uma cerimônia tipicamente sinagoga, em que eram lidos os livros sagrados hebraicos, cantados os salmos hebraicos e os apóstolos, como os anciãos da sinagoga, davam homílias e explicações. O povo respondia "Amen" em hebraico, depois de cada oração, justamente como tinham feito seus pais. Estes elementos judeus, precedendo a reprodução do Sacrifício da Última Ceia (que é também o repetido Sacrifício da Cruz) constitui a moldura litúrgica da Missa. As palavras de Isaías, "Santo, Santo, Santo, é o Senhor Deus dos Exércitos", cantadas pelos cristãos judeus, vinte e cinco anos depois da morte de Pedro, ainda são o prefácio da parte mais solene dela. (5) Depois da consagração do Pão e do Vinho, o Padre ainda pede ao Pai para aceitar "de Vossos dons e dádivas, a Hóstia pura, a Hóstia santa, a Hóstia imaculada, o Pão santo da vida eterna e o Cálice da salvação perpétua... Assim como recebestes as ofertas do justo Abel, vosso servo, e o sacrifício de Abraão, vosso patriarca..."

Uma inovação do comêço foi o *Agape* ou Festa do Amor, seguida de profecias faladas em várias línguas ou de cura de doentes. Mas estas coisas não essenciais foram desaparecendo, quando o número crescente de fiéis foi levando a vários abusos. Nenhuma mudança foi jamais tolerada, porém, nas partes importantes da cerimônia. Porque aqueles cristãos judeus aceitaram as palavras de Jesus. — "Este é o Meu corpo... Este é o Meu sangue", não em algum sentido figurativo ou simbólico, mas em tôda a sua literalidade, sôbre a qual havia Êle insistido. Evidencia-se isto das palavras de um dos principais colaboradores de Pedro:

(5) O "Santo, Santo, Santo": Isaías VI, 3. Os três "Santo" referem-se, segundo se crê, às três Pessoas divinas da Trindade.

“Porque eu reccebi do Senhor o que também vos ensinei a vós, que o Senhor Jesus, na noite em que foi entregue, tomou o pão, e, dando graças, o partiu, e disse: “Recebei e comei; isto é o Meu corpo, que será entregue por vós; fazei isto em memória de Mim.” Igualmente também, depois de ter ceado, tomou o cálice dizendo: “Este cálice é o novo testamento no Meu sangue; fazei isto em memória de Mim tôdas as vêzes que o beberdes.” Porque tôdas as vêzes que comerdes êste Pão e beberdes êste Cálice, anunciareis a morte do Senhor, até que Ele venha. Portanto, todo aquêlê que comer êste Pão ou beber o Cálice do Senhor indignamente, será réu do Corpo e do Sangue do Senhor. Examine-se pois a si mesmo o homem, e assim coma dêste pão e beba dêste Cálice. Porque aquêlê que o come e bebe indignamente, come e bebe para si a condenação, não distinguindo o Corpo do Senhor”. (6)

Não há diferença essencial entre esta primitiva interpretação literal da Missa e aquela que São Justino Martir iria escrever, menos de um século depois da morte de Pedro, para o Imperador Antonino:

“Quando o Presidente tiver dado graças e todo o povo respondido, aquêles a quem chamamos diáconos dêem o pão e o vinho e a água pelos quais as graças foram dadas para serem provados pelos que estão presentes e os levem para aquêles que estão ausentes. Este alimento é por nós chamado a Eucaristia... (7) A ninguém é permitido partilhar dêle a não ser que acredite na verdade de nossas doutrinas e que tenha sido batizado na pia de regeneração para remissão de pecados e viva de acôrdo com o que Cristo ensinou. Porque não tomamos estas coisas como pão comum e como bebida comum, mas justamente como Jesus Cristo nosso Salvador, encarnado pela palavra de Deus, teve carne e sangue para nossa salvação, assim também nos ensinaram que êste alimento, pelo qual nossa carne e nosso sangue são nutridos, e pelos quais graças foram dadas em orações com as próprias palavras d’Ele, é a carne e o sangue de Jesus encarnado.” (8)

É interessante notar como esta coroante expressão do Mistério de Cristo, cumprindo sua promessa em Cafarnaum

(6) I Cor., XI, 23-29.

(7) O primeiro que se conhece ter usado esta palavra (*Eucharistia*) foi Santo Inácio de Antioquia, na sua carta aos esmírnianos, cêrca de 107 A. D.: “A Eucaristia é a carne de Nosso Salvador Jesus Cristo,” etc.

(8) *Apol.*, I, caps. LXV e LXVI.

— “Minha carne é verdadeira comida e Meu sangue é verdadeira bebida” — começava a transformar Seus sinceros seguidores, sob a guia do Espírito Santo, tanto individual como coletivamente. Distinguiam-se pela sua caridade para com todos os homens e, particularmente, uns para com os outros. Viviam de acôrdo com os ensinamentos de Jesus tão fielmente que se tornavam extremamente populares entre seus concidadãos, “sendo bem vistos por todo o povo”.⁽⁹⁾ Prestavam culto no Templo aos sábados e “partiam o Pão”, em casa ou na casa da colina aos domingos. Em outras coisas, também, viviam em grau espantoso no plano sobrenatural que tão difícil parecera a Pedro, quando dêle ouvira falar pela primeira vez no Sermão da Montanha.

Interpretavam isto de acôrdo com o conselho que Jesus havia dado ao jovem rico: “vende quanto tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu: e vem, segue-Me!”⁽¹⁰⁾ Como o autor dos *Atos* o relata: “E todos os que criam estavam unidos e tinham tudo em comum; vendiam as suas propriedades e os seus bens e distribuíam o preço por todos, segundo as necessidades de cada um”.⁽¹¹⁾ Deu-se ao trabalho de repetir, de fato, esta afirmativa, como que para prevenir qualquer má compreensão: “E a multidão dos que criam tinha um só coração e uma só alma; e nenhum dizia ser sua coisa alguma daquelas que possuía, mas tudo entre êles era comum... E era grande em todos êles a graça de Deus.”⁽¹²⁾

Aquêles primeiros cristãos poderiam ter sido chamados de comunistas em tôda a verdade, se a palavra não se tivesse tornado propriedade daqueles que iriam fazer dela um disfarce cruel e uma caricatura, dando-lhe uma conotação, tão longe da realidade primitiva, como o inferno do céu. Provavelmente teriam ficado grandemente atônitos, se viessem a saber que eram descritos, também por isso, como “revolucionários”. Porque os judeus sempre foram notados pela generosidade mútua, comparados com os pagãos. Tinham partilhado das necessidades da vida, uns com os outros no deserto, onde “o que colheu muito, não teve demais; e o que colheu pouco, não teve de menos”;⁽¹³⁾ enquanto os que amontoaram descobriram que seu maná,

(9) *Atos*, II, 47.

(10) *Marcos*, X, 21.

(11) *Atos*, II, 44.

(12) *Ibid.*, IV, 32-34.

(13) II Cor. VIII, 15; a referência é feita ao Êxodo XVI, 18.

acima de um "omer", (14) havia apodrecido durante a noite. Desde os mais antigos tempos, foram os pobres encorajados a recolher o grão deixado nos cantos das searas e a acompanhar como Rute os ceifadores, respigando as sobras. O expediente no tempo de Pedro para impedir a inflação era a fixação de preço, com tôdas as suas cruéis conseqüências para os pobres. E por mais que se fale da rapacidade dos Filhos de Anás, havia outras pessoas ricas em Israel que não eram apenas liberais, mas pródigas no que punham de parte para os desafortunados, para a educação, para a causa nacional e para a religião. Sustentavam estudantes pobres nas academias de Jerusalém e isto queria dizer a maior parte dêles. Alguns judeus, diferentes dos hipócritas denunciados por Nosso Senhor por terem trombetas soando à sua frente quando davam esmolas, eram capazes de rara delicadeza em seus benefícios. Secretamente amparavam pessoas abastadas que haviam tido infortúnios, a fim de que vivessem nas mesmas condições anteriores. O grande Hillel, que vivia em apertos com a sua família, segundo constava, alugara um cavalo e até mesmo um cavalição para certo ricaço em decadência (15).

Se há exagêro oriental em algumas destas anedotas, pelo menos revelam elas quão elevado era o ideal judeu herdado pelos primeiros cristãos de Jerusalém. É ridículo comparar sua conduta com qualquer espécie de marxismo ou socialismo que começa repelindo a premissa dêles, o amor de Deus, e acaba reduzindo os pobres à pior escravidão, sob uma plutocracia mais concentrada, pela fraude ou pela violência, bastante diferente em espírito da voluntária compartilha de Pedro e seus convertidos. Aquêlo espírito não será encontrado em nenhum regime socialístico, mas poderá ser visto a florescer em conventos e mosteiros. A Igreja recomenda ainda êste modo de vida a todos quantos sejam capazes de vivê-lo, como Cristo o recomendou ao jovem rico que se afastou cheio de tristeza. Insiste com os ricos para que dividam seu supérfluo com os pobres, como Jesus fêz; e enquanto também insiste no direito da propriedade privada (como Êle fêz), de conformidade nega que o proprietário possa usar de sua propriedade em detrimento de outros ou da comunidade como um todo. Pedro tornou isso bem claro, ao afirmar que a partilha dos bens não era obrigatória.

(14) Medida hebraica. (N. do T.)

(15) Edersheim, *op. cit.*, I, 118, 130.

Até aqui tinha corrido tudo melhor do que esperara. Chegavam diàriamente novos convertidos. Tôda a gente ficava bem impressionada com as belas vidas de seu rebanho. E os homens mais censuráveis pela morte do Senhor e mais resolvidos a não se beneficiar dela, nada tinham feito para interferir. Talvez sentisse Anás que não havia razão para temer uns poucos galileus que não haviam dado prova de gozar de poderes tais como tivera inquestionavelmente aquê-le Homem. Mas quando Pedro operou seu primeiro milagre, tudo mudou.

Pedro e João subiam ao Templo para a oração da hora de noa. E era para ali trazido um certo homem, que era coxo de nascimento, o qual punham todos os dias à porta do Templo, chamada a Especiosa, para que pedisse esmola aos que entravam no Templo. Êste quando viu Pedro e João, que iam a entrar no Templo, fazia a sua rogativa para receber esmola. E Pedro, pondo os olhos juntamente com João, disse: "Olha para nós". E êle os olhava com atenção, esperando receber dêles alguma coisa.

"Mas Pedro disse: "Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isto te dou. Em nome de Jesus Cristo Nazareno levanta-te e anda." E tomando-o pela mão direita, o levantou, e imediatamente se lhe consolidaram as pernas e os pés. E dando um salto, pôs-se em pé e andava, e entrou com êles no Templo, andando e saltando e louvando a Deus.

"E todo o povo o viu andando e louvando a Deus. E reconheceriam que êle era o mesmo que se sentava à Porta Especiosa do Templo a pedir esmola; e ficaram cheios de espanto, e fora de si pelo que lhe tinha acontecido. E estando êle agarrado a Pedro e a João, todo o povo estupefato correu para êstes ao pórtico que se chama de Salomão."

De pé, no mesmo lugar onde tinha tantas vêzes ouvido a voz do Senhor, ecoando de coluna em coluna, Pedro se viu face a face com milhares de pessoas. Contudo não ficou nem um pouquinho amedrontado ou embaraçado quando passou, no seu pesado sotaque galileu, a proferir seu segundo sermão:

"Varões israelitas! por que vos admirais disto, ou por que ponde os olhos em nós, como se por nossa virtude ou poder tivéssemos feito andar êste homem? O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, o Deus de nossos pais glorificou o Seu Filho Jesus, a quem vós negastes diante de Pilatos, sendo êle de opinião que se soltasse. Mas vós negastes o Santo e o Justo, e pedistes que vos fôsse dado um homicida. E

matastes ao autor da vida, a Quem Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas. E mediante a fé do Seu nome é que o Seu nome deu firmeza a êste que vós vêdes e conheceis; e a fé que vem d'Ele foi que deu a êste perfeita saúde à vista de todos vós.

“E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos magistrados. Porém Deus cumpriu o que tinha anunciado por bôca de todos os profetas: que padeceria o Seu Cristo. Arrependei-vos pois e convertei-vos, para que os vossos pecados vos sejam perdoados; para quando vierem os tempos da consolação diante do Senhor, e enviar aquêle Jesus Cristo que vos foi pregado, o qual convém que o céu receba até os tempos da restauração de tôdas as coisas, de que Deus falou antigamente pela bôca dos seus santos profetas.

“Moisés sem dúvida disse: “O Senhor vosso Deus vos suscitará um profeta dentre vossos irmãos, semelhante a Mim; a Êste ouvireis em tudo o que vos disser. Todo aquêle pois que não ouvir êste profeta, será exterminado do meio do povo.” E todos os profetas que falaram desde Samuel em diante, anunciaram êstes dias. Vós sois os filhos dos profetas e da aliança que Deus estabeleceu com nossos pais, dizendo a Abraão: “E na tua posteridade serão abençoadas tôdas as famílias da terra. “Deus ressuscitando o Seu Filho, vo-Lo enviou primeiramente a vós, para vos abençoar, a fim de que cada um se converta da sua iniquidade.”

Perguntas foram provàvelmente feitas e Pedro se achava ainda a explicar e a exortar, quando o brilho da luz solar se esvaneceu da magnificência marmórea do Pátio de Salomão. De repente correu uma ondulação pela multidão e uma pequena falange, que se destacava pelas suas côres brilhantes, abriu caminho à fôrça, até onde se encontravam os dois apóstolos em companhia do andrajoso mendigo. Era o Prefeito do Templo, com alguns sacerdotes e alguns saduceus partidários de Anás, todos “profundamente descontentes”. Antes que alguém pudesse protestar, deitaram mãos violentas sôbre os três e os arrastaram até uma cela, provàvelmente sob a Tesouraria, onde os trancaram para passar a noite.

“Porém muitos daqueles que tinham ouvido a palavra de Pedro, creram e o número de homens elevou-se a cêrca de cinco mil.” (16).

(16) *Atos, IV, 4.*

FOI um encontro dramático o que se seguiu no outro dia, no Salão da Pedra Talhada. O milagre de Pedro e seu segundo sermão haviam criado uma situação que lembrava apenas bastante vivamente aos sacerdotes e fariseus a semana da última Páscoa. Se as conversões continuassem naquele ritmo, tôda Jerusalém em breve estaria seguindo Pedro. Anás ficou tão alarmado que convocou uma apressada reunião do Sanedrim. E sentindo a necessidade naquele dia de todos os recursos de que pudesse lançar mão na Cidade do Homem, cercou-se duma imponente exibição de "príncipes, anciãos e escribas", inclusive seus filhos João e Alexandre e seu genro Caifás (1). Ele próprio, novamente com as vestes de Sumo Sacerdote, pois havia reassumido sua antiga posição, era uma impressionante figura, de pé, à espera, para interrogar e julgar os infiéis que haviam sido chamados à sua presença. Superficialmente, parecia que Moisés, e Aarão, o rei Davi e os Macabeus permanecessem quase visíveis ao lado daquela personificação da teocracia judaica, erguendo as mãos e ameaçando com a destruição seus adversários.

Contudo, os dois pescadores da Galiléia, um tanto desgrehados e sujos, postos diante dêle com um sarnoso mendigo que não mais coxeava, sabiam o que a maioria dos espectadores estava longe de perceber. Ali estava o Vigário de Cristo, face a face afinal com Seu arqui-inimigo e assassino-mor. Ali estava o chefe da Cidade de Deus na terra confrontando com um potentado da Cidade do Homem, que era a Cidade de Satanás. E era um Pedro diferente, aquêlê homem robusto, de cabelos crespos e esparsa barba vermelha, do inepto e atrevido apóstolo que Anás vira aos calcanhares daquele Homem no Templo, durante a recente Páscoa, se na verdade lhe dera a honra de notar-lhe a presença. Pedro havia recebido, de maneira saliente, os sete dons do Espírito Santo, um dos quais é a fortaleza. Havia algo de indefinivelmente impressionante no seu silêncio pesado, mesmo sob a sua empoeirada túnica, e Anás provàvelmente achou inquietante e difícil dominá-lo, ao olhá-lo, com fingido des-

(1) *Atos*, IV, 5.

dém e real curiosidade. Sua pergunta inicial foi singularmente defeituosa e cauta. Era evidente que, conhecendo a resposta, como conhecia, estava apenas procurando ganhar tempo.

— Com que poder, ou em nome de quem fizestes vós isto? — perguntou êle.

Pedro, “cheio do Espírito Santo”, respondeu sem hesitação:

— Príncipes do povo e anciãos, ouvi-me: já que hoje somos interrogados sôbre o benefício feito a um homem en-fêrmo, para saber de que modo êste homem foi curado, seja notório a todos vós, e a todo o povo de Israel, que é em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo Nazareno, que vós crucificastes, e a quem Deus ressuscitou dos mortos, é neste nome que êste está são diante de vós. Êle é a Pedra que foi rejeitada por vós que edificais, a qual foi posta por fundamental do ângulo; e não há salvação em nenhum outro. Porque sob o céu nenhum outro nome foi dado aos homens, pelo qual nós devamos ser salvos” (2).

Anás não esperava nada de tão direto e destemido. Evocava desagradáveis lembranças de um terremoto, de um véu do Templo rasgado, de um túmulo vazio, acima de tudo, talvez algo de estranhamente invulnerável em tórno daquele Homem quando olhava do alto da cruz para aquêles que zombavam d’êle, entre os quais se contava Anás. Havia um pouco daquele destemor neste pescador. E ao lado d’êle estava o mendigo, um homem de quarenta anos, que fôra visto durante anos sentado em seus andrajos junto à Porta Especiosa — ali estava êle, plenamente curado. O hábil e velho Sumo Sacerdote não conseguia pensar em nada para dizer. Para ganhar tempo havia removido os acusados e o mendigo da sala do Conselho, enquanto o Sanedrim continuava a sua sessão executiva.

Anás chegou ao ponto que queria imediatamente. Não se deu ao trabalho de ocultar de seus cúmplices a profundeza aterradora de sua hipocrisia. Justamente como decidira sôbre a morte de Jesus, depois da ressurreição de Lázaro, também agora resolveu calar os apóstolos, não porque se tivessem revelado como impostores, mas porque tinham apresentado prova irretorquível do contrário.

— Que faremos dêstes homens? — perguntou êle ou um de seus porta-vozes. — Porquanto foi feito por êles um grande

(2) *Atos*, IV, 8-12.

milagre, notório a todos os habitantes de Jerusalém; é manifesto e não o podemos negar. Mas para que não se divulgue mais entre o povo, proibamos-lhes com graves ameaças que para o futuro não falem mais a homem algum neste nome.

Muito mais coisa pode ter sido dita. Mas Anás já havia impressionado a maior parte dos anciãos com o temor de perderem seu próprio poder e riqueza, se os ensinamentos de Jesus tivessem franca divulgação entre o povo judeu. Tendo-se tornado cúmplices dêle no crime da semana de Páscoa, dificilmente poderiam libertar-se de sua perversa renovação. Prontamente concordaram e os três culpados foram trazidos de volta à sala do conselho. O Sumo Sacerdote então intimou-os a “que absolutamente não falassem mais, nem ensinassem em nome de Jesus.”

— Se é justo diante de Deus obedecer antes a vós que a Deus, julgai-o vós mesmos! — replicaram Pedro e João. — Porque não podemos deixar de falar das coisas que temos visto e ouvido.

Era difícil responder a isto. Parece que Anás não fêz outra coisa senão repetir a ordem dada, reforçada por uma ameaça um tanto vaga. Depois deixou irem livres os dois, “não encontrando pretexto para os castigar por medo do povo, porque todos celebravam o milagre que tinha acontecido.”

Pedro e João, sem se importarem com os olhares cheios de cólera que os seguiram, apressaram-se em sair da sala e do Templo para o outro lado da cidade, a fim de relatar o acontecido a seus amigos. Foram recebidos com incontido júbilo. Todos juntos — os apóstolos, as santas mulheres da Galiléia, a Mãe do Senhor — deram fervorosas graças a Deus pela libertação dêles, enquanto um, ao que parece o próprio Pedro, propôs uma oração sugerida por algumas citações da Escritura que lhe vieram à mente:

— Senhor, és Tu que fizeste o céu e a terra, o mar e tudo o que há nêles (3); és Tu Que mediante o Espírito Santo, pela bôca do nosso pai Davi, teu servo, disseste: “Por que se agitaram as gentes, e os povos fizeram vãos projetos? Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se juntaram em conselho contra o Senhor, e contra o seu Cristo” (4). Porque verdadeiramente se coligaram nesta cidade contra o Teu Santo Filho Jesus, ao Qual ungeste, Herodes e Pôncio Pilatos com os gentios e com os povos de Israel, para executa-

(3) *Atos, IV, 13-31, referindo-se ao Êxodo XX, 11.*

(4) *Salmo, II (III), 1-2.*

rem o que o Teu poder e o Teu conselho determinaram que se fizesse. E agora, Senhor, olha para as suas ameaças, e concede aos Teus servos que com tôda a confiança anunciem a Tua palavra, estendendo a Tua mão para que se façam curas, milagres e prodígios por meio do nome do Teu Santo Filho Jesus (5).

O primeiro resultado de sua prisão foi tornar Pedro mais ousado do que nunca na pregação do Evangelho no Templo e em qualquer outra parte, onde pudesse encontrar ouvintes. O outro foi aumentar sua autoridade entre os irmãos. Não que esta houvesse sido alguma vez contestada. Nem mesmo a vergonhosa aberração da tríplice negativa havia destruído o respeito dêles pelo seu caráter leal e fundamentalmente honesto, e especialmente pela divina comissão que recebera. Nos *Atos* foi sempre êle quem tomou a iniciativa. Mesmo antes de Pentecostes havia anunciado aos outros o suicídio de Judas e propusera o sorteio que resultou na escolha de Matias. Foi o porta-voz lógico de todos depois da descida do Espírito Santo. Não foi preciso o êxito sensacional de seus dois primeiros sermões para fazer que seus irmãos vissem nele o Vigário de Cristo.

A cura do mendigo coxo e seu frio desafio a Anás e aos fariseus elevaram-no a um prestígio que se estendeu bem além das fileiras de seus próprios companheiros. Era o homem mais popular de Jerusalém, provavelmente o mais procurado judeu do mundo. Era quase como naqueles primeiros dias em Cafarnaum, quando o Senhor havia operado tantos milagres em sua casa. Aonde quer que fôsse, via-se cercado de doentes, de coxos, de surdos, de cegos, de possessos, de gente que carregava crianças paralíticas em seus braços, de multidões ávidas de vê-lo e de ouvi-lo falar. "Traziam os doentes para as ruas... a fim de que, ao passar Pedro, cobrisse ao menos a sua sombra algum dêles" (6). Não somente Pedro, mas todos os seus irmãos operavam maravilhas, quando se reuniam para rezar e pregar no Pórtico de Salomão. Os convertidos contavam-se agora por "multidões", de acôrdo com os *Atos* e "concorria também muita gente das cidades vizinhas a Jerusalém, trazendo enfermos, e vexados dos espíritos imundos, os quais eram curados todos."

O clímax daqueles dias áureos do primitivo apostolado de Pedro e o nível da maré-alta de seu prestígio e autoridade, foi o curioso incidente de Ananias e sua mulher Safira. Como

(6) *Atos*, V, 15.

(5) *Atos*, IV, 13, 31.

todos os outros convertidos, êsses prósperos novos membros do Corpo Místico de Cristo aceitaram o princípio da partilha dos bens terrenos. Não tinham obrigação de vender tudo ou mesmo parte de suas propriedades; embora, na verdade, deva ter havido alguma pressão da opinião pública para êste fim, uma vez que, como dizem os *Atos*, “nenhum dizia ser sua coisa, alguma daquelas que possuía” e “não havia nenhum necessitado entre êles, porque todos os que possuíam campos ou casas, vendendo-os, traziam o preço do que vendiam e depunham-no aos pés dos apóstolos”. Um desses que assim fêz era um alto, distinto e barbudo jovem, um levita chamado José, filho dum abastado judeu de Chipre, que vendeu algumas das terras que possuía em Jerusalém e entregou o produto da venda a Pedro, tomando, ao ser batizado, o nome de Barnabé, ou Filho da Consolação. Passou depois a viver daquilo que os apóstolos achavam necessário dar-lhe para sua manutenção diária. E êste era o espírito de tôda a Igreja. Ananias e sua mulher, porém, eram a espécie de cristãos que gostam de comer seu bôlo e tê-lo em quantidade, que desejam a glória sem a cruz, a reputação de santidade sem o auto-sacrifício. Foram tão adiante a ponto de vender algumas de suas terras. Mas desde que “vivemos num mundo prático”, desde que “devemos ser realistas”, e assim por diante, ocultaram êles boa parte do produto da venda e o marido foi piedosamente depor aos pés de Pedro apenas o bastante para ganhar, como êle supunha, uma posição honrosa na zelosa e venerada comunidade.

Não está estabelecido como ficou o Guarda das Chaves sabedor da fraude. Não há engano, porém, a respeito do tom de majestática segurança que lhe sobreveio com os dons de Pentecostes:

— Ananias, por que tentou Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço do campo? Não é verdade que, conservando-o, era teu, e mesmo depois de vendido não estava em teu poder? Por que motivo puseste em teu coração tal coisa? Não mentiste aos homens, mas a Deus.

Ao ouvir estas palavras Ananias caiu morto. “Levantando-se alguns jovens, retiraram-no dali, e, levando-o para fora, o sepultaram”.

Safira estivera talvez a fazer compras, enquanto isso, e não soube do que aconteceu a seu marido. Quando, três horas mais tarde, chegou à presença de Pedro, êste disse:

— Dize-me, mulher, se vós vendestes por tanto o campo?

— Sim, por tanto.

— Por que vos combinastes, — disse Pedro, — para tentar o Espírito do Senhor? Eis que estão à porta os pés daqueles que sepultaram teu marido e te levarão a ti.

Ela caiu a seus pés sem dizer palavra. “E aquêles jovens, entrando, encontraram-na morta e a levaram e sepultaram junto do seu marido. E difundiu-se um grande temor por tôda a Igreja, e entre todos os que ouviram estas coisas” (7). Muitos devem ter-se lembrado da severidade com que Jesus os havia advertido a respeito dos pecados contra o Espírito Santo. Havia muito naquela primitiva Igreja Cristã Judaica daquela santa austeridade que tinha muitas vêzes tornado Moisés tão terrível aos inimigos do Altíssimo.

Não há prova de que todo êste poder e popularidade houvessem virado a cabeça de Simão Pedro. Se alguma vez foi êle tentado a voltar à sua antiga e descuidada vanglória e temerário orgulho, por certo lhe surgiriam pela frente os olhos censuradores do Cristo, o látego ensangüentado, a negra cruz e êle próprio escapulindo-se do palácio de Caifás, com o salobro gôsto de uma mentira na bôca. Mas é duvidoso que seus dias de prosperidade tenham durado o bastante para expô-lo sèriamente a tal tentação da carne. Anás e seus filhos, a despeito das aparências, ainda não estavam derrotados. Mantinham-se bem informados e alerta, pois era evidente que, se as coisas continuassem pelo mesmo caminho por mais tempo, todo o poder dêles chegaria ao fim. Assim pelo menos o receavam e um dia decidiram tomar a iniciativa, mesmo correndo o risco de provocar a repulsa do povo. Detiveram os doze no Pórtico de Salomão e os lançaram numa masmorra por baixo da Tesouraria. No dia seguinte, tendo convocado uma reunião do Sanedrim, mandaram buscá-los por alguns guardas do Templo para submetê-los a julgamento.

Um pouco mais tarde regressaram os soldados, envergonhados e confusos, sem prisioneiro algum.

— Encontramos realmente o cárcere fechado cuidadosamente, — disseram êles — e os guardas de pé diante das portas, mas abrindo-as, não encontramos ninguém dentro!

Anás e o prefeito do Templo estavam coléricos e incrédulos, mas o fato era aquêle, e, enquanto buscavam ainda uma explicação para êle, um de seus agentes entrou e disse:

(7) *Atos*, IV, 32, V, 11.

— Eis que aquêles homens que metestes no cárcere, estão no Templo e ensinam o povo!

Descobriram que isto era verdade. Um anjo havia libertado os Doze nas derradeiras horas da noite e lhes dissera que voltassem a pregar no Templo. E assim haviam feito, desde que rompera o dia (8).

O prefeito do Templo e seus oficiais de novo detiveram Pedro e seus companheiros no Pórtico de Salomão e os conduziram ao Salão da Pedra Talhada. Mas tiveram o cuidado de fazê-lo o mais cortêsmente possível, sem violência, pois temiam ser apedrejados mortalmente pela multidão, que se mostrava imensa e hostil. Assim aconteceu que Pedro se viu à frente, pela segunda vez, com o frio, cruel e implacável inimigo de seu Mestre.

— Expressamente vos ordenamos, — disse Anás, — que não ensinásseis nesse nome e eis que tendes enchido Jerusalém da vossa doutrina e quereis tornar-nos responsáveis pelo sangue dêsse homem!

Diante desta chocante observação, replicou o Apóstolo com uma obstinada repetição do que havia dito anteriormente:

— Deve-se obedecer antes a Deus que aos homens. O Deus de nossos pais ressuscitou Jesus, a quem vós matastes, suspendendo-o num madeiro. A Êste elevou Deus com a Sua destra como Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e a remissão dos pecados. E nós somos testemunhas destas coisas, e também o Espírito Santo, que Deus tem dado a todos os que Lhe obedecem.

Anás encheu-se de fúria. Sentiu então que deveria livrar-se daquele homem, mesmo ao risco de ofender aos judeus. Uma vez fora do caminho, êles o esqueceriam. Encarou o Sanedrim, como Caifás havia feito em ocasião anterior, e pediu a morte de todos os Doze.

Aconteceu que naquele dia havia um homem no Conselho que ainda podia chamar sua a própria alma. Era um fariseu e doutor da Lei e um dos poucos que ainda mereciam respeito geral. Gamaliel, sobrinho do grande Hillel e chefe duma famosa escola de Jerusalém. Sugeriu que se evacuasse o salão, a fim de poderem debater a proposta feita pelo Sumo Sacerdote. Tão logo se acharam em reunião deliberativa, dirigiu-lhes a palavra durante algum tempo, lembrando, como homem de cultura e homem público que era,

(8) Atos, V, 19.

vários e notáveis exemplos históricos de movimentos pseudomessiânicos que haviam redundado em nada.

— Se esta idéia ou esta obra, — argumentou êle, — vem dos homens, ela mesma se desfaz, mas se vem de Deus, não a podereis desfazer. Assim não correis o risco de fazer oposição ao próprio Deus!

Era Gamaliel tão geralmente estimado e o seu articulado se achava tão evidentemente em acôrdo com a melhor tradição de Israel que Anás, velho e experimentado político que era, achou de bom aviso retirar seu pedido por então. Tornou a chamar os Doze, proibiu-lhes mais uma vez que falassem em nome de Jesus e depois ordenou aos guardas do Templo que ~~dessem uma boa sova em~~ todos e os mandassem embora.

Uma flagelação naqueles tempos não era uma punição insignificante. De mãos romanas significavam usualmente cinqüenta chicotadas com tiras de couro tendo nas pontas nós de ossos, que muitas vêzes lanhavam sangrentamente e cortavam a carne. Fôra isso que Nosso Senhor sofrera às ordens de Pilatos. A lei judaica era mais misericordiosa, mas não sentimental. Moisés decretara que o número de golpes não excedesse de quarenta, “para que teu irmão se não retire feiamente lacerado de diante de teus olhos” (9). O prisioneiro, nu até a cintura, recebia comumente trinta e nove chicotadas, contadas cuidadosamente por um dos juizes: treze nos peitos e outras tantas em cada ombro. O látigo era feito de duas tiras de couro, uma de pele de bezerro, dividida em quatro, a outra de pele de asno, em duas tiras. Tal foi a punição infligida a Pedro e a seus onze companheiros, um depois do outro.

Estranho é que começasse êle a sentir, sob a dor queimante e sob a humilhação, uma alegria ardente, o mesmo acontecendo aos demais. Relembrando as palavras de Jesus, “O servo não é maior do que seu Mestre”, e o som terrível dos golpes que se haviam abatido sôbre Seu vulto silencioso, regozijavam-se à idéia de que afinal lhes estava sendo permitido partilhar um pouco dos sofrimentos de Jesus. Isto lhes acarretou uma coragem tão invencível que, quando finalmente foram postos fora das prisões da Teçouraria, viram os espectadores, com espanto, que estavam êles ~~irindo e trocando~~ ~~gracejos~~, enquanto caminhavam cambaleantes pela rua, “contentes por terem sido achados dignos de sofrer afrontas pelo

(9) Deut. XXV, 3.

nome de Jesus. E todos os dias não cessavam de ensinar e de anunciar Jesus Cristo no Templo e pelas casas.”

Tinha Pedro bons motivos para sentir-se exaltado. Tivera provas de que as portas do inferno não prevaleceriam contra a Igreja, para cuja direção fôra escolhido. Anás tinha desejado matá-lo e não ousara fazê-lo. Mais do que nunca êle e seus companheiros “continuavam a anunciar a Palavra de Deus com firmeza” e viam aumentar cada dia o número de fiéis.

Na verdade, tão rápida expansão, apresenta problemas um tanto embaraçosos. Alguns dos judeus gregos, por exemplo, queixavam-se de que as viúvas entre êles não recebiam os mesmos auxílios que as da Judéia. A dificuldade veio a ser facilmente resolvida, porém, pela escolha de sete assistentes ou diáconos, a quem foi comunicado o Espírito Santo pela imposição das mãos. Isto deu liberdade aos Apóstolos para dedicar todo o seu tempo, como antes, à oração e à pregação, e com tal êxito que até mesmo rabinos e sacerdotes começaram em grande número a entrar para a igreja (10).

(10) *Atos*, VI, 7.

O MAIS promissor dos novos diáconos era o jovem Estêvão. Nada se sabe de sua vida anterior, exceto que foi escolhido pela sua fé, sabedoria e “comprovado caráter”. De sua maestria no grego, afirmou-se que era um judeu helenista, nascido na Grécia de pais hebreus, mas não há certeza disto. Nem existe qualquer prova de que haja obtido sua eloquência fora do comum e seu conhecimento das Escrituras na escola de Gamaliel. Havia outros varões sábios e bons em Jerusalém dos quais poderia ter recebido, como recebeu, o melhor do que os fariseus tinham a oferecer: um extenso conhecimento da Lei, um intenso zêlo por ela e a determinação de jamais compactuar com o que parecesse ser êrro.

Como veio a libertar-se de suas concepções errôneas e exageros, não sabemos. Talvez como estudante jovem tivesse ouvido o derradeiro sermão de Jesus no Templo, visto arrastarem-no pelas ruas, permanecido ao pé da cruz, assistido à Sua morte — e então compreendeu, melhor que o haviam feito os seus mestres, tudo quanto lera a respeito dos sofrimentos do Messias. Seja como fôr, sua conversão fêz dêle um cristão dinâmico, tendo um fim em vista e certo de que nada era tão importante como levar a cabo os mandamentos de Jesus, para a perfeição de Israel. Começou a exprimir seus pontos de vista nas sinagogas e, naturalmente, conhecendo muito bem o grego, se encaminhou de modo especial para as assembléias de judeus helenistas, que, tendo voltado da “diáspora”, preferiam, como os de outros lugares, prestar o culto à sua vontade. Havia umas 480 dessas sinagogas estrangeiras em Jerusalém. Estêvão freqüentava com mais assiduidade as dos judeus de Alexandria, Cirene, Ásia Menor e Cilícia. Sempre que tinha uma oportunidade, levantava-se e dizia aos presentes, com ardentes palavras, o que sabia a respeito do Cristo, que havia vindo e fôra morto. E entre aquêles peregrinos judeus, que sempre tinham sido mais dóceis aos ensinamentos messiânicos do que seus irmãos da Cidade Santa, ia êle fazendo muitas conversões.

Havia ocasiões, porém, em que o zêlo do jovem pregador deve ter causado um pouco de intranqüilidade aos principais

apóstolos. Ocorriam muitas vèzes desordens e lutas a sòcos nas sinagogas após seus sermões. Isto difìcilmente pareceria necessário a homens mais velhos, que vinham fazendo distintos progressos por meios mais pacíficos. Tiago Menor, primo do Senhor, era o mais conservador dos conservadores, notando-se entre êles todos pela perfeição com que continuava a observar os preceitos mosaicos, ao mesmo tempo que seguia, com o mesmo escrúpulo, os ensinamentos e práticas de Cristo. Tiago Maior e seu irmão João eram menos leais à Lei. Pedro, com tôda a sua rudeza de temperamento, sempre fôra cauto e tradicional no pensar, por vèzes até demasiadamente e, sem dúvida, aos cinqüenta anos, sentia o efeito moderador da autoridade e da responsabilidade. A última palavra fôra a sua, dando permissão a Estêvão para pregar. Era seu dever tomar cuidado para que o jovem não interrompesse, por zêlo excessivo ou extraviado, o trabalho que ia prosseguindo tão bem. Quase nem é preciso dizer que o mantinha de ôlho. Ele e João podem mesmo ter ido ouvi-lo, numa ou noutra sinagoga estrangeira.

Tinha Estêvão um dom especial de enraivecer os fariseus. Talvez isso proviesse do fato de ter sido educado por êles, conhecendo, portanto, todos os seus argumentos, sua fôrça e sua fraqueza. E com sua conversão, dera-lhe o Espírito Santo a graça de expor a errônea compreensão que tinham êles de Moisés, umas vèzes sincera, outras hipócrita, com lógica que êles não podiam refutar. Ofendeu particularmente a um jovem fariseu de Tarso, na Cilícia, conhecido pelo nome de Saulo, entre os judeus, pois pertencia à tribo de Benjamim, e pelo nome de Paulo, entre os pagãos, uma vez que seu pai era cidadão romano, provàvelmente de origem galiléia. Embora fôsse abastada sua família, haviam-lhe ensinado um ofício útil, como todo bom judeu, e se fôsse necessário, poderia ganhar sua vida fazendo tendas, ou tecendo o pêlo de cabra de que eram fabricadas. Seus interêsses, porém, eram de ordem intelectual e havia estudado, sem dúvida, com brilhante êxito, na escola de Gamaliel. É provável que tivesse voltado para a Cilícia antes da Crucifixão, e se achava agora de regresso a Jerusalém, talvez para fazer outros estudos, pela primeira vez depois daquele acontecimento, digamos um ano ou dois. Naturalmente aceitou de seus colegas fariseus a versão que êles andavam dando do Nazareno e de seus partidários e concebera contra ambos um ódio tão apaixonado que não queria prestar ouvido a uma palavra sequer em favor dêles. Se Estêvão foi seu amigo e companheiro

de estudos, é mais fácil ainda de compreender quão amargamente sentiu sua conversão, olhando-o desde então, como faziam os outros fariseus, como um renegado e um traidor. Mas não é precisa tal suposição para explicar o seu ódio. Detestava os nazarenos e Estêvão era um dos mais militantes. Eram ambos da mesma espécie aquêles dois jovens israelitas: de mentalidade forte, destemidos, extremamente sinceros. Quando se colocavam em lugares opostos a respeito da questão mais vital do mundo, só se podia esperar uma explosão.

Não há prova de que tanto Saulo como Pedro estivessem presentes no dia fatídico em que Estêvão falou na sinagoga conhecida como a dos Libertos, fundada pelos descendentes libertados dos judeus cativos de guerra que Pompeu havia levado para Roma. Alguns dos fariseus desafiaram-no e êle replicou tão vigorosamente que "não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito que falava nêle" (1). Pelo contexto parece provável que haja citado algumas das palavras de Cristo, predizendo a destruição do Templo de Jerusalém e afirmando que os fariseus tinham sido falsos aos ensinamentos de Moisés e de outros profetas. Como de costume, muitos dos ali congregados ficaram convencidos e mostraram intenção de batizar-se.

Isto provocou uma reação bastante semelhante à suscitada pelas mesmas afirmativas, quando lançadas contra os Filhos de Anás. Sem dúvida havia fiéis fantoches dos Sumos Sacerdotes ali à mão para arranjar o caso e relatar tudo no quartel general. Pagaram a alguns mentirosos profissionais para saírem gritando pela cidade: "Ouvimo-lo dizer palavras de blasfêmia contra Moisés e contra Deus", e fazer as mesmas acusações contra Anás e os principais membros do Conselho. Quando tudo estava pronto, alugaram uma multidão para armar emboscada ao jovem diácono e aparentar ameaçá-lo rudemente, antes de arrastá-lo ao Templo. Foi apressadamente convocada uma reunião do Sanedrim. Foi pôsto Estêvão em julgamento como blasfemador, o pior crime de que podia um homem ser acusado. Não faltaram testemunhas para declarar: "Êste homem não cessa de proferir palavras contra o lugar santo e contra a Lei. Porque o ouvimos dizer que êsse Jesus Nazareno há de destruir êste lugar e há de mudar as tradições que Moisés nos deixou" (2).

(1) *Atos*, VI, 10.

(2) *Ibid.*, VI, 11-14.

Scria estranho na verdade se Pedro e João, ao ouvir tudo isto, não tivessem seguido apressadamente para o Salão da Pedra Talhada, no Templo, a fim de defender seu jovem diácono, ou pelo menos acompanhar o processo. Podem ter ficado quase junto de Saulo de Tarso, vendo Anás conduzir a investigação e orientar o veredicto. Dificilmente pode ter escapado à sua atenção que a história se estava repetindo com uma fidelidade estranhamente simbólica. As falsas testemunhas estavam dizendo exatamente o que tinha sido dito contra o Senhor. Estêvão estava sendo julgado sob a mesma lei de Moisés que fôra invocada, embora não diretamente posta em vigor, contra Êle:

“Quando se encontrar junto de ti, dentro duma das tuas cidades... um homem ou uma mulher que cometam o mal diante do Senhor teu Deus e violem o seu pacto, indo servir a deuses estranhos e adorá-los... e te derem aviso disto, e tendo ouvido, te informares com cuidado, e souberes que é verdade e que esta abominação se cometeu em Israel, conduzirás às portas da cidade o homem ou a mulher, que fizeram uma coisa tão detestável, e serão apedrejados. Sôbre o depoimento de duas ou três testemunhas morrerá aquêle que tiver de ser pôsto à morte. Ninguém seja morto com um só testemunho contra si. A mão das testemunhas será a primeira a matá-lo e por último se levantará a mão de todo o povo, para que tires o mal do meio de ti” (3).

Foi esta lei que Anás conseguiu que Pilatos reforçasse, receoso de que êle próprio viesse a ser o alvo das pedras da multidão. Não tinha motivo para tal precaução no caso atual. Por isso, depois que foi lida a acusação e ouvidas as testemunhas, adiantou-se com viva confiança para onde se achava o jovem diácono e perguntou quase que triunfalmente:

— Estas coisas são assim?

Foi em resposta a esta pergunta que Estêvão, com o rosto esplendendo como o de um anjo, de modo que todos os que se achavam na sala o notaram, fêz o seu imortal sermão. A primeira parte dêle foi uma exposição tão lúcida da história da tradição judaica que todos os conselheiros ali reunidos, escribas e fariseus, embora indignados, se viram forçados a escutá-lo em silêncio. Foi tudo tão correto e ortodoxo que não tinham desculpa para interrompê-lo. Os santos nomes de Abraão, de Isaac, de Jacó e de José brotavam de seus

(3) Deut., XVII, 2-7.

lábios como uma música familiar e Moisés de novo viveu e profetizou nos seus ritmos eloqüentes. Foi somente para o fim que os rostos dêles empalideceram de cólera ao começarem a ver que Estêvão lhes enumerava os lapsos de fé pelos quais seus maiores tinham sido punidos justamente de vez em quando: a adoração do bezerro de ouro, o sacrifício de seus próprios filhos a Moloch. Agora era demasiado tarde para detê-lo. Ficaram a escutá-lo, mesmo quando, ao atingir o auge de seu discurso, gritou, numa voz que ecoava pelo majestoso salão:

— Homens de cerviz dura e incircuncisos de coração e ouvidos! Vós resistis sempre ao Espírito Santo! Assim como foram vossos pais, assim sois vós também. A qual dos profetas não perseguiram os vossos pais? Mataram até os que prediziam a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas — vós que recebestes a Lei por ministério dos anjos e não a guardastes.

Era isto substancialmente o que o Próprio Justo tinha dito dentro daquelas paredes. O resultado foi bastante igual. “Enraiveciam-se nos seus corações e rangiam os dentes contra êle”. Estêvão parecia não vê-los mais. Seu rosto esplendia de novo, seus olhos voltavam-se para o céu. Arrebatado em êxtase, teve o dom de contemplar a Jesus, que o aprovava e encorajava e “como êle estava cheio do Espírito Santo”, exclamou jubiloso:

— Eis que vejo os céus abertos, e o Filho do Homem, em pé à mão direita de Deus!

Seus inimigos aproveitaram disto como uma admissão de sua culpa perante a Lei, pois estava proclamando que Jesus era Deus. Seguiu-se uma cena de grande confusão. Os Conselheiros e os Príncipes dos Fariseus taparam os ouvidos e abafaram os ecos da voz juvenil com berros de horror e de raiva. Rasgaram-se vestes, que foram lançadas ao ar. Punhos fechados se ergueram. Depois, “todos juntos arremeteram contra êle com fúria” e empurraram-no para fora da Sala.

Lá fora fortes guardas do Templo agarraram-no e amarraram-no. As falsas testemunhas esmurravam-lhe a cabeça e muitos outros faziam o mesmo, quando conseguiram aproximar-se dêle. Arrastaram-no através dos pátios e saíram pela cidade entre os bazares e bufarinheiros, as caravanas de camelos e de asnos, os grupos de cidadãos e de peregrinos, na direção da porta de Damasco ao norte.

Pedro e João, na provável situação de testemunhas inermes desta cena, devem ter seguido a multidão vociferante, com

uma estranha sensação de reviverem, com a fidelidade de um sonho, uma parte do inarrraigável passado; pois agora iam seguindo a mesma estrada pela qual havia Jesus carregado Sua cruz. Pisavam as pedras sôbre as quais havia caído Seu sangue, atravessando a mesma porta e ao longo do mesmo caminho na direção do Calvário. Justamente antes de alcançarem o Monte, a multidão deixou a estrada principal e enveredou por um campo estéril, até um rochedo em forma de crânio, sombrio e repelente, perto da Gruta de Jeremias. A um lado dêle, como uma fauce aberta, havia um poço cercado de pedras empilhadas. Era o *Beth ha Segilah*, o antigo lugar do Apedrejamento. Ali, a mulher surpreendida em adultério teria morrido como muitos outros. O Próprio Jesus poderia ter ali perecido, se Anás não houvesse tido medo da multidão e se o Pai não houvesse preferido tê-Lo entronizado na morte de encontro ao céu entenebrecido.

Se Pedro seguiu até ali, deve ter visto que a execução estava a cargo de um jovem carrancudo que agora permanecia de pé, com os braços cruzados, sôbre um monte de rochas, enquanto as principais testemunhas e outros se despojavam de suas vestes externas — mantos, túnicas, filactérios — e os depunham a seus pés. Era o jovem fariseu de Tarso, na Cilícia. Talvez tivesse tido Pedro então o primeiro relance do homem que iria conhecer como Paulo. Tinha êste cêrca de trinta anos, era pálido, baixo, de aparência doentia, prematuramente calvo, os largos ombros sugerindo grande fôrça e resistência, os negros e brilhantes olhos a cintilar de cólera. “Assim Saulo era cúmplice na sua morte”, guardando as vestes e quando êle deu a ordem, lançaram Estêvão no poço e começaram a apanhar pedras. Se Saulo houvesse erguido o olhar para o monte, teria visto o lugar onde haviam estado as três cruzes não muitos meses antes. Mas via apenas Estêvão e Estêvão nada via senão o Cristo glorioso no céu azul. As pedras foram atiradas. Chocavam-se de encontro ao jovem corpo, à cabeça, ao rosto, até que a vítima caísse desmaiada. “Senhor Jesus, recebe o meu espírito!”, ouviram-no dizer. Depois, caindo de joelhos, gritou bem alto: “Senhor, não lhes imputes êste pecado”. E tendo dito isto, morreu (4). As pedras ainda tombaram sôbre o corpo agonizante.

A morte de Estêvão foi o sinal para a primeira perseguição geral contra a Igreja nascente. Começou naquele mesmo dia e aquêles que haviam sido chamados anjos pelo seu amor

(4) *Atos*, VII, 60.

fraternal, agora ouviam-se denunciados como apóstatas, idólatras e blasfemos. Eram ameaçados, escarnecidos, batidos, expulsos dos empregos, alijados de suas casas. Muitos fugiram para Lida e Jope, para Samaria e até mesmo para mais longe, como Antioquia, Damasco, Fenícia e Chipre.

Ninguém esperava agora na calçada a sombra de Pedro para que lhe restituísse a saúde. Contudo o chefe da Igreja revelou ser, sob esta primeira e severa provação, um bom pastor e não um mercenário. Talvez tenha desistido de pregar no Templo, ou mesmo de ir lá rezar. Talvez tenham os Doze continuado suas orações e a Partilha do Pão, em segredo, com a Mãe do Senhor e uns poucos discípulos fiéis. Nada consta a êste respeito. Tudo quanto está claro é que permaneceram nos seus postos e enfrentaram a indignação popular que os fariseus haviam conseguido acirrar contra êles.

Dos Irmãos no exílio recebia Pedro perturbadoras narrativas, indicando que a perseguição não se havia confinado a Jerusalém somente. Saulo de Tarso tirara vantagem da notoriedade adquirida por ocasião da morte de Estêvão, para colocar-se à frente do movimento e tornara-se o agente e principal inquisidor dos Sumos Sacerdotes e do Sanedrim. Como um leão que provou sangue, andava enraivecido pela cidade, de casa em casa, procurando cristãos e arrastando-os até as masmorras onde tentava forçá-los a apostatar e, em alguns casos, havia votado pela sua morte. ⁽⁵⁾ Depois disto percorreu as pequenas cidades da Judéia com um exército de espiões e de guardas do Templo às suas ordens. Denúncias anônimas, espionagem secreta, incursões à meia-noite, ameaças, açoites — ai do pobre cristão que se encontrasse no caminho daquele fanático zelador da Leil Afinal, para alívio de todos os fiéis na Cidade Santa, retirou-se êle para Damasco, “respirando ainda ameaças e morte” e plenamente resolvido a trazer os refugiados, para serem julgados em Jerusalém.

Se tudo isto era para Pedro uma perpétua tristeza e preocupação, havia um aspecto mais brilhante que logo lhe captou a atenção. A perseguição estava fazendo a Igreja crescer como nunca. Filipe, o diácono, por exemplo, estava pregando com notável êxito em Samaria, aonde fôra para atender aos fugitivos de Jerusalém. “E as multidões estavam unânime-mente atentas ao que Filipe dizia, ouvindo-o e vendo os mila-

(5) Assim afirmou mais tarde ao rei Agripa: *Atos*, XXVI, 10.

grés que fazia. Porque de muitos que tinham espíritos imundos, êstes saíam dando grandes gritos. E paralíticos e coxos foram curados. Pelo que houve grande alegria naquela cidade" (6).

Entre os que êle batizou havia uma figura curiosa conhecida como Simão Mago que, além de várias manigâncias insôlitamente hábeis, parecia ter organizado algo semelhante a uma pequena seita religiosa, cujos membros lhe atribuíam poderes sôbre-humanos. Não objetava Simão quando pessoas de alta e baixa classe começaram a dizer: "Êste homem é aquêle poder de Deus que se chama Grande." No diácono de Jerusalém, porém, logo reconheceu um superior e, confessando acreditar em tudo quanto êle dizia, tornou-se não sômente um convertido, mas "ligou-se a Filipe". Mostrava-se particularmente interessado por alguns milagres e curas que Filipe realizava e ficava a observá-lo atentamente, para descobrir como era feita cada arte. Quanto menos satisfeita ficava sua curiosidade, tanto mais lhe crescia o fervor.

Quando Pedro e João tiveram notícia do êxito de Filipe, decidiram visitar os convertidos da Samaria e administrarlhes o sacramento da Confirmação. Assim, seguiram pela velha e familiar estrada, ao longo da via principal romana entre as montanhas e, depois de dois ou três dias, alcançaram a avenida senhorial entre duas fileiras de colunas que entrava na cidade que tantas vêzes haviam visto à distância, trepada naquela eminência, mas que nunca haviam visitado. Provavelmente se alojaram em casa de alguns dos refugiados de Jerusalém e, depois de partilhar com êles o Pão, foram de casa em casa, examinando os convertidos e concedendo-lhes o Espírito Santo pela imposição das mãos. Por vêzes evocava isto os fenômenos que muitas vêzes acompanhavam a recepção do Sacramento: profecias, falar línguas estrangeiras, cura de doentes.

Simão Mago estava habitualmente presente e ficava profundamente impressionado. Não se sabe, se estava êle confirmado ou não. Mas tinha aspirações mais altas. Queria ser capaz de fazer o que Pedro fazia, com uma realização profissional de evidente valor comercial. Um dia, pôs-lhe diante dos olhos uma mão cheia ou uma bôlsa de moedas de prata e disse:

— Dai-me também a mim êste poder, a fim de que todo aquêle a quem eu impuser as mãos receba o Espírito Santo.

(6) *Atos*, VIII, 4-8.

A resposta de Pedro, embora verbal, pode ser chamada o primeiro decreto conhecido contra a simonia:

— O teu dinheiro pereça contigo, visto que julgaste que o dom de Deus se adquiria com dinheiro. Tu não tens parte, nem sorte neste ministério, porque o teu coração não é reto diante de Deus. Faze pois penitência desta tua maldade, e roga a Deus que, se é possível, te seja perdoado êste desvario do teu coração. Porque eu vejo-te cheio de amargosíssimo fel e entre os laços da iniquidade!

A réplica de Simão foi demasiado branda e pronta, para ser inteiramente convincente:

— Rogai por mim ao Senhor, — disse êle untuosamente, — para que não venha sôbre mim nada do que acabais de dizer.

A continuação sugere que talvez tivesse tido menos mêdo do Senhor do que daquilo que poderia fazer o Apóstolo com aquêles misteriosos poderes.

Pedro e João haviam porém, agora completado a sua missão, e estavam ansiosos por voltar a Jerusalém, para ver se alguns infortúnios mais haviam caído sôbre a Igreja de lá. Com grande alívio, acharam as condições notavelmente melhoradas. Com a partida de Saulo para a Síria, a perseguição perdera muito de sua virulência. Tinha corrido também o boato de que o novo imperador Tibério estivesse inclinado a olhar com certa benevolência os seguidores de Jesus Cristo. Tendo sabido de Pilatos, talvez, dos milagres que Jesus havia operado, mesmo quando morto, o sincretista imperial propôs arrolá-Lo entre os deuses romanos e pode ser que êste gesto de largueza de espírito tenha tido alguma influência restritiva sôbre os Filhos de Anás, que, nas questões terrenas pelo menos, conseguiam saber de que lado soprava o vento. Finalmente, havia notícias de seu companheiro, o apóstolo Filipe (não o diácono), que, a caminho de Jerusalém para Gaza, havia convertido e batizado um eunuco altamente importante (7), de fé hebraica, tesoureiro de Candace, rainha da Etiópia, plantando assim e regando a árvore da fé que iria florescer durante séculos na África do Norte, até que a geada do compromisso a matasse. Entrementes realizava Filipe muitas outras conversões, à medida que prosseguia sua vitoriosa viagem, pregando em várias cidades por todo o caminho até Cesaréia.

(7) Talvez não fôsse rigorosamente um eunuco físico. Tinham os eunucos sido empregados em tantas posições reais de confiança que o termo viera a significar nada mais do que alguém que ocupa tal lugar.

A mais sensacional revelação, sem dúvida, foi a conversão de Saulo. As notícias eram de fato tão inesperadas que Pedro e seus companheiros ficaram inclinados a duvidar dela. Foi a atitude, naturalmente, da maior parte dos irmãos de Jerusalém. "Todos o temiam, não crendo que êle fôsse discípulo" (8). Havia sempre a possibilidade de que Anás ou os fariseus estivessem a preparar-lhes nova armadilha.

A história tornou-se mais espantosa quando outros pormenores começaram a chegar. O perseguidor tinha sido ferido de cegueira, quando se aproximava de Damasco e afirmava ter ouvido o Próprio Senhor falar-lhe. Um cristão chamado Ananias, havia-o batizado, tendo recebido numa visão ordem para isso, e Saulo recuperara a vista. Quase imediatamente depois, para espanto de judeus como de cristãos, começara êle a pregar a doutrina do Cristo nas sinagogas. Isto era além da conta. E agora dizia-se que estava a caminho de Jerusalém.

O único que acreditou imediatamente na conversão de Saulo foi o alto levita de Chipre, José, que agora se chamava Barnabé. Talvez tivesse sido também estudante na escola de Gamaliel e conhecido Paulo pessoalmente. Uma coisa poderia êle agora garantir: a absoluta sinceridade do homem. Perseguiu a Igreja porque acreditara que ela fôsse um mal. Se o seu verdadeiro caráter lhe foi revelado, indubitavelmente a defenderia até a morte. Talvez Barnabé, também, tivesse presenciado a morte de Estêvão e notado que, quando êle disse, "Senhor, não lhes imputes êste pecado", houvesse olhado para Saulo, como se estivesse rezando especialmente por êle.

Pedro nada disse. Lembrava-se de como os olhos do Senhor haviam encontrado os seus naquela noite. Esperaria e veria.

(8) Atos, IX, 26.

XXVII

PARECE que Pedro deixou Jerusalém, antes da chegada de Saulo. Tinha decidido fazer outra visita episcopal, desta vez aos exilados perto da costa do Mediterrâneo, especialmente em Lida e Jope. Foram precisos três ou quatro dias para cobrir a distância de cinqüenta milhas, acompanhando a estrada ocidental de Jerusalém, ora por entre gargantas rochosas, ora ao longo das orlas de rochedos a três mil pés acima do mar. Do lado contrário, viam-se soturnas e escalvadas montanhas, calcinadas de sol. Mas depois de haver passado Emaús, começou êle a ver uma ou outra vez bosques de oliveiras, nos altos terraços rochosos, e pastos ladeiros nos quais carneiros e cabras mordiscavam a relva escassa. Finalmente descendo para a planície costeira, atravessou a rica cidade comercial de Ramleh (Arimatéia) e chegou, talvez ao fim do terceiro dia, a Lida.

Nesta grande cidade, prêsa de tantas guerras, não teve dificuldade em encontrar alojamento e uma cordial acolhida da parte de alguns fugitivos de Jerusalém. Houve grande alegria entre êles, quando Pedro pôs suas mãos sôbre um tal Enéas, que vivia paralítico numa cama havia oito anos, e instantaneamente restituiu-lhe a saúde. As notícias se espalharam até Saroná e outras cidades vizinhas e finalmente até Jope. Todos queriam vê-lo e ouvi-lo. Nunca recusou um apêlo, se podia atendê-lo. Não havia horas bastantes por dia para seu trabalho, mas sua robusta compleição parecia inesgotável.

Um dia recebeu uma visita de alguns dos fiéis de Jope, que lhe pediram pelo amor de Deus que seguisse com êles imediatamente e impusesse as mãos sôbre uma de suas vizinhas, chamada Tabita ou Dorcas, que havia morrido. Era indispensável à comunidade, tendo passado tôda a sua vida em orações e obras de beneficência. Tinham ouvido falar nos dons curativos de Pedro e não abrigavam dúvida de que seriam adequados àquela circunstância.

Aqui havia fé em excesso. Pedro deve ter achado aquilo um tanto amedrontador. Contudo não havia qualquer poder seu, mas o do Senhor que efetuava curas. Por isso,

depois de consultá-Lo fervorosamente em oração, concordou em fazer a tentativa e partiu com os homens de Jope. Era pouco mais de um dia de viagem até aquêlê pôrto de mar na principal estrada romana, por onde rodavam incessantemente carroças a tôda a velocidade, e caravanas de camelos e asnos carregavam frutas e cereais do sul para transporte em navios. Ao se aproximarem os viajantes do Mediterrâneo, o ar se tornou mais fresco e mais frio, misturando seu travo salino com a fragrância de bosques de amendoeiras, laranjeiras, figueiras e oliveiras de ambos os lados da estrada. Assim chegou o Vigário de Cristo à cidade, que é agora o território árabe de Jafa, cercado pelo estado judeu cuja capital é Tel Aviv.

Seus guias levaram-no imediatamente à casa de Dorcas num dos subúrbios, numa ruazinha orlada de oliveiras e amoreiras. Entrou, subiu a escada, encontrou o corpo da mulher no lugar onde fôra lavado e deitado pelos discípulos. “E cercaram-no tôdas as viúvas chorando e mostrando-lhe as túnicas e os vestidos que Dorcas lhes fazia.”

“Então Pedro, tendo feito sair a todos para fora, pondo-se de joelhos, orou, e depois voltado para o corpo, disse: “Tabita, levanta-te!” E ela abriu os olhos e vendo Pedro, sentou-se. E êle a fêz levantar, dando-lhe a mão. E tendo chamado os santos e as viúvas, lha entregou viva. E êste fato foi sabido por tôda Jope e muitos creram no Senhor” (1).

Quase não é preciso dizer que êste milagre deu a Pedro maior celebridade, se possível, do que a cura do coxo em Jerusalém. Mas aprendera demasiado bem sua lição para tomar para si qualquer louvor que pertencia Àquele em Cujó Nome havia agido. Havia muita coisa a fazer em Jope. Pedro permaneceu ali algum tempo, pregando, dirigindo, batizando, confirmando, visitando e curando os enfermos. Vivia na parte mais velha e mais populosa da cidade, perto do cais, numa casinha dum só pavimento, pertencente a um tal Simão, curtidor. Os peregrinos ainda podem ver o poço e a bacia de pedra de seu ofício ali junto e a escada exterior que levava para um terraço onde havia um pequeno farol.

Pedro passou muitas horas tranqüilas naquela pequena eminência. Descortinava-se dali uma bela vista, tanto da cidade como da baía, ambas um tanto fora do comum. Jope era um típico pôrto oriental de certo modo, barulhento e pitoresco, sujo e belo alternativamente. Construído num alto

(1) *Atos*, IX, 32-42.

rochedo que avançava mar a dentro, erguia-se acima dos bazares vizinhos, com seus odores de camelos, asnos, cabras, e sua barulheira de comerciantes, mendigos, viajantes e lojistas, dentro duma crista de jardins e pomares, brilhantes e aromáticos, contra o azul firmamento mediterrâneo. Pode-se imaginar, porém, que os olhos do fatigado apóstolo mais de uma vez buscavam o vácuo do Grande Mar. Fôra para aquele pôrto que os cedros do Líbano haviam sido rebocados, a caminho do Templo de Jerusalém. Fôra a um daqueles rochedos, que se levantavam além dos perigosos recifes, que haviam acorrentado Andrômeda, segundo se dizia. Daquele cais partira o profeta Jonas para Társis, na Espanha. Velho e bem apropriado, mesmo no tempo de Pedro, tinha o lugar um encanto e um mistério próprios. Contudo, nada tão maravilhoso como o poder que se abrigava no silencioso e velho, um tanto cansado que se sentava ao sol, no terraço.

Não era, porém, como passatempo ou recreio, que êle subia os gastos degraus a cada três horas mais ou menos. Vira bastante dêste mundo e desde Pentecostes aprendera a valorizá-lo. Tinha sido sempre um homem rezador. Agora havia alcançado provàvelmente um estado adiantado de ascetismo e contemplação. Uma tradição primitiva diz que êle comia apenas o bastante dos alimentos mais baratos e inferiores — um punhado ou dois de feijões secos ou favas — para poder manter juntos corpo e alma. Quando não se achava ativamente ocupado em cumprir os deveres de seu ofício, conversava com Deus, tanto na oração oral como naquela mais alta forma sem palavras, que muitas vêzes leva os místicos a visões e êxtases que prefiguram as delícias de Sua presença no céu. Era Pedro demasiado reticente e demasiado humilde para deixar qualquer relato das desolações e das consolações espirituais de que deve ter partilhado. Mas evidencia-se dos ATOS que atingira a alto grau de santidade e que naquele modesto terraço provàvelmente gozava de experiências que, tivesse tido o trabalho de anotar, ocupariam importante lugar na história da teologia mística.

Uma delas, porém, encontrou um cronista. Certo dia, pelas doze horas, subira para o terraço, a rezar. Estava provàvelmente arrebatado em contemplação por muito tempo, pois sentiu fome e pediu aos que estavam lá embaixo que lhe levassem alguma comida. Enquanto a preparavam, “caiu em êxtase; e viu o céu aberto e descer uma espécie de vaso que, como um grande lençol, suspenso pelos quatro cantos,

era mandado do céu à terra, no qual havia de todos os quadrúpedes e reptis da terra e aves do céu. E ouviu esta voz: "Levanta-te, Pedro, mata e come." Mas Pedro disse: "Não, Senhor, porque nunca comi nada de comum e impuro." E a voz tornou-lhe segunda vez a dizer: "Não chames impuro ao que Deus purificou." E isto repetiu-se três vêzes e logo o vaso foi retirado para o céu". (2)

Estava ainda imaginando o que tudo aquilo poderia significar, quando ouviu uma batida lá embaixo e som de vozes. Alguém perguntava se Simão, por sobrenome Pedro, estava ali alojado. E dentro dêle dizia a voz do Espírito Santo:

— Eis três homens que te procuram. Levanta-te, pois, desce, e vai com êles sem duvidar, porque sou Eu Que os envie.

Pedro obedeceu e ficou consideravelmente surpreendido ao encontrar um soldado romano fardado, com dois outros homens que pareciam servos.

— Aqui me tendes — disse êle, — sou eu quem buscais. Qual é a causa por que vieste aqui?

Respondeu o legionário:

— O centurião Cornélio, homem justo e temente a Deus, e tido em consideração por tôda a nação dos judeus, recebeu ordem de um anjo santo para te mandar chamar a sua casa e ouvir as tuas palavras.

Pedro convidou-os a ficar, hospedou-os e pediu mais informações. Cornélio era centurião na Coorte Italiana — provavelmente a *Cohors II Italica civium Romanorum* — que estacionara na Síria e fazia agora parte da guarnição imperial em Cesaréia Marítima, residência oficial de Pilatos, a umas trinta milhas ao norte de Jope. Fazia-se notar pela sua piedade, sua caridade para com os pobres e sua bondade para com os judeus em geral. De fato, foi tão longe, a ponto de, evidentemente, observar parte pelo menos da Lei Mosaica, embora não pareça ter sido um prosélito circunciso. Enquanto orava na Hora de Noa (três horas) da tarde anterior, vira um homem de roupas alvíssimas, que lhe aparecera de repente não sabia donde, e lhe dissera:

— Cornélio, a tua oração foi atendida e as tuas esmolas foram lembradas na presença de Deus. Manda, pois, a Jope, chamar Simão, que tem por sobrenome Pedro. Êle está hospedado em casa de Simão curtidor, junto do mar.

(2) Atos, X, 9-16.

Pedro ficou admirado, mas sua própria visão não lhe havia deixado dúvida e bem cedo, na manhã seguinte partiu para o norte com os três mensageiros e seis dos irmãos de Jope. Chegaram a Cesaréia no dia seguinte — não a Cesaréia de Filipe, perto da qual havia êle feito sua confissão de fé, mas Cesaréia Marítima, uma das mais esplêndidas cidades pagãs, que se elevava dentre um fulgor de mármore branco à beira da praia do Grande Mar, como uma prova a mais da paixão de Herodes pela construção e de sua lisonja a Augusto. Dirigindo-se imediatamente à casa do centurião, encontraram-no à espera com muitos parentes e amigos a quem convidara para o momento.

Cornélio saiu ao encontro de seu hóspede e caiu de joelhos diante dêle, em profunda veneração. Pedro levantou-o, dizendo rudemente:

— Levanta-te, que eu também sou homem.

Foi isto um tanto embaraçoso, mas nada representou diante do que sentiu quando entrou com seu hospedador e achou-se cercado de gentios, a maior parte italianos, provavelmente. Nunca em sua vida tivera que ver alguma coisa com tal gente. Mas com a voz do Espírito Santo ainda a ecoar-lhe nos ouvidos, disse:

— Vós sabeis como é coisa abominável para um homem judeu, o unir-se a um estrangeiro, ou aproximar-se dêle. Mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chamasse profano ou impuro. Por isso vim sem hesitação, logo que fui chamado. Pergunto, pois, por que motivo me chamastes?

Cornélio explicou, acrescentando:

— Por isso mandei imediatamente chamar-te e tu fizeste bem em vir. Agora todos nós estamos na tua presença para ouvir tudo o que o Senhor te ordenou.

Pedro prosseguiu, em poucas e rudes palavras de cuja plena importância mal podia então dar-se conta, expondo a catolicidade da Igreja e a igualdade de tôdas as raças dentro de seu rebanho.

— Na verdade reconheço, — disse êle, — que Deus não faz acepção de pessoas, mas que em tôda a nação aquêle que o teme e pratica a justiça Lhe é agradável. Deus enviou a Sua palavra aos filhos de Israel, anunciando-lhes a paz por meio de Jesus Cristo, Que é o Senhor de todos. Vós sabeis o que aconteceu por tôda a Judéia, começando pela Galiléia, depois do batismo que João pregou: como Deus ungiu com o Espírito Santo e com a virtude a Jesus de Nazaré, o Qual andou de lugar em lugar fazendo bem e sarando todos

os oprimidos do demônio, porque Deus era com Êle. E nós fomos testemunhas de tudo o que Êle fez no país dos judeus e em Jerusalém, mas mataram-no, suspendendo-no num madeiro. Deus, porém, ressuscitou-o ao terceiro dia, e fez que se manifestasse, não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus tinha escolhido antes, a nós que comemos e bebemos com Êle, depois que ressuscitou dos mortos. E mandou-nos pregar ao povo e dar testemunho de que Êle é Aquêle que Deus constituiu Juiz dos vivos e dos mortos. Dêle dão testemunho todos os profetas de que todos os que crêem n'Ele recebem por meio do Seu nome a remissão dos pecados.

Entrementes, o Espírito Santo, no Seu desejo de almas, não esperou que êle acabasse e muito menos que batizasse qualquer daqueles que se achavam na sala, mas derramou-Se em tôda a Sua carismática generosidade, até que os seis judeus cristãos que tinham vindo de Jope ficaram admirados de ouvir os gentios "falando línguas estranhas e glorificando a Deus".

Pedro ficou satisfeitíssimo.

— Porventura pode alguém impedir a água, para que não sejam batizados êstes que receberam o Espírito Santo como nós?

Administrou-lhes o sacramento sem mais demora. Ainda por vários dias permaneceu na casa de Cornélio, ensinando e talvez confirmando gentios convertidos. Pela primeira vez na sua vida comeu comida impura, sem se importar com isso.

A notícia disto chegou a Jerusalém antes dêle e causou não pequeno escândalo. Quando finalmente lá chegou (como ou quando, não sabemos) foi criticado em rosto pelos irmãos encolerizados, fiéis cristãos circuncisos, um dos quais provavelmente foi Tiago Menor.

— Por que entraste em casa de homens não circuncisos e comeste com êles? (3)

Foi tudo quanto disseram. O simples enunciado do fato sugeria a enormidade da ofensa. A Igreja era ainda tão judia na sua comunidade e na sua consciência que a mera acusação de tal coisa a agitava até as profundezas da indignação. Contudo a autoridade de Pedro, como Vigário de Cristo, foi suficiente para afastar o protesto dêles com umas poucas palavras francas e com êle todo o pêso morto da tradição

(3) *Atos*, XI, 3.

farisaica. Contou-lhes exatamente o que tinha acontecido em Jope e Cesaréia e êles lhe deram ouvidos.

— Se Deus, pois, — concluiu êle, — lhes deu a mesma graça que a nós, que cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era eu, para que me pudesse opor a Deus?

Não havia resposta a isto, e todos concordaram em que tinha êle feito muito bem. E não sòmente isto, mas glorificaram ao Senhor, dizendo:

— Logo Deus concedeu também aos gentios a penitêncial Coisa estupenda e sem precedentes tinha acontecido em Israel.

Deve ter sido por êste tempo que Pedro afinal encontrou Paulo de Tarso, que acabara de chegar a Jerusalém, depois de longo retiro na Arábia. Infelizmente para nossa curiosidade histórica, os Evangelistas, absorvidos em considerações mais importantes, não deixaram palavra acêrca da primeira conversa entre aquêles dois grandes judeus. Superficialmente, pelo menos, pareciam tão diferentes como azeite e água. A única descrição de Paulo vem de sua própria e fluente pena. Falou de seu “mesquinho aspecto”, de sua fraca aparência corpórea, de sua pronúncia defeituosa, de seu sofrimento em virtude dum “espinho na carne, mensageiro de Satanás para derrotar-me”, (4) o que pode ter sido uma febre malária crônica, ou alguma outra doença. Contudo energias infatigáveis e resistência ilimitada armazenavam-se em seu corpo encolhido e enfezado e nos seus negros e intensos olhos ardia a flama que dera tão sublime vigor e beleza às escrituras de Israel e quase sôbre-humana coragem e sabedoria aos profetas. Tinha êle também algo da confiança em si mesmo e do equilíbrio de quem nasceu rico (mesmo embora seu pai pudesse tê-lo deserdado depois de sua conversão), e orgulhava-se não só de sua raça, mas de sua cidadania romana.

Alteando-se ao lado dêsse homenzinho forte, erguia-se Pedro, tão rude e tôsko como alguma das colinas de sua Galiléia natal. Tinha a facilidade deliberada e oportuna dos homens acostumados ao ar livre. Havia nêle sempre algo de mar e de sol e de vento oeste, algo também das tempestades ocultas que jazem à espera do outono nas águas sorridentes da Galiléia. É concebível que sua primeira impressão do homem que via diante de si fôsse de aversão, retribuída por Paulo. O fisicamente vigoroso instintiva-

(4) II Cor., *passim*.

mente trata com arrogância o fisicamente desprezível, tanto mais ainda se sente no outro alguma superioridade intelectual ou de outra espécie. O espírito menos lesto e menos instruído de Pedro estava destinado a ficar confundido e irritado pela fala nervosa e rápida de Paulo, pelo seu costume de gaguejar, pelas suas abstrações retóricas e mais do que tudo, talvez, por um hábito que havia adquirido êle dos fariseus de multiplicar as enumerações e refinadas distinções. Não era sempre fácil compreender o que tentava êle dizer. Além disso, tinha sido Pedro advertido de não confiar muito nêle. É bastante provável que tenha deixado o seu hóspede falar à vontade.

Paulo provavelmente lhe contou os pormenores de sua conversão e o que se seguiu. Seu primeiro impulso, depois de recuperar a vista e de ser batizado, fôra pregar nas sinagogas de Damasco. Mas tão súbita mudança estava fadada a ser mal compreendida, pois os cristãos judeus não podiam acreditar na sua sinceridade e os sequazes de Anás o encaravam como um desertor; alguns dêles, de fato, haviam jurado eliminá-lo da face da terra. Foi para escapar-lhes e pensar maduramente as suas idéias que seguiu para a Arábia. Ali havia vivido durante três anos, na orla do deserto, mantendo-se graças ao comércio que exercia, relendo as Santas Escrituras à luz de sua nova experiência, rezando e jejuando.

A medida que o escutava, ia Pedro gostando mais de seu visitante. Havia algo de espontâneo e honesto nas suas maneiras e nas suas falas. E os enfeites retóricos e a sutil dialética de modo algum destruíam a verdade do que tinha a dizer. O cerne de seu pensamento era, de fato, o mesmo de Pedro: Cristo em primeiro lugar, por último e sempre; Cristo ontem, hoje e amanhã; Cristo como a coroa, o sêlo, a realização e intérprete de todos os profetas; vida com Cristo e em Cristo, agora e para sempre. Se estava fingindo, fazia-o com a mais consumada habilidade.

Paulo deve ter dito muitas coisas também a respeito da universalidade da Igreja. Estava convencido de que o nacionalismo judeu, dos fariseus, com tôda a sua insistência sôbre as minuciosas observâncias cerimoniais, deveria ser pôsto de parte, de modo que tôda a humanidade, gentios, mulheres, escravos, qualquer pessoa, pudesse participar do Corpo Místico de Cristo e salvar-se. Poucas semanas antes poderia ter Pedro ficado escandalizado com tal conversa. Se a tivesse ouvido antes de sua viagem a Jope, não lhe restaria dúvida de que Paulo era um lôbo com pele de ovelha.

Agora, à luz de sua própria experiência e revelação, foi aquela coisa mesma que o convenceu da sinceridade do homem. Assim sôbre o rochedo de Cristo e à luz que o Espírito Santo comunicara a ambos, aquêles dois homens tão diferentes de origem, temperamento e educação, tornaram-se amigos íntimos. Passaram duas inteiras semanas juntos, durante as quais sem dúvida impôs Pedro suas mãos em Paulo, transmitindo-lhe os poderes de apóstolo e bispo.

Uma vez removidas suas dúvidas, o Guarda das Chaves mostrou desejo bastante de falar por sua vez e nós sabemos quão loquaz podia ser quando havia oportunidade. Estava pronto agora a responder a milhares de perguntas que brotavam do espírito agudo de um homenzinho que parecia ter uma fome insaciável de conhecimento. Dias e dias, quando se sentavam os dois no terraço, após a oração, olhando por cima dos altos das casas de Jerusalém, contava Pedro tudo quanto se lembrava de Jesus, de Sua vida, de Sua morte, de Seus ensinamentos. E é bastante provável que houvesse levado seu visitante a ver todos os principais cenários daquela história.

“Foi aqui onde ficou de pé quando chicoteou os cambistas... Foi aqui onde os chamou de hipócritas... Foi aqui onde salvou a vida da mulher pecadora... Foi aqui que Se sentou para a Ceia e eu estava aqui e João ali... Foi aqui onde eu adormeci e Êle estava justamente ali no alto, rezando... Êste é o palácio do Sumo Sacerdote, aquêle pátio embaixo o lugar onde eu O neguei e depois ouvi o galo cantar e vi-O olhando para mim... Aqui é o lugar em que o crucificaram... Eu estava ali embaixo, em meio da multidão... Êste é o lugar em que Êle se ergueu do chão e foi subindo, até que não mais O pudemos ver.” A imaginação e o senso comum sugerem algumas de tais conversas, durante aquêles quinze dias. Foi provavelmente também Pedro que disse a Paulo as palavras da instituição da Eucaristia que êle cita tão corretamente (5); e Pedro quem o apresentou à mãe do Senhor de quem seu discípulo Lucas iria ser o cronista.

Não estavam os outros apóstolos tão seguros a respeito da sinceridade do convertido. As coisas andavam correndo muito bem ultimamente. A perseguição havia cessado, as fileiras cresciam, o futuro parecia de novo promissor. E agora êste recém-vindo, de quem sabiam tão pouco, andava

(5) I Cor., XI, 23-25. Paulo fala de sua visita a Pedro em Gal. I, 18.

pelas sinagogas, açoitando fariseus e escribas com uma violência que recordava penosamente a breve e esplêndida aventura de Estêvão. Tiago Menor achava que Paulo estava dizendo coisas que era melhor não fossem ditas, ou fossem expressas com mais tato. Até mesmo Pedro tornou-se inquieto, a despeito do agrado que tomara pelo homem, e talvez se haja juntado aos filhos de Zebedeu ao pedir-lhe que se mostrasse mais moderado. Tinham experiência naquele trabalho e êle não. Podem mesmo ter-lhe sugerido que deixasse Jerusalém por algum tempo para aquêles que já haviam lançado suas bases ali.

Inferre-se de uma das últimas afirmações (6) de Paulo que se recusou a seguir êste conselho. Em vez disso, foi para o Templo e queixou-se ao Senhor, até cair em êxtase. Então ouviu-O dizer:

— Apressa-te e sai o mais breve possível de Jerusalém, porque não receberão o testemunho que darás de Mim.

— Senhor, — respondeu êle, — êles sabem que era eu o que metia na prisão e açoitava pelas sinagogas os que criam em Ti. E enquanto se derramava o sangue de Estêvão, Tua testemunha, eu estava presente e consentia e guardava os vestidos dos que o matavam.

— Vail — disse a voz, — porque Eu te enviarei às nações remotas. (7)

Assim Paulo deixou a cidade e voltou para Tarso. Se Pedro teve pesar com isso, não fêz menção. A maior parte dos discípulos, exceto Barnabé, sentiu-se aliviada.

(6) *Atos*, XXII, 17-21.

(7) *Ibid.*

XXVIII

PEDRO ficou perturbado pelas notícias chegadas de Antioquia. A Igreja de lá fôra fundada por alguns judeus de Chipre e de Cirene, fugidos de Jerusalém, depois da morte de Estêvão, e prosperava maravilhosamente. Havia deslumbrantes relatórios de conversões, curas e milagres. Últimamente, porém, essas harmonias vinham sendo entremeadas de numerosas discórdias. O litígio era aquêle que o próprio Pedro suscitara, batizando Cornélio. Com tal exemplo diante de si, os zelosos refugiados de Antioquia haviam aceitado não apenas companheiros judeus, mas muitos gregos, estabelecendo assim a primeira comunidade de crentes que podia ser chamada "gentia", e a primeira na história, a propósito, a aplicar-se a palavra "cristã".

Até aqui muito bem. Mas o problema de Antioquia era muito mais complexo do que o de Cesaréia. Os gentios não viam razão para que devessem ser circuncidados bem como batizados, ou sujeitos à carga dos incontáveis preceitos menores da tradição mosaica. Alguns dos crentes judeus concordavam com êles, outros discordavam violentamente e os conservadores passaram a ser conhecidos como "judaizantes". Além dêsses dois grupos havia os judeus incrédulos da sinagoga, que acolhiam bem a oportunidade de alargar a brecha nas fileiras cristãs. Dizia-se que certos fariseus haviam chegado ao ponto de fingir conversão, para poderem prosseguir com êsse objetivo lá dentro. Freqüentes e acerbas eram as disputas e já era tempo que fartasse para que alguém com autoridade interviesse.

Em conseqüência, Pedro enviou Barnabé a Antioquia como delegado apostólico. Era justamente o homem indicado para semelhante tarefa. Como nativo de Chipre, teria uma vantagem inicial numa comunidade tão largamente recrutada daquele lugar; além disso, era gentil e conciliador, e havia algo na sua majestática presença e na sua luxuriante barba negra que impunha respeito em tôda parte. De fato, numa ocasião, os pagãos de Listra tentaram adorá-lo, tomando-o enganosamente por Zeus e a Paulo por Hermes (1).

(1) *Atos*, XIV, 12.

Os relatórios que mandou de Antioquia pareciam justificar a confiança de Pedro, Tiago Maior e João. Havia apaziguado as diferenças e estava aumentando o número dos fiéis, tanto judeus como gentios. Uma semana, houve certa comoção quando Agabo, visitante de Jerusalém, possuindo o dom da profecia, foi impellido a anunciar, no Ágape, antes da Partilha do Pão, que haveria em breve uma grande fome por todo o mundo. A despeito desta nota entristecedora, a comunidade síria continuou a florescer.

A atenção de Pedro deve ter sido distraída da situação de Antioquia, não muito depois disto, para outra mais perturbadora em Jerusalém, e que o ameaçava pessoalmente de maneira não delicada, pois nova perseguição havia começado ali, no ano 44, sob a instigação direta do Rei Herodes Agripa II, com alguma colaboração, sem dúvida, dos príncipes dos sacerdotes e dos fariseus. O velho libertino que matara João Batista e lançara um manto pe púrpura sôbre o Redentor, como escárnio, havia últimamente feito ostentosa exibição de prática da religião dos Profetas. Era visto diariamente a oferecer sacrifícios no Templo. E no momento começava a manifestar indignação contra os nazarenos que, de acôrdo com os Filhos de Anás, eram inimigos de Deus e de Moisés. Pode ser que tenha achado útil censurá-los pela fome que flagelava a Palestina e o mundo inteiro, exatamente como Agabo predissera, em 44. Quaisquer que sejam os pormenores, decidiu certamente não fazer gesto ordinário de amizade aos governantes do Templo e às sinagogas de descrentes. Mandou prender Tiago Maior e decapitá-lo.

“E vendo que isso agradava aos judeus, mandou também prender Pedro. Eram então os dias dos ázimos. E tendo-o mandado prender, meteu-o no cárcere, dando-o a guardar a quatro piquêtes de quatro soldados cada um, tendo intenção de o apresentar ao povo depois da Páscoa. Pedro, pois, estava assim guardado no cárcere. Entretanto, a Igreja fazia sem cessar oração a Deus por êle.

“Ora, na mesma noite em que Herodes estava para o apresentar, Pedro dormia entre dois soldados, ligado com duas cadeias e os guardas à porta vigiavam o cárcere. E eis que sobreveio um anjo do Senhor, e resplandeceu uma luz no aposento, e tocando no lado de Pedro o despertou, dizendo: “Levanta-te depressa”. E caíram as cadeias das suas mãos. E o anjo disse-lhe: “Toma a tua cinta e calça as tuas sandálias”. E êle fêz assim. E o anjo disse-lhe: “Põe sôbre ti a tua capa e segue-me”.

“E êle saindo, seguia-o, e não sabia que era realidade o que se fazia por intervenção do anjo, mas julgava ver uma visão. E depois de passarem a primeira e a segunda guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma. E saindo, passaram uma rua e imediatamente o anjo afastou-se dêle. Então Pedro, voltando a si, disse:

“Agora sei verdadeiramente que o Senhor mandou o Seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de tudo o que esperava o povo dos judeus.

“E depois de um momento de reflexão, foi a casa de Maria, mãe de João, que tem por sobrenome Marcos, onde estavam muitos reunidos em oração. E quando êle bateu à porta da entrada, uma donzela chamada Rode foi ver quem era. E logo que conheceu a voz de Pedro, com a alegria não lhe abriu logo a porta, mas correndo dentro, deu a nova de que Pedro estava à porta.

“Tu estás loucal — êles, porém, disseram-lhe.

“Mas ela afirmava que era assim. E êles diziam: “É o seu anjo.”

“Entretanto, Pedro continuava a bater. E tendo aberto, viram-no e ficaram estupefatos. Mas êle, tendo-lhes feito sinal com a mão para que se calassem, contou-lhes de que modo o Senhor o tinha livrado da prisão e disse: “Fazei saber isto a Tiago e aos irmãos.” E tendo saído, foi a outra parte.” (2).

A “outra parte” a que Pedro foi, através de Samaria e Cesaréia de Filipe, ou pela estrada costeira perto de Tiro e Sidônia, talvez tenha sido Antioquia. Ali soube que Herodes, depois de ordenar a execução de dezesseis guardas havia partido para Cesaréia, onde, permitindo que o venerassem como a um deus pelos habitantes de Tiro e de Sidônia, logo veio a falecer, ferido por um anjo do Senhor e comido pelos vermes (3). Ali, também, de acôrdo com uma das mais velhas e mais persistentes tradições, Pedro instalou sua primeira sede ou cátedra episcopal, donde governou a Igreja universal por muito tempo. Alguns dizem três anos, outros sete. Uma afirmativa de Paulo na carta aos gálatas estabelece definitivamente a presença dêle na cidade (4) e sua prolongada estada foi afirmada por Eusébio, Orígenes, S. Gregório Magno, S. João Crisóstomo e muitos outros.

(2) *Atos*, XII, 1-7.

(3) *Atos*, 18-23.

(4) *Gal.*, II, 11.

Antioquia, a Gloriosa, não oferecia oportunidades ordinárias à direção de uma Igreja destinada a ser universal, num momento em que não podia ela permanecer por mais tempo a salvo em Jerusalém e não estava ainda pronta para seguir para Roma. Rainha do Oriente, Cidade da Lua, era a terceira maior do Império, a mais agradável e vantajosamente situada na margem meridional do largo Orontes, abaixo das colinas do Amanó, a cerca de trinta milhas do pôrto de Selêucis e do Grande Mar. Para um estrangeiro que nela entrasse pela primeira vez, vindo duma metrópole tão tortuosa e desordenada como Jerusalém, haveria de parecer maravilhosamente arranjada, pois estava traçada como uma moderna cidade em retângulos, tendo como base quatro largas avenidas que corriam na direção de leste e de oeste. A mais meridional era o magnificente Corso, avenida entre maciças colunatas com becos separados para o pesado tráfego comercial e para as carroças ou carruagens elegantes dos ricos, e com pórticos cobertos de cada lado para os pedestres. Pedro mal podia crer nos seus olhos quando por ela andava à noite e a via iluminada com lâmpadas de azeite de ponta a ponta. Os magníficos prédios eram também algo digno de lembrança: palácios, teatros, templos, banhos, aquedutos; e os vários jardins ajazavam-se de fontes, cascatas e de estátuas raras e não tinham rivais mesmo em Roma e Alexandria.

O reflexivo Pedro logo pressentiu algo de mais importante por trás daquelas deslumbrantes aparências. Viu que havia três mundos distintos naquela comunidade fabulosamente rica e cínica e que seu meio milhão de habitantes estava dividido por invisíveis paredes tão altas como o céu e tão profundas como o inferno.

Os pagãos viviam bem alimentados, mostrando-se chistosos e joviais; não cuidavam de outra coisa senão de dinheiro, corridas de cavalos, jogos de gladiadores e complacências sensuais, que para isso eram eufemisticamente chamadas de Alamêda de Dafne no subúrbio meridional, que ocultava imensa depravação.

Lado a lado com êstes sibaritas vivia uma comunidade de judeus tão grande que somente Jerusalém e Alexandria podiam orgulhar-se de superioridade numérica. Partilhavam da prosperidade de seus vizinhos, mas uniam-se na própria fé e costumes e prestavam culto numa magnífica sinagoga, adornada dos troféus que Antíoco Epifânio havia roubado do Templo de Jerusalém.

Foi para essa comunidade judaica atarefada e culta que os judeus cipriotas de Jerusalém se dirigiram, depois do martírio de Estêvão, primeiro cultuando na esplêndida sinagoga e partindo o Pão em casa, e mais tarde, quando a dissensão cresceu, estabelecendo suas próprias casas de oração. A maior parte dêles vivia num quarteirão modesto chamado Epifânia, completamente desaparecido, embora antiga tradição o coloque na rua Singon ou perto dela, junto ao Panteon. Foi em alguma parte daquela vizinhança, provavelmente que Pedro conseguiu um simples alojamento com um ou dois irmãos que sem dúvida o haviam acompanhado de Jerusalém. Ali tranqüilamente completou a organização da Igreja de Antioquia, trocou algumas cartas inestimáveis, agora perdidas, com os apóstolos seus companheiros na Cidade Santa, verteu óleo sôbre as águas espirituais agitadas pela disputa entre os cristãos gentios e os judaizantes e estabeleceu a sede universal para a qual deveriam apelar constantemente os irmãos espalhados por tôda a parte.

A mais urgente de suas tarefas parece ter sido o arbitramento da perigosa discussão que havia dividido o rebanho em duas facções cheias de zêlo e por vêzes acrimoniosas. Estava fazendo o mais que podia, mas não lograva grande êxito, pois era demasiado judeu, a despeito de seu breve triunfo com Cornélio, para se sentir à vontade com alguém que não fôsse o seu próprio povo. Havia nêle pouco da fácil habilidade de Paulo em ser "tôdas as coisas para todos os homens". É possível que tenha sido êste mesmo pensamento que o fêz lembrar-se do pequeno e grave construtor de tendas de quem se separara, cheio de sentimentos confusos, em Jerusalém. Lembrou-se de que Paulo estava côm conscio de ter uma missão especial entre os gentios, da mesma maneira que Pedro a tinha entre seus companheiros hebreus. É bastante provável, portanto, que decidisse mandá-lo chamar a Antioquia para experimentar o que poderia fazer sua eloquência no meio dos pouco dóceis cristãos gregos e sírios. Seja como fôr, depreende-se claramente dos ATOS (5) que por êsse tempo deixou Barnabé Antioquia para procurar Paulo em Tarso. Quem plausivelmente o mandaria realizar tal missão senão o próprio Pedro?

Barnabé encontrou Paulo em sua velha casa na Cilícia e trouxe-o de volta a Antioquia. Logo depois os dois partiram

(5) *Atos*, XI, 23, 25.

para Jerusalém, de novo provavelmente sob a direção de Pedro, para ajudar a aliviar os que padeciam a fome, especialmente severa ali. Poucas semanas depois estavam de regresso a Antioquia, trazendo consigo o jovem João Marcos, primo de Barnabé e aparentemente cheio de entusiasmo pelas idéias missionárias de Paulo.

É uma hipótese pelo menos aceitável que a famosa e muitas vêzes exagerada disputa a que o Apóstolo dos Gentios alude em sua carta aos gálatas houvesse ocorrido nessa ocasião. Alguns escritores modernos, tanto católicos como protestantes, colocam-na mais tarde, depois do Concílio de Jerusalém; mas a opinião contrária de Santo Agostinho ainda parece a mais provável, tanto psicológica como historicamente. Pedro, na sua primeira ida à Síria, tinha-se associado livremente aos cristãos gentios. Havia rezado com êles, conversado com êles e mesmo partilhara com êles de alimentos não purificados. Este ato ofendeu gravemente alguns dos mais rigorosos cristãos judeus. Não conseguiu Pedro aplacar aquêles judaizantes como fizera com seus irmãos de Jerusalém, depois do batismo de Cornélio. Tinham sido fortificados pelos argumentos de certos fariseus astutos e pelo exemplo de Tiago Menor, agora bispo de Jerusalém, a quem olhavam como seu chefe. Pedro colocara-se oficialmente contra a posição dêles. Contudo, num momento de fraqueza condescendeu com êles, para manter a harmonia, e deixou de comer com os gentios. Talvez houvesse partido em viagem missionária e esquecido por completo o incidente.

Não assim Paulo. Estava grandemente indignado quando voltou de Jerusalém e soube disto. Anos mais tarde, defendendo seu apostolado contra os judaizantes, recordou essas circunstâncias a seus discípulos na Galácia:

“Mas tendo vindo Cefas a Antioquia, eu lhe resisti na cara, porque merecia repreensão. Porque, antes que chegassem alguns de Tiago, êle comia com os gentios; mas, depois que êles chegaram, retirava-se e separava-se dos gentios, com receio dos que eram circuncidados. E os outros judeus imitaram-no na sua dissimulação, de sorte que até Barnabé foi induzido por êles àquela simulação.

“Porém eu, tendo visto que êles não andavam diretamente, segundo a verdade do Evangelho, disse a Cefas, diante de todos:

“— Se tu, sendo judeu, vives como gentio e não como judeu, por que obrigas os gentios a judaizar?” (6).

Paulo via claramente e sentia intensamente, e sem dúvida justificou-se perante Pedro em linguagem franca e tão incisiva como a de suas cartas. O homem não se justifica pelas obras da Lei, mas pela fé em Jesus Cristo (7)... “Porque pela Lei, estou morto para a Lei, a fim de viver para Deus... Eu não rejeito a graça de Deus. Porque, se a justiça se obtém pela Lei, segue-se que Cristo morreu em vão!” (8). A promessa de Deus foi dada a Abraão e a seu descendente Cristo e não a seus descendentes, os judeus. A lei de Moisés lhes foi dada 430 anos mais tarde, e se destinava a durar somente até a vinda de Cristo (9). Na Igreja de Cristo “não há judeu, nem grego; não há servo, nem livre; não há homem, nem mulher” (10). Novamente indaga: “Porventura Deus só é dos judeus? Não o é Ele também dos gentios? Sim, certamente, êle o é também dos gentios; porque há um só Deus, que justifica pela fé os circuncidados, e que também pela fé justifica os incircuncidados. Destruímos nós pois a Lei com a fé? Longe disso; antes confirmamos a Lei” (11).

Pedro sabia que Paulo estava certo e o admitiu humildemente, embora talvez um tanto de má vontade. Sabia pela revelação divina que sua conduta pessoal se mostrara inconsistente com os princípios que havia estabelecido para a direção da Igreja de Jerusalém. Havia cedido quer a uma caridade mal entendida, quer à antiga timidez, que era o lado avêso da sua rudeza temperamental.

Paulo também era demasiado humano. Muito tempo depois de sua repreensão a Pedro e mesmo depois do Concílio de Jerusalém, nós o vemos circuncidando o jovem Timóteo, para evitar ofender os judaizantes (12) e raspando a própria cabeça, de acôrdo com o voto nazarita, para produzir impressão sôbre êles no Templo (13). Mas Pedro estava aprendendo, como Paulo também aprenderia, a não esperar dos outros mais perfeição do que descobria em si mesmo. Nunca talvez se sentiria completamente à vontade com aquêlo ho-

(6) *Gálatas*, II, 11-15.

(7) *Ibid.*, III, 16.

(8) *Ibid.*, II, 19-21.

(9) *Gálatas*, III, 16-17, 24.

(10) *Ibid.*, III, 28.

(11) *Romanos*, III, 29-31.

(12) *Atos*, XVI, 3.

(13) *Atos*, XXI, 20-26.

mem. Anos mais tarde, referiu-se às cartas em que “nosso querido irmão Paulo” tinha falado “segundo a sabedoria que lhe foi dada”, acrescentando que “nelas há algumas coisas difíceis de entender, que os indoutos e os inconstantes adulteram (como também as outras Escrituras) para sua própria perdição (14). Contudo se, “a caridade cobre a multidão dos pecados”, como nos lembra Pedro noutra epístola (15), é certamente poderosa com as meras excentricidades e divergências de temperamento; e isto é a última coisa que sabemos de qualquer discórdia entre os dois grandes e santos homens.

Foi sem dúvida com a bênção de Pedro que Paulo partiu de Antioquia logo depois para levar a cabo sua primeira viagem missionária, acompanhado de Barnabé e de Marcos. Ambos se separaram d’ele mais tarde, achando seus passos e métodos demasiado extremados. Marcos voltou para Jerusalém e mais tarde ligou-se a Pedro que o chamou de “meu filho Marcos”. Nada podia deter Paulo, porém, uma vez que começasse uma tarefa. Desapareceu por muitos meses nas regiões pagãs onde a voz de Cristo havia mandado sua irrequieta pessoa em busca de almas.

Fútil é indagar quanto tempo o chefe da Igreja permaneceu em Antioquia depois da partida d’eles. O único fato histórico certo e indiscutível a seu respeito, daqui em diante, foi sua presença em Jerusalém, cinco ou seis anos depois. Mas robustas tradições e inferências lógicas sugerem que, neste ínterim, usando Antioquia como sua base, fêz uma ou mais viagens missionárias por conta própria. Sua primeira carta encíclica, dirigida “aos estrangeiros dispersos”, isto é, aos cristãos judeus do Ponto, da Galácia, da Bitínia, da Capadócia e da Ásia Menor, é vista como prova de que êle próprio havia ido àqueles lugares e convertido muitas das ovelhas tresmalhadas de Israel, talvez depois que Paulo voltara indignado contra êles para os gentios asiáticos.

Se Pedro tivesse tido o exuberante dom da expressão que tinha Paulo, talvez que sua vida parecesse tão dramática e colorida quanto a d’ele, se não mais. Em vez de conservar suas provações e sofrimentos para si mesmo, poderia ter-nos contado como também trabalhou pela Fé “nas tribulações, nas necessidades, nas angústias, nos açoites, nos cárceres, nas sedições, nos trabalhos, nas vigílias, nos jejuns, com a casti-

(14) II Pedro, III, 15-16.

(15) I Pedro, IV, 8.

dade, com a ciência, com a longanimidade, com a mansidão (16). Poderia ter dado ampla confirmação à observação de Paulo de que “entendo que Deus nos expôs a nós Apóstolos como os últimos dos homens, como destinados à morte; porque somos dados em espetáculo ao mundo, e aos anjos, e aos homens. Nós néscios por Cristo, e vós sábios em Cristo; nós fracos, e vós fortes; vós nobres, e nós desprezíveis. Até esta hora sofremos a fome e a sede, e estamos nus, e somos esbofeteados, e não temos morada certa, e cansamo-nos a trabalhar por nossas próprias mãos; amaldiçoam-nos, e bendizemos; perseguem-nos, e o sofremos; somos blasfemados, e rogamos; temos sido como a imundície deste mundo, a escória de todos até agora” (17).

Pedro também, poderia dizer: “mais nos trabalhos, mais nos cárceres, em açoites sem medida, freqüentemente em perigos de morte! Dos judeus recebi cinco quarentenas de açoites, menos um. Três vêzes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vêzes naufraguei, uma noite e um dia estive no abismo do mar; muitas vêzes em viagens, entre perigos dos gentios, perigos na cidade, perigos no deserto, perigos no mar, perigos dos falsos irmãos; no trabalho e na fadiga, em muitas vigílias, na fome e na sede, em muitos jejuns, no frio e na nudez. Além destas coisas, que são exteriores, a minha preocupação cotidiana, o cuidado de tôdas as igrejas... O Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que é bendito por todos os séculos, sabe que não minto” (18).

Depois de tôdas as suas aventuras não relatadas, Pedro finalmente chegou, como muitas tradições e peças convergentes de provas estabelecem, a Roma (19). Não é tão fácil conjecturar como chegou ali. Pôde ter seguido para o Pontô, a fim de pregar aos judeus que haviam recusado ouvir Paulo. Pôde depois ter seguido para Éfeso, na grande estrada romana que corre direta do Oriente para aquela cidade de Diana; e ali pôde ter tomado um navio para a Grécia, atra-

(16) II Cor., VI, 4-6.

(17) I Cor., IV, 9-13.

(18) II Cor., XI, 23-31.

(19) Tanto a erudição protestante como a católica aceitam agora isto. Ver por exemplo a forte afirmativa do Dr. F. H. Chase, bispo anglicano de Ely, em Pope, AIDS TO THE STUDY OF THE BIBLE, Londres, 1922-1930, IV, 296. “Que S. Pedro visitou Roma” diz o Dr. George Edmundson em uma das Conferências de Bampton, em 1913, “é coisa admitida por quem quer que estude a prova com espírito leal e razoável.” A prova é irresistível, a despeito de algumas forçadas conjecturas, em Barnes, CHRISTIANITY AT ROME IN THE APOSTOLIC AGE (Londres, 1938), ST. PETER IN ROME, etc. 1900. etc.; e sem dúvida Fouard, St. PIERRE ET LES PREMIÈRES ANNÉES DU CRISTIANISME, Paris, 1893.

vessando o istmo a pé e depois cruzando o Adriático em outro navio. Sua presença em Corinto era uma tradição local de tal antiguidade que Dionísio de Corinto escreveu a respeito dela como dum fato notório, ao papa Sotero, em 171 (20). Por outro lado, pôde ter navegado diretamente para o ocidente pelo Mediterrâneo. Se Lucas, em vez de Paulo, tivesse sido seu companheiro de viagem, poderíamos ter hoje uma fascinante narrativa desta momentosa viagem.

Admitindo que seguiu êle o caminho mais fácil, podia ter partido mais ou menos entre meados de março e meados de novembro, em qualquer um dos cento e vinte navios que anualmente seguiam de Alexandria para o Ocidente. O melhor seria um dos cargueiros imperiais de cereal para Puteoli. Acostumado a dirigir barcos, o velho pescador da Galiléia caminharia pelos tombadilhos cheio de admiração, observando todos os pormenores. Pois aquêle não era uma sumaca de pesca, mas um poderoso casco de quinhentas toneladas ou mais, duzentos pés de comprimento e cinqüenta de vau, com um par de potentes pás de rodas propulsoras de direção, uma de cada lado da pôpa, e na sua proa a figura dourada de algum deus pagão. Era um belo espetáculo ver um marinheiro trepando como um macaco para tomar seu lugar no alto cêsto da gávea, e observar o drapejar da imensa carangueja maior, feita de tiras de lona ligadas por couro, com o traquete e a mezena a acompanhá-la.

Com bom tempo um navio dêstes faria a viagem em oito ou nove dias, mesmo com pesada carga. Um dêles transportou um imenso obelisco egípcio e 400 000 fangas de trigo, além dos passageiros. Outro, mais de 1 200 pessoas de Alexandria a Roma. Era excepcional. A média era a dos 500 mencionados por Josefo, ou dos 276 da memorável viagem de Paulo. Tanto quanto possível, o capitão do navio navegaria perto de terra, dirigindo seu barco para o sul de Creta, ou cruzando para Rodes na Ásia Menor, e dali diretamente para oeste. Ou seguiria a costa da Palestina até Cesaréia ou Selêucia (o pôrto de Antioquia) e depois, passando ao norte ou ao sul de Chipre, arrostaria a plena fôrça do Grande Mar.

Bastante duro seria viajar com mau tempo. A narrativa da viagem de Paulo feita por Lucas (21), que culminou no nau-

(20) Pope, *op. cit.*, IV, 92, e suas referências.

(21) *Atos*, XXVII, 4-20.

frágio na costa de Malta, sugere o risco que Pedro assumiu, quando finalmente decidiu levar o Evangelho de Cristo ao centro político e militar do mundo. Podem ter decorrido semanas ou meses, antes que pudesse êle ver Reggio erguendo-se do mar. No dia seguinte seu navio atravessaria os estreitos de Messina e no outro embicaria para o gôlfo de Puteoli, onde os mastros pareciam uma floresta ondulando ao vento e à água. Em tórno das verdes praias, acima do azul profundo, como um colar de pérolas quadradas, via êle as vilas de mármore nas lindas quintas de Baiae e Misenum. Acima delas tôdas, no fundo, negro, verde e silente, erguia-se o vulto do Monte Vesúvio coberto de vinhas.

XXIX

NÃO estava êle sem companhia e sem guia ao desembarcar, por entre a confusão das docas de Puteoli e prosseguir sua viagem para o norte.

Além de um ou dois discípulos que o tinham acompanhado de Antioquia, travara sem dúvida relações a bordo com vários outros judeus, alguns dos quais já haviam estado antes em Roma e para ali seguiam de novo. Já lhe tinham dito sem dúvida que seriam precisos seis ou sete dias para percorrer as 130 milhas de Puteoli até lá. Com um pequeno grupo de companheiros judeus, todos barbados e trajados como êle, pôs-se a caminho pela margem lateral da estrada bem pavimentada, tendo aos lados vinhedos e bosques de oliveiras, chegando ao fim do dia, ao entroncamento com a Via Ápia e a outra maior de Brundisium.

Ouvira falar muito a respeito dessa estrada principal, mas difficilmente poderia ter imaginado, até que na manhã seguinte houvesse prosseguido, partindo de Cápua, que encruzilhada da humanidade ela apresentava e quão verdadeiro era que tôdas as estradas conduzem a Roma. Sentado à beira da estrada para mastigar sua frugal refeição, via o mundo inteiro por ela pavonear-se e transitar vertiginosamente. Um xeque da Pérsia, um cameleiro da Arábia, um encantador de serpentes da Índia, um sírio trazendo os mais novos ídolos esculpidos de Antioquia (em grande voga na Itália), um bufarinheiro judeu com suas mochilas bem sortidas, escravos negros da Numídia, escravos louros da Britânia, alguns belos e jovens gladiadores sob guarda, a caminho de um anfiteatro, uma companhia de pretorianos ou uma tropa de cavalaria, um nobre romano lendo ou jogando dados na sua brilhante liteira com seus dois batedores trajados de vermelho, uma matrona fortemente pintada e perfumada, numa outra liteira carregada, por seis homens de Capadócia, com vistosas librés — eram apenas uma parte dos que ali passavam, acima e abaixo, dia após dia. Não era nada insólito ver um cortejo de carros imperiais, rigorosamente guardado, transportando um velho doente e deformado, para inspecionar seu novo pôrto em Óstia. Se com êle estava uma formosa

mulher, sem dúvida seria sua terceira esposa Messalina, uma assassina cujos adultérios, fabulosos pelo número e pela bestialidade, eram conhecidos de todos, menos de Cláudio. Talvez ao desaparecerem num turbilhão de rodas e de cascos, deixassem os senhores do mundo uma nuvem de poeira, pulverizando o velho de escura roupa judia que ia de visita à metrópole dêles.

No dia seguinte, depois de passar Fórmia e imaginar talvez quem fôsse o Cícero que se dizia ter sido assassinado na sua vila ali, os viajantes atravessaram os pântanos pontinos, ao lado do canal para barcas de Augusto, para o Forum Ápia, onde provavelmente teriam de passar a noite. Mas não para dormir. Não tinham os romanos hotéis no moderno sentido. As "hospedarias" na Via Ápia não passavam de casbres, com camas sem lençóis num mesmo cômodo, e tendo ao lado imundas tabernas. Na literatura do tempo os proprietários de tais baiúcas aparecem como ladrões, jogadores e alcoviteiros, e as criadas como bruxas e prostitutas. Com os mosquitos dos brejos maláricos, com a vermina rastejante, as rãs coaxantes, as canções obscenas e as gargalhadas dos muleteiros, eram aquêles lugares piores do que as choças de Jericó ou as cavernas à beira do Mar Morto. Não foi pequeno alívio deixar para trás semelhante pouso e ascender até as alturas de Velitrae e das colinas de Albano.

O dia seguinte levou os viandantes a Arícia e ao solo do Lácio; o outro até a lúgubre Campanha e ao primeiro vislumbre, na distância enevoadá, de uma sombria massa de edifícios pardos e amarelados, amenizado de brilhos brancos, de encontro às colinas albanas e sabinas. E aquilo era Roma. Cristo estava chegando afinal para pregar e sofrer na capital do mundo, sob o disfarce dum homem cansado, que terminava obstinadamente sua longa jornada, entre as urnas e epitáfios de nobres mortos romanos e os túmulos de seus irmãos mais humildes nas catacumbas judias.

Entrando pela Porta Capena, os viajantes logo haveriam de ouvir, se à tarde, as rosnadelas de feras e os berros dos espectadores no Circo Máximo, e depois de seguir pelo lado oriental do Monte Palatino, teriam ido dar no Forum, pela Via Sacra.

Quais seriam os pensamentos de um homem como Pedro, ao ficar a contemplar pela primeira vez aquêlé histórico mercado e aquela praça de reuniões, para a qual tôdas as estradas convergiam? Duvido de que haja ficado bastante impressionado pelos templos de Vesta e de Cástor, bem altos, à sua esquerda, ou pelo Templo da Concórdia diretamente

em frente, ou pelo Senado ali junto, ou pela Secretaria dos Anais e pelos Templos de Júpiter e Juno mais além. Vira os incomparáveis relicários pagãos e edifícios públicos de Antioquia e Cesaréia de Filipe. “Os deuses dos pagãos são demônios”, escrevera o rei Davi, e suas obras não permaneceriam de pé.

O arguto Vigário de Cristo mostrou-se mais interessado pelo povo que ia e vinha aos milhares. Cada classe social estava representada. Agiotas e banqueiros, entrando apressados em seus escritórios ou dêles saindo, ao norte do Forum, quase pisavam os ociosos acorados no calçamento de lava, a jogar dados ou gamão, ou garotos casando dedos, exatamente como fazem até hoje. Não se demorava muito a saber que os homens graves, com listas purpurinas nas túnicas por baixo de suas deslumbrantes togas, eram senadores de volta de uma reunião no Templo de Cástor. As majestáticas senhoras, com idênticas listas purpurinas nas suas túnicas, eram espôsas de senadores. Cavaleiros e homens de negócios reuniam-se em tôrno duma colina para ler as derradeiras notícias das províncias ou do Senado, nas NOTÍCIAS DO DIA, boletim oficial semelhante a um moderno jornal, condensado e cuidadosamente censurado. Propagandistas, de vozes estentóricas, convidavam os transeuntes a ver a mulher dum ôlho só, vinda da Capadócia ou o menino de duas cabeças, da Galácia. Muitos cultos e raças também desfilavam inconscientemente diante dos visitantes chegados de Jerusalém. Havia sacerdotes de Ísis, vindos do Egito, faquires das margens do Ganges, mercadores de olhos azuis da Espanha oriental, escravos de diversas côres, em cujas costas descansavam os alicerces do império.

Para um judeu acostumado desde a infância a ver a mão dirigente de um Deus em tôdas as coisas, havia algo mais do que coincidência na unificação do mundo conhecido sob o Império, no momento mesmo em que o Messias estava a ponto de oferecer o sacrifício de Si Mesmo por todos os homens. A conquista intelectual de Roma pela cultura grega tinha dado aos apóstolos uma oportunidade de se dirigir à humanidade numa língua que os grandes sábios judeus tinham usado na Versão dos Setenta. A ordem e a paz imposta pelos Césares lhes havia tornado possível viajar por excelentes estradas desde o Ganges até a Britânia, de Puteoli ao Reno e se seus discípulos não tivessem o dom das línguas, recebido na primeira descida do Espírito Santo, poderiam falar a homens de tôdas as raças e de todos os países num idio-

ma universal. Mesmo com tais vantagens, porém, a tarefa de converter as massas pagãs iria processar-se com dificuldade. Os escravos e sibaritas por quem passara Pedro na Via Ápia estariam dispostos a ouvir e dizer, como os atenienses disseram a Paulo: "Outra vez te ouviremos sôbre êste assunto". Estavam inclinados a acreditar, supersticiosamente, que tôdas as religiões poderiam ter algo de verdade e de eficácia. Essa largueza de espírito tornava quase desesperadora a tentativa de persuadi-los de que havia sômente um único e verdadeiro Deus, uma verdadeira religião. Sentia-se contente Pedro pelo fato de ser a sua missão junto aos judeus e não aos gentios como a de Paulo.

Muito mais afortunada para êle e para a Igreja do que a PAX ROMANA era a dispersão nacional do Povo Eleito. Quando Cristo nasceu, estavam êles espalhados, de acôrdo com Josefo e Filo, por tôdas as partes habitadas da terra. Paulo haveria de converter muitos gentios, mas mesmo os seus primeiros convertidos tinham sido invariavelmente judeus. E Pedro poderia ver a sábia intenção de Deus em espalhar o Seu povo larga e profusamente para servir de intermediário à comunicação de Sua Palavra aos pagãos. A dívida da Igreja para com êsses perseguidos exilados dificilmente pode ser exagerada. Sua própria fé incluía as premissas da Cristandade e como apontasse na direção do Messias, eram êles cristãos por antecipação, quer o percebessem ou não. E não sômente isto, mas seu temperamento fazia-os admiráveis instrumentos de sua difusão. Veementes, inteligentes, esforçados, não eram, em regra, abrandados, como os pagãos, pela tolerância e não recebavam as dificuldades.

Felizmente havia grande e crescente comunidade de hebreus em Roma, quando Pedro chegou. Parece que se originou com os cativos de guerra que Pompeu ali fizera em 65 A. C. Quando Cristo nasceu, eram êles cêrca de oito mil. Dentro de meio século o número havia aumentado para sessenta mil. Os mais prósperos haviam-se tornado abastados negociantes, agentes e banqueiros, e moravam em casas espalhadas pelos quatorze distritos em que Augusto dividira a cidade. Alguns ocupavam mesmo posições na côrte imperial. Mas a vasta maioria era ainda gente pobre e trabalhadora — bufarinheiros, pequenos comerciantes, poetas, atores, operários — aglomerados no décimo quarto distrito, baixo e insalubre amontoado de casebres a oeste do Tibre. Era claro para o Vigário de Cristo que seus trabalhos deveriam iniciar-se naquele lugar. Iria para as quatorze sinagogas de Roma e

diria a seus patrícios judeus o que vira e ouvira. De modo que, transportou-se para o Gueto, do outro lado do Tibre, de acôrdo com antiga tradição, arranjando um quarto ali.

É possível que morasse com ou perto de Áquila e de sua mulher Priscila, dois fabricantes de tendas, naturais do Ponto (1), que provavelmente devem a êle sua conversão. E como os romanos não tivessem noção da dignidade do trabalho, foram provavelmente reduzidos, como a maior parte dos artesãos, a encontrar alojamento em um dos maciços edifícios chamados *insulae* ou "ilhas", que abrigavam a maior parte das classes mais baixas e desprezíveis. Eram raquíticos par-dieiros de quatro ou cinco andares, ocupando cada um, um inteiro bloco entre ruas tão estreitas que Juvenal, morando entre os pombais perto do telhado, podia quase apertar as mãos de seu vizinho do outro lado. O primeiro pavimento era muitas vêzes ocupado por lojas, cujos proprietários concorriam para aumentar a confusão dos becos mal cheirosos, semeados de lixo e de restos de cozinha, expondo suas mercadorias do lado de fora. Às vêzes um dos andares superiores seria um apartamento, como os modernos, mas a maior parte dêles estava dividida em quartos isolados, onde os ocupantes podiam apenas dormir e comer, sem luz, a não ser a de velas de cêra ou a que, de qualquer modo, se refletia ali dentro, vinda do clarão lá de fora. O barulho era tremendo, especialmente à noite, quando carroças, proibidas durante o dia por um decreto imperial, acrescentavam sua zoadá à cacofonia de mil outros rumores incômodos que tornavam o dormir tão difícil. No verão o calor era intolerável.

O perigo acrescentava certo tempêro, se não contentamento, a esta vida. O Tibre costumava extravasar depois de pesadas chuvas e as *insulae*, situadas a maior parte nos distritos mais baixos, ruíam, a qualquer abalo, sôbre as cabeças de seus ocupantes. Uma vela caída poderia provocar um incêndio e consumir rapidamente um edifício inteiro, às vêzes um quarteirão inteiro, como se fôsse papel. Com extintores de incêndio tão primitivos como baldes, sifões e cobertas úmidas, os bombeiros imperiais levavam muitas vêzes desvantagens. Mas a vida era barata e ninguém parecia preocupar-se.

Tendo aquelas pessoas perdido o conceito primitivo e universal de um Criador e de uma vida com recompensas e punições depois da morte, acabavam considerando-se animais;

(1) *Atos*, XVIII, 2.

mas como o homem nunca pode ser uma mera bête, estavam, a muitos respeito, vivendo num nível ainda mais baixo. Na verdade, os fantásticos banquetes com seus *vomitoria* eram provavelmente mais excepcionais do que foram descritos. A família abastada média jantava moderadamente, decorosamente, discutindo versos de Ovídio ou Horácio, o mais recente dito de Petrônio, o Árbitro das Elegâncias, ou a mais nova *sententia* de Séneca, enquanto bebericavam o seu falerno. Tinham seus banhos complicados, seus jogos, seus investimentos. Mas os velhos dias do Lácio tinham passado.

Dois bons índices, que são na realidade um só — a família e a posição da mulher — auguravam mal para o futuro. Embora as mulheres romanas fôsem ainda mais livres do que no leste pagão e poucas gozassem duma dignidade e dum respeito comparáveis aos das matronas judias, ia essa situação mudando rapidamente com o aumento do divórcio, do adultério, do vício anormal e a resultante desintegração da vida familiar. Os esforços dos Césares para impedir por meio de decretos o decréscimo da natalidade eram tão fúteis como o comando de Canuto para o Mar do Norte. Entre as causas que contribuíam contavam-se provavelmente o abôrto e a anticoncepção, que devem ter sido males de longa permanência, quando Santo Agostinho os denunciou três séculos mais tarde (2). As crianças aleijadas eram mortas ou expostas ao nascer. Com o crescente desprêzo pela pessoa e pela vida humana, eram comuns o suicídio e outras formas de “eutanásia”. O império estava começando a morrer de liberalismo, como disse algures Chesterton, antes de haver alcançado a maturidade física. Não tinha gasolina ou eletricidade, mas em outros aspectos era completamente “moderno”.

Quanto às classes mais baixas, mais familiares a Pedro presumivelmente, a classe média ia-se rapidamente esfarelado entre as mós superior e inferior da riqueza concentrada e da pobreza desesperada e servil. Sua antiga atividade, paciência, bom humor e devoção aos Lares e Penates da casa iam cedendo à corrupção geral, enquanto taxas cada vez mais pesadas forçavam seus membros a cair nas sujas fileiras do proletariado.

Os pobres, quer escravos, quer livres, eram os filhos e escravos do desespero. Aquêles não tinham direitos de espécie alguma e podiam ser mortos pelos seus senhores impune-

(2) De *Nuptiis*. Para um pormenorizado relato da vida e dos costumes romanos, ver Tucker, *Life in the Roman World of Nero and St. Paul*, New York, Macmillan, 1929, reimpressão.

mente. Executavam a maior parte dos trabalhos da casa e da herdade, além de ajudar em outras ocupações. Os trabalhadores livres tinham que competir com o trabalho dêles e com desastrosos efeitos sôbre salários. Saciados com prazeres animais e com trigo pelo govêrno, aquêles miseráveis sem esperança, de ambas as categorias, aglomeravam-se como rebanhos, dia após dia, nos fétidos teatros ou melhor, se podiam, no Circo Máximo e em outros *stadia* (o Coliseu ainda não fôra construído) e gritavam: "Meta-lhe o aço!" quando um gladiador era desarmado, ou resplandescia de prazer ao ver um escravo dilacerado por um leão faminto. Estimulavam suas mentes cansadas e seus nervos fatigados com a derradeira das depravações que começa com a luxúria e acaba com o pervertido prazer de ver o sangue derramado à toa.

Não era difícil afastar-se de tudo isto para ir aos judeus, que tinham conservado seu próprio misterioso vigor e dignidade em satisfatório grau. As inscrições em seus cemitérios ainda oferecem mudo testemunho de que viviam êles num plano mais elevado do que seus vizinhos pagãos. Suas casas eram escrínios, comparadas com antros tais como os mostrados por Plauto, por exemplo, no *Menaechmi*. Todos os sábios compareciam às suas sinagogas para ouvir as palavras que o Criador tinha dito a Moisés e tinha pôsto nas línguas de Seus outros profetas, e erguer seus corações a Êle pela oração. Eram provávelmente mais devotos do que, homem por homem, seus irmãos da Palestina. A nostalgia do exílio aguça as percepções e aprofunda velhas fidelidades. Os satiristas escreviam com desprêzo a respeito da maior parte dos judeus, dando-os como vendilhões, trapeiros, comerciantes de roupas velhas, sujos e mal cheirosos, com enxames de crianças esfarrapadas. Mas rendiam homenagem à sua caridade mútua e a seu respeito pelo casamento. (3)

Se Pedro houvesse deixado um relato de sua visita a uma daquelas sinagogas, no seu primeiro sábado em Roma, podemos estar certos de que diferiria grandemente da experiência de Paulo. Como hóspede, ergueu-se a convite do Presidente para comentar a leitura do dia, tirada das Escrituras. Abordou o ponto, rude e ousadamente, contando aos presentes que o Messias viera, morrera, ressuscitara e subira ao céu; que tinha sido uma testemunha de vista de Sua glória e de Seus sofrimentos e viera para dizer-lhes que poderiam gozar de vida eterna em Seu Nome. Alguns dêles

(3) E. g. Tácito, *Histórias* V, 5.

podiam ter-ouvido rumores ao mesmo respeito correntes em Jerusalém, mas, incrédulos ou não, eram fascinados por aquela oportunidade de ouvir a sensacional história, em primeira mão, e prestavam ouvido cortêsmente, àvidamente, até que êle acabou. Fizeram-lhe perguntas, a que êle respondeu. Alguns foram ter com êle em sua residência e muitos acreditaram nêle. Diz a tradição que êle batizou êsses convertidos ali perto mesmo, no Tibre. Era quase tão barrento como o baixo Jordão, especialmente depois duma chuva. O requisito essencial, porém, fôra encontrado e a comunidade cristã de Roma nascera. Os crentes continuaram a rezar na sinagoga, mas se reuniam em qualquer outra parte para o Ágape e para a Partilha do Pão. Com o correr dos tempos, gentios convertidos juntaram-se a êles.

Havia sem dúvida nas sinagogas homens de tradições farisaicas que achavam difícil acreditar que o Messias pudesse ser como Pedro O descrevia, ou que houvesse reduzido de certo modo centenas de preceitos cerimoniais. A princípio estavam confusos, mas com o correr do tempo receberam notícias de casa. Estavam agora em condições de dizer aos fiéis que os homens mais respeitáveis da Judéia encaravam aquêle estrangeiro como um prêso e perturbador da paz, inimigo de Deus e de Moisés, cujo propósito era óbviamente destruir a nação judaica. Discussões e demonstrações de desgosto ocorreram, quando êle aparecia nas sinagogas. Os judeus cristãos e Pedro replicavam. Por tôda a cidade havia lutas a murros,[?] arruaças,[?] clamores[?] e algazarras,[?] em que os cristãos, sendo em menor número, sem dúvida levavam a piór.

Notícias destas ocorrências chegaram ao Monte Capitolino e a ação veio imediata. Se alguma coisa havia de que os Césares tinham direito de orgulhar-se, era o seu serviço de paz e de ordem. Eram respeitados, porém não populares, os judeus em Roma. Como uma raça estrangeira que recusava de todo a um compromisso com o sincretismo e se aferrava a seu próprio culto nacional, com uma determinação que parecia obstinada e beata, não atraíam simpatias e talvez fôssem um tanto temidos. Tinham sido as vítimas, também, de muitas calúnias cruéis, especialmente brotadas da bôca estentória do notório antijudaico Apion, que viera de Alexandria, depois de iguais esforços ali, para excitar o ódio popular contra êles. Acusava-os de assassinio ritual, de canibalismo e de vários ritos obscenos, tais como adorarem a cabeça dum asno, a portas fechadas. Felizmente tinha-se Tibério recusado a acreditar nessas mentiras e desacreditara

Apion, chamando-o "o tilintante prato de música do mundo". Algumas daquelas malícias continuaram sombriamente em circulação, aguardando, porém, uma crise para subirem à tona. Quando a paz sagrada se rompeu e se descobriu que os ofensores eram os judeus em todos os casos, Cláudio, certa vez em 49 A. D., segundo diz Suetônio, ordenou que fôsem todos banidos. Dion Cássio diz que a ordem foi revogada. Antes que isto acontecesse, se é que aconteceu, bandos de judeus fugiram da cidade e da Itália, como os ATOS plenamente o mostram.

A polícia imperial não fazia distinção entre judeus que tinham aceitado a revelação de Cristo e os que se haviam recusado a fazê-lo. Para eles um judeu era um judeu; eram todos semelhantes, gente esquisita, estrangeiros, perturbadores da ordem. Podemos pois imaginar o estranho espetáculo de Pedro, o Apóstolo, com seus convertidos Áquila e Priscila e outros crentes fugindo às pressas pela Porta Capena, com muitos outros em fuga, cujo ressentimento contra eles tinha causado o desastre. Mudança e viagem não eram nada de novo, porém, para aquela gente. Sua mobilidade era assombrosa. No ano seguinte encontramos Áquila e sua mulher já em Corinto, como hóspedes do apóstolo Paulo, companheiro deles na fabricação de tendas.

Pedro, também embarcou num navio, em Óstia ou Puteoli e viajou para o Oriente. É a tradição que o inclui entre os exilados. Mas é fato histórico que reapareceu em Jerusalém, poucos meses mais tarde, em 49 ou 50 A. D.

XXX

SUA chegada não podia ter sido mais oportuna. Era patente a todos os apóstolos que a Igreja devia definir sua posição na questão suscitada pelos judaizantes, e, como se bafejados misteriosamente todos pelos hálito do Espírito Santo para expor Sua vontade, apareceram em Jerusalém, um depois do outro, dos mais distantes campos missionários. Paulo tinha chegado através da Samaria, depois de sua segunda viagem, trazendo consigo Barnabé e um jovem gentio de Creta, convertido, chamado Tito. Tivera outra discussão com os campeões da circuncisão em Antioquia e, fortificado por uma revelação e pelos apelos de seus irmãos, estava resolvido até mesmo à luta para liquidar o assunto. Ora, a presença de Pedro, a Pedra, tornou possível a realização do primeiro e formal Concílio da Igreja Católica.

Superficialmente a questão parecia ser de meras formalidades. Achavam os judaizantes que, quando tinham provocado o choque do conflito, conservando a Lei Mosaica o mais plenamente possível em acréscimo a seus deveres como cristãos, era mais do que claro que os gentios deveriam fazer o mesmo. Argumentavam que o Senhor tinha vindo para completar e não destruir a Lei, e que Ele próprio tinha sido circuncidado. Apontavam o exemplo de Tiago Menor, bispo de Jerusalém, como conclusivo. Mostrava-se tão piedoso, tão caritativo, tão reverente no Templo que se dizia ser êle tão popular entre os judeus como entre os cristãos.

A outra facção, de que Paulo, com o prestígio de seus grandes trabalhos, se vinha tornando o chefe, mostrava que os próprios judaizantes eram incapazes de cumprir as centenas de preceitos cerimoniais; que êstes significavam que Cristo iria chegar e com Sua vinda estavam completados e abolidos. Citavam êles Seu exemplo a respeito da observância do sábadó e da lavagem das mãos antes das refeições. Tinham outro argumento, de difícil resposta, a visão de Pedro em Jope. Era claro que o Senhor, tendo sido rejeitado por uma maioria de Seu povo, desejasse admitir os gentios em Sua Igreja e a circuncisão, por exemplo, era um obstáculo desnecessário.

O litígio real era porém muito mais profundo. Era aquele litígio fundamental que Santo Atanásio descobriu, sob a falsa aparência da forma ainda mais perigosa de judaização, conhecida pelo nome de Arianismo. Era a negação ou a afirmação da divindade de Jesus Cristo. Se Ele era verdadeiramente Deus, a Igreja que Ele havia fundado era a única e verdadeira religião do mundo, com Sua autoridade de ensinar, definir e interpretar. Os ensinamentos de Abraão e Moisés, que eram apenas homens, deviam ser secundários e relativos. Mas se a Lei plena era indispensável à salvação, como os judaizantes pareciam entender, o sacrifício de Cristo era desnecessário e sem significação. “É impossível que, com o sangue dos touros e dos bodes, se tirem os pecados” (1). Não assim o sangue de Cristo.

“Pisar no Filho de Deus” e “não fazer caso do sangue da Aliança”, gritou Paulo, com veemência, era um crime imperdoável. Quaisquer que fôssem as intenções dos judaizantes, seus ensinamentos apontavam para um repúdio da autoridade de Cristo, implicando pelo menos uma negação dAquele Que é. Em vez de espalhar a bênção de Abraão a tôdas as nações, a Igreja permaneceria uma facção nacionalística judia dentro da sinagoga. Secaria e morreria. De fato já havia incrédulos ocultos entre os judaizantes. Paulo queixou-se de fariseus que tinham fingido conversão para introduzir na Igreja “falsos irmãos, que se intrometeram a explorar a nossa liberdade, que temos em Jesus Cristo, para nos reduzirem à escravidão”. (2)

As discussões preliminares foram longas e amargas. Alguns dos chefes judaizantes tentaram derrotar Paulo, outros gritavam que ele deveria mandar circuncidar Timóteo e outros convertidos imediatamente “e que se lhes intimasse a observância da Lei de Moisés!” (3) Paulo replicou com lógica ofuscante e cortante. Era uma satisfação relembrar mais tarde que “nem uma só hora” quisera estar sujeito a eles. (4) Mas tomou a precaução de imediatamente assegurar-se de que Pedro, Tiago e João, “as reconhecidas colunas” da Igreja estavam de seu lado. Foi nesta ocasião que eles lhe confirmaram sua missão entre os gentios e lhe deram e a Barnabé “as mãos em sinal de comunhão.” (5)

(1) *Hebreus*, X, 4.

(2) *Gál.*, II, 4.

(3) *Atos*, XV, 5.

(4) *Gál.*, *loc. cit.*

(5) *Ibid.*

Quando o Concílio finalmente começou, depois de um "ágape" e o que chamaríamos de Missa, houve outro longo debate ao qual o redator dos ATOS se refere ligeiramente, temendo talvez abrir velhas feridas. Mas das observações de Paulo acêrca dos fariseus e dos judaizantes, podemos estar certos de que assentaram os reclamos da Antiga Lei completa da maneira não tímida ou incerta.

Pedro depois levantou-se e lhes dirigiu breve porém enérgica alocução:

— Homens irmãos, vós sabeis que, desde os primeiros dias, Deus ordenou entre nós que da minha bôca ouvissem os gentios a palavra do Evangelho e cressem nela. E Deus, que conhece os corações, se declarou por êles, dando-lhes o Espírito Santo, como também a nós, e não fêz diferença alguma entre nós e êles, purificando com a Fé os seus corações. Logo, por que tentais agora a Deus, impondo um jugo sôbre as cervizes dos discípulos, que nem nossos pais, nem nós podemos suportar? Mas pela graça do Senhor Jesus Cristo, cremos ser salvos, do mesmo modo que êles.

Talvez os judaizantes tivessem esperado que Pedro hesitasse, como fizera em Antioquia. Mas estava êle falando agora oficialmente como chefe da Igreja e sua figura era tão venerável, sua autoridade tão indisputada, sua posição tão clara, que nem pensaram em replicar e "tôda a assembléia se calou" (6). Barnabé e Paulo passaram a contar a história maravilhosa dos gentios que haviam entrado para a Igreja, durante sua jornada pela Ásia Menor. Depois se levantou Tiago Menor, bispo de Jerusalém, derradeira esperança do partido da circuncisão. Não sabiam êles que Tiago estava quase em perfeito acôrdo com Pedro, Paulo e João.

— Homens irmãos, ouvi-me! — disse êle. — Simão contou como Deus desde o princípio cuidou em tirar do meio dos gentios um povo para o Seu nome. E com isto concordam as palavras dos profetas, como está escrito: "Depois disto eu voltarei e reedificarei o tabernáculo de Davi que caiu, e repararei as suas ruínas e o levantarei, a fim de que busquem a Deus todos os outros homens e tôdas as gentes, sôbre as quais tem sido invocado o Meu Nome, diz o Senhor que faz estas coisas. Pelo Senhor é conhecida a sua obra desde a eternidade. Por isso eu sou de opinião que se não devem inquietar os que, dentre os gentios, se convertem a Deus. Mas

(6) *Atos*, XV, 12.

que se lhes escreva que se abstenham das contaminações dos ídolos, e da fornicação, e das carnes sufocadas, e do sangue. Porque Moisés, desde tempos antigos, tem em cada cidade homens que o preguem nas sinagogas, onde é lido todos os sábados. (7)

Pedro aceitou a leve concessão, pois estava ansioso por facilitar o mais que era possível a permanência dos judaizantes na Igreja e a entrada dos judeus. Nada restava, senão que o Concílio concordasse unânimemente com esta política. Foi feito isto na seguinte epístola:

“Os Apóstolos e Presbíteros Irmãos,

Aos Irmãos convertidos dos gentios, que estão em Antioquia, e na Síria e na Cilícia:

Saúde.

Tendo sabido que alguns dos Nossos foram aí, sem nenhuma ordem da Nossa parte perturbar-vos com discursos que agitaram as vossas almas, aprouve-Nos, a Nós reunidos e acordes, escolher alguns homens, e enviá-los a vós com os Nossos muito amados Barnabé e Paulo, homens que têm exposto as suas vidas pelo Nome de Nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos portanto Judas e Silas, que vos exporão as mesmas coisas de viva voz. Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a Nós não vos impor mais encargos além dos necessários, que são êstes: que vos abstenhais das coisas imoladas aos ídolos, e do sangue, e das carnes sufocadas, e da fornicação; das quais coisas fareis bem em vos guardar. Deus seja convosco.” (8)

Há muito mais nestas simples frases do que a vista descobre.

Alguns judeus, chefiados por um antigo pescador, anunciam uma decisão destinada a ter largas e duradouras conseqüências. Apela não para Moisés e os Profetas, nem tampouco para Deus Pai ou para Cristo, nem para autoridade alguma fora de sua própria autoridade, sob a direção coletiva do Espírito Santo. “Pareceu bem ao Espírito Santo e a Nós” (9). Nenhuma afirmativa igual se fizera jamais em Israel até então.

A própria decisão não é menos empolgante. Aquêles homens estão com efeito abolindo o rito da circuncisão, que era tão importante para os judeus sob a Antiga Lei, como o batismo sob a Nova, o rito a que o próprio Cristo se havia

(7) Atos, XV, 14-21.

(8) Atos, XV, 24-29.

(9) Literalmente: “Pareceu bem ao sópro do Espírito Santo e a nós”.

submetido, não lhes tendo dado ordem, pelo que consta do Novo Testamento, para aboli-lo. Estão também pondo de lado a maior parte dos preceitos cerimoniais; estão anunciando com efeito que êles, a Igreja, são a única e autêntica autoridade religiosa e que a Sinagoga e o Templo não mais podem permanecer como tal.

O método de tornar conhecidas as decisões revela ainda muito mais sôbre a natureza da Igreja. Neste seu primeiro documento oficial, indica ela característica desconfiança pelos documentos. O Senhor não deixou Seus ensinamentos por escrito. Nada escreveu, a não serem aquelas poucas palavras misteriosas no chão do Templo. O que fêz foi reunir em tórno de Si um grupo de sêres humanos batizados, a unificada sociedade viva que tem sido chamada Seu Corpo Místico. A autoridade dêste organismo não residiria possivelmente em qualquer documento, pois o Novo Testamento não existia ainda. Nem é mesmo certo que o Evangelho de Mateus já estivesse escrito. Os livros são feitos pelos homens e a autoridade derradeira não está num escrito, como o padre McNabb agudamente observou, mas num escritor. Se o Novo Testamento tivesse de ser destruído, depois de vir a lume em fragmentos, se alguma catástrofe fizesse desaparecer o Velho Testamento, a Igreja continuaria a ensinar oralmente, como os apóstolos ensinavam, tanto tempo quanto durasse a própria vida humana. Como que para acentuar isto, o Concílio nem mesmo fica dependendo de sua própria carta, pois envia dois legados conciliares, Judas e Silas (o primeiro par desta espécie na história) para transmitir oralmente a mensagem. Por importante que seja o documento, é para êles secundário: "que vos exporão as mesmas coisas de viva voz".

Por que é a mensagem confiada a êsses dois legados e não a Barnabé e Paulo, de mais alta posição na Igreja e que tinham trazido a questão de Antioquia ao Concílio? Por que é Paulo, o chefe da facção vitoriosa, colocado depois de Barnabé? Aparentemente, parecia que a inteligência mais brilhante e a vontade infatigável dentre os cristãos merecesse melhor tratamento da parte de seus irmãos. Mas seria isto imputar motivos mesquinhos a grandes e santos homens que obviamente tinham razões sólidas e justas. Seria esquecer também que o Espírito Santo guia suas decisões e pode-se ver nisto uma adequada resposta, com bastante antecedência, aos exegetas incrédulos que exagerarão a posição de Paulo, em prejuízo da Igreja. Paulo tem grandes dotes intelectuais,

mas é Pedro quem ama melhor a Jesus e Pedro quem foi por Ele escolhido para ser chefe de Sua Igreja. Contudo, o Concílio inclui Barnabé e Paulo, como um delicado cumprimento aos serviços por eles prestados à verdade. Mas sabendo que os irmãos judaizantes se ressentirão seguramente pelo fato de receberem as notícias de sua derrota das mãos daqueles principalmente responsáveis por ela, entregam a mensagem a Judas e Silas e as feridas no Corpo Místico de Cristo começam a sarar.

Finalmente, a posição de Pedro como chefe da Igreja torna-se ainda mais clara porque o redator dos ATOS não tenta realçá-la. Não há nada de arrogante ou de ditatorial na atitude de Pedro e ele se mostra desejoso de aceitar a emenda de Tiago. (10). Contudo, seu próprio discurso calmo e majestoso é claramente a palavra decisiva.

O que não é tão evidente é a angústia que deve ter custado ao velho fazer sua escolha e apoiá-la, pois Pedro amava a seu povo quase tanto quanto a Deus, e isto, sabia ele, era a despedida. Deixemos de novo Paulo falar por ele e em nome de todo judeu que tivesse de tomar a mesma heróica decisão: "Eu digo a verdade em Cristo, não minto; dando-me testemunho disso a minha consciência esclarecida no Espírito Santo; tenho grande tristeza e contínua dor no meu coração. Porque eu mesmo desejava ser separado de Cristo, por amor de meus irmãos, que são do mesmo sangue que eu segundo a carne, que são israelitas, dos quais é a adoção de filhos de Deus, e a glória, e a aliança, e a lei, e o culto, e as promessas; dos quais são os patriarcas, e dos quais nasceu o Cristo, segundo a carne, o qual está sobre tôdas as coisas. Deus bendito por todos os séculos." (11)

Em outras ocasiões Paulo falou dos judeus com alguma aspereza, como "maus operários", (12) "mutilados", (13) "vãos faladores e sedutores", (14) "os judeus que mataram o Senhor Jesus e os profetas, e nos têm perseguido a nós" e "não agradam a Deus e são inimigos de todos os homens, proibindo-nos falar aos gentios, para que sejam salvos." (15) Eram

(10) A melhor análise abreviada do Concílio que já vi é a do Padre Vincent McNabb, num artigo que leu em Oxford, durante a Oitava da Unidade da Igreja, em Janeiro de 1943, reimpresso pelos dominicanos no seu opúsculo, "O Revmo. Padre McNabb, O. P., S. I. M.", Oxford, 1943, pouco depois de sua santa morte. Não podia fazer melhor do que tentar sumariar aqui seu pensamento, com a bondosa permissão dos dominicanos.

(11) Rom., IX, 1-5.

(12) Fil., III, 2.

(13) Ibid., III, 2.

(14) Tito, I, 10.

(15) I Tess., II, 15-16.

estas as queixas de um homem cansado e exasperado, que havia feito o máximo que podia em vão. Os que têm dado demasiada importância a essas queixas, esquecem-se em primeiro lugar de que “judeus”, no Novo Testamento, usualmente se referem antes ao judaísmo oficial, e não ao povo judeu como tal; e em segundo lugar, que o verdadeiro pensamento de Paulo deve ser buscado em passagens muito mais longas, em que o assunto é tratado mais deliberada e judiciosamente. Advertiu os gentios romanos convertidos que não metessem mãos ousadas no mistério da incredulidade judia, uma vez que era parte dum plano divino, além dos poderes humanos de compreensão. Os judeus haviam rejeitado Deus, mas Ele não os havia rejeitado. Na sua inescrutável sabedoria fizera mesmo uso da perda deles para beneficiar os próprios gentios que os denunciavam. “Digo, pois: porventura tropeçaram êles, de maneira a caírem para sempre? Não certamente. Mas, pelo seu delito, veio a salvação aos gentios, para os incitar à emulação. Ora, se o seu delito foi a riqueza do mundo, a sua redução a riqueza dos gentios, quanto mais a sua plenitude?” (16)... “Porque eu não quero, irmãos, que vós ignoreis êste mistério — para que não vos julgueis sábios dentro de vós mesmos — que uma parte de Israel caiu na cegueira até que tenha entrado na Igreja a plenitude dos gentios, e assim todo o Israel se salve.” (17) Tinham sido cortados da Oliveira original na qual foram enxertados os gentios. Mas Deus podia cortar os gentios e recolocar os judeus, se êles voltassem a crer. (18)

Se êste era o raciocínio de Paulo, podemos estar certos de que era também o de Pedro. Tinha êle motivos igualmente bons para denunciar os incrêus — se esta era a maneira certa de resolver a “questão judaica”. Ouvira o Próprio Cristo verberar cara a cara os Sumos Sacerdotes e fariseus, com palavras santas e terríveis inesquecíveis. Não deixa de ser significativo que, com tal exemplo diante de si, Pedro nunca o tivesse seguido, exceto numa sentença de seu primeiro sermão, que êle qualificou no segundo dizendo: “E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos magistrados”. Estava bem a Jesus que dissesse o que dissera, pois o julgamento dos homens a Ele cabia como Filho de Deus. Pedro era apenas um homem e, embora como Guarda das Chaves tivesse o direito

(16) *Rom.*, XI, 11-12.

(17) *Ibid.*, XI, 25-26.

(18) *Ibid.*, XI, 23-24.

de perdoar ou reter pecados, não encarava isto, ao que parecia, como permissão para pôr as mãos no Ministério do Repúdio. Ele, que havia negado seu Senhor, depois de viver em íntima amizade com Ele, durante três anos, nunca podia chegar ao ponto de condenar homens que não tiveram tal vantagem, particularmente quando tinham ouvido falar d'Ele ao se acharem dispersos e somente através de Seus inimigos. Nem mesmo menciona de fato os judeus, em duas cartas encíclicas. Isto é particularmente significativo, ao considerar-se a linguagem vigorosa que emprega contra os heréticos dentro da Igreja.

Deve ser mais do que uma coincidência, também, que durante dezenove séculos os sucessores de Pedro, em número de quase trezentos, tenham seguido este exemplo com uma constância a que os sábios judeus têm pago generosa homenagem. A Santa Sé nunca voltou seu rosto contra os judeus, exceto para cumprir seu evidente dever de proteger os cristãos contra a incredulidade deles. Tem repetidamente permanecido entre eles e a perseguição, até nossos próprios dias. Proibiu que fossem perseguidos na Idade Média, denunciando mentiras como as que os acusavam de assassinio ritual, ou de serem causadores da Peste Negra, pelo envenenamento das fontes. Através de todo o longo exílio deles, acompanhou-os com os olhos amorosos e tristes de Pedro, que devia prestar ouvidos a Deus de preferência aos homens.

É também fato curioso que, embora a Igreja tivesse continuado a rezar pela conversão dos judeus, jamais haja feito algum esforço particular para efetivá-la. As tentativas locais de devotos católicos, individualmente, neste sentido, tiveram quase que invariavelmente resultados infelizes, quer para a Igreja quer para os judeus. Sua expulsão da Espanha, por exemplo, espalhou-os por toda a Europa, para ajudar a promover a desastrosa revolta do século XVI. A própria Igreja lembrava-se da sugestão dada pelo Senhor de que eles não seriam convertidos até "a consumação dos séculos", presumivelmente nos Derradeiros Dias. Nenhum homem, a não ser Deus, lhes removeria as escamas dos olhos, e no Seu próprio tempo e à Sua própria maneira. São Gregório Magno acreditava que esta seria a missão de Elias quando voltasse à terra. Dêste ponto de vista, seria ao mesmo tempo fútil e criminoso tentar forçar uma solução do mistério. Santo Agostinho expressou isto muito bem na sua resposta

ao antijudaico Fausto⁽¹⁹⁾. Admitia que os judeus parecessem ter sido prefigurados por Caim, vagueando pelo mundo, estigmatizado e amaldiçoado pelo crime de haver matado seu irmão. Mas lembrava a seu adversário que Deus tinha pronunciado uma sétupla maldição contra quem quer que matasse Caim — ou os judeus. Quando S. Bernardo enfrentou uma multidão inclinada a uma chacina de judeus, gritou-lhe: “Sois de vosso pai o diabo e ireis fazer o trabalho dêle!” Cristãos farisaicos têm procurado colocar nas costas dos judeus errantes tôda a carga da iniquidade humana. Aquêles que melhor conhecem o Cristo dizem: “Cabe a Êle julgar os judeus. Tudo quanto sabemos é que nós, Seus amigos, o traímos diàriamente. Não há desculpa para nós. Êle morreu pelos nossos pecados. Nós somos os mata-dores de Cristo”.

O amor de Pedro por seu povo, mesmo depois que se apartou dêle, encontra curiosa confirmação em duas opiniões extremas. O herético antijudaico Marcião, descrito por S. Policarpo como “o primogênito de Satanás”, acusou-o de judaizante. O Talmude apresenta-o à mesma luz, mas òbviamente como um cumprimento, numa estranha história que afirma, com tocante sinceridade a despeito de certos erros fantásticos, que “doze homens maus saíram pelo mundo... e desencaminharam Israel porque diziam que eram Apóstolos do Crucificado e arrastaram para seu lado grande número dos filhos de Israel.” Os anciãos de Sião ficaram aflitos e, humilhando-se confessavam seus pecados uns aos outros, pedindo conselho a Deus. “Ao terminarem sua prece, ergueu-se um ancião dentre êles, cujo nome era Simeão Cefa.” Aprendeu o Nome Inefável, inseriu-o em sua própria carne, e seguiu para a metrópole dos nazarenos para confessar que era um apóstolo de Cristo. Curou um leproso e ressuscitou um morto. Quando os nazarenos o reconheceram, disse-lhes que Cristo, embora odiasse Israel, queria deixá-lo como testemunha da Crucifixão e, portanto, ordenara “que não fizesse mal aos judeus e se um judeu dissesse a um nazareno: “Ande comigo uma parasanga”, deixe-o ir com êle duas parasangas...⁽²⁰⁾ E se fizerdes isso, merecereis sentar-vos com Êle na sua parte.” Pedro ficou com os nazarenos, comendo apenas o pão da miséria e bebendo a água da aflicção, e viveu numa tôrre até morrer.

(19) *Réplica a Fausto, o maniqueu, XX.*

(20) Medida linear da Turquia e da Pérsia (5 250 m). (N. do T.)

Outros escritores rabínicos fazem-no o autor de certos poemas litúrgicos, repetidos durante séculos nas sinagogas, aos sábados e dias de festa. Ainda em outra lenda, é êle um judeu que entrou secretamente numa comunidade cristã, somente para destruí-la em favor de Israel. Aconselhou os cristãos a rejeitar totalmente a Lei de Moisés, mas fêz isso de pura habilidade, sabendo que a Igreja, quando separada de Moisés e da Sinagoga, murcharia e morreria. (21)

A verdade subjacente a tudo isto era que Pedro não deixou de amar os judeus, quando os confiou às mãos de Deus até os Derradeiros Dias. Sofria por êles, mas não sem esperança. À luz do que agora sabia, havia bastante consolação nas páginas do Velho Testamento, sempre que as consultava sem cessar. “Vós tivestes intenção de me fazer mal — disse José, prefigurando Cristo, ao perdoar a seus irmãos, — mas Deus o converteu em bem, para me exaltar, como presentemente vêdes, e para salvar muitos povos.” (22) E havia aquela passagem no livro do Deuteronômio onde, depois de tôdas as Suas ameaças e promessas a Seu povo, o Senhor Deus dissera a Moisés:

“Quando, pois, vierem sôbre ti tôdas estas coisas, a bênção ou a maldição, que eu pus diante de ti, e tu, tocado de arrependimento no teu coração no meio de tôdas as nações, entre as quais o Senhor teu Deus te tiver espalhado, voltares para êle, e obedeceres aos Seus mandamentos tu e os teus filhos, com todo o teu coração, e com tôda a tua alma, como Eu hoje te ordeno; o Senhor teu Deus te fará voltar do teu cativoiro, e se compadecerá de ti, e te reunirá de novo do meio de todos os povos, entre os quais te tinha espalhado. Ainda que tivesses sido lançado para as extremidades do céu, daí te tirará o Senhor teu Deus, e te tomará, e te introduzirá na terra, que teus pais possuíram, e tu o alcançarás; e abençoando-te, fará que sejas em maior número do que foram teus pais. O Senhor teu Deus circuncidará o teu coração, e o coração da tua descendência, para que ames o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de tôda a tua alma, a fim de que possas viver, e Êle fará cair tôdas estas maldições sôbre os teus inimigos, e sôbre os que te aborrecem e te perseguem.” (23)

(21) Para êste e outros particulares, ver Edersheim, *op. cit.* Vol. II, p. 788, *et. seq.* Apêndice XVIII, e suas referências.

(22) Gên., I, 20.

(23) Deut., XXX, 1-10.

Outra das tristezas de Pedro deve ter sido a morte da Mãe do Senhor. Não há fatos históricos a respeito do tempo e do lugar. Velha tradição sustenta que ela fôra para Éfeso com João, voltara a Jerusalém com êle, justamente antes do Concílio, em 49 ou 50, e ali morrera. Os Apóstolos puseram-na num túmulo, cujo sítio é ainda apontado no Hôrto de Getsêmani. Mais tarde, indo rezar ali, não encontraram vestígios do corpo. E milhões de cristãos têm acreditado que foi êle levado ao céu de noite pelos anjos, para ali unir-se na glória com sua alma imaculada. Pois era bem próprio que a virgem mãe do Cristo, poupada da mácula do pecado original, fôsse também salva, como Êle o foi, da corrupção. Depois de ser mãe d'Ele, fôra-o também de Sua Igreja infante. Com o Concílio de Jerusalém tinha aquela criança atingido a maioria e, havendo cumprido na terra a sua missão, morrera ela de amor, no desejo apenas de estar com o Deus que fôra Pai, Espôso e Filho dela.

Pedro nunca a mencionou nos seus breves e reticentes escritos. Contudo não se segue daí que sua morte não o houvesse abalado, ou que não tenha ajoelhado diante do túmulo vazio, para pedir ao Lírio de Israel que rogasse para que as ovelhas perdidas descobrissem afinal o caminho de volta ao redil.

XXXI

QUANDO finalmente voltou êle a Roma, algum tempo depois, em 54 A.D., devia já estar dando mostras de sua idade avançada, pois contava mais de sessenta anos. Seu cabelo ia ficando branco, seus olhos agudos mais azuis, seu rosto triste sorria mais facilmente como o de uma criança. Era uma pessoa que se fazia notar e de que a gente não se esquecia. Havia algo nêle de ao mesmo tempo impessoal e intensamente pessoal, bastante comum e contudo bem característico.

Desta vez não foi para o Gueto. Não seria bem acolhido ali. A cisão tinha sido final e definitiva e desde as desordens de 49, tinham-se os cristãos mudado para outra parte do Trastevere, ou cruzado o rio. Muitos dêles tinham-se alojado em pequenas casas numa parte um tanto depreciada do Monte Aventino. Ali era mais alto e mais saudável e as residências separadas ofereciam oportunidade melhor para uma vida de família, tal como os cristãos e judeus preferiam. Entre os ali residentes, de acôrdo com provas arqueológicas, contavam-se os judeus cristãos Aquila e Priscila, que haviam regressado à cidade, depois de haverem arriscado suas vidas para salvar a de Paulo em Éfeso. Sua casa era o centro de uma "congregação", que presumivelmente se reunia para a celebração da Eucaristia (1). Foi provavelmente com êles, também, que Pedro passou a residir, durante esta segunda permanência em Roma. Foi naquela modesta casa que encontrou êle a tranqüilidade, que lhe fôra negada nas *insulae*, para escrever suas epístolas e governar a Igreja universal.

Outras tradições o associam, mais ou menos vagamente, com alguns dos gentios convertidos, que se iam tornando agora bastante numerosos. Os escravos que êle havia batizado no Gueto haviam convertido seus senhores e isto continuava a ocorrer da mesma maneira. O passo seguinte seria a libertação dos escravos pelos seus senhores, talvez em seu leito de morte. Aí pelo quarto século, Santa Melânia e muitos outros estariam a libertar milhares dêles, antes de vende-

(1) Romanos XVI, 3-5. No tempo de Nero os ricos estavam começando a reclamar dos pobres o Aventino. Aquila e sua mulher podem ter sido clientes ou agentes dos Cornélios.

rem suas terras e distribuírem os produtos das vendas entre os pobres. Desta forma já havia a Igreja começado mansamente a destruição da vasta injustiça sôbre que descansava a sociedade romana. Se Pedro ou Paulo houvessem pregado abertamente contra ela, ou teriam fracassado miseravelmente, ou criado uma anarquia maior do que o próprio mal. Contudo fôra plantada a semente. E podemos estar certos de que, quando Pedro foi chamado a visitar as residências cidadinas dos mais prósperos gentios convertidos, não olhou com olhos aprovativos a magnificência devida ao suor dos escravos.

Conta uma tradição que êle ofereceu o Santo Sacrifício na casa do Senador Pudens. Outra diz que êle batizou o jovem Marcos Acílio Glábrio, descendente duma família senatorial, que iria ser cônsul em 91 e mártir cristão sob Domiciano. Os jardins de sua família cobriam todo o Monte Píncio, por cima da catacumba da Santa Priscila, na Via Salária. A primeira visita de Pedro a tal residência deve ter sido imensamente interessante, pois a vila dos Glábrios deveria ser bem diferente das casas dos ricos nas quais entrara com o Senhor na Judéia. Erguia-se ela no alto do monte, dominando magnífica vista e cercada de luxuriantes jardins. Atravessou um vestíbulo e, depois de passar duplas portas de bronze, chegou ao átrio. Correspondia êste, tôscamente, ao pátio interno duma casa judia, mas era coberto, exceto numa abertura através da qual a chuva, provinda das goteiras do telhado, caía num tanque embaixo, conhecido pelo nome de *peripluvium*. Era a sala de recepção e, como o revelaram as escavações de Pompéia, deveria ser muito bonito. O chão era um complicado mosaico de belo mármore, conservado imaculado graças ao uso freqüente de vassouras de penas. As paredes também eram de mármore delicadamente tintos, realçados às vêzes por tapeçarias ou quadros. Formosas estátuas nos nichos e recantos completavam o efeito de serena opulência. Através de janelas de vidro, na extremidade do átrio, avistava-se um jardim externo, onde a família freqüentemente se reunia e usualmente jantava, nos belos dias quentes de verão.

A casa inteira estava de acôrdo com a elegância que Pedro notara no átrio. As janelas de vidro, as cadeiras de compridos espaldares oblíquos, apreciadas pelas mulheres, as confortáveis poltronas utilizadas para leitura ou escrita, os móveis de bronze, as lâmpadas de azeite das mais curiosas formas, os belos espelhos — até mesmo as panelas de cobre e os

jarros da cozinha, com suas graciosas formas e desenhos originais, chamavam a atenção para a perfeição com que os romanos faziam tudo.

Uma família como a dos Glábrios não levava necessariamente vida fácil e dissipada. O dono teria de levantar-se de madrugada ou mais cedo, fazer uma refeição ligeira e passar a manhã a trabalhar, quer em casa, quer no Forum. Às nove horas seu átrio estaria cheio de visitantes, à espera de consultá-lo a respeito dêste ou daquele negócio. Outros o deteriam no caminho, enquanto continuava a atender a crescente número de clientes antes e depois. Entre cinco da manhã e a tarde tinha êle um belo dia de trabalho, enquanto sua mulher saía a fazer compras nas lojas ou visitas. Depois de ligeiro lanche, gozava da sesta. Às quatro horas estava pronto para jantar.

Os jantares das quatro horas não seriam os escolhidos por Pedro para si mesmo, embora não fôsse cerimonioso, e com o exemplo e palavras de Cristo sempre em mente, sem dúvida comia e bebia as coisas que lhe eram postas à sua frente na ocasião. Mostrava-se agudamente interessado pela família e seus amigos, quando se reuniam no jardim entre as esplêndidas flores e as estátuas de mármore, sob o azul profundo do céu ao entardecer — as mulheres com longas saias de rainha, os homens de túnicas brancas, depois de livres de suas togas, todos conversando e rindo como se gozassem o prazer de viver. No inverno êses jantares se realizavam dentro de casa, sendo o arranjo das coisas bastante semelhante ao da Palestina. Havia várias mesas quadradas, com nove leitos cada uma, três para cada lado, sendo o quarto lado deixado livre para o serviço. A diferença mais notável é que aqui as mulheres não tinham mesas separadas. O jantar era excelente, mas moderado. O vinho, muito bom.

O mais interessante para um velho asceta como Pedro deveria ser a conversa que se seguia. Não havia mexerico político, pois seria perigoso. Não obstante, muitas alusões seriam feitas a respeito de personalidades da côrte imperial e de negócios em geral. Era grato saber que amigos dos Glábrios, alguns dêles pessoas importantes, estavam-se mostrando interessados pela Igreja. Na carta de Paulo aos romanos, saúda êle “a família de Aristóbulo”, que talvez tenha sido sobrinho do rei Herodes; “a família de Narciso”, que se crê ter sido secretário do imperador Cláudio. Noutra carta fala êle dos cristãos, na “casa de César”.

Uma coisa de que Pedro sem dúvida não gostava nas casas romanas era a falta de lugar no telhado, para observação e prece. É também provável que, passeando uma manhã pelo modesto jardim de Áquila no Aventino, tivesse visto o suntuoso parque dos Césares, no lado oposto, sobre o Monte Vaticano e vislumbrado o jovem imperador, dirigindo furiosamente uma de suas carruagens pela pista de corrida, justamente onde hoje se ergue a igreja de São Pedro. Era um rapaz alto e louro, de testa estreita, um tanto belo, mas de rosto pastoso e arrogante, pescoço grosso, corpo pançudo e pernas finas. Era Nero, o senhor do mundo.

Sem dúvida, ouvira o Vigário de Cristo alguma coisa a respeito da morte de Cláudio em 54, A. D. Tendo matado a ninfomaníaca Messalina, fôra envenenado pela sua quarta mulher e sobrinha Agripina, que então conseguira ver seu filho elevado à púrpura, na idade de dezessete anos, pela guarda pretoriana. Nunca, desde o louco Calígula, se fizera tão grotesca escolha. Nero era um homossexual ego-maniaco, obcecado pela idéia de que era um artista tal como o mundo jamais vira, nem haveria novamente de ver. Era algo de novo, porém não tranqüilizador para o povo romano, ver seu imperador pavoneando-se no palco público como um cantor profissional, recitando seus próprios e medíocres poemas com acompanhamento de sua harpa mal tocada; ou tocando flauta ou gaita de foles; ou exibindo seu repulsivo corpo em danças grosseiras. A multidão aplaudia-o barulhentosamente, de modo especial depois que êle acrescentou uma distribuição de dinheiro para pão e circo. Mas embora aspirasse o incenso de seus louvores, não confiava demasiado na constância dela. Quando aparecia no palco, uma claque de "agitadores" ou "ovacionadores" se espalhava pelo auditório, a fim de estimular os aplausos. Fechavam-se as portas tão logo começava o espetáculo, de modo que ninguém pudesse sair, a não ser talvez que pretendesse morrer e ser levado para fora.

Infelizmente havia um lado mais negro nesta brincadeira colossal feita com o povo romano. A ambiciosa Agripina e dois dos tutores dêle, o filósofo espanhol Sêneca e Burrus, chefe da polícia imperial, tinham exercido considerável freio sobre os impulsos menos atraentes de César, durante os primeiros anos de seu reinado. Êle, porém, se foi gradualmente libertando dessas influências, à medida que sua arte, isto é, êle próprio, se tornava tudo para êle. Mandou estrangular sua mãe, obrigou o fiel Sêneca a exilar-se e tal-

vez suicidar-se, e provavelmente envenenou Burrus. Quando alguém depois disso incorria no seu desagrado, mandava-lhe uma pequena adaga ou um pouco de veneno, com um curto bilhete, convidando-o a suicidar-se. Tornou-se cada vez mais extravagante. Quando necessitava de dinheiro, como ocorria muitas vezes, mandava para o exílio algum homem rico, sob qualquer pretexto que conviesse — em linguagem moderna, “purgava” dêle o Senado — e confiscava-lhe a propriedade. O Senado naturalmente detestava-o, mas não tinha poder, enquanto os pretorianos apoiassem Nero. A multidão, repleta de pão gratuito e de diversões sem conta, aplaudia-o selvagememente e fingia ver nêle um deus.

Pedro vira a grandeza pagã de Herodes e os xeques da Ásia, mas nunca esperara ver algo tão fantástico como uma daquelas “paradas” com que o imperial bufão de vez em quando se divertia e divertia o mundo. Estava longe de ser semelhante a um desfile de nossos circos modernos. Incluía não somente as carruagens e liteiras de uns dez ou doze mil aristocratas e cortesãos, ornados de brilhantes côres e festonados de flores, mas de cavalos de puro sangue para as corridas, animais selvagens enjaulados para os jogos dos gladiadores, palhaços, bufões, escravos e músicos para as representações e concertos com que Augusto enganaria suas horas de ócio. À frente do cortejo, quando partia êste de Roma, descendo a Via Apia até Âncio ou Baia, apareciam no alto as Águias Romanas, tão odiosas aos olhos judeus, juntamente com estátuas e bustos dos deuses e de César. Já no fim, vinha uma carruagem dourada puxada por seis garanhões idumeus, ferrados de ouro; e nela, aguardando as aclamações da populaça, com uma toga de ametista sôbre sua túnica branca e uma coroa de louros posta acima de seu rechonchudo rosto de degenerado, refestelava-se César.

Ao final de tudo, numa liteira carregada por oito gigantes negros, aparecia a figura reclinada da mulher que se dizia ser a espôsa de César. Faiscante de jóias e pintada de vários cosméticos raros, tinha a beleza exótica e perturbadora de alguma deusa oriental, padroeira de pecados inconfessáveis. Acompanhava-a um trem de carroças transportando suas criadas, seus escravos, guarda-roupa e acessórios e, numa ocasião pelo menos, uma manada de quinhentas jumentas, para fornecerem leite aos banhos diários que mantinham sua pele incomparável tão macia e branca. Era Popéia Sabina, que havia envenenado seu ma-

rido para casar com Nero, sôbre quem exercia grande influência. Tem-se conjecturado que fôsse uma judia, ou pelo menos uma convertida ao judaísmo, por causa do favor que dispensava aos judeus da côrte, e porque, quando morreu, seus restos não foram cremados, mas deixados intactos entre as urnas dos imperadores. Os judeus não acharam esta prova conclusiva e jamais a reclamaram como gente sua.

Tinha também Pedro algo de melhor a fazer do que assistir a paradas imperiais ou divertir-se com aristocratas no Monte Píncio. Devia visitar ainda os cristãos pobres das *insulae*, curar os doentes, ungiendo-os com óleo, no sacramento que chamamos de Extrema Unção, distribuir alimentos e roupas, recolhidos dos mais prósperos, apaziguar discórdias e reconciliar inimigos, batizar, pregar, consolar, repreender, oferecer o Santo Sacrifício nos domingos e talvez diàriamente. A tarefa de presidir uma Igreja universal aumentara, além disso, a ponto de tornar-se gigantesca. Teria acolhido de bom grado a presença e auxílio de Paulo, que muitas vêzes prometera visitar Roma a caminho da Espanha, mas era sempre impedido pelo seu trabalho no Oriente. O labor em Roma era mais que bastante para um velho. Os crentes gentios ultrapassavam agora em número os crentes judeus. O maravilhoso êxito da Igreja de Roma, sob a direção de Pedro, tornara-a famosa, como escreveu Paulo generosamente de Corinto, em todo o mundo. Tácito refere-se aos cristãos como uma "imensa multidão".

Por êsse tempo, de maneira igual, a Igreja por tôda parte se destacava franca e essencialmente na forma que tem hoje. Tinha todos os sacramentos atuais, pois além de ungir com óleo e batizar, os Apóstolos sem dúvida davam absolvição pela autoridade das palavras de Cristo: "Aquêles a quem perdoardes os pecados, lhes serão perdoados; e aquêles a quem os retiverdes, serão retidos". Distribuíam Seu sagrado Corpo e Sangue sob as espécies de pão e vinho. Comunicavam o Espírito Santo, da mesma forma que Cristo O havia comunicado a êles, no sacramento da Confirmação. Relembrando o que Êle dissera do matrimônio, juntavam homens e mulheres sacramentalmente. Transmitem seus poderes sacerdotais pela ordem. Assim doze simples homens, sem dinheiro ou influência política, mas manejando os sete instrumentos da graça, estavam tranqüilamente formando o tecido indivisível e indestrutível do Corpo Místico.

A crença no Purgatório era uma herança do Antigo Testamento dos hebreus, pois rezavam pelos seus mortos; assim

fizeram os cristãos do primeiro século, como o patenteiam muitas inscrições nas catacumbas. A veneração de Maria igualmente data dos primeiros dias da Igreja. Além da certeza com que Inácio, discípulo de Pedro, a ela se refere em uma carta de cêrca de 106 A. D., há a prova de uma admirável pintura em uma parede da Catacumba de Santa Priscila, em estilo pompeano, e sem dúvida da primeira metade do segundo século. Ela está carregando o Menino Jesus, e um dos profetas (Isaiás talvez) é mostrado adorando-O e apontando para uma estrêla.

Originariamente tinham os apóstolos poderes universais, mas Tiago Menor havia permanecido em Jerusalém. Pedro centralizara seus labores episcopais em Roma e os novos bispos, que agora eram preparados para suceder aos Doze, deviam ser encontrados em tôda a parte com jurisdições locais, como por exemplo, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna, Ireneu de Lião. Originariamente, houvera uma ordem de apóstolos. A designação de diáconos fizera duas. Agora menciona-se uma terceira, a dos presbíteros ou padres, tendo precedência sôbre a segunda. A primazia do Bispo de Roma não destruía as prerrogativas iguais dos outros apóstolos como bispos e esta distinção tem sido sempre mantida. O título de "Papa" não lhe seria dado exclusivamente durante vários séculos. Contudo, era êle reconhecido em tôda parte como cabeça da Igreja e Vigário de Cristo. Assim, antes da morte de Pedro, a organização hierárquica estava plenamente definida e completada. Presidia êle uma instituição largamente difundida, de funcionamento monárquico, e democrática no seu método de renovar sua vida oficial desde a base.

Isto é bastante aparente desde a primeira carta encíclica de Pedro aos judeus e outros cristãos de "Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia", provavelmente cêrca de 58 ou 59 de nossa era. Um simples velho passeia para lá e para cá em seu quarto, na casa de Áquila, sôbre o monte Aventino, ou em casa de algum outro, enquanto dita lenta e enfaticamente a seu secretário Silas, ou ao "meu filho Marcos", que se senta no chão, de pernas cruzadas e escreve com uma pena de ave, de que de vez em quando faz a ponta com pedra-pomes, enquanto mantém o pergaminho ou a tabuinha em cima do joelho, muitas vêzes por duas horas a fio. As palavras de Pedro são rudes e ainda um tanto desalinhas; têm contudo a indisfarçável grandeza que fala pela bôca dos profetas judeus e aquêle acento de serena e majestática cer-

teza que encontramos nos pronunciamentos dos Papas, durante dezenove séculos. Escrevendo de "Babilônia", isto é, de Roma, aquêlê velho fala com autoridade e segurança a cristãos lá bem distantes na Ásia. Torna bastante claro que não pertencem êles a uma seita, ou a uma nação particular, mas a uma sociedade única de origem divina. São as pedras vivas duma casa espiritual, de que é Jesus Cristo, o Filho de Deus, a pedra angular (rejeitada pelos construtores) (2). "Vós, porém, sois uma geração escolhida, um sacerdócio real, uma gente santa, um povo de conquista, para que publiqueis as perfeições dAquele Que das trevas vos chamou à Sua luz admirável. Vós, que outrora não éreis Seu povo, mas agora sois povo de Deus" (3). Nesta grande carta, sugere êle, afinal, todos os sinais distintivos da verdadeira Igreja: ela é Una, Santa, Apostólica, Romana e Católica.

Acima de tudo insiste em que, como membros de Cristo devem ser santos, como Êle é. "Está escrito: "Sereis santos porque Eu sou santo". Foram redimidos da sua "vã maneira de viver recebida "de seus pais", não a preço de coisas corruptíveis, de ouro ou de prata, mas pelo precioso sangue de Cristo". Portanto, "do íntimo do coração amai-vos intensamente uns aos outros... deixando tôda a malícia e todo o engano, e dissimulações, e invejas e tôda a sorte de detrações... Caríssimos, rogo-vos que, como estrangeiros e peregrinos, vos abstenhais dos desejos carnis que combatem contra a alma, tendo bom proceder entre os gentios, para que, assim como agora murmuram de vós como de malfeitores, considerando-vos por vossas boas obras, glorifiquem a Deus no dia em que os visitar... Nenhum de vós, porém, sofra como homicida ou ladrão, ou maldizente, ou cobiçador do alheio. Mas, se sofre como cristão, não se envergonhe, antes glorifique a Deus por tal nome... Sêde todos dum mesmo coração, compassivos, amantes dos irmãos, misericordiosos, modestos, humildes, não retribuindo mal por mal, nem maldição por maldição, mas, pelo contrário, bendizendo, pois para isto fostes chamados, a fim de que possuais a bênção como herança... Basta no tempo passado ter feito a vontade dos gentios, a êsses que andaram em luxúrias, em concupiscências, na embriaguez, em excessos de comer e de beber e no ilícito culto dos ídolos... Portanto, sêde prudentes e vigiai nas orações. E sobretudo

(2) I Pedro, II, 5-8.

(3) *Ibid.*, II, 9-10.

tende perseverante entre vós mesmos a caridade mútua, porque a caridade cobre a multidão dos pecados" (4).

É dêste mútuo amor que depende a unidade. Donde deverem os servos ser obedientes mesmo a amos desagradáveis, seguindo o exemplo de Cristo. Os sacerdotes não deveriam apascentar suas ovelhas, "não constrangidas", nem por amor de lucro vil", mas para servir-lhes de modelo. As mulheres deveriam ser submissas a seus maridos. Aqui talvez Pedro estivesse pensando em sua mãe e na mãe do Senhor. Nova nota de delicadeza e graça se insinua em suas palavras, quando se dirige às senhoras cristãs judias do Oriente: "Não seja o vosso adorno exterior: os cabelos frisados, ou os adereços de ouro, ou a gala e o preparo dos vestidos, mas a mulher que está escondida no coração, pela incorruptibilidade dum espírito pacífico e modesto, o qual é de grande valor diante de Deus". Igualmente os maridos devem viver com suas mulheres, "sãbiamente... tratando-as com honra e como herdeiras convosco da graça da vida" (5). É esta a primeira expressão conhecida do dom da Igreja da igualdade às mulheres do mundo antigo.

A história só vem a tomar conhecimento do "Credo dos Apóstolos" no quarto século. Não se segue, porém, que os Doze não o houvessem estabelecido em tudo quanto era essencial. A primeira epístola de Pedro contém, pelo contrário um completo e regular esboço dêle. Começa com o louvor de "Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo". Afirma que Cristo sofreu e morreu, que Ele "foi pregar aos espíritos que estavam no cárcere, os quais outrora tinham sido incrédulos", que Ele ressurgiu dos mortos, que subiu ao céu e ali está sentado à mão direita de Deus. Refere-se ao Espírito Santo, à comunhão dos santos, à remissão dos pecados, à ressurreição da carne e à vida eterna.

Em adição a isto, adverte Pedro os fiéis que, estando no mundo, devem obedecer a tôda autoridade civil legal, mas não sendo do mundo, devem esperar ser perseguidos, como Cristo foi, desde que "o demônio vosso adversário, anda ao redor, como um leão que ruge, buscando a quem devorar". Contudo, "tudo em breve passará" e depois de partilhar dos sofrimentos de Cristo, participarão êles de Sua Glória. Tendo acrescentado suas saudações e as de Marcos, seu filho, pôs o sinete na carta e remeteu-a, na sua longa jornada com seu discípulo Silvano.

(4) I Pedro, II, *passim*.

(5) *Ibid.*, III, 1-7.

Marcos ficou em Roma para compor outro documento que revela muita coisa, indiretamente, a respeito de Pedro. O Segundo Evangelho foi escrito, evidentemente, para ajudá-lo a converter os gentios cépticos daquela cidade e contém claramente prova de que êle o inspirou, se é que não o ditou. Mateus insistiu sôbre as profecias, pois estava escrevendo para judeus; o que tinha de mostrar é que Jesus as cumpriu. Marcos tem menos citações do Velho Testamento, pois seriam de pequena significação para os romanos. Por outro lado, toma trabalho de explicar têrmos que qualquer leitor judeu prontamente compreenderia: a Páscoa, o Dia da Preparação, a localização do Monte das Oliveiras. Faz muita questão dos milagres, sabendo que isto impressionará os gentios e descreve não menos de dezoito no espaço de seu pequeno livro. Deseja também que êles notem que, desde que Cristo é Deus, tôdas as coisas no céu e na terra estão sujeitas a Êle; por isso Pedro, Seu representante, devia ser acreditado.

O Evangelho de Marcos tem tôda a vivacidade e retidão do relato duma testemunha de vista. Tem também o ar triunfante de alguém cujo conhecimento pessoal das obras de Cristo está fora de dúvida. Palavras como "imediatamente" ou "sem perda de tempo" sugerem que o escritor está vendo mais uma vez aquilo que está descrevendo.

Neste terso e claro Evangelho vemos Pedro, na sua velhice, olhando para o passado, dali, dentre as ruas sujas e barulhentas de Roma, com saudades dos limpos e suaves montes da Galiléia que êle nunca mais verá de novo. Palavras aramaicas, não usadas pelos outros Evangelistas, surgem-lhe prontamente no espírito: "*Boanerges*", "*Talitha Kumi*". Está sempre pensando no "Mar". Seu brilho e movimento correm através da narrativa, estamos sempre a vê-los, como Pedro os via nos seus sonhos. É humilde agora e exige que Marcos omita o que lhe é favorável, como o ter andado sôbre as águas e insista no que lhe é desfavorável, como sua negação. Mas ajuda-o a visualizar o Senhor com excepcional vigor e fidelidade. Gosta de fornecer-lhe pormenores do que estava Êle fazendo, quando disse isto ou aquilo: "Êle olhou em redor" ou "andava Êle antes de descansar" (6). Duas vêzes pelo menos ouviu-O suspirar; lembra-se disto trinta anos depois, como se fôra no dia anterior. O rosto, os olhos, os gestos, a voz, o amor de Jesus estão sempre com êle.

(6) Pope, *op. cit.*, III, p. 201 et. seq.

A medida que seus deveres aumentam e suas energias crescem, Pedro aguarda a de há muito adiada visita de Paulo, que seria especialmente valiosa no trabalho de converter os gentios romanos. Mas nada se sabia dêle, até que, cêrca de 58 A. D., chegou a notícia de sua prisão em Jerusalém. Regressando de sua terceira viagem, tinha-se envolvido num motim no Templo, no próprio ato de cumprir um voto mosaico, com a cabeça raspada, e a custo escapou com vida. Proclamando-se cidadão romano, fôra pôsto sob custódia protetora em Cesaréia. Dois anos se passaram antes que pudesse finalmente ser enviado, sob guarda, para Roma num navio. Não mais notícias chegaram durante vários meses. Depois, súbitamente, os cristãos romanos tiveram notícia de que êle havia desembarcado em Puteoli. Muitos dos irmãos, inclusive sem dúvida seus velhos amigos Áquila e Priscila, desceram pela Via Ápia a fim de encontrá-lo. Não se menciona Pedro entre êles. É possível que estivesse ausente em viagem missionária, ou doente (7).

† Livros Católicos para Download



<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

(7) *Atos*, XXI, 17, XXXVIII, 15.

XXXII

PAULO chegou acorrentado, sob guarda, mas como cidadão romano, cuja única ofensa consistia em desgostar alguém na Palestina, foi tratado com considerável leniência. Deram-lhe um quarto próprio, provavelmente em uma das melhores *insulae* e foi-lhe permitido receber seus amigos ali e andar pela cidade, ainda acorrentado, durante o dia. No terceiro dia convidou os principais judeus de Roma para uma conferência. Não foi pequena homenagem a seus poderes o terem acedido ao convite e ouvido a narrativa de sua prisão e cativo. Concordaram mesmo em ouvir sua defesa do Cristianismo, embora francamente admitissem uma tendência contra êle. Em dia marcado, bom número dêles se dirigiu ao aposento de Paulo, que lhes dirigiu a palavra. "E uns criam o que êle dizia; outros porém não criam". Seguiu-se vivo debate, estando os judeus incapazes de entrar em acôrdo. Paulo então citou-lhes Isaías: "Com o ouvido ouvireis, e não entenderéis" e observou: "Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios e êles a ouvirão!" E tendo dito estas coisas, retiraram-se os judeus (1).

Este incidente, com que Lucas encerra os ATOS, parece favorável, à primeira vista aos que negam a presença de Pedro em Roma, particularmente pelo fato de não ser feita referência a êle. Pode-se argumentar que os principais judeus não se reuniram para ouvir Paulo, se houvessem definitivamente rompido com Pedro. Mas Lucas só tem que ver com seu objetivo de terminar a história da viagem de Paulo para Roma e, como de costume, omite muitos fatos conhecidos. Cuidadosa releitura das passagens indica que Paulo não apellou para os judeus como cristão, mas como conterrâneo que havia sido perseguido pelos romanos. Com característica lealdade se congregaram para auxiliá-lo. Não tinham idéia de quem fôsse, pois lhe disseram: "Nós nem recebemos carta da Judéia acêrca de ti, nem de lá veio nenhum que nos dissesse ou falasse algum mal de ti. Porém quereríamos ouvir da tua bôca o que pensas" (2). Foi sòmente quando os teve juntos

(1) Atos, XXVIII, 16-28.

(2) Atos, XXVIII, 22.

que revelou seu verdadeiro propósito. A êsse tempo, o encanto de suas palavras e de sua personalidade tinha-os cativado o suficiente para que condescendessem em ouvi-lo até o fim. Mas antes de assim procederem, fizeram uma observação que mostra claramente que já tinham estado em contacto com o cristianismo e o haviam rejeitado. "O que nós sabemos desta seita, é que em tôda parte a impugnam". Não é necessário, porém, êste testemunho judeu, para provar a existência da comunidade cristã em Roma, antes da chegada de Paulo. Sua própria carta aos romanos, com a prova de que não estivera ainda entre êles, exemplifica-o amplamente e outro qualquer testemunho desaparece. E desde que está claro que Paulo não estabeleceu a Igreja Romana, voltamos à proposição de que sòmente Pedro poderia tê-lo feito.

É provável que tenha sido Pedro um dos primeiros a ir-lhe ao encontro, quando chegou a Roma, mas isto nem nenhum dêles, nem seus discípulos consideraram fato importante demais para ser mencionado. Não estavam escrevendo uma coluna de noticiário social, aquêles destemidos bispos, nem se davam muito ao incenso mútuo e apertos de mão. Pedro estava sobrecarregado dos trabalhos mencionados acima e Paulo imediatamente, em meio de sua branda prisão, começou a fazer o que podia para auxiliá-lo. O pior é que tinha êle a seu lado dia e noite um dos pretorianos, quer quando saía à rua, quer quando lia em seu quarto. Transformou êle esta penitência num benefício de não pequenas dimensões. A guarda era mudada diàriamente, de modo que, no correr de dois anos foi êle capaz de dar a uns setecentos soldados de César respostas pessoais a respeito do enigma da vida de que tanto tinham ouvido falar da bôca dos estóicos, dos peripatéticos e de outros "apanha-sementes" que infestavam a cidade, e escrevia triunfantemente a seus amigos de Filipe que "as minhas cadeias por amor de Cristo tornaram-se conhecidas de todo o pretório e de todos os outros" (3). Foi finalmente absolvido em 62 A. D., em virtude de razões ainda obscuras. Talvez Tigelino, o Horrível, novo chefe da Polícia Imperial, estivesse demasiado ocupado, "expurgando" os homens com quem Nero estava aborrecido, para perder tempo com uma trivial disputa das províncias. Seja como fôr, Paulo foi pôsto em liberdade.

(3) *FIL.*, I, 13.

O que dizem muitas tradições que o associam a Pedro em Roma, não será desmentido simplesmente porque a história silencia. Os cristãos desde os primeiros séculos sempre pensaram nêles juntos. Seus nomes são rabiscados juntos nas paredes das catacumbas. Suas imagens aparecem juntas em medalhões de bronze do segundo século. O terceiro bispo de Roma, Clemente, que certamente deve ter conhecido a ambos, refere-se à Igreja Romana como fruto de seus labores conjuntos (4). Não se trata, pois, de tomar liberdade com a verdade essencial, imaginá-los caminhando juntos ao longo das margens do Tibre, ou por entre os grupos humanos do Forum, conversando gravemente a respeito de muitas coisas, em grego ou hebraico (pois Paulo não era muito forte em aramaico), enquanto as pessoas olhavam curiosamente para êles, julgando pelas suas barbas e aspecto geral que fôsem dois velhos rabinos.

Tinham-se tornado melhores amigos do que quando se encontraram pela primeira vez em Jerusalém, havia mais de vinte anos. Os heróicos sofrimentos do homenzinho tinham elevado as energias espirituais e intelectuais de Paulo à sua esplêndida maturidade. Externava profundas observações e trechos de imperecível poesia sem esforço e embora seu superior ainda pudesse achar sua prolixa conversação um tanto fatigante, podia verificar como o amor havia aumentado no corajoso guerreiro de Deus aquelas qualidades mais gentis que transparecem nas cartas paternais a Timóteo e naquela a Filemon, em que pede ternamente em favor dum escravo fugitivo; para não mencionar a bela clareza das duas admoestações aos coríntios. Pedro também tinha mudado, sem dúvida. Tornara-se afinal a pedra que Cristo nêle buscara. Há muito tempo que deixara de hesitar; através de seus trabalhos e sofrimentos o Espírito Santo havia-o conduzido ao maciço equilíbrio e lucidez que aparecem em suas alocações finais. Dois homens como aquêles, vivendo somente em Cristo e para Cristo, não podiam deixar de compreender-se e de respeitar-se mutuamente.

Um dos assuntos a respeito de que conversavam deve ter sido as atividades dos outros apóstolos, agora espalhados pelo mundo. Pedro recordava com afeto aquêles com quem vivera e viajara durante três anos no colégio peripatético de Cristo. Mostrar-se-ia naturalmente mais ávido de qualquer notícia que pudesse ter dêles, particularmente de seu irmão

(4) *Op. cit.*, 5-6.

André, com quem talvez não se encontrara no Concílio de Jerusalém. Tendo Paulo estado tanto tempo no Oriente e sendo um correspondente mais ativo, por certo recolhera tôda espécie de informações a respeito dêste ou daquele. De certo ambos souberam das más notícias do que ocorrera em Jerusalém, em 62 A. D., o ano da libertação de Paulo. Tiago Menor, o mais amável dos homens, modêlo de bispos, autor da primeira liturgia da Igreja, homem inteligentemente devotado a Deus e a seu próximo, fôra apedrejado naquele abril. O Sumo Sacerdote Ananás, digno filho do velho Anás, tornara-se ciumento da crescente popularidade de Tiago entre os judeus, e sob algum pretexto conseguira incitar uma multidão contra êle, concedendo-lhe assim o privilégio de seguir os passos de Cristo, de Estêvão e de Tiago Maior. Judeus incrêus o prantearam juntamente com os cristãos e alguns dêles mais tarde atribuíram a destruição da cidade ao crime de seu assassínio.

Há muitas tradições contraditórias e outras duvidosas a respeito das subseqüentes vidas dos apóstolos remanescentes. Contudo, desde os mais primitivos tempos há consistente acôrdo em que quase todos morreram como mártires, confirmando a profecia de Cristo de que o servo não escaparia à sorte do Senhor. É bastante estranho que o primeiro dos primitivos Doze a morrer tenha sido Judas, que mais amara esta vida. André, irmão de Pedro, segundo contam, foi pregar na Grécia, Trácia, Asia Menor e, depois de sofrer muitas provações na terra dos antropófagos e nos desertos ardentes da Cítia, foi crucificado em Patriae, na Acaia, a 30 de novembro do ano 60, amarrado e não pregado à cruz, para tornar sua agonia mais demorada. Tomé, o Gêmeo, foi para a Pártia, e dali percorreu todo o Oriente, contando o que sabia aos medas, aos persas e aos hircânios, até que, em alguma parte perto do Ganges, na Índia, foi morto a lançadas. Talvez tenha ido mesmo até Sumatra e Ceilão. As tradições orientais a seu respeito são antigas e duradouras e no décimo sexto século os navegadores portugueses descobriram quinze mil famílias de "cristãos de S. Tomé", na costa de Malabar. Mateus, outrora o publicano Levi, pregou na Judéia e escreveu ali o seu Evangelho. Depois seguiu para a Pérsia e dizem que foi martirizado na Pártia e enterado em Hierápolis. De Judas Tadeu a última notícia que se tem é que estava na Síria. Simão, o Zeloso, patrono dos curtidores, pregou nas praias do mar Negro, depois no Egito e na África do Norte. Diz-se também que visitou a Bre-

tanha antes de ser serrado em pedaços, em Caldria ou em Suanir, na Pérsia. Bartolomeu trabalhou incansavelmente na Índia, na Mesopotâmia, na Pérsia, no Egito, na Armênia, na Frígia e nas praias do mar Negro. Morreu em Albanópolis, na Armênia, dizem alguns que decapitado, outros que esfolado vivo, de cabeça para baixo, por ordem de Astíages, por lhe haver convertido o irmão, o rei Polímio. Assim com todos os irmãos, com exceção talvez de João, de cuja morte a tradição nada diz, exceto que ocorreu depois de haver êle escrito o Apocalipse na ilha de Patmos, tendo sobrevivido ao suplício dentro de azeite fervente e trabalhado como bispo de Éfeso até os cem anos de idade.

Quando Pedro e Paulo conversavam a respeito de seus irmãos perdidos e tinham notícia da morte dêste ou daquele, devem ter inevitavelmente imaginado o que aconteceria à Igreja, quando houvesse desaparecido da terra o derradeiro. É de novo o terceiro papa, Clemente de Roma, quem nos diz que êles anteciparam o problema. Escolheram bons sucessores para os apóstolos ou bispos originais. Concordaram com o princípio da sucessão apostólica, através da qual a autoridade concedida por Cristo tem sido transmitida de bispo a bispo, pela imposição das mãos, até os presentes dias.

“Cristo é de Deus, e os Apóstolos são de Cristo... E nossos Apóstolos sabiam por meio de Nosso Senhor Jesus Cristo”, escreveu São Clemente, em 90 de nossa era, “que haveria lutas sôbre o nome do ofício do bispo. Por êste motivo, portanto, tendo recebido completa presciência, designaram as citadas pessoas e depois proveram sua continuidade, para que se aquêles adormecessem, outros homens experimentados lhes sucedessem no ministério” (5).

Outro freqüente assunto de conversa entre Pedro e Paulo, a julgar pela preeminência que tem em suas cartas e nas de Tiago, João e Judas, era o problema da heresia. Santo Tomás de Aquino define esta como “uma espécie de infidelidade em homens que, tendo professado a fé em Cristo, corrompem seus dogmas” (6). É uma doença espiritual que atacou os judeus sob a Antiga Lei como os cristãos na Nova, pois judaísmo implicava fé no Cristo que haveria de vir e é significativo que Josefo acuse os fariseus, saduceus e essênios de “heresia” (7) — a palavra que os chefes judeus errô-

(5) *Op. cit.*, 42, 44.

(6) II, II, Q. XI, A. 1.

(7) *Guerra Judaica*, II, VIII, 1; *Ant.*, XIII, V, 9.

neamente aplicaram a Paulo e à "seita dos nazarenos" (8). Literalmente, no grego, significa "apanhando e escolhendo". O herético afirma que aceita tôda a revelação divina, exceto naquelas partes que lhe desagradam. Mas rejeitando um que seja dentre cem de tais dogmas, está-se êle colocando como juiz em lugar de Deus, repudiando dêste modo, com efeito, a Sua autoridade. É isto que torna o crime tão abominável; é por isto que Balmes o chamou de "ateísmo implícito"; é por isto, sem dúvida que Cristo se mostrou tão rigoroso para com aquêles que o aceitavam "com reservas", chamando-os de filhos do demônio.

Todos os apóstolos que deixaram cartas adotaram o mesmo tom inflexível para com "os lóbos vestidos de ovelhas", contra quem Êle os havia advertido. João avisava a suas ovelhas que nada tivessem com alguém cuja doutrina era diferente daquela ensinada por Jesus: "não o recebais em vossa casa, nem o saudeis" (9). Judas Tadeu lamentava que "se houvessem introduzido entre vós certos homens ímpios... os quais trocam a graça do nosso Deus em luxúria, e negam a Jesus Cristo nosso único Dominador e Senhor... êles são máculas nos seus festins, banqueteadando-se sem respeito... murmuradores queixosos... sua bôca profere coisas soberbas; mostram admiração pelas pessoas segundo convém ao seu próprio interêsse... homens sensuais, que não têm o espírito" (10). Paulo lançou o fogo de sua eloquência contra mais de uma seita daqueles brocadores internos que estavam tentando desarraigar aquilo que êle havia plantado. Claramente indica em tal grupo os precursores das seitas maniquêias que iriam confundir e devastar a Europa na Idade Média, "dando ouvidos a espíritos enganadores e a doutrinas de demônios, que com hipocrisia propagam a mentira e têm cauterizada a sua consciência, que proíbem o casamento e o uso dos alimentos que Deus criou para que participem dêles os fiéis". Não poderia haver campo comum ou contra-senso dentro da fé com aquêles que não aceitassem o Cristo de todo o coração na Sua Igreja. "Não vos sujeiteis ao mesmo jugo com os infiéis", escreveu êle aos coríntios, "Porque, que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? Ou que sociedade entre a luz e as trevas? E que concórdia entre Cristo e Belial?" (11). Quando se separou de Pedro, cêrca do ano 63 de

(8) *Atos*, XXIV, 5; XXVIII, 22.

(9) *II João*, 11.

(10) *Judas*, 4, 12, 16, 19.

(11) *II Cor.*, VI, 14-16.

nossa era, foi para regressar às pressas a Éfeso, a fim de combater certos lóbos que estavam devastando seu rebanho ali.

A segunda epístola de Pedro parece ter sido escrita pelo mesmo tempo ⁽¹²⁾, com similar propósito. Nunca na história dos pronunciamentos papais, e foi o pai de muitos outros até o século vinte, foram os heréticos mostrados ao rebanho de Cristo a uma luz menos lisonjeadora. São “falsos profetas... falsos doutores, que introduzirão seitas de perdição, e renegarão aquêlo Senhor que os resgatou, atraindo sôbre si mesmos uma pronta ruína. E muitos seguirão as suas dissoluções, por causa dos quais será blasfemado o caminho da verdade; e, por avareza, com palavras fingidas, farão negócio de vós. Audaciosos, comprazendo-se em si mesmos... êstes, como animais sem razão, naturalmente feitos para prêsa e para perdição, blasfemando das coisas que ignoram, perecerão por sua própria corrupção... Êles que fazem consistir a sua felicidade nas delícias de cada dia; êles que são contaminações e manchas, entregando-se com excesso aos prazeres, dissolutos nos banquetes que celebram convosco, tendo os olhos cheios de adultério e dum contínuo pecado. Êles que atraem com afagos as almas inconstantes, tendo o coração exercitado na avareza, como filhos da maldição... fontes sem água e névoas agitadas por turbilhões... Porque, falando palavras arrogantes de vaidade, atraem aos desejos impuros da carne aquêles que pouco antes tinham fugido dos que vivem no êrro, prometendo-lhes a liberdade, quando êles mesmos são escravos da corrupção”...

Uma tradição, que remonta ao segundo século, identifica um dos “falsos Cristos e falsos profetas”, contra quem Pedro empregou suas energias naqueles derradeiros anos, como Simão Mago, a quem êle dissera: “para o inferno tu e o teu dinheiro”, vinte anos antes, em Samaria. A história é que, depois de seu fracasso em comprar os dons do Espírito Santo do Vigário de Cristo, o mágico viajou para Roma, onde a riqueza, a corrupção e o internacionalismo sincretista da côrte imperial ofereciam oportunidades incomuns para seus talentos. Mostrava-se particularmente atento às mulheres ricas e sentimentais e atuava sôbre suas emoções e superstições com tanta habilidade que solapou seu caminho até mesmo dentro da casa de César. Apresentando-se como “o Poder de Deus” e a uma bela loura prostituta grega, Helena, como

(12) II Pedro tem sua data atribuída geralmente ao ano 67, porque nela o autor exprime uma advertência de sua morte. Pedro poderia ter tido isto, porém, em 63 ou 64.

sua "Primeira Inteligência", diz-se que conseguiu nada menos do que o culto de alguns dos cortesãos que adulavam Messalina e Popéia. De acôrdo com Eusébio, seu culto cresceu de maneira tão alarmante que os cristãos foram ao Oriente buscar Pedro que apressou seu regresso a Roma, algum tempo depois do Concílio de Jerusalém, para renovar a batalha com seu antigo inimigo e derrotá-lo uma segunda vez.

Algumas das mais fantásticas variações desta história referem-se a um grande debate dos dois Simões perante um juiz, nada menos que Nero. Simão Mago ofereceu-se para suplantar os milagres de Simão Pedro, voando no ar diante de tôda a côrte imperial. Assim o fêz, com auxílio do demônio, mas não havia contado com as preces de Pedro e Paulo, que estavam a vigiá-lo, por isso depois de elevar-se no ar a alguma distância veio de repente abaixo e se reventou todo.

Êstes contos parecem ser demasiado bons para serem verdadeiros. Nenhuma prova histórica assinala qualquer comparecimento de Pedro perante Nero, muito menos a levitação e outras maravilhas. Não se segue daí, como certos eruditos católicos modernos concluíram, que Simão Mago não houvesse causado certa sensação na Roma de Nero. A insistência dos escritores cristãos do segundo e do terceiro século de que foi êle o adversário de Pedro no Ocidente, bem como no Oriente, é apoiada, até certo ponto pelo menos, pela difundida e inegável existência da seita gnóstica do segundo século, chamada dos simonianos, que se diziam seguidores dêle. Anteciparam os primeiros maniqueus no seu ódio ao Antigo Testamento, que atribuíam a um Deus secundário, o Demiurgo, e alguns dêles chamavam o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó um demônio. Se Pedro não se estava referindo a êles e a seu chefe na sua denúncia dos falsos mestres e de "suas dissoluções" que "por avariza, com palavras fingidas, farão negócio de vós", é difícil saber a quem pretendia mencionar. ⁽¹³⁾

Esta segunda epístola de Pedro é também seu adeus a seu rebanho. Tivera uma revelação de que não viveria por muito tempo mais e lhes pede que observem as suas advertências, "estando certo de que dentro em breve deixarei o meu tabernáculo, segundo o que me deu entender nosso Senhor Jesus Cristo". Suas palavras brilham de lírico fervor, quando recorda a Transfiguração do Senhor no monte, de

(13) O Padre Spencer, na sua tradução do Novo Testamento (Macmillan) acredita que Pedro falava de falsos doutores "tais como os seguidores de Simão Mago", etc. ver p. 644.

que êle e os Boanerges foram testemunhas; quer que, depois de sua morte, todos se recordem disto. Mas devem estar preparados para a segunda vinda do Senhor — e aqui Pedro parece estar falando, através dos séculos, para homens de nosso tempo ou de qualquer tempo:

“Sabei antes de tudo que nos últimos tempos virão embusteiros zombadores, vivendo segundo as suas concupiscências e dizendo: “Onde está a promessa ou a vinda dêle? Porque, desde que os nossos pais morreram, tudo continua como desde o princípio.” Mas isto é porque êles ignoram voluntariamente que antigamente pela palavra de Deus existiram os céus e a terra e que a terra foi tirada da água, e formada por meio da água e que por estas coisas o mundo de então pereceu submergido na água. Mas os céus e a terra, que agora existem, são guardados pela mesma palavra, e reservados para o fogo no dia do juízo e da perdição dos homens ímpios.

“Há porém uma coisa, caríssimos, que não deveis ignorar, é que um dia diante do Senhor é como mil anos diante dos homens, e mil anos diante dos homens, como um dia diante do Senhor. Não retarda o Senhor a Sua promessa, como alguns pensam; mas usa de paciência convosco, não querendo que nenhum pereça, mas que todos se convertam à penitência. Mas como um ladrão virá o dia do Senhor, no qual passarão os céus com grande estrondo, e os elementos com o calor se dissolverão, e a terra e tôdas as obras que há nela serão queimadas. Portanto, visto que tôdas estas coisas estão destinadas a ser desfeitas, quanto não vos convém ser em santidade de vida e em piedade, esperando e correndo ao encontro da vinda do dia do Senhor, no qual os céus, ardendo se desfarão e os elementos com o ardor de fogo se fundirão? Porém esperamos, segundo a Sua promessa, novos céus e uma nova terra, nos quais habite a justiça.”

Depois de dezenove séculos, as palavras do pescador parecem adquirir novo e inquietante fulgor. São tão modernas e tão urgentes como a bomba atômica.

XXXIII

SUPONHAMOS que pela hora do crepúsculo, do quente dia 19 de julho de 64, estivesse Pedro, cansado e solitário velho, de regresso à sua casa sôbre o Monte Aventino. Fôra um dia tedioso. Bem antes da aurora, assistira aos funerais de um de seus primeiros convertidos, que tinha sido colocado, de acôrdo com suas vontades, ao lado de sua mulher judia e de seus parentes judeus. Depois de consolar os órfãos, o Apóstolo passara o dia em várias partes da cidade, assistindo os doentes e os necessitados. Ora, como êle se sentisse abafar na escuridão, lembrou-se com prazer do frio silêncio da velha catacumba onde passara a única hora confortável das passadas vinte e quatro horas. Talvez a lembrança houvesse suscitado uma série de idéias.

As duas mais velhas catacumbas de Roma tinham sido cavadas no macio tufo de pedra pelos filhos dos prisioneiros judeus de Pompeu. Não podiam, em consciência, cremar seus mortos, como faziam os pagãos, e os terrenos eram demasiado caros; de modo que desceram e as passagens subterrâneas, de cêrca de 16 pés de largura, com paredes elípticas, corriam agora sob vastas secções da cidade. Nelas tinham sido enterrados secretamente os primeiros cristãos, à noite, como judeus. Depois do Concílio de Jerusalém, começaram os cristãos a cavar suas próprias catacumbas. Devem ter começado no jardim de algum membro da Igreja e continuado indefinidamente; e por alguma razão, fizeram suas covas mais retas e mais estreitas do que as dos judeus, com paredes verticais em vez de curvas e com as quinas em ângulos retos. Pelo quarto século havia uns quarenta dêsses túneis, formando vastos e inextrincáveis labirintos, alguns com cinco pisos, descendo uns 82 pés. Quatro dêles, estendiam-se por milhas, embaixo de várias partes de Roma e datavam dos tempos apostólicos: os de Domitila, na Ardeatina, de Priscila, na Via Salária, de Lucina na Via Ápia e de Comodila na Via Astrensís; e nêles, no correr de três séculos, dois milhões de cristãos foram sepultados, uns sôbre os outros, em compartimentos cavados nas paredes.

Um pensamento óbvio era que ali estava mais uma dívida que tinham para com os judeus os fiéis de Cristo. (1) Outra era que, sempre que havia uma perseguição naquela cidade, não precisavam as pessoas de fugir, como tinham feito de Jerusalém antes da conversão de Paulo. Podiam ocultar-se no subsolo e seria difícil encontrá-los todos. Além disso, mesmo um tirano hesitaria em procurá-los ali, uma vez que os *Coemetaria* eram invioláveis pela lei romana.

Enquanto algumas destas reflexões passavam pela mente de Pedro, ouviu êle uma fanfarra e viu, dobrando uma esquina, outro "desfile" de Nero e Popéia. Êste de agora foi apressadamente reunido e é menor do que o habitual, pois César e sua côrte estão fugindo ao calor sufocante, que chegara um tanto inesperadamente, em demanda de sua fresca vila em Âncio, à beira do mar meridional. Pedro está com demasiado calor e com demasiado cansaço para prestar-lhes atenção. Mas não pode deixar de pensar em algumas palavras que Tiago Menor escrevera em sua última carta, justamente antes de ser mandado apedrejar pelos Filhos de Anás:

"Eia, pois, ó ricos, chorai, soltai gritos por causa das míserias que virão sôbre vós. As vossas riquezas apodreceram, e os vossos vestidos foram comidos de traça. O vosso ouro e a vossa prata enferrujaram-se e sua ferrugem dará testemunho contra vós, e devorará as vossas carnes como um fogo. Juntastes para vós um tesouro de ira para os últimos dias. Eis que o salário dos trabalhadores, que ceifaram os vossos campos, o qual foi defraudado por vós, clama contra vós, e o clamor dêles subiu até os ouvidos do Senhor dos exércitos. Vivestes em delícias sôbre a terra, e em luxúrias cevastes os vossos corações, como para o dia da imolação. Condenastes e matastes o Justo, e êle não vos resistiu!"

Assim pensando, o Vigário de Cristo, suponhamos ainda, foi para casa tomar sua pobre sopa de lentilhas ou feijões secos, tencionando retirar-se cedo e dormir, se possível.

Durante a noite, teve a certeza de que algo de insólito se movimentava pelas ruas na direção do Forum. O povo estava sempre inquieto nas noites quentes, mas naquela noite

(1) Monsenhor Barnes sustenta que as catacumbas "judias" foram cavadas por cristãos hebreus (*Christianity at Rome, etc.*, pág. 91), que desejavam ser enterrados em rochedo, como o fôra Nosso Senhor. Mas estava Êle tão integrado na conformação com o costume judeu?! Além disso, porque deveriam os judeus ter imitado os cristãos nesta matéria? Os estudiosos judeus reclamam seis catacumbas, e uma, pelo menos, na Via Portuense, não contendo sinais cristãos ou monumentos. Ver H. J. Leon, por exemplo, em *Hebrew Union College Annual*, vol. V, 1928.

o barulho era maior. Algumas pessoas se debruçavam fracamente das janelas, outras se sentavam ou se deitavam nas calçadas cheias de gente. Crianças choravam, cachorros latiam, pesadas carroças abalavam as paredes empoeiradas das *insulae*, lá embaixo, ao rolarem diante delas, com um barulho maior do que o habitual.

De alguns quarteirões atravessavam o ar pesado choros de mulheres e os gritos mais profundos dos homens. Era um grito antigo, compreendido mesmo antes de ser distintamente percebido. "Fogo!" Nuvens de fumo eram já vistas sobre a Via Óstia e nos distritos baixos perto dela. Já se sentia o cheiro no Aventino. As pessoas estavam correndo para as ruas às doidas, para lá e para cá, carregando seus trastes para becos já entulhados.

— Fogo no Circo Máximo!

Num espaço de tempo incrivelmente curto, as chamas tinham invadido o quarteirão pobre dos judeus, perto da Capena Gae, tinham tragado as lojas e casas perto do Circo Máximo e rugiam subindo pelos Montes Aventino e Célio. O centro da cidade parecia uma fornalha ardente. Os sete mil guardas de César estavam desamparados; outra coisa não havia a fazer senão fugir. Multidões se atropelavam mortalmente; gente gritava, queimada viva; outros mergulhavam no Tibre e morriam afogados. Alguns subiam ao alto duma colina, apenas para encontrar outra parede de fogo alcançando-se do lado oposto. Milhares alcançaram de qualquer modo os campos, fora das portas e ali acamparam, vendo suas casas desaparecerem em fumaça. As *insulae*, bem secas pelo calor do estio, abrasavam-se e ruíam como casas de papelão. Novas fogueiras surgiam aqui e ali, misteriosamente.

A conflagração principal mudou seu curso, quando o vento se levantou. Gladiadores embriagados corriam pelas ruas saqueando e matando. O céu por cima da cidade era uma funesta mistura de fumo e de sangue, luzente sobre toda a Campanha. E isto continuou por nove dias e noites.

Além de sua presença na cidade, a tradição nada diz do que aconteceu ao apóstolo Pedro, durante aquela infernal semana ou mais. Bastante estranho é que não haja menção do fogo em seus derradeiros escritos, ou nos de Paulo, ou de qualquer cristão contemporâneo, muito embora o testemu-

nho estabeleça o fato, acima de qualquer dúvida (2). Pedro pôde ter atravessado o Tibre para consolar e ajudar os cristãos e judeus pobres do outro lado, pois o Trastevere era um dos quatro dentre os quatorze distritos que haviam escapado à destruição, graças à mudança do vento. Ou pôde ter sido levado pela torrente de fugitivos do Aventino para algum acampamento ao ar livre.

Onde quer que estivesse, ouviu o que o povo dizia e como alguma sensatez começava a voltar às mentes da multidão desamparada, soube que todos falavam amargamente da mesma coisa. Nero galopara lá de Âncio para vir ver a catástrofe. Fôra visto ao clarão dela, pavoneando-se teatralmente no alto do Aqueduto Apenino, como uma grotesca caricatura de si mesmo, de púrpura e de branco, cantando e dedilhando o seu alaúde. Dizia-se que estivera trabalhando até tarde numa descrição épica do incêndio de Troia. Muitos agora relatavam que tinham visto os servos d'êle correndo em redor do Circo Máximo, com tochas nas mãos, justamente antes da irrupção do incêndio. Através das multidões sem casa, acotovelando-se nos campos ou apertadas nas ruas transversais ao Tibre, uma rajada de cólera se erguia. "Foi Nero que mandou pôr fogo! Odeia a cidade e queria reconstruí-la!" Enorme multidão marchou para o palácio d'êle no Palatino, e quando êle apareceu num balcão, chamou-o de incendiário e matricida em plena cara.

O mole corpo de César estremeceu de terror. As promessas habituais de mais pão e mais circo não foram suficientes para aplacar aquêles gritos vingativos que agora afligiam os imperiais ouvidos. O que aquêle povo queria era sangue. Primeiro, tinha de ser lisonjeado, depois alimentado, depois induzido a voltar sua cólera contra algum outro objeto. É notório como realizou Nero êste propósito. Foram-lhe precisos apenas poucos dias, com a ajuda de Tigelino e outros agentes sem escrúpulos, para armar no espírito público um caso contra os cristãos. Eram em Roma o grupo mais fácil de difamar. Embora sua caridade uns para com os outros tivesse muitas vêzes provocado admiração, tinham sido também vítimas de muitas calúnias. Tinham sido incluídos a princípio naquele temor e desconfiança que os judeus suscitavam; eram também suspeitos de assassinio ritual, de canibalismo, de culto duma cabeça de asno, e de consumação do

(2) Tácito, *Anais*, XV, 44; Suetônio, *Nero*, 16; Juvenal, *Sátiras* I, 155; Sêneca, *Epístolas*, 14; Dion Cássio, *História Romana*, LXII, 16, etc.

sangue de uma criança romana. Era impossível provar tais histórias contra os judeus da sinagoga, mas a própria Eucaristia podia ser utilizada como pretexto delas, no que se referia aos cristãos. "Se não comerdes o Meu Corpo e não berdes o Meu Sangue não tereis a vida em vós." Que necessidade tinham êles de outro testemunho? Todos sabiam além disso que os cristãos se recusavam a prestar culto a César, fazendo-se assim inimigos do Estado e de todo o povo romano. Finalmente, era bem conhecido que haviam muitas vêzes profetizado a destruição de Roma e do mundo pelo fogo.

Para Nero e outros satânicos espíritos de sua côrte o problema tornou-se lindamente simples. O povo estava tomado de pânico; desejava uma vítima; o de que todos precisavam era de uma sugestão plausível. A coisa foi feita tão ràpidamente que, numa noite de fim de julho ou comêço de agôsto, Pedro ouviu o tropel de muitos pés e o barulho de vozes histéricas. Mesmo à distância eram tão sinistras como a morte, e quando chegaram mais perto, as palavras eram como frio aço no seu coração:

— Morte aos cristãos! Os cristãos aos leões!

Rudes mãos pretorianas agarravam o rebanho de Cristo onde quer que pudessem encontrá-lo — quer dormindo nos campos sob a luz de agôsto, ou procurando entre as cinzas de suas casas os corpos de seus mortos. Todos os dias maior número dêles eram arrancados de adegas, chaminés, jardins e ruínas. Vizinhos pagãos, ávidos de propiciar os deuses e sob as promessas de alguns espetáculos raros ainda por cima, ajudavam agora os pretorianos a recolher as vítimas. As prisões achavam-se abarrotadas. Novos anfiteatros de madeira estavam sendo construídos, pois o Circo Máximo fôra destruído. Transportavam-se às pressas de outras cidades animais selvagens.

Os cristãos sobreviventes fugiam aos magotes para as catacumbas. Estavam relativamente a salvo ali por então, uma vez que aquêles cemitérios subterrâneos eram reconhecidos como santuários e puseram-se a adaptar-se o mais possível a um ambiente tão cercado de sobrenatural, como se estivessem em suas casas. Ali dormiam, comiam, moravam, reuniam-se em multidões à luz de fumarentas candeias para rezar e receber a Eucaristia, mandavam espias para fora, à noite, a fim de trazerem notícias do que estava acontecendo a seus irmãos nas prisões, e consolavam-se uns aos outros, cantando hinos. Pedro sem dúvida morou ali também, andando por entre êles com olhares compassivos, en-

corajando as mulheres e crianças, oferecendo o Santo Sacrifício num altar improvisado, enviando pedaços do Pão Sagrado àqueles que aguardavam a morte nas prisões. A tradição aponta a catacumba de Priscila, na Via Salária, como lugar de seu refúgio. Provavelmente os mais comovedores de seus sermões não conservados por escrito foram os que dirigiu às multidões sentadas nos escuros corredores, de olhos cintilantes de triste coragem, à luz bruxoleante das tochas, quando Pedro lhes lembrava que o servo não era maior do que o Senhor. "O que perder a sua vida por amor de mim e do Evangelho, a salvará (3)... E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma" (4).

As vêzes, talvez, com Lino, Cleto ou Clemente, a quem ordenara, subia à superfície, pelos jardins, até o Aventino, de noite, e no dia seguinte, misturava-se com as multidões aglomeradas cedo para garantir-se os lugares no anfiteatro. Lançava tranqüilamente sua bênção a pequenos grupos de seu povo, antes que êles fôsem conduzidos à arena; ou já os vendo ali, erguia a mão, abençoando-os. E quando chegava a tarde, sabia que cumprira sua tarefa. O tempo das palavras passara: agora era o dia da ação de que o Senhor havia falado e seu povo estava pronto. Até mesmo a fria Popéia e as Virgens Vestais ficavam abaladas, ao verem lindas jovens ajoelhadas na arena ensangüentada, com pais, irmãos, amigos ou noivos e ao ouvirem suas vozes erguidas em um hino, que vibrava de alegria e de triunfo, à medida que fulvos leões africanos vinham aos pulos de suas jaulas para farejar, arregar os dentes e devorar:

**"CHRISTUS VINCIT!
CHRISTUS REGNAT!
CHRISTUS IMPERAT!"**

Era incrível, mas todos viam e ouviam. Mesmo quando os membros mutilados eram espalhados pela areia, aquelas criaturas continuavam a gritar "PRO CHRISTO!", até terem as bôcas seladas pela morte. Sêneca ficou atônito ao saber que um dos homens morrendo entre torturas, "sorria como se tivesse o coração cheio de felicidade". (5)

Isto era apenas o começo, porém. Nero possuía a perfeição, se não o talento de um grande artista e não tinha intenção

(3) *Marcos*, VIII, 35.

(4) *Mateus*, X, 28.

(5) *Epístola* 78.

de desistir enquanto houvesse qualquer oportunidade de que o cansaço pudesse deixar a multidão recordar-se do próprio crime dêle. Por isso encantava-a com quadros mitológicos em que Hércules perecia em meio de chamas verdadeiras, Orfeu era torturado por ursos autênticos, Ixíon despedaçado num potro real e Parsifaé raptada por um monstro verdadeiro, mascarado de novilho selvagem e que alguns acreditavam fôsse o próprio Nero. Uma noite iluminou seus parques com os corpos acesos de homens, mulheres e crianças cristãos, cobertos de alcatrão. Se o apóstolo Pedro se achava fora naquela noite, deve ter visto aquêlo espetáculo nauseante, no próprio lugar onde hoje se ergue a Igreja de S. Pedro. O diabo não havia parado com meas medidas nesta primeira perseguição da Igreja de Cristo pelo império pagão. Marcara os filhos dela como criminosos horríveis. Havia-os impellido para o subsolo numa provação intermitente que iria durar mais de duzentos e cinqüenta anos. A primeira Bêsta ou Anticristo havia certamente aparecido.

A famosa tradição da fuga de Pedro, a instâncias de Lino e de outros, seu encontro com Cristo na Via Ápia, sua frase: "Quo Vadis, Domine?" e seu regresso à cidade, ao ouvir que o Senhor se dirigia para lá, a fim de morrer de novo por êle, data de um sermão de Sto. Ambrósio no quarto século. Pedro imediatamente compreendeu que o Senhor ia ser crucificado na sua pessoa, conferindo-lhe assim a honra que lhe havia prometido havia muito na praia da Galiléia. O velho apóstolo voltou para Roma cheio de alegria, "glorificando a Deus", para comunicar aos irmãos as boas notícias. Não há sinal de covardia nesta primitiva tradição.

Mais provável ainda é a de que foi detido antes de terminada a perseguição de Nero e jogado na prisão Mamertina ou na Tuliãna, justamente fora do Forum, ao pé do monte Capitolino. Não era uma residência ideal, mesmo para quem esperava o martírio. Originariamente um profundo poço cavado no sólido tufo, era uma abóbada cônica consistindo num salão superior, com um alçapão no soalho, através do qual eram os prisioneiros lançados na masmorra embaixo. Muitos, como o Rei Jugurta, nunca voltaram vivos dos horrores daquele negro e úmido buraco. Outros vieram à luz loucos varridos ou invalidados pela doença. O único alívio na encarceração de Pedro foi que depois de algum tempo permitiram-lhe a companhia de Paulo que, ao regressar do Oriente, logo fôra detido. Diz-se que Pedro converteu também dois de seus carcereiros.

Num dia (de junho), provavelmente em 67, os dois docentes e ofuscados velhos foram retirados da masmorra e arrastados à presença de algum tribunal militar, onde ouviram a enumeração de seus crimes e foram condenados à morte como inimigos de César, do povo e da raça humana. As notícias chegaram rapidamente às catacumbas, graças a algum misterioso boato e, enquanto Pedro caminhava fracamente entre duas filas de lictores e se foi acostumando um tanto à penosa novidade do sol, começou a ver rostos familiares entre as multidões de curiosos, que discretamente o abençoavam e encorajavam. Ia ao encontro do Senhor naquele dia. Podia ser a vez deles no dia seguinte. A cruz ia carregada à sua frente por algum soldado, pois era patentemente demasiado fraco para suportá-la. Seus olhos descansavam com curioso afeto sobre os três madeiros e sorriu um pouco ao lembrar as palavras que o Cristo Ressurreto lhe havia dito naquela tarde, junto ao Mar da Galiléia:

— Quando fores velho, estenderás as tuas mãos e outro te cingirá e te levará para onde tu não queres (6).

O pequeno e horrendo cortejo seguiu por uma das portas da cidade até o campo esplêndidamente verde. Quando êle parou e se dividiu em duas partes a uma encruzilhada do caminho, viu Pedro que Paulo viera caminhando atrás dêle. Os calmos olhos dos dois irmãos em Cristo encontraram-se por um momento cheios de amor e compreensão. E com isto se separaram. Paulo foi levado para um campo bem distante dos muros da cidade e ali, como cidadão romano, decapitado por uma espada.

Pedro foi arrastado, sua cruz à frente, para um lugar no alto ou perto da colina Vaticana, e ali pregado na cruz, depois erguida no cume da colina. Persiste a tradição de que foi crucificado, a seu pedido, de cabeça para baixo, sob a alegação de que era indigno de morrer como Cristo morrera. Em qualquer dos casos, sua agonia foi terrível e demorada. A medida que o ardor lhe dilacerava o peito e a sede lhe torturava a garganta febril, seus olhos ensanguentados viam outro monte e outra Cruz e palavras que não eram suas lhe vinham aos lábios. "Pai, perdoai-lhes, porque êles não sabem o que fazem." A dor se dissolveu num entorpecimento e o entorpecimento numa alegria que era também a nívea irradiação da face de Jesus.

(6) João, XXI, 18.

Pedro foi sepultado por alguém de seu rebanho no próprio lugar em que vira César dirigindo seus cavalos e os mártires morrendo abrasados. No dia seguinte era Nero destronado e morto por suas próprias e covardes mãos. Dois anos mais tarde o Templo de Júpiter Capitulino, com os santuários de Juno e Minerva, incendiou-se por completo.

No mesmo ano de 70, depois que os cristãos de Jerusalém se tinham todos pôsto a salvo em Pela, a Cidade Santa foi destruída. No Templo de Herodes nem uma pedra ficou sobre a outra. Os sobreviventes se espalharam pelo mundo, sem templo, sacerdócio ou sacrifício, até que discernissem e cultuassem seu próprio Leão de Judá no Cordeiro de Deus, oferecido diariamente em altares sem conta, desde o nascer até o pôr do sol. "Haveis de ter aflições no mundo. Mas tende confiança! Eu venci o mundo!" (7)



† Livros Católicos para Download



<https://alexandriacatolica.blogspot.com.br>

(7) João, XVI, 33.